

**IVAIR AUGUSTO RIBEIRO**

**O INTEGRALISMO NO SERTÃO DE SÃO  
PAULO: UM “FASCIO DE INTELECTUAIS”**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Franca, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: História e Cultura – Cultura Política

**Orientador: Prof. Dr. Fernando Kolleritz**

**Franca**

**2004**

**DEDICO este trabalho de pesquisa às pessoas mais importantes da minha vida, sem as quais jamais teria conseguido chegar até aqui e a quem devo a felicidade de viver, amar e ser amado: minha mãe, Edite, meu pai, Wilson, meu irmão, Almir, minha esposa, Selma, minha filha querida, Beatrice, que mesmo com pouca idade soube compreender, ter paciência e apoiar seu papai neste momento tão importante de nossas vidas, minhas amigas, Rose e Sofia. Em especial ao meu orientador e amigo Prof. Dr. Fernando Kolleritz, que mesmo sem conhecer-me, confiou, apoiou e orientou incondicionalmente meu trabalho de forma precisa e com extrema competência**

**AGRADEÇO aos amigos Prof. Dr. Alberto Aggio e Prof. Dr. Agnaldo de Sousa Barbosa, aos companheiros e alunos das Escolas Estaduais “Dr. Antonio Augusto Reis Neves” e “D. Anita Costa” e companheiros e alunos do Curso de Pedagogia de 2003 da Faculdade “Ernesto Riscali” pelo incentivo e compreensão. Ao Prof. Mestre João Ricardo Tauyr Vicente pela perfeita correção dos textos. Aos ex-integralistas que receberam-me tão gentilmente em suas casas e tornaram este um trabalho melhor. Aos companheiros do mestrado que estiveram ao meu lado nessa árdua luta. A Maria Miranda, que tão gentilmente colaborou no trabalho de pesquisa em jornais no Museu de História e Folclore “D. Maria Olímpia”. A Câmara Municipal, na pessoa do seu presidente Dr. João Batista Dias Magalhães. E muito especialmente à minha amada e querida esposa Selma, companheira incansável, que jamais deixou-me desistir do sonho, apoiando-me em todos os momentos da minha vida.**

## ÍNDICE

<b>O NASCIMENTO DE UM PROJETO</b> .....	01
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	04
<b>CAPÍTULO I – OS ANOS DE CHUMBO NO MUNDO</b>	
1.1 A Hegemonia Norte-Americana e a Crise de 1929 .....	07
1.2 A Crise do Liberalismo e da Democracia .....	14
1.3 O Surgimento do Fascismo .....	20
1.4 A Formação do Partido Nazista .....	23
<b>CAPÍTULO II – OS CONTURBADOS ANOS 30 NO BRASIL</b>	
2.1 A Revolução de 30 .....	29
2.2 A Revolução Constitucionalista de 32 .....	32
2.3 A Constituição de 1934 .....	35
2.4 A Era Vargas (1930-1945) .....	39
2.5 A Sucessão e a Revolução de 30 em Olímpia .....	42
2.6 A Revolução de 32 em Olímpia .....	49
<b>CAPÍTULO III – A HISTÓRIA DO NÚCLEO DA A.I.B. DE OLÍMPIA</b>	
3.1 Breve História do Surgimento da Ação Integralista .....	51
3.2 Fundamentos Doutrinários do Integralismo .....	53
3.3 Cronologia da Ação Integralista .....	59
3.4 A Ação Integralista no Sertão.....	60
3.5 A História a partir da Memória .....	65
3.6 As Atividades na Sede .....	69
3.7 A História do Núcleo através do Jornal “Cidade de Olympia” .....	74
3.8 Philemon, Amaral e Galli: Os Três Principais Camisas-Verdes do Sertão .....	85

## **CAPÍTULO IV – A SOMBRA DO FASCISMO RONDA A A.I.B. EM OLÍMPIA**

4.1 Integralismo x Fascismo.....	96
4.2 O Fascismo Integralista no jornal “Cidade de Olympia” .....	107
4.3 O Integralismo e o Fascismo na Visão de Sobreviventes .....	124

## **CAPÍTULO V – O ANTI-SEMITISMO NO DISCURSO INTEGRALISTA NO SERTÃO DE SÃO PAULO: OS DISCÍPULOS DE BARROSO**

5.1 O Integralismo e o Anti-Semitismo.....	131
5.2 O Anti-Semitismo como Arma do Totalitarismo .....	134
5.3 A Colônia de Banqueiros e os Protocolos dos Sábios de Sião: o Embasamento Teórico.....	139
5.4 O Anti-Semitismo na Imprensa de Olímpia: os Discípulos de Barroso .....	145
5.5 O Anti-Semitismo na Memória de Integralistas .....	157

## **CAPÍTULO VI – O ELITISMO INTEGRALISTA EM OLÍMPIA: UM “FASCIO DE INTELLECTUAIS”**

6.1 Integralismo, Fascismo e Elitismo.....	163
--	-----

## **CAPÍTULO VII – O “FASCIO DE INTELLECTUAIS” E O ASPECTO RURAL DE OLÍMPIA**

7.1 O Meio Rural do Município .....	207
7.2 A Zona Rural do Município .....	210
7.3 O Integralismo e o Meio Rural .....	211

<b>CONCLUSÃO</b> .....	223
------------------------	-----

<b>FONTES</b> .....	228
---------------------	-----

<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	230
---------------------------	-----

**ANEXO 01:** Entrevista com o integralista Ítalo Galli

**ANEXO 02:** Entrevista com o integralista Ruy do Amaral

## **RESUMO**

A Ação Integralista Brasileira constituiu-se na década de 1930, no mais importante movimento político de direita e no primeiro partido de massa do país. Influenciada pela ideologia fascista italiana, a A.I.B. criou núcleos espalhados por todo o Brasil, como na cidade de Olímpia, encravada nos anos 30 no então sertão de São Paulo. O núcleo municipal da Ação Integralista foi fundado em 1934 por Ruy do Amaral e teve no jornal “Cidade de Olympia” uma espécie de porta-voz não oficial do movimento. Entre 1932 e 1937, o semanário publicou 93 artigos e notícias dos mais diversos matizes sobre o movimento integralista, inclusive uma contundente entrevista com Plínio Salgado.

É a partir da análise desses artigos e notícias e da história oral de dois dos principais camisas-verdes do sertão, Ruy do Amaral e Ítalo Galli, que tornou-se possível reconstruir parte da história de um núcleo municipal da Ação Integralista no interior do país. Tanto os textos escritos como as entrevistas, apresentam um movimento impregnado pelo fascismo e pelo anti-semitismo. A maioria dos camisas-verdes que escreveram artigos para o “Cidade de Olympia”, deixou clara sua adesão à A.I.B. por considerar o movimento uma cópia do fascismo e por adotar a posição anti-semita. Por outro lado, o movimento integralista em Olímpia ignorou o fato de atuar numa região de vida rural e teve uma inserção no campo insignificante. Mesmo portador de um discurso fascista, os integralistas do sertão, profissionais liberais em sua maioria, preferiram elitizar esse discurso, desprezar ações de mobilização das massas e perpetuar uma relação de “compadrio” com os coronéis que dominavam a vida política em Olímpia, constituindo, assim, uma espécie de “fascio de intelectuais”.

Palavras-chaves: Fascismo, Anti-Semitismo, Elitismo, Sertão, Intelectuais e Massas.

## **ABSTRACT**

The Brazilian Integralist Action was formed in the decade of 1930, at the most important right political movement and at the first mass party of the country. Influenced by the Italian Fascist Ideology, the Brazilian Integralist Action created cores spread all over Brazil, like in the city of Olimpia, embedded in the 30s, then called “Sertão” (a less inhabited part in a country) of São Paulo. The Integralist Action Municipal Core was founded in 1934 by Ruy do Amaral and had in the newspaper “Cidade de Olympia” a type of non-official spokesman of the movement. Between 1932 and 1937, the weekly paper published 93 articles and news of the most diverse shades about the integralist movement, including an aggrieved interview with Plínio Salgado. It is from the analysis of these articles and news and the oral history of two of the main “green-shirts” from “Sertão”, Ruy do Amaral e Italo Galli, that it was possible to re-create part of the history of an Integralist Action Municipal Core at the inland country. The written texts, as well as the interviews, present a movement permeated by the Fascism and by the Anti-Semitism. Most of the “green-shirts” who wrote articles for the “Cidade de Olympia”, made clear their adhesion to the Brazilian Integralist Action for considering the movement a copy of fascism and for adopting the anti-semit position. On the other hand, the integralist movement in Olimpia ignored the fact of acting in a rural life region, and had an insignificant insertion in the country life. Even holding a fascist speech, the integralist from “Sertão”, liberal professionals mostly, preferred to select this speech, disregard mass mobilization actions and perpetuate a “compadrio”relation (close relation) with the Colonels who dominated the political life in Olimpia, building up, this way, a kind of “intelectual fascio”. **Key words:** Fascism, Anti-Semitism, Elitism, “Sertão” (Country way of life), Intellectual, and Masses.

## O NASCIMENTO DE UM PROJETO

*“Se, não obstante, a história só pudesse justificar-se pela sua sedução, quase universalmente sentida; se apenas fosse, em suma, um aprazível passatempo, como o brídege ou a pesca à linha, valeria ela o trabalho que nos dá escrevê-la? Para escrevê-la, entenda-se, honestamente, veridicamente, e indo, quando for possível, até os mecanismos oculto das coisas; por conseguinte, dificilmente.”*

(BLOCH, Marc. *Introdução à História*. P. 15)

Ainda resta uma lacuna a ser preenchida sobre a história regional da Ação Integralista Brasileira, uma vez que a maioria dos trabalhos prefere ter como ponto de partida os grandes centros urbanos. Como os camisas-verdes pensavam a ideologia e quais eram suas ações no interior rural do país?; como atuavam os núcleos municipais em áreas dominadas pelo coronelismo, mandonismo, partidarismo?; o fascismo e o anti-semitismo seduziram os camisas-verdes? Estas são questões ainda pouco exploradas no contexto do movimento integralista.

Diante disso, o presente trabalho não pretende preencher esta lacuna, mas sim contribuir para uma discussão sobre o funcionamento do movimento integralista nas cidades do interior. Nosso estudo tem como cenário a cidade de Olímpia, que na década de 1930 estava encravada no sertão paulista.

O primeiro passo da nossa pesquisa foi recolher todos os textos integralistas publicados no jornal “Cidade de Olympia”, num total de noventa e três e, em seguida, partimos para um trabalho investigativo no sentido de descobrir sobreviventes do movimento no sertão. Analisando os textos do jornal, constatamos que os principais camisas-verdes foram o médico Philemon Patrículo Ribeiro da Matta, os advogados José Benedito Nino do Amaral e seu filho Ruy do Amaral e o

dentista Sebastião Prado. Mais tarde, em conversa com antigos moradores da cidade, incluímos na lista o advogado Ítalo Galli, dado como fundador do movimento local. E esses mesmos moradores afirmaram que todos já deveriam estar mortos, pois nunca mais ninguém os havia visto ou contatado, desde que esses integralistas tinham mudado-se de Olímpia.

Todavia, continuamos a investigação e no início do ano de 2001 descobrimos que Ítalo Galli ainda vive e goza de uma saúde perfeita. Foi durante pesquisa num lugarejo chamado Marcondésia, distante cerca de dezoito quilômetros de Olímpia, justamente onde nasceu Galli. Antigos moradores contaram que Ítalo Galli residia em São Paulo e indicaram seus parentes no lugar, que gentilmente forneceram seu telefone. O contato foi rápido e no dia 2 de março fomos recebidos por Galli em seu apartamento. A entrevista acrescentou informações excepcionais ao trabalho e permitiu começar a traçar um perfil do núcleo municipal da A.I.B. em Olímpia.

Partindo do fato de que o discurso integralista em Olímpia estava impregnado de fascismo, buscamos desvendar se a esse discurso estiveram associadas ações, no mínimo similares às da Itália de Mussolini, no sentido de mobilizar os trabalhadores urbanos e, principalmente, rurais, em torno das idéias “novas” que o Sigma representava. Além disso, outro achado importante no movimento em Olímpia foi um virulento discurso anti-semita, baseado nos livros panfletários de Gustavo Barroso.

Um outro avanço fundamental para o trabalho foi à descoberta de que o verdadeiro fundador do movimento integralista na cidade, Ruy do Amaral, ainda encontra-se vivo e residindo no Rio de Janeiro. No dia 27 de setembro de 2002 fomos ao Rio de Janeiro onde foram gravadas mais de duas horas de entrevista com

Ruy do Amaral. Dono de uma memória privilegiada, Amaral contou com detalhes a história dos primeiros anos de vida do núcleo municipal e contribuiu decisivamente para compreender melhor a atuação desta essa célula integralista implantada no sertão.

O próximo passo foi conhecer um pouco mais da vida do primeiro camisa-verde da região, Philemon Patrículo Ribeiro da Matta, responsável pela maior parte dos artigos publicados no jornal “Cidade de Olympia” e dono de um discurso fascista e anti-semita. Em 17 de dezembro de 2003 partimos para São Paulo, onde foi mantido contato com uma das filhas de Philemon, Maria Thereza Godoy Ribeiro da Matta, que viveu com o pai em Severínia. Desta maneira, importantes revelações sobre a vida desse integralista vieram à tona e permitiu alargar o entendimento a respeito do movimento em Olímpia.

Assim, partindo da história oral e da análise dos artigos e notícias publicados no jornal “Cidade de Olympia” procuramos construir a história de um núcleo municipal da Ação Integralista Brasileira e de como atuava esse que foi o primeiro partido de massas do Brasil numa cidade do sertão paulista, onde predominava a vida rural e o coronelismo e onde a política seguia dentro dos trâmites tradicionais da década de 30.

## INTRODUÇÃO

O objeto de estudo do nosso trabalho é a trajetória do Núcleo Municipal da Ação Integralista Brasileira e dos integralistas em Olímpia e, principalmente, a análise de seus discursos contidos no jornal “Cidade de Olympia”, que na década de 1930 constitui-se numa espécie de porta-voz não oficial da A.I.B.. A história do integralismo na cidade começa antes mesmo da fundação do núcleo, ocorrida em 1934, pois desde o ano de 1932 o semanário já publicara notícias e artigos sobre o movimento trazidos pelo médico e primeiro camisa-verde do sertão, Philemon Patrículo Ribeiro da Matta.

Entre os anos de 1932 e 1937, o jornal “Cidade de Olympia” publicou noventa e três artigos e notícias sobre a Ação Integralista: da fundação da S.E.P. – Sociedade de Estudos Políticos, embrião da A.I.B., até a realização do último evento integralista no sertão em 1937, uma conferência no bairro rural do Baixão, localizado no Distrito de Severínia. O destaque foi os artigos assinados por camisas-verdes que viveram em Olímpia e mesmo da direção nacional integralista, como o próprio Plínio Salgado, Madeira de Freitas, Ulysses Paranhos e Ernani da Silva Bruno, cujos conteúdos remetem a uma doutrina impregnada de fascismo, anti-semitismo e elitismo. Os textos permitem compreender, em especial, como pensavam ideologicamente o integralismo os camisas-verdes que viviam neste naco do então sertão paulista.

A maioria dos trabalhos produzidos acerca do integralismo concentra seu foco nos grandes centros urbanos, onde o movimento conseguiu maior visibilidade, constituindo-se no primeiro partido de massa do Brasil. Portanto, o presente estudo justifica-se no sentido de tentarmos compreender como atuou esse

movimento de massa numa cidade do interior paulista. João Ricardo de Castro Caldeira relata que sentiu a falta de estudos regionais da A.I.B., que permitissem comparações com o caso maranhense, objeto de seu trabalho, especialmente, por pressupor que houve diferenças de região para região.<sup>1</sup>

No interior, no sertão, teria sido a Ação Integralista um movimento de massa? Teria pelo menos tido a intenção em mobilizar os trabalhadores? Ou não teria passado de uma reunião de intelectuais em torno de idéias que soavam como “novas e salvacionistas” num momento conturbado da vida brasileira e mundial?

O presente estudo tem como objetivo discutir como forjou e desenvolveu um núcleo integralista numa cidade do interior paulista, de vida essencialmente rural, com uma política tradicional, assentada no poder dos coronéis, os grandes cafeicultores, partindo tanto da análise dos artigos publicados no referido jornal como da história oral obtida junto a dois importantes sobreviventes do movimento local: Ruy do Amaral, fundador do núcleo, e Ítalo Galli, seu último presidente.

Os eixos do trabalho são: 1º a existência de um discurso fascista por parte dos camisas-verdes sertanejos; 2º a atração exercida pelo anti-semitismo e, 3º a argumentação de que o núcleo local não passou de uma espécie de “fascio ou clube de intelectuais”, ideologicamente comprometido com as idéias “novas” de Plínio Salgado, mas, no campo pessoal, atrelados ao passado político tradicional (coronelismo, mandonismo, partidarismo), que essas mesmas idéias condenavam. Assim, como escreveu Margaret R. Somers “*comprender cómo pensamos y por qué parecemos obligados a pensar de determinadas formas*”<sup>2</sup> é o maior desafio deste estudo, que aprofunda-se na discussão sobre o caráter fascista do

---

<sup>1</sup> CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *Integralismo e Política Regional*. P. 22.

<sup>2</sup>SOMERS, Margaret R..?*Qué hay de político o de cultural en la cultura política y en la esfera pública?*. P. 32.

pensamento integralista no sertão de São Paulo e na ausência de ações que, no mínimo, ambicionassem mobilizar os trabalhadores, resultando, desta maneira, em um distanciamento entre o discurso fascista e uma prática estritamente elitista, que pregava um novo modo de pensar os problemas e as soluções, mas que não dispensava o “velho” como imprescindível para a manutenção de seus privilégios.

O cenário da nossa pesquisa é Olímpia, município situado a 450 quilômetros da capital do Estado, e que na década de 1930 estava encravado na penúltima fronteira do sertão paulista. No entanto, a Olímpia desta época era um município importante, movido pela riqueza gerada pelo café, a quarta cidade do Estado em movimentação bancária, pólo de atração de migrantes estrangeiros e de profissionais liberais. Muitos destes profissionais liberais estiveram envolvidos com a Ação Integralista, dando ao movimento local um caráter elitista, distanciando-o dos trabalhadores, especialmente os camponeses que constituíam a maioria da população, vivendo em colônias espalhadas pelas grandes propriedades rurais, subjugadas pelo poder emanado dos coronéis.

## CAPÍTULO I - OS ANOS DE CHUMBO NO MUNDO

### 1.1 A HEGEMONIA NORTE-AMERICANA E A CRISE DE 1929

*“De todos os fatos da Era da Catástrofe, os sobreviventes do século XIX ficaram talvez mais chocados com o colapso dos valores e instituições da civilização liberal cujo progresso seu século tivera como certo, pelo menos nas partes “avançadas” e “em avanço” do mundo. Esses valores eram a desconfiança da ditadura e do governo absoluto; o compromisso com um governo constitucional com ou sob governos e assembléias representativas livremente eleitos, que garantissem o domínio da lei; e um conjunto aceito de direitos e liberdades dos cidadãos, incluindo a liberdade de expressão, publicação e reunião. O Estado e a sociedade deviam ser informados pelos valores da razão, do debate público, da educação, da ciência e da capacidade de melhoria (embora não necessariamente de perfeição) da condição humana.”*

(HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos – O Breve Século XX*. P. 113-114)

Durante a Primeira Guerra, os Estados Unidos foram os principais fornecedores das potências aliadas (França e Inglaterra, sobretudo); ao término dela, tornaram-se seus credores, invertendo a relação anterior. O centro hegemônico do capitalismo deslocou-se da Europa para os Estados Unidos. De fato, a guerra tinha aberto possibilidades econômicas vantajosas para os norte-americanos, pois os países europeus em conflito abandonaram, momentaneamente, os mercados que dominavam. Assim, o capital norte-americano penetrou em áreas tradicionalmente exploradas pela Europa, como a Ásia e a América Latina. Ao findar o conflito, as antigas potências européias viram-se diante de um concorrente poderosíssimo, que já em 1929 era responsável por 44,8% da produção industrial do mundo. Mas os Estados Unidos não se encontravam à frente apenas em termos de produção industrial; também seus investimentos no mundo ultrapassavam os de todos os países europeus: em 1929, mais de 15 bilhões de dólares foram investidos, um terço

dos quais na Europa. A hegemonia do capitalismo norte-americano ficou portanto visível no período entre guerras. Porém, em virtude da sua grande expansão, a influência econômica norte-americana aumentou por toda a parte, criando laços de dependência que seriam fatais em caso de crise. É o que fundamenta a amplitude da crise de 1929.

A crise de 1929, que teve origem nos Estados Unidos, foi na realidade a crise do capitalismo liberal, do qual os Estados Unidos eram o exemplo mais acabado. Ao contrário do que ocorreu com o capitalismo europeu, o índice de interferência estatal na economia norte-americana era praticamente nulo. Por outro lado, apesar da crise de 1929 ter sido provocada por vários fatores conjunturais desfavoráveis, pondo em crise o capitalismo liberal, ela desnudou as contradições inerentes ao próprio sistema. Com efeito, o capitalismo caracteriza-se por ser um sistema voltado inteiramente para a realização do lucro sempre crescente. Para isso, entretanto, o capitalista depende da promoção perpétua da circulação, que faz o capital investido na produção de mercadorias retornar novamente, como capital, às mãos do capitalista, mas acrescido de lucro. Portanto, é preciso produzir incessantemente e despejar no mercado quantidade cada vez maior de mercadorias. Contudo, o crescimento do mercado consumidor não acompanha, no mesmo ritmo nem na mesma proporção, o crescimento da oferta, visto que a apropriação do lucro pelo capitalista se dá, precisamente, em detrimento do trabalhador assalariado. Essa contradição básica do capitalismo manifesta-se, imediatamente, na forma de crise de superprodução. É preciso notar, contudo, que superprodução não significa a produção de bens de consumo além da capacidade de consumo da sociedade inteira. Ao contrário, tem um sentido bem especial no capitalismo: trata-se do momento em que o capitalista não consegue vender o seu produto com o mesmo

lucro. Superprodução significa, pois, o declínio da taxa de lucro do capitalista, que então é obrigado a reduzir o investimento e dispensar mão-de-obra, quebrando-se assim o ciclo da auto-reprodução do sistema, o que, fatalmente, desorganiza o mercado.

A crise de 1929 foi a manifestação concreta daquelas contradições, mas para compreendê-la é preciso especificá-la historicamente. Nos Estados Unidos, ao lado do estado anárquico da produção e da distribuição, típico de seu capitalismo liberal, ocorreu um processo de concentração empresarial, em que uma minoria de grandes capitalistas controlava gigantescas corporações, virtualmente monopolizando o mercado. Segundo o conhecido historiador norte-americano Leo Huberman, “em 1929 havia 300.000 corporações de caráter não bancário nos Estados Unidos. Algumas eram gigantes, outras, pigmeus. Havia 200 das 300.000 que eram gigantes, mas gigantes tão grandes que eram maiores que todas as outras 299.800 juntas”. Essas 200 corporações gigantes estavam, por sua vez, associadas a poderosas instituições bancárias, ligadas aos grupos Morgan, Rockefeller, Kuhn-Loeb, Mellon e Du Pont.

Esse fenômeno de concentração empresarial possibilitou um processo maciço de investimento no sentido de aumentar a produtividade, através da criação de sofisticada e eficiente tecnologia. Mas se isso representa uma forma de diminuir os custos, pois cada vez mais se poupa mão-de-obra, por outro lado significa necessariamente demissão de trabalhadores. Quer dizer, produz-se cada vez mais, com cada vez menos trabalho. Esta situação encontra seu desdobramento no processo de concentração de renda, em que um número cada vez menor de indivíduos fica com uma renda cada vez maior e, inversamente, um número cada vez maior de indivíduos fica com uma renda cada vez menor. Dessa maneira, vai

ficando difícil para as grandes corporações, encontrar espaço para o investimento produtivo do capital que se acumula. Por isso, freqüentemente, o capital é empregado para fins meramente especulativos, afastando-se, dessa forma, da realidade econômica.

Desde o fim da Primeira Guerra, apesar de tudo, o horizonte da expansão econômica norte-americana parecia ilimitado. O maciço investimento no exterior, sobretudo na Europa, garantia a demanda de seus produtos, isto é, os Estados Unidos emprestavam dinheiro aos arruinados países europeus para que estes pudessem comprar, com o dólar americano, mercadorias das próprias indústrias americanas. No plano do mercado interno, a contradição entre produção e consumo era superada através da adoção do sistema de vendas a crédito em grande escala. Tudo isso dava aos capitalistas americanos apenas a ilusão de prosperidade, pois tratava-se de uma prosperidade assentada em bases absolutamente irrealis. Com efeito, desde 1928-29 a capacidade de consumo no mercado internacional parecia ter encontrado o seu ponto de saturação. Apesar disso, os industriais forçaram a sua capacidade produtiva, o que inevitavelmente acarretou uma queda sensível dos preços. Os estoques começaram então a se acumular e as empresas passaram a ter, mais do que nunca, necessidade de crédito. Contudo, nesse exato momento, as dificuldades industriais contrastavam com a verdadeira orgia especulativa das Bolsas de Valores. Especulava-se com ações que, na verdade, tinham valores fictícios, pois careciam de todo fundamento na realidade econômica. À superprodução aliou-se a desenfreada especulação financeira e essa infeliz conjunção preparou finalmente a crise, rompendo o elo mais frágil da cadeia econômica do capitalismo norte-americano: a especulação no mercado de ações.

A eclosão da crise ocorreu de forma súbita, no dia 24 de outubro – a célebre “quinta-feira negra” –, com a quebra da Bolsa de New York. A crise da Bolsa estava naturalmente ligada à especulação. Para Jean Baptiste Duroselle, “desde 1925, foram criadas inúmeras sociedades que emitiam ações. A compra e a venda dessas ações produziam enormes dividendos, o que acelerou suas emissões que, pelas necessidades econômicas, não se justificavam. De 27 bilhões de dólares em 1925, o valor dos títulos cotados passou a 67 em janeiro de 1929 e a 87 em outubro. Quando a dúvida foi lançada sobre o valor real das ações, os investidores, ao invés de comprar, se puseram a vendê-las, originando o pânico da “quinta-feira negra”. Dessa maneira, 16 milhões de títulos são jogados no mercado de valores, a uma taxa extremamente baixa, sem encontrar compradores. A queda se acelera nos dias seguintes e já no início do mês de novembro as ações industriais perdem um terço de seu valor, cerca de 32%”.

A quebra da Bolsa de Nova York teve como efeito imediato a perturbação do processo de circulação de capital. Os industriais, comerciantes e agricultores ficaram, pois, privados do apoio bancário que poderia ajudá-los na superação da crise. Rompeu-se, dessa forma, um dos elos do ciclo de auto-reprodução do capitalismo. Não podendo desfazer-se dos estoques invendáveis lançando-os no mercado, pois a crise agravou-se ainda mais. Vários países decidiram pela sua destruição: na França destruíram-se toneladas de trigo; no Brasil, o mesmo ocorreu com o café; na Argentina, Holanda e Dinamarca, o gado foi abatido; nos Estados Unidos, milhares de carros novos foram transformados em sucata. A redução da produção tornou-se inevitável. Mas esta decisão se fez acompanhar de desemprego em massa, que, por seu turno, fez retrair ainda mais o mercado. Ingressou-se, enfim, num círculo vicioso, o “ciclo infernal” da crise.

A crise de 1929 distinguiu-se das anteriores em vários pontos. Foi uma crise verdadeiramente mundial – em razão do próprio caráter mundial do capitalismo –, mas tendo como ponto culminante a quebra da Bolsa de Nova York. A Europa, que estava em regime de estreita dependência dos Estados Unidos, imediatamente foi atingida com a restrição norte-americana do crédito externo. Assim, em 1931, foram prejudicadas a Alemanha, a Europa Central e a Inglaterra; em 1932, a França. Direta ou indiretamente não há país que não tenha sofrido suas conseqüências. Além de seu caráter praticamente universal, a crise de 1929, contrariamente às anteriores, não deixou intocado nenhum ramo da economia: os bancos, as indústrias, o comércio, a agricultura. Também não poupou nenhuma das classes sociais: de cima a baixo, toda a sociedade sofreu o seu impacto. Por isso, o volume de comércio internacional diminuiu drasticamente, provocando a queda da produção mundial e aumentando o desemprego em massa e as falências. Enfim, desorganizou o mercado internacional.

A superação dessa grave crise, que colocou em perigo a própria existência do sistema capitalista, não ocorreu, todavia, com mecanismos conhecidos do capitalismo liberal. Ao contrário, ela se deu através do abandono desses mecanismos e pela adoção do crescente dirigismo econômico, quer dizer, pela crescente intervenção do Estado na economia. Disso, entretanto, resultou uma tendência extremamente perigosa para a paz mundial. É que a partir de 1935, paralelamente à recuperação do capitalismo e em conexão com ela, começou a se desenvolver a indústria bélica, encaminhando o sistema capitalista na direção da militarização de sua economia. De fato, como desdobramento dessa tendência, desde aquela data assistiu-se à quebra do convívio internacional, que fora restabelecido pelo tratado de Versalhes, após a Primeira Guerra e a Liga das

Nações, concebida pelo presidente Wilson (EUA) como instrumento da paz, assistiu impotente à corrida armamentista que desembocaria num novo conflito mundial.

De 1930 a 1938, os países ocidentais adotaram medidas políticas excepcionais para fazer frente à crise. Na Inglaterra formou-se o Governo Nacional (1931-1935), uma coligação entre conservadores, liberais e trabalhistas; na França, de 1935 a 1938, formou-se o Governo de Frente Popular, de radicais socialistas e de comunistas, sob a chefia do socialista Léon Blum; na Alemanha, a crise facilitou a ascensão de Adolf Hitler ao poder. Mas, de todas as soluções, a mais célebre foi a de Franklin Delano Roosevelt, eleito presidente dos Estados Unidos em 1932, ao vencer Hoover. O novo presidente, representante do Partido Democrata, combateu a crise através de uma política conhecida por New Deal, que consistia em medidas de recuperação e assistência social (1933-1935) e de reformas (1935-1939). Na primeira fase foram tomadas várias medidas visando a criação de novos empregos: bilhões de dólares foram destinados para reflorestamento, eletrificação rural, escolas, usinas etc. Além disso, adotaram-se medidas para evitar a superprodução: elevação dos salários e permissão apenas de “lucros razoáveis” aos industriais, dando assim maior atenção à distribuição da riqueza. Na segunda fase da aplicação do New Deal, várias leis vieram propiciar grandes reformas no plano social: direito às negociações coletivas, pelo qual os trabalhadores passaram a escolher o sindicato que deveria negociar em seu nome; seguro contra o desemprego; pensões de velhice; fixação do salário-hora mínimo; jornada de trabalho limitada a 40 horas semanais; proibição do trabalho às crianças etc.

Em consequência da crise, o capitalismo foi forçado a se reformar. O abandono do padrão-ouro ocorreu por toda a parte. Suas repercussões políticas, sobretudo nos países de fraca tradição democrática, foram negativas: neles, a crise

facilitou a ascensão de governos autoritários e ditatoriais. Aliando-se a isso, a crescente militarização da economia, que se deu paralelamente à sua recuperação, trouxe germes de novos desequilíbrios, ligados diretamente à Segunda Guerra.

## **1.2 A CRISE DO LIBERALISMO E DA DEMOCRACIA**

A crise do capitalismo liberal no período entre guerras foi, ao mesmo tempo, a crise do Estado liberal. Até antes de 1914, os ideais liberais e democráticos mostravam-se incontestáveis aos olhos da burguesia. Ao menos naqueles países onde o capitalismo se encontrava mais avançado, as liberdades e os direitos individuais eram respeitados, da mesma forma que a livre expressão do pensamento. O exercício da democracia, por outro lado, era garantido pelo pluripartidarismo, que recobria todo o espaço social, procurando representar todas as aspirações e os conflitos entre os vários estratos e as classes sociais. A flexibilidade do sistema democrático parecia favorecer, sem grandes traumas, reajustes sociais e institucionais, impedindo conflitos inassimiláveis. As soluções revolucionárias e violentas estavam relegadas ao passado e tudo parecia caminhar “no melhor dos mundos possíveis”.

A Primeira Guerra, entretanto, operou uma subversão no arranjo harmônico em que, supostamente, a sociedade vivia. Começaram aí a crise e a crítica do Estado liberal, dos valores democráticos que, na luta contra o Antigo Regime, foram forjados e consagrados pela tradição burguesa. Com efeito, as contradições do sistema capitalista estavam mascaradas, pois apesar dos ideais democráticos as desigualdades sociais foram mantidas, da mesma forma que as desigualdades entre as nações. A Primeira Grande Guerra foi a mais cabal

demonstração dessas contradições, mostrando que nem tudo ia bem no capitalismo: a desenfreada corrida imperialista, que resultou num processo incontrolável de corrida armamentista, a impiedosa exploração do mundo africano, asiático e latino-americano, a enorme concentração de renda com o advento das gigantescas corporações, acentuando as disparidades sociais. Enfim, o capitalismo revelou-se em sua face negativa. Com isso, abriu-se um ciclo de severas críticas, acompanhadas de profunda descrença na ideologia liberal e democrática. Nos anos que se seguiram a Primeira Grande Guerra, as posições políticas tenderam a se radicalizar, pois a todos parecia evidente que o regime liberal e democrático era profundamente inadequado aos novos problemas e às novas necessidades.

A partir do século XIX, desenvolveu-se uma corrente socialista, inspirada nos movimentos operários, destinada a se tornar neste século a mais poderosa crítica ao sistema capitalista. O grande impulso a essa corrente foi o aparecimento da doutrina de Karl Marx, que, segundo os próprios socialistas, marcou a passagem do socialismo utópico ao socialismo científico. Com base nessa doutrina, seria efetivada a mais importante experiência revolucionária do início do século: a Revolução Bolchevique de 1917. O líder dessa revolução foi Lênin, chefe do Partido Bolchevique.

A Rússia ainda era, no século XX, um país com feições absolutistas, onde dominavam uma nobreza proprietária e o imperador. Ao mesmo tempo, desde o final do século XIX, desenvolvia-se o capitalismo, principalmente em Petrogrado (capital) e Moscou. Um numeroso operariado concentrava-se nessas cidades. A Rússia era, pois, um país onde as contradições se acumulavam: ainda atrasados em relação a uma revolução burguesa, já estavam às vésperas de uma revolução proletária. Quer dizer, a burguesia, cada dia mais importante, não possuía ainda

acesso ao Estado e já sentia o grande peso das pressões operárias. A Primeira Grande Guerra (1914-1918) precipitaria os acontecimentos na Rússia. O regime czarista mostrava-se despreparado para participar de uma guerra em que tornavam parte as mais avançadas potências industriais. O desgaste foi enorme. Em fevereiro de 1917, foi desencadeada uma revolução burguesa que acarretou a queda do imperador Nicolau II. Em outubro do mesmo ano, Lênin liderou a Revolução Bolchevique, transformando a Rússia no primeiro país socialista do mundo e fundando a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. O exemplo da revolução soviética deu ao marxismo um grande prestígio, tornando-o a mais influente corrente socialista do mundo. No período entre guerras, os vários partidos comunistas, de inspiração marxista, aguardaram com esperança a eclosão de uma revolução proletária mundial e atuaram intensamente para esse fim.

Todavia, as críticas e contestações ao capitalismo e suas formas liberais e democráticas não procederam apenas e exclusivamente dos socialistas e comunistas. No período entre guerras apareceu o fascismo, que, da mesma forma que o socialismo, também se opôs ao liberalismo e à democracia, mas por razões inversas. Não se tratava de uma doutrina propriamente anticapitalista – embora afirmasse isso –, mas sim do abandono das tradições burguesas clássicas, com supressão das liberdades individuais e democráticas, em defesa de um regime ditatorial para conservação do capitalismo. Desse ponto de vista, as ditaduras fascistas são, em realidade, uma forma extrema de reação política burguesa.

O fascismo surgiu, assim, como uma doutrina de negação dos ideais burgueses de liberalismo e democracia. Ao nível filosófico, o fascismo ataca o racionalismo, em defesa dos instintos e assume, por isso, um caráter marcadamente irracionalista. Como reação antiintelectualista, valoriza ao extremo a ação, que, não

tendo atrás de si nenhuma concepção de mundo claramente formada, resvala para uma filosofia de violência. Ao mesmo tempo, o fascismo é uma reação antiindividualista, que contrariamente ao liberalismo defende a subordinação do indivíduo ao Estado. Toda diversidade social é contestada, o que significa a negação da divisão da sociedade em classes. As primeiras medidas dos regimes fascistas são, por isso, a supressão das liberdades individuais, a dissolução dos partidos políticos, o esmagamento de toda a oposição e a proibição das associações autônomas de classes ou profissões. Conseqüentemente, o Estado fascista torna-se intolerante. Para fazer valer seus pontos de vista, censura os meios de comunicação e estabelece uma severa vigilância policial. Para completar o quadro, o fascismo é marcado por uma mística nacionalista, isto é, devoção fanática aos valores nacionais, desdobrando-se com facilidade num nacionalismo belicoso. Assim, toda ofensa à nacionalidade gera uma paixão cega que, imediatamente, faz suas vítimas: o ódio anticomunista e anti-semita serve de exemplo.

O primeiro país onde o fascismo triunfou foi a Itália, com a ascensão de Mussolini, em 1922. A partir daí, o movimento fascista propagou-se por toda a parte, de tal sorte que nenhum país ficou isento de sua influência. Na Alemanha, o nazismo (abreviatura de nacional-socialismo), representado por Adolf Hitler, tomou o poder em 1933. O mesmo ocorreu na Espanha, onde Francisco Franco, depois de uma terrível guerra civil (1936-1939), instalou uma ditadura inspirada no modelo italiano. No Brasil, o êxito do fascismo repercutiu com a formação da Ação Integralista Brasileira, sob liderança de Plínio Salgado.

Muito embora os movimentos fascistas tenham tido o mesmo ponto de partida e tenham se inspirado nos mesmos ideais, seu êxito ou fracasso dependeu da conjugação de fatores próprios de cada país. Segundo o historiador francês René

Rémond, o êxito ou o fracasso dos movimentos fascistas dependeu, em cada caso, da exploração política, quer da tradição preexistente, quer das crises que tomaram conta das nações logo após a Primeira Guerra. Assim, onde há uma tradição cultural ou política já configurada, o fascismo tem maiores chances. Na Alemanha, por exemplo, o nazismo aproveitou-se amplamente da tradição nacionalista pangermânica e do anti-semitismo. Na Espanha, Franco explorou o mito da hispanidade, herdado do Século de Ouro, apresentando-se, por outro lado, como herdeiro e sucessor dos reis católicos. O integralismo de Plínio Salgado teve como fonte o culto da nacionalidade, inspirado no indianismo.

Também foi decisiva a posição desses países logo após a Primeira Guerra. Na Itália, tanto quanto na Alemanha, a humilhação da nacionalidade foi tremendamente favorável ao êxito do fascismo. A Itália, apesar de ter sido uma das nações vitoriosas na Primeira Guerra, foi tratada com desprezo pelas potências principais, como Inglaterra e França. A Alemanha, derrotada, foi submetida ao injusto e humilhante tratado de Versalhes. Por fim, outro fator importante para o êxito ou o fracasso do fascismo foi a intensidade com que esses países foram atingidos pela crise do capitalismo, no período entre guerras. Nos países onde a estrutura econômica era frágil e a resistência contra a crise, negativa, o fascismo conseguiu se difundir com facilidade. Pode-se dizer que “os sucessos do fascismo são proporcionais à amplitude dos efeitos da crise”. Em conexão com isso, há ainda que se considerar o próprio peso dos movimentos comunistas. Onde a ameaça era maior, em razão mesmo da fragilidade do capitalismo, a burguesia encontrava-se amedrontada, de modo que a propaganda anticomunista teve rápido êxito, fortalecendo assim o fascismo.

A propagação dos regimes fascistas, entretanto, trouxe uma enorme ameaça à paz mundial. A extrema belicosidade da política fascista foi lentamente colocando o mundo numa nova ordem internacional, onde se distinguia claramente a oposição entre países democráticos (França, Inglaterra, Estados Unidos, etc.) e países fascistas (Itália, Alemanha, etc.). A benevolência inicial dos países democráticos facilitou o fortalecimento dos regimes totalitários. Mas a agressividade, principalmente de Hitler, foi dificultando cada vez mais o convívio pacífico entre as nações, de modo que a guerra tornou-se a solução lógica das diferenças. Naturalmente, a Segunda Guerra não foi produto exclusivo da ascensão dos regimes fascistas. Deveu-se a um fator ainda mais amplo, a crise do capitalismo liberal, e, de um modo genérico, foi o momento de transição desse capitalismo para outro, onde o Estado passou a ter um papel interventor e diretor na economia. O capitalismo liberal foi então substituído pelo capitalismo de organização, dotado de um mecanismo de auto-regulação, a fim de evitar as crises. Mas não foi a Europa o seu centro. Ele se transferiu para os Estados Unidos da América. Depois da Segunda Guerra, com o declínio da Europa e a ascensão dos Estados Unidos e também da União Soviética, as relações internacionais passaram a ser comandadas por um outro eixo, onde se opunham dois sistemas rivais: o capitalismo e o socialismo.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Fontes: HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos – O breve século XX (1914-1991)*; AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos*; LENHARO, Alcir. *Nazismo – O Triunfo da Vontade*. KONDER, Leandro. *Introdução ao Fascismo*. TRENTO, Ângelo. *Fascismo Italiano*; BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*.

### **1.3 O SURGIMENTO DO FASCISMO**

O fascismo foi o nome pela qual ficou conhecido o regime político implantando na Itália no período de 1922/1945, baseado na ditadura de um único partido sob a liderança de Benito Mussolini (1883-1945). Originário das dificuldades surgidas após a primeira guerra mundial, como o depauperamento da classe média, má distribuição de terras, inflação e desordens sociais, o fascismo nasceu oficialmente em 1919 quando Mussolini inaugurou o *Fascio de Combattimento*, em Milão, movimento com um programa nacionalista, de ataque à classe liberal e de feição anticlericalista. Seus anseios refletiam as posições da pequena burguesia e dos ex-combatentes.

Oportunistas e violentos, os fascistas formaram esquadrões que não demoraram a atacar sindicatos, ligas e cooperativas. Esses esquadrões – os *Fasci* (em italiano, “feixes”, palavra de que derivou fascismo) – usando camisas pretas e financiados por industriais e latifundiários, em breve tornaram-se o símbolo do movimento. Em 1922, os fascistas marcharam sobre Roma e tomaram o poder, dissolvendo o Parlamento dois anos depois.

O fascismo baseava-se no culto do chefe do partido e do Estado e na obediência ao líder, tanto que “acreditar, obedecer, combater” era o lema fascista. O Partido Nacional Fascista, hierarquicamente organizado, apresentava-se como inimigo do comunismo, do socialismo e da democracia. O individualismo era categoricamente rejeitado para que a pessoa vivesse em função do Estado.

O fascismo rapidamente ganhou apoio de diferentes segmentos sociais: empresários, por exemplo, alarmados com a crise e com a violência e animados com a aceitação de Mussolini no exterior, principalmente na Inglaterra,

passaram a encarar o regime com otimismo. A política econômica do fascismo visava o corporativismo, logo instituído com a criação do Ministério das Corporações, sistema que procurava harmonizar o relacionamento entre patrões e empregados e também colocar sob controle do Estado toda a economia nacional. Os princípios da doutrina corporativista foram enunciados num documento, a *Carta del Lavoro* (1927), imitada por muitos países, entre os quais o Brasil durante o Estado Novo.

O regime fascista tinha como um de seus mais importantes objetivos a doutrinação da infância e da juventude, principalmente a faixa etária compreendida entre 6 e 18 anos. Outro aspecto importante do fascismo foi o controle dos meios de comunicação, usados como instrumentos para a divulgação dos valores fascistas. Em 1935, criou-se o Ministério da Propaganda, logo transformado em Ministério da Cultura Popular. Neste contexto, o rádio constituiu-se num fator essencial pela sua penetração junto às camadas populares, na sua maioria composta de analfabetos e iletrados.

Na política externa, o fascismo procurou expandir-se conquistando a Etiópia e a Líbia. Associando-se a Hitler na Segunda Guerra Mundial, o Duce – título que identificava Mussolini – alcançou triunfo inicial com a invasão da Etiópia, logo depois recuperada pelos ingleses. Os sucessivos fracassos do Eixo foram gradativamente aumentando a impopularidade do regime e no dia 24 de julho de 1943, Mussolini foi preso por ordem do rei sob grande entusiasmo popular. Libertado pelos alemães, Mussolini ainda fundou a denominada República de Saló para continuar a guerra, mas as seguidas derrotas nazistas e a ação das forças antifascistas, apressaram a eliminação do regime fascista. O Duce foi preso e fuzilado em 27 de abril de 1945.

A ideologia fascista espalhou-se pelo mundo e influenciou diversos movimentos nacionalistas, como o nazismo na Alemanha, o salazarismo em Portugal, o franquismo na Espanha, o rexismo na Bélgica e, no Brasil, a Ação Integralista Brasileira (A.I.B.).

O historiador Eric Hobsbawm afirma que o fascismo italiano sozinho não exerceu muita atração internacional, embora tentasse influenciar e financiar pequenos movimentos em outras partes e mostrasse alguma influência em setores inesperados. Sem o triunfo de Hitler na Alemanha no início de 1933, continua Hobsbawm, o fascismo não teria se tornado um movimento geral, pois todos os movimentos fascistas com algum peso fora da Itália foram fundados após sua chegada ao poder.<sup>4</sup>

A ascensão da direita radical após a Primeira Guerra Mundial, segundo o historiador inglês, foi sem dúvida uma resposta ao perigo, na verdade à realidade, da revolução social e do poder operário em geral, e à Revolução de Outubro e ao leninismo em particular. Sem esses, continua Hobsbawm, não teria havido fascismo algum, pois embora os demagógicos ultradireitistas tivessem sido politicamente barulhentos e agressivos em vários países europeus desde o fim do século XIX, quase sempre haviam sido mantidos sob controle antes de 1914.<sup>5</sup> Sob esse aspecto, completa Hobsbawm, os apologetas do fascismo provavelmente tem razão quando afirmam que Lênin engendrou Mussolini e Hitler, embora é inteiramente ilegítimo desculpar o barbarismo fascista alegando que ele foi inspirado pelas supostas barbaridades anteriores da Revolução Russa.<sup>6</sup>

Já Leandro Konder argumenta que o fascismo representou, na história contemporânea da direita, uma enérgica tentativa no sentido de superar a situação

---

<sup>4</sup> Idem. P. 120.

<sup>5</sup> HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos*. P. 127.

<sup>6</sup> Idem. P. 127-128.

altamente insatisfatória que a contradição tinha criado para as forças conservadoras mais resolutas. Para Konder, enfrentando o problema das tensões que se haviam criado no âmbito da direita entre a teoria e a prática, o fascismo adotou a solução do pragmatismo radical, servindo-se de uma teoria que legitimou a emasculação da teoria em geral.<sup>7</sup>

É essa ideologia fascista, com seu anticomunismo, antiliberalismo, anti-semitismo, entre outros aspectos, que influenciou a propaganda integralista no sertão do Estado de São Paulo durante a década de 1930, como veremos no terceiro capítulo.

#### **1.4 A FORMAÇÃO DO PARTIDO NAZISTA**

A Alemanha tornou-se um país republicano em 1918, com a fundação da República de Weimar. Até então, a história do Império e do período de divisão imposto pelo Congresso de Viena impedira o desenvolvimento das estruturas democráticas. Desde a fundação do II Reich, em 1871, a Alemanha conheceu um grande processo de desenvolvimento industrial, equiparando-se às grandes potências da época em vários setores da produção. Mas desde logo sofreu uma ruptura profunda no seu interior, entre uma classe formada pela alta nobreza e pela alta burguesia e uma classe trabalhadora que exigia também a participação no poder.

Após a derrota alemã de 1918, a rendição militar e a profunda crise financeira abalaram profundamente as estruturas do país, possibilitando uma rápida polarização, que na prática fez com que a República nascesse destinada a morrer

---

<sup>7</sup> KONDER, Leandro. *Introdução do Fascismo*. P. 7.

precocemente. Desde o final da guerra, a preocupação da maioria dos alemães foi encontrar um culpado para a derrota. As elites militar e empresarial, os meios de comunicação, radicalizaram seu discurso, autoritário e preconceituoso, no sentido de propagar a idéia de que não houve uma derrota militar, mas sim um ato de traição das elites burgueses, dos politikeiros, estimuladas pelos partidos de esquerda e pelos agentes do capitalismo internacional, os judeus. Acusavam ainda a Paz de Versalhes pela situação de ruína do país, imposta pelas grandes potências e aceita pelos republicanos, apresentados então como os traidores da pátria.

Os conservadores de direita defendiam a reorganização da monarquia e os mais radicais propunham uma ditadura, enquanto que os grupos de esquerda criticavam as reformas republicanas como insuficientes. Desde o início caracterizou-se uma profunda polarização ideológica, com forte efeito sobre os grupos de centro e a maioria da sociedade, situação reforçada pelo constante e rápido agravamento da crise econômica. Desde o final da guerra, com a acentuada polarização entre forças de direita e esquerda, surgiram diversos agrupamentos políticos. Cerca de 70 desses grupos possuíam discurso fascista, culpavam os judeus, democratas, liberais e marxistas pela derrota na guerra.

Em 5 de janeiro de 1919 foi fundado o Partido do Trabalhador Alemão, na Baviera, ao qual Hitler se associaria em setembro seguinte, tornando-se seu principal orador. Em 1920 o grupo adotou o nome Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) e definiu seu programa político, caracterizado pelo anti-semitismo, extremo nacionalismo e críticas ao capitalismo internacional. De um conjunto de 25 pontos do programa do partido, vários referem-se aos judeus, exigindo que sejam eliminados dos cargos públicos e da imprensa, exigindo uma legislação específica para os mesmos, que seriam comparados a estrangeiros. O

discurso radical contra os judeus foi um dos fatores de atração sobre outros partidos de extrema direita e grupos anti-semitas. Outro fator foi a capacidade retórica de Hitler e toda a encenação montada para seus discursos e ainda a incorporação de grupos paramilitares.

No período de três anos o partido cresceu de forma significativa chegando a 55 mil filiados, sendo que parte significativa era quadros da burocracia do governo, militares e elementos da alta burguesia que enxergavam o NSDAP como uma força significativa na luta contra os grupos de esquerda.

Inspirado no movimento fascista de Mussolini na Itália, Hitler, em novembro de 1923, organizou um golpe a partir da cidade de Munique, tendo como pano de fundo a grave crise econômica no país, onde em três anos os preços dos produtos haviam se multiplicado por mil. Apesar do fracasso do movimento, projetou o partido e suas idéias em nível nacional. No julgamento realizado em 1º de abril de 1924 ficou claro que os juizes simpatizavam com as idéias de Hitler, atestando “um esforço sério” e um “espírito puro e nacional” em seus objetivos. Condenado a 5 anos de prisão, ficou detido por apenas 8 meses. Durante esse período deu início a sua obra “Mein Kampf”, definindo sua doutrina. O número de votos do partido diminuiu nas eleições seguintes e Hitler foi proibido de discursar em várias províncias alemãs. No entanto, perceberemos que estas conseqüências negativas se expressarão por um curto período. A partir de então, o partido considera que é necessário conquistar o poder pela via legal, apesar de não abrir mão do uso da força. A institucionalização do partido foi marcada por sua presença cada vez maior nas associações já existentes na sociedade civil e pelo desenvolvimento do culto à personalidade, tendo a figura do Führer como o centro das atenções. Percebe-se a

importância do “líder” na própria organização interna: organiza-se a juventude Hitleriana e não a juventude nazista.

Apesar de toda a propaganda exercida pelo partido, tanto dos conceitos anti-semitas, como da figura do líder, sua votação na década de 20 manteve-se constante. Até 1929, apesar da crise, setores da economia apresentavam sinais de recuperação, fruto dos investimentos de grupos norte-americanos. Essa situação modificou-se completamente após a crise de 29. De setembro de 29 para setembro do ano seguinte o número de desempregados triplicou

O processo eleitoral de 1930 foi fortemente influenciado pelos efeitos da crise econômica. O Partido Nazista reforçou sua ação propagandística baseada no ataque aos "inimigos do povo alemão", numa referência principalmente aos judeus e aos comunistas, ao mesmo tempo em que realizou ações concretas, como a doação de sopa aos pobres e manteve a violência de seu grupo paramilitar contra as associações e partidos de esquerda. Os nazistas procuravam reforçar a imagem de modernidade tecnológica, de decisão e de ativismo jovem. Ao mesmo tempo as forças democráticas e republicanas entram em crise. Destaca-se cada vez mais a figura de Alfred Hugenberg, o magnata da imprensa alemã, representando a direita conservadora, responsável por forte oposição à república.

Nas eleições para a assembleia nacional, assim como nas eleições nas províncias, o partido de Hitler amplia sua votação em detrimento dos partidos políticos de centro. O poder estava nas mãos do marechal Hindenburg, monarquista tradicional que, com uma política dúbia, evita a ascensão de Hitler, mas ao mesmo tempo abre caminho para que os grupos conservadores se consolidem no poder. Essa política fica clara com a nomeação de Franz von Papen como chanceler, que organiza um ministério formado por nobres, sem filiação partidária, porém anti-

republicanos. As principais medidas do novo governo permitem perceber sua política: deposição do governo social democrata liderado por Otto Braun na Prússia, permissão para a reorganização da SA; dissolução do Parlamento e eliminação das convenções coletivas de trabalho. Em duas semanas ocorrem duas eleições para o Parlamento e von Papen não consegue maioria. A crise institucional mais uma vez beneficia Hitler e seu discurso antidemocrático. Em 30 de janeiro de 1933 o presidente Hindenburg entrega o poder a Hitler. Na prática, essa foi a forma que os mais variados grupos conservadores, representando diversos setores da elite encontraram para preservar seus privilégios, recuperar o poder e instaurar um Estado autoritário. Não só a elite apoiou a ascensão do Führer, grande parcela da sociedade o fez, refletindo as incertezas da situação de miséria que se ampliava no país.

A novidade do nazismo, argumenta Alcir Lenharo, era sua força psicológica, que predisponha todos, trabalhadores ou não, a aceitarem ou assumirem seu corpo ideológico. O autor de *Nazismo – O Triunfo da Vontade*, afirma que os recalques sexuais e a energia psicossocial das massas eram canalizados para um envolvimento contagiante com as propostas do movimento, e isto apesar de que elas se voltassem contra os interesses dos próprios trabalhadores.<sup>8</sup>

Dentro do quadro de crise, continua Lenharo, o nazismo introduziu na luta política uma arma poderosa: a propaganda. Não era, segundo o autor, somente o fim da crise e do desemprego que a propaganda nazista oferecia. Tecnicamente bem aparelhada e financiada com o dinheiro da burguesia, oferecia aos trabalhadores uma mudança profunda no próprio sistema capitalista, conclui Lenharo.<sup>9</sup> Para Eric Hobsbawm, o nazismo sem dúvida tinha, e em parte realizou,

---

<sup>8</sup> LENHARO, Alcir. *Nazismo – O Triunfo da Vontade*. P. 15.

<sup>9</sup> Idem. P. 16.

um programa social para as massas: férias, esportes, o planejado “carro do povo”, que o mundo veio a conhecer após a Segunda Guerra Mundial como o “fusca” Volkswagen.<sup>10</sup> Sua principal realização, completa Hobsbawm, foi acabar com a Grande Depressão mais efetivamente do que qualquer outro governo, pois o antiliberalismo dos nazistas tinha o lado positivo de não compromete-los com uma crença *a priori* no livre mercado; apesar disso, o nazismo era mais um velho regime recauchutado e revitalizado do que um regime basicamente novo e diferente.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos – O Breve Século XX*. P. 131.

<sup>11</sup> Idem.

## **CAPÍTULO II - OS CONTURBADOS ANOS 30 NO BRASIL**

### **2.1 A REVOLUÇÃO DE 30**

O movimento político-militar que determinou o fim da Primeira República (1889-1930) originou-se da união entre os políticos e tenentes que foram derrotados nas eleições de 1930 e decidiram pôr fim ao sistema oligárquico através das armas. Após dois meses de articulações políticas nas principais capitais do país e de preparativos militares, o movimento eclodiu simultaneamente no Rio Grande do Sul e Minas Gerais, na tarde do dia 3 de outubro. Em menos de um mês a revolução já era vitoriosa em quase todo o país, restando apenas São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Pará ainda sob controle do governo federal. Finalmente, um grupo de militares exigiu a renúncia do presidente Washington Luís e pouco depois entregou o poder a Getúlio Vargas.

Foi a vitória do candidato governista Júlio Prestes nas eleições de março de 1930, derrotando a candidatura de Getúlio Vargas, que era apoiada pela Aliança Liberal, que deu início a uma nova rearticulação de forças de oposição que culminou na Revolução de 1930. Os revolucionários de 30 tinham como objetivo comum impedir a posse de Júlio Prestes e derrubar o governo de Washington Luís, mas entre eles havia posições distintas quanto ao que isso representava e quais seriam as conseqüências futuras.

Dentre os jovens políticos que se uniram em torno do levante, destacavam-se Getúlio Vargas, Oswaldo Aranha, Flores da Cunha, Lindolfo Collor, João Batista Luzardo, João Neves da Fontoura, Virgílio de Melo Franco, Maurício Cardoso e Francisco Campos. Além de derrubar o governo, esses líderes

pretendiam reformular o sistema político vigente. Dos tenentes que haviam participado do movimento tenentista, os nomes de maior destaque era Juarez Távora, João Alberto e Miguel Costa. A meta particular desse grupo era a introdução de reformas sociais e a centralização do poder. Havia ainda uma ala dissidente da velha oligarquia, que via no movimento revolucionário um meio de aumentar seu poder pessoal. Era o caso de Artur Bernardes, Venceslau Brás, Afrânio de Melo Franco, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada e João Pessoa, entre outros.

Por sua vez, o ex-líder da Coluna Prestes, Luís Carlos Prestes, optou por um caminho mais radical. Crítico da união dos jovens políticos com a dissidência oligárquica, Prestes decidiu não participar da revolução e lançou seu próprio Manifesto Revolucionário. Declarava-se socialista e sustentava que a mera troca de homens no poder não atenderia às reais necessidades da população brasileira.

Intermináveis negociações preliminares retardaram as ações militares dos conspiradores contra o governo de Washington Luís. Até que em 26 de julho, o inesperado assassinato de João Pessoa, presidente da Paraíba e candidato derrotado à vice-presidência na chapa da Aliança Liberal, estimulou as adesões e acelerou os preparativos para a deflagração da revolução. Alçado à condição de mártir da revolução, João Pessoa foi enterrado no Rio de Janeiro e seus funerais provocaram grande comoção popular, levando setores do Exército, antes reticentes, a apoiar a causa revolucionária. Enfim, a 3 de outubro, sob a liderança civil do gaúcho Getúlio Vargas e sob a chefia militar do tenente-coronel Góes Monteiro, começaram as diversas ações militares. Simultaneamente deu-se início à revolução no Rio Grande do Sul, à revolução em Minas Gerais e à revolução no Nordeste, os três pilares do movimento.

Com a ocupação de capitais estratégicas como Porto Alegre e Belo Horizonte e de diversas cidades do Nordeste, e com o deslocamento das forças revolucionárias gaúchas em direção a São Paulo, o presidente Washington Luís recebeu um ultimato de um grupo de oficiais-generais, liderados por Augusto Tasso Fragoso. O grupo exigiu a renúncia do presidente. Diante de sua negativa, os militares determinaram sua prisão e o cerco do palácio Guanabara, no dia 24 de outubro. A seguir, formou-se a Junta Provisória de governo, composta pelos generais Tasso Fragoso e João de Deus Mena Barreto e o almirante Isaías de Noronha.

Em virtude do maior peso político que os gaúchos detinham no movimento e sob pressão das forças revolucionárias, a Junta finalmente decidiu transmitir o poder a Getúlio Vargas. Num gesto simbólico que representou a tomada do poder, os revolucionários gaúchos, chegando ao Rio, amarraram seus cavalos no Obelisco da avenida Rio Branco. No dia 31 de outubro, Getúlio Vargas desembarcou no Rio de Janeiro e foi recebido por uma grande manifestação de apoio. Finalmente no dia 3 de novembro, Vargas tomou posse como chefe do Governo Provisório no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, de onde dirigiu as seguintes palavras ao povo:

*“Desejo dirigir breves palavras de saudação ao glorioso povo carioca, que me recepciona de modo tão commovedor. O presente momento faz-me recordar que, dez meses atrás, em plena campanha liberal, com o immortal João Pessôa, me foi dado a assistir ao mesmo entusiasmo do povo da capital da República. Sabeis como decorreram os acontecimentos, como foram baldados os esforços para que fossem respeitadas as vontades da Nação. Sabeis também o quanto de amargura pacientemente supportamos para que se evitassem*

*sacrifícios à Pátria. Todos os esforços foram inúteis. O paiz oprimido, pela violência, pela brutalidade, não podia tolerar por mais tempo os seus opressores. Por isso, tivemos de appellar para o prélio duro das armas afim de se pôr termo á tyrania. Torna-se desnecessário relembrar os successos desse período. O que fizemos não foi uma revolução, não foi uma revolta. Foi um movimento do povo contra os seus opressores.”<sup>12</sup>*

Em 3 de novembro chegava ao fim a Primeira República e começava um novo período da história política brasileira, com Getúlio Vargas à frente do Governo Provisório.<sup>13</sup>

## **2.2 A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 32**

Um dos mais importantes acontecimentos da história política brasileira ocorridos no Governo Provisório de Getúlio Vargas foi a Revolução Constitucionalista de 1932 desencadeada em São Paulo. Foram três meses de combate, que colocaram frente a frente nos campos de batalha forças rebeldes e forças legalistas. A revolta paulista alertou o governo de que era chegado o momento de pôr um fim ao caráter revolucionário do regime. Foi o que ocorreu em maio do ano seguinte, quando finalmente se realizaram as eleições para a Assembléia Nacional Constituinte, que iria preparar a Constituição de 1934.

O Estado de São Paulo havia sido a principal base política do regime da Primeira República, e por isso era visto por vários membros do Governo Provisório como um potencial foco oposicionista. Lideranças civis e militares pressionaram

---

<sup>12</sup> *O presidente Getúlio Vargas fala á nação.* Jornal “Cidade de Olympia”, 9 de novembro de 1930.

<sup>13</sup> Fontes: CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas; FAUSTO, Boris. *História do Brasil e A Revolução de 1930.* CARONE, Edgar. *A República Velha.* SKIDMORE, Thomas. *Brasil: De Getúlio a Castelo.*

então Getúlio Vargas para que não deixasse o governo estadual nas mãos do Partido Democrático de São Paulo, alegando que o PD havia apoiado a Aliança Liberal e a Revolução de 1930, mas não se envolvera diretamente nos eventos revolucionários. Diante dessas pressões, Vargas terminou por indicar para os cargos de interventor e comandante da Força Pública de São Paulo os líderes tenentistas João Alberto e Miguel Costa.

A exclusão do Partido Democrático teve como principal resultado o início de uma campanha de mobilização da sociedade paulista. A palavra de ordem era a imediata reintegração do país em um regime constitucional. Essa reivindicação era rechaçada pelos "tenentes", interessados em manter um governo discricionário para promover mais facilmente as mudanças que consideravam necessárias. Durante o ano de 1931, o governo Vargas manteve-se muito próximo das teses tenentistas, a ponto de se poder dizer que o Brasil era o país dos "tenentes".

A campanha constitucionalista fez sua primeira vítima em julho de 1931. Sem condições de governar, o interventor João Alberto renunciou. Iniciou-se então um período de intensa luta política entre os diversos grupos que buscavam o poder em São Paulo. Em um curto espaço de tempo foram indicados diversos interventores que caíam com a mesma facilidade com que subiam. Essa instabilidade decorria também do fato de que o "caso de São Paulo" se tornava cada vez mais um problema político que ultrapassava as fronteiras do estado. Qualquer medida do Governo Provisório no sentido de atender ou não às reivindicações paulistas tinha repercussão política nacional. Setores políticos gaúchos e mineiros emprestaram solidariedade à campanha constitucionalista sem, no entanto, romper naquele momento com o governo de Vargas.

No final de 1931 e início de 1932, Vargas procurou conter as críticas organizando uma comissão, presidida pelo ministro da Justiça Maurício Cardoso, encarregada de organizar o novo Código Eleitoral. Em fevereiro de 1932, o Código Eleitoral foi publicado e um novo interventor foi nomeado para São Paulo, o civil e paulista Pedro de Toledo. Os sinais de trégua emitidos por Vargas, no entanto, não arrefeceram os ânimos. Formou-se a Frente Única Paulista (FUP), cujos principais lemas eram a constitucionalização do país e a autonomia de São Paulo.

Em maio de 1932, Vargas marcou a data das eleições para dali a um ano. A medida não teve resultados práticos no sentido de conter a conspiração política, que naquele momento já corria solta. A morte de quatro estudantes paulistas em confronto com forças legais criou mártires: as iniciais de seus nomes - Miragaia, Martins, Dráusio e Camargo - foram usadas para designar uma sociedade secreta, MMDC, que tramava para derrubar o governo.

No dia 9 de julho o movimento revolucionário ganhou as ruas da capital e do interior de São Paulo. Na linha de frente das forças rebeldes estavam remanescentes da Revolução de 1930, como Bertoldo Klinger e Euclides Figueiredo, e mesmo o antigo líder do levante de 1924, Isidoro Dias Lopes. A revolução teve apoio de amplos setores da sociedade paulista. Pegaram em armas intelectuais, industriais, estudantes e outros segmentos das camadas médias, políticos ligados à República Velha ou ao Partido Democrático. O que os movia era principalmente a luta antiditatorial. A luta armada dos constitucionalistas ficou restrita ao estado de São Paulo. Os governos do Rio Grande do Sul e Minas Gerais, que a princípio viam com bom olhos a campanha pela constitucionalização, resolveram não enfrentar a força militar do governo federal. Isolados, os paulistas não tiveram condições de manter por muito tempo a revolução. Em outubro de 1932 assinaram a rendição.

No período seguinte Vargas emitiu dois sinais claros de que estava disposto a uma nova composição política com os paulistas: nomeou interventor o paulista e civil Armando de Sales Oliveira (agosto de 1933) e adotou medidas que permitiram o rescalonamento das dívidas dos agricultores em crise.

No governo de Armando Sales, as elites políticas paulistas procuraram se reorganizar. O novo interventor teve um papel decisivo nesse processo, reconstruindo o aparelho administrativo paulista, destroçado após anos de instabilidade política. Mais sua principal obra foi no campo da cultura com a criação da Universidade de São Paulo (USP), que em pouco tempo se tornaria responsável pela formação de uma nova elite político-intelectual destinada a influir no futuro do estado e do país.<sup>14</sup>

### **2.3 A CONSTITUIÇÃO DE 1934**

De novembro de 1933 a julho de 1934 o país viveu sob a égide da Assembléia Nacional Constituinte encarregada de elaborar a nova Constituição brasileira que iria substituir a Constituição de 1891. Foram meses de intensa articulação e disputa política entre o governo e os grupos que compunham a Constituinte. Para o primeiro, a futura ordenação jurídica do país deveria incorporar o conjunto de mudanças que vinham sendo promovidas nos campos social, político e econômico. Essas posições também eram defendidas por lideranças tenentistas eleitas para a Constituinte. Para a Igreja Católica, o momento era de afirmação e de maior intervenção na vida política do país. Já para os grupos oligárquicos, a nova Constituição deveria assegurar aos estados um papel de relevo. O maior desafio dos

---

<sup>14</sup> Fontes: CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas. FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. SKIDMORE, Thomas. *Brasil: De Getúlio a Castelo*.

constituintes foi tentar encontrar caminhos capazes de atender a essa gama variada de projetos e interesses.

Dominada a Revolução Constitucionalista, no final do ano de 1932 e começo de 1933 a campanha eleitoral para a Assembléia Nacional Constituinte tomou conta do país. As forças políticas se reorganizaram para aquela que seria a primeira eleição desde a vitória da Revolução de 1930. Novos procedimentos haviam sido introduzidos pelo Código Eleitoral de 1932: o voto secreto, o voto feminino - pela primeira vez na história brasileira - e a Justiça Eleitoral, encarregada de organizar e supervisionar a eleição política. O Código previa ainda a formação de uma bancada classista composta por representantes de funcionários públicos, empregados e empregadores, eleitos por delegados sindicais.

O Governo Provisório tratou de tomar iniciativas para poder conduzir os trabalhos da Assembléia segundo os seus interesses. Criou uma Comissão Constitucional que elaborou um anteprojeto de Constituição, o qual foi entregue aos constituintes para ser discutido e emendado. Coube também ao governo a elaboração do Regimento Interno da Constituinte, ou seja, do conjunto de regras que iria reger o funcionamento da Assembléia. Com essas medidas, o governo procurava intervir tanto no conteúdo dos debates como no seu encaminhamento.

A formação de uma bancada fiel ao governo ficou a cargo do ministro da Justiça, Antunes Maciel, que promoveu uma intensa articulação política junto aos grupos oligárquicos regionais. O governo esperava também contar com o apoio de setores expressivos da bancada classista, que teria 40 representantes num total de 254 constituintes. Os votos a favor das propostas governistas deveriam vir principalmente dos representantes dos trabalhadores, eleitos por sindicatos legalizados pouco antes pelo ministro do Trabalho, Salgado Filho.

Lideranças tenentistas que participavam do governo ou estavam próximas dele também buscaram reunir forças para enfrentar os embates políticos da Constituinte. Para isso, contaram com o apoio do interventor no Distrito Federal, Pedro Ernesto, que criou o Partido Autonomista, e do interventor em Pernambuco, Lima Cavalcanti, que criou o Partido Social Democrático. Já em outros estados, mais distantes da influência tenentista, os grupos políticos trataram de formar novas frentes ou partidos regionais. Em São Paulo, o Partido Democrático e o Partido Republicano Paulista uniram-se na Chapa Única por São Paulo Unido. No Rio Grande do Sul, Flores da Cunha organizou o Partido Republicano Liberal; em Minas Gerais, Gustavo Capanema e Antônio Carlos de Andrada fundaram o Partido Progressista. Finalmente, entre as forças que participaram das eleições, destacou-se a Igreja Católica, que tinha no Centro Dom Vital um núcleo de debates e difusão de idéias e, para a ocasião, organizou a Liga Eleitoral Católica.

As eleições se realizaram em maio de 1933 e deixaram clara a vitória dos grupos políticos regionais. Os "tenentes" obtiveram fraca votação. Dois meses depois, as entidades de classe indicaram os representantes classistas. Entre os 254 constituintes foi eleita uma mulher: a médica paulista Carlota Pereira de Queirós, que intensificou a luta pela participação política feminina. A Assembléia Nacional Constituinte instalou-se em novembro de 1933. O confronto entre regionalismo e centralização política dominou os debates que então se iniciaram. Enquanto os estados do Norte e Nordeste, mais fracos economicamente e dependentes do governo federal, defenderam o centralismo, os estados do Centro-Sul reivindicaram maior autonomia em relação ao poder central.

Após oito meses de discussões, finalmente, no dia 16 de julho de 1934, foi promulgada a nova Constituição. A importância dos estados foi assegurada pela

vitória do princípio federalista. Ao mesmo tempo, ampliou-se o poder da União nos novos capítulos referentes à ordem econômica e social. As minas, jazidas minerais e quedas d'água deveriam ser nacionalizadas, assim como os bancos de depósito e as empresas de seguro. No plano da política social foram aprovadas medidas que beneficiavam os trabalhadores, como a criação da Justiça do Trabalho, o salário mínimo, a jornada de trabalho de oito horas, férias anuais remuneradas e descanso semanal. Mas o governo sofreu uma importante derrota com a aprovação da pluralidade e da autonomia sindicais em lugar do sindicato único por categoria profissional.

Outra novidade importante foi a introdução de um capítulo exclusivo sobre a família, que em grande parte decorreu da pressão da bancada católica. Entre outras conquistas, a Igreja obteve a oficialização do casamento religioso. A Constituição estabeleceu ainda que a primeira eleição presidencial após sua promulgação seria feita indiretamente, pelo voto dos membros da Assembléia Nacional Constituinte. As futuras eleições deveriam realizar-se pelo voto direto. No dia 17 de julho Getúlio Vargas foi eleito com 175 votos contra 71 dados aos demais candidatos, entre os quais se incluíam Borges de Medeiros e Góes Monteiro.

A Constituição de 1934 teve vida curta. Ao mesmo tempo em que tentou estabelecer uma ordem liberal e moderna, buscou também fortalecer o Estado e seu papel diretor na esfera econômico-social. O resultado não agradou a Vargas, que se sentiu tolhido em seu raio de ação pela nova carta. Em seu primeiro pronunciamento, Getúlio tornou pública sua insatisfação; em círculos privados, chegou a afirmar que estava disposto a ser o "primeiro revisor da Constituição".

Com a eleição indireta de Getúlio Vargas para o cargo de presidente da República pela Assembléia Nacional Constituinte em 17 de julho de 1934, terminou

o período de governo discricionário iniciado em novembro de 1930. Mas o novo governo constitucional não foi nem longo nem tranqüilo. O movimento social se tornou cada vez mais efervescente, greves operárias e manifestações da classe média surgiram em diversos estados do país e gradativamente a atividade política foi se radicalizando. O Poder Legislativo abria mão de suas prerrogativas, enquanto o Executivo se tornava cada vez mais forte. Esse processo culminou em 10 de novembro de 1937 com o golpe do Estado Novo, dado pelo próprio presidente Vargas, que implantou no país um regime ditatorial.<sup>15</sup>

#### **2.4 A ERA VARGAS (1930-1937)**

Ainda em outubro de 1932 fora criada a Ação Integralista Brasileira, movimento inspirado no fascismo italiano que defendia um ideário nacionalista, antiliberal e anti-semita. A A.I.B. tinha como chefe nacional Plínio Salgado e possuía seções em diversos estados do país, congregando elementos das camadas médias urbanas como intelectuais, em sua maioria católicos, profissionais liberais, funcionários públicos e militares. Seu lema era "Deus, Pátria e Família", e seus principais ideólogos eram Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale. Querendo demonstrar sua força política, os integralistas costumavam realizar grandes desfiles em que usavam uniformes que lhes valeram o apelido de "camisas-verdes". Nas manifestações de rua, os enfrentamentos com os comunistas eram uma constante. A oposição que os integralistas faziam ao regime Vargas era difusa. As críticas ao governo concentravam-se, sobretudo, no seu aspecto liberal.

---

<sup>15</sup> Fontes: CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas. FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. SKIDMORE, Thomas. *Brasil: De Getúlio a Castelo*.

Já depois de promulgada a Constituição de 1934, em 12 de março de 1935 foi criada a Aliança Nacional Libertadora, organização inspirada na proposta das frentes populares surgidas em diversos países da Europa com o objetivo de combater o avanço do nazi-fascismo. A A.N.L. congregava comunistas, socialistas, "tenentes", liberais e católicos. Pregando a formação de um governo popular-nacional-revolucionário, transformou-se, assim como a A.I.B., num grande movimento de massas. De seu programa faziam parte a luta contra o latifúndio e o imperialismo, a defesa da reforma agrária e das liberdades democráticas, a suspensão do pagamento da dívida externa brasileira e o combate ao nazi-fascismo. Sua oposição a Vargas era nítida. Importantes "tenentes" que haviam atuado na linha de frente da Revolução de 1930, como Miguel Costa, Herculino Cascardo, Agildo Barata, João Cabanas, Silo Meireles e Roberto Sisson, romperam radicalmente com o governo e tornaram-se dirigentes da A.N.L.. Luís Carlos Prestes, um dos principais expoentes do tenentismo e agora dirigente comunista, foi escolhido presidente de honra da entidade.

A.I.B. e A.N.L. representavam pólos opostos que contribuíam para tornar tenso o quadro político. O governo aproveitava para pressionar o Congresso a adotar medidas autoritárias. Ainda em abril de 1935, sob o impacto de várias greves, o Congresso aprovou a Lei de Segurança Nacional. A A.N.L. foi colocada na ilegalidade em 11 de julho, quatro meses após sua fundação. Com o seu fechamento, a perspectiva de tomada do poder através de uma insurreição, sempre presente no horizonte dos comunistas e antigos "tenentes", ganhou força. Dirigentes do Partido Comunista do Brasil, com o aval da Internacional Comunista, decidiram então promover a derrubada do regime Vargas pelas armas.

Em 23 de novembro de 1935, em nome da A.N.L., uma revolta foi deflagrada em Natal por sargentos, cabos e soldados do 21º Batalhão de Caçadores. No dia seguinte o movimento eclodiu em Recife, envolvendo civis e militares. Na noite de 26 para 27, militares do 3º Regimento de Infantaria, sob a liderança de Agildo Barata, rebelaram-se no Rio de Janeiro, enquanto um outro foco surgia no Campo dos Afonsos. Tanto em Recife como no Rio de Janeiro os revoltosos foram rapidamente dominados. Entretanto, em Natal foi instalado um Governo Popular Revolucionário, sob a liderança de João Praxedes de Andrade, sapateiro, membro da direção regional do PCB. O governador do Rio Grande do Norte, Rafael Fernandes, e demais autoridades asilaram-se no consulado italiano e durante quatro dias os rebeldes dominaram a situação.

O fracasso dos levantes comunistas desencadeou intensa reação por parte da polícia política. Para as elites civis e militares do país, o comunismo tornou-se o inimigo número um. Com o apoio de 2/3 dos parlamentares, Vargas conseguiu aprovar uma série de medidas repressivas que iriam cercear cada vez mais o Poder Legislativo. O estado de sítio foi decretado em todo o território nacional por 30 dias e prorrogado depois por mais 90. Entre o final de 1935 e o início de 1936, centenas de civis e militares foram presos em todo o país. Entre os prisioneiros estava Pedro Ernesto, prefeito do Distrito Federal, acusado de manter ligações com membros da A.N.L.. A administração Pedro Ernesto havia-se caracterizado por inovações na área de saúde e educação e por uma maior aproximação com os setores populares. A prisão de diversas lideranças comunistas e a apreensão de documentos em seu poder forneceram a justificativa para a decretação, em março de 1936, do estado de guerra, que vigoraria até meados de 1937. Conferindo ao governo poderes de repressão quase ilimitados, a medida, aprovada pelo Congresso, diferentemente do

estado de sítio, tornava vulneráveis até mesmo os parlamentares. Dois dias após a decretação do estado de guerra, foram presos os deputados oposicionistas Otávio da Silveira, Domingos Velasco, João Mangabeira e Abguar Bastos, e o senador Abel Chermont.

Também em 1936 foi criada a Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo, encarregada de investigar a participação de funcionários públicos e outros em atos e crimes contra as instituições políticas e sociais. O atestado de ideologia passou a ser exigido para todos os que exercessem cargos públicos e sindicais. Instituiu-se o Tribunal de Segurança Nacional para julgar os acusados de envolvimento com a revolta de 1935. Finalmente, em 10 de novembro de 1937, o perigo de uma nova revolta comunista foi a justificativa apresentada pelo governo para dar o golpe do Estado Novo.<sup>16</sup>

## **2.5 A SUCESSÃO E A REVOLUÇÃO DE 30 EM OLÍMPIA**

A campanha presidencial para as eleições de 1º de março de 1930 foi alvo de intenso debate em Olímpia, especialmente pelas páginas do jornal “Cidade de Olympia”, principal órgão de comunicação do município. Reduto do Partido Republicano Paulista<sup>17</sup>, em Olímpia a grande maioria dos políticos e o próprio jornal apoiavam a candidatura de Júlio Prestes.

A sucessão presidencial de Washington Luís começou a ser notícia no semanário “Cidade de Olympia” a partir da edição de 28 de julho de 1929, quando

---

<sup>16</sup> Fontes: CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas. FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. SKIDMORE, Thomas. *Brasil: De Getúlio a Castelo*.

<sup>17</sup> O Partido Republicano Paulista foi fundado no Estado em 1873. Os quadros do PRP provinham majoritariamente da burguesia cafeeira. O ponto fundamental do programa do partido consistia na defesa da federação, ou seja, de um modelo de organização política do país em que as unidades básicas são as províncias. FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. P. 228.

foi anunciado o lançamento da candidatura de Getúlio Vargas com o apoio dos estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Na edição de 8 de setembro, um artigo assinado pelo engenheiro Leonardo Posella Segundo criticou a candidatura chamada liberal de Vargas, que não teria saído da massa do povo.<sup>18</sup> A campanha da Aliança Liberal foi alvo de críticas pelo uso de detalhes da vida privada de seus adversários num artigo assinado por um olimpiense identificado pelas iniciais A.F..<sup>19</sup>

Partidário da candidatura Júlio Prestes, o jornal “Cidade de Olympia” publicou ao longo da campanha presidencial artigos fornecidos pelo Comitê Republicano de Publicidade de São Paulo. O mais importante deles foi o artigo assinado por Plínio Salgado, futuro chefe integralista, que via em Júlio Prestes uma solução nacionalista e a consolidação da independência e da grandeza do Brasil.<sup>20</sup> Plínio denunciava que a Aliança Liberal pregava abertamente a revolução apoiada por elementos estrangeiros, no que chamou de “obra satânica de espionagem” com a finalidade de promover a desunião e aniquilar o país.<sup>21</sup>

O ano de 1929 terminou com a leitura da plataforma de governo do candidato Júlio Prestes, no dia 17 de dezembro, durante duas horas no Rio de Janeiro e acompanhada por inúmeros olimpienses através do rádio.

No início de 1930, o eleitorado de Olímpia estava sendo “preparado” pelos chefes políticos perrepistas para votar no candidato oficial. Notícia de primeira página trouxe o seguinte conteúdo: *“O eleitorado de Olympia, disciplinado e inteligente, chefiado por Nestor Cunha, comparecerá em peso às urnas no dia do grande pleito, auxiliando com o voto espontâneo a vitória do dr. Julio Prestes.”*<sup>22</sup>

---

<sup>18</sup> SEGUNDO, Leonardo Posella. *A Sucessão Presidencial*. Jornal “Cidade de Olympia”, 8 de setembro de 1929.

<sup>19</sup> A.F.. *Os Meetings*. Jornal “Cidade de Olympia”, 22 de setembro de 1929.

<sup>20</sup> SALGADO, Plínio. *Júlio Prestes e a Nação*. Jornal “Cidade de Olympia”, 2 de outubro de 1929.

<sup>21</sup> Idem.

<sup>22</sup> *Eleição Presidencial*. Jornal “Cidade de Olympia”, 16 de fevereiro de 1930.

A eleição foi realizada num sábado, dia 1º de março, e em Olímpia transcorreu sem nenhum incidente. Apesar da marcha lenta das apurações em todo Brasil, do que o jornal chamou de “fanatismo dos aliancistas” por se considerarem vencedores e das denúncias de fraudes de ambas as partes, o resultado da eleição no município de Olímpia foi divulgado na edição do dia 9 de março<sup>23</sup>:

Candidatos à Presidência:

Júlio Prestes: 1.715 votos

Getúlio Vargas: 82

Candidatos à Vice-Presidência:

Vital Soares: 1.715 votos

João Pessoa: 81

O assassinato de João Pessôa, no Recife, ganhou as páginas do jornal “Cidade de Olympia” acompanhado de uma crítica à Aliança Liberal por atribuir a culpa pelo crime ao poder central. O periódico fez o seguinte comentário: *“Esse palavrório nullo nada representa em face da hediondez monstruosa desse crime nefando. Vamos chorar com respeito e veneração a morte desse vulto respeitável. Nada de revolução, porque esse recurso é tardio.”*<sup>24</sup>

O movimento armado iniciado no dia 3 de outubro em Minas Gerais e Rio Grande do Sul foi recebido com enorme consternação em Olímpia. O jornal abriu espaço para dizer que o povo olimpiense teria oportunidade de por à prova o seu amor à ordem e ao regime que o país vivia.<sup>25</sup> A notícia julgou o movimento como impatriótico, daqueles que haviam sido vencidos nas urnas em primeiro de março e

---

<sup>23</sup> *Resultados das Eleições no Município de Olympia*. Jornal “Cidade de Olympia”, 9 de março de 1930. O jornal não dá outros detalhes sobre o pleito. Na cidade de Olímpia, 776 pessoas votaram.

<sup>24</sup> *Dr. João Pessôa*. Jornal “Cidade de Olympia”, 3 de agosto de 1930.

<sup>25</sup> *Notas*. Jornal “Cidade de Olympia”, 12 de outubro de 1930.

que também seriam pelas armas como justo castigo por suas desmedidas ambições.<sup>26</sup>

A polícia e as autoridades municipais organizaram uma guarda com o apoio do Tiro de Guerra para manter a tranqüilidade na cidade. Existia um clima de apreensão entre a população pelo fato do município ser fronteiro ao Estado de Minas Gerais, um dos centros da sublevação armada. Voluntários formaram um “batalhão patriótico” com a finalidade de defender o poder constituído e aguardavam receber os passes da Junta de Alistamento Militar para se incorporar ao Exército. A partida de inúmeros reservistas e voluntários ocorreu no dia 17 de outubro na Estação Ferroviária sob intensa comoção popular.<sup>27</sup>

Enquanto isso, a sociedade olimpiense se reunia no mais famoso estabelecimento comercial da cidade, a Confeitaria “A Paulicéia”, para tomar conhecimento das últimas notícias sobre a revolução. Todos os dias, às 20 horas e 40 minutos, as pessoas se aglomeravam para ouvir as informações através do rádio instalado na confeitaria. A população também lia os jornais da capital pregados de manhã e à tarde na porta da Confeitaria “A Paulicéia” e formavam grupos para discutir o desenrolar da revolução.

A deposição do presidente Washington Luís e a vitória do movimento revolucionário no dia 24 de outubro ganhou a primeira página do “Cidade de Olympia” impressa em vermelho, estampando o título em letras garrafais: *A revolução triumphou em toda linha*.<sup>28</sup> É interessante destacar a mudança de posicionamento do jornal diante da vitória revolucionária. De defensor do governo

---

<sup>26</sup> Idem.

<sup>27</sup> *Partida de Reservistas*. Jornal “Cidade de Olympia”, 19 de novembro de 1930.

<sup>28</sup> *A revolução triumphou em toda linha*. Jornal “Cidade de Olympia”, 26 de outubro de 1930.

constituído, o “Cidade de Olympia” passou à defesa de qualquer governo, desde que estivesse prestigiado pelo povo.<sup>29</sup>

A revolução estabeleceu o domínio da Aliança Liberal no país e derribou a política dos Estados adotada pelo governo deposto; no Estado de São Paulo a derribada foi geral e a politicagem perrepista desapareceu do cenário político, desde o mais graduado até o simples fiscal de rua, anunciou o jornal “Cidade de Olympia” na sua edição de 26 de outubro de 1930. Nos municípios foram organizadas juntas governativas e nomeadas novas autoridades policiais. Em Olímpia, Nestor Cunha, chefe do P.R.P., foi deposto e substituído pela junta governativa constituída pelo dr. João Alcides de Avelar, prefeito municipal e fundador do Partido Democrático<sup>30</sup> local, Miguel Spinelli, vice-prefeito, Ernesto Pedroso, Barbosa Ferreira, Mário Vieira Marcondes, José Joaquim de Sant’Anna e Francisco José dos Santos Ruivo.

É nesse cenário de vitória liberal que ganhou peso político regional o médico Philemon Patrículo Ribeiro da Matta, radicado no distrito de Severínia. Philemon, que em diversos artigos publicados no semanário antes do início da

---

<sup>29</sup> Idem. *“A revolução triumphou e a Junta Militar que assumiu o governo da República lançou um manifesto assegurando a terminação da lucta fraticida e inoportuna e a restauração da ordem e tranqüillidade na família brasileira.*

*Devemos confiar na acção do governo provisório e prestigial-o em tudo quanto for possível, afim de que se acabe de vez com essas luctas sangrentas entre filhos da mesma pátria.*

*Si for cumprido á risca o que diz o manifesto, nenhum brasileiro patriota poderá ter motivo para se queixar. Desejamos o restabelecimento da ordem e o desenvolvimento do progresso do paiz. Si até aqui defendemos o governo constituído, continuamos no mesmo propósito apoiando e prestigiando o império da lei, defendendo o direito e amparando a justiça. Pouco nos importa que na direção do governo esteja A ou B; o que nos importa é que o governo seja prestigiado pelo povo, sem se divorciar dos interesses da pátria, sem abandonar a causa do interesse público. Amigos da ordem e do progresso do paiz, combateremos sempre as luctas estéreis e apoiaremos desassombradamente os poderes constituídos. Confiamos na acção do governo provisório e esperemos que o Brasil mantenha o seu prestigio no concerto das nações.*

**VIVA A REPÚBLICA! VIVA O BRASIL!”**

<sup>30</sup> O Partido Democrático foi fundado em fevereiro de 1926, reunindo elementos descontentes com o longo domínio do Partido Republicano Paulista (PRP) nos governos do estado de São Paulo e da República. Seu primeiro presidente foi o conselheiro Antônio Prado, antigo político do Império, agricultor, banqueiro e industrial. Entre seus principais líderes estavam Francisco Morato, Paulo Nogueira Filho e Marrey Júnior, e entre seus membros predominavam fazendeiros e profissionais liberais. Fonte: CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas.

revolução havia declarado seu voto a Júlio Prestes, mudou de posicionamento e tornou-se ardoroso defensor das causas liberais, as mesmas que mais tarde combateria em nome dos ideais integralistas. Em artigo publicado na primeira página do jornal, a vitória dos revolucionários foi saudada por Philemon como uma nova proclamação da República e o alijamento da mais indecente ditadura do mundo.<sup>31</sup> Em Severínia, onde vivia e clinicava, a vitória da revolução foi comemorada até com baile no cinema que se estendeu até altas horas. Philemon da Matta, conhecido como velho liberal fluminense, foi nomeado presidente da Junta Governativa de Severínia e Cesarino de Oliveira, outro futuro integralista, nomeado sub-prefeito. Outros dois importantes futuros integralistas olímpenses, Ruy do Amaral e Ítalo Galli, ainda não estavam engajadas na vida política. Amaral nutria uma vaga simpatia pelo socialismo, mas lembra-se que o pai, Nino do Amaral<sup>32</sup>, achou a revolução uma lástima e Galli acha que a Revolução de 30 foi uma arbitrariedade.

---

<sup>31</sup> MATTA, Philemon da. *A República*. Jornal "Cidade de Olympia", 2 de novembro de 1930. *"Foi, de novo, proclamada a República a 24 de outubro. Como da primeira feita, em que tivemos necessidade da espada de Deodoro, de Benjamin Constant, de Floriano, agora tivemos que nos socorrer também da espada de Tasso Fragoso, de Leite de Castro, de Menna Barreto, inspirados na palavra ardente dos apóstolos da democracia, Getúlio Vargas, Antonio Carlos e o inolvidável João Pessôa. Em 89, as forças armadas confraternisaram com o povo brasileiro e derribavam por terra o throno, e levavam ao exílio a figura austera, bondosa, magnânima de Pedro II. Em 930, essas mesmas forças, identificadas com as aspirações populares, alijam no chão a ditadura mais indecente do mundo e as oligarchias prenes de ladrões dos Estados, e conduzem para a prisão o déspota, cheio de cegas paixões, cujo coração não se apiedava com a desgraça da pátria e de seus irmãos, contando que a sua vaidade fosse plenamente satisfeita. Graças a Deus, a história repetiu-se. E há de se repetir enquanto o mundo for mundo. Onde, a estas horas, está a legião de aduladores que rodeavam o presidente? Era uma vergonha o que se passava no Brasil. O poder era a vontade de um só homem. O Congresso anulava-se por uma incrível subserviência. Era um Congresso de Capachos, de Azeredos. A própria magistratura não inspirava mais confiança. Já começava a haver juizes venaes no Brasil. Era o exemplo mau que vinha de cima, fructificando. A imprensa, válvula de escapamento nesse regimen de misérias, vivia amordaçada. A República de Silva Jardim, de Ruy Barbosa, de Lopes Trovão, dos sonhadores de 89, não existia mais, abolida tacitamente por uma corja de mediocres, de typos desclassificados intellectual e moralmente. Conheço, de perto, muitos delles. E, no meu retiro, amargava de pezar vendo a pátria nas mãos sujas de semelhante quadrilha. Felizmente, porém, foi proclamada de novo a República em 24 de outubro. Que tudo seja para um longo progresso, uma ordem duradoura, uma paz perene entre todos os brasileiros:" SEVERÍNIA – 930. DR. PHILEMON DA MATTA*

<sup>32</sup> O advogado José Benedito Nino do Amaral também foi integralista.



Na foto, primeira página do jornal "Cidade de Olymphia", edição de 26/10/1930, anunciando a vitória da Revolução

## 2.6 A REVOLUÇÃO DE 32 EM OLÍMPIA

A eclosão da Revolução Constitucionalista foi saudada com entusiasmo em Olímpia. O jornal “Cidade de Olympia” trouxe na primeira página a seguinte manchete: *São Paulo a serviço do Brasil!*. O semanário noticiou ainda uma reunião ocorrida no Fórum no dia 15 de julho de 1932, convocada pelo Tenente Antonio Cunha, prefeito municipal, a fim de discutir a organização do policiamento na cidade e a formação de um batalhão de voluntários.<sup>33</sup> No encontro, foi organizada uma comissão composta de dois membros do Partido Democrático, dois do Partido Republicano Paulista e dois neutros que seria encarregada dos preparativos na cidade. Também foi decidido que a prefeitura faria um controle severo no estoque de gêneros de primeira necessidade para evitar abusos, além da criação de uma tabela de preços.

A mesma edição informou que já era grande o número de assinaturas de rapazes de todas as classes sociais para alistarem-se no “Batalhão Paulista de Olympia” e até senhoras haviam comparecido dispostas a seguir “em defesa de São Paulo”.<sup>34</sup> No dia 13 de julho, um comício no Largo da Matriz havia reunido cerca de mil pessoas. O batalhão foi formado e deslocado para a fronteira com Minas Gerais, distante 50 quilômetros de Olímpia, mas nunca chegou a entrar em combate.

A edição do dia 9 de outubro de 1932, publicou o último boletim do general Bertholdo Klinger anunciando a cessação da luta:

*“...No intento de evitar calamidade pública de extensão imprevisível, sobretudo conseqüente maior invasão do Estado, comuniquei ao general Góes que as forças que*

---

<sup>33</sup> *São Paulo a serviço do Brasil!*. Jornal “Cidade de Olympia”, 17 de julho de 1932.

<sup>34</sup> Idem.

*obedecem ao meu commando reconhecem necessidade  
submissão governo União.”<sup>35</sup>*

Com o término do conflito, Olímpia foi abandonada por suas autoridades. No dia 2 de julho, um comício foi organizado no Largo da Matriz para decidir quem a população aceitaria nomear como autoridades provisórias, até que a situação fosse oficialmente decidida. Foram aclamados pelo povo os nomes de Jefferson Pereira, Francisco Zanin e José Gonçalves de Souza.

Os futuros integralistas José Benedito Nino do Amaral, contrário à revolução, ficou preso por dois meses em São Paulo e Ruy do Amaral fugiu para o interior para não ser preso também.

---

<sup>35</sup> *A cessação da lucta*. Jornal “Cidade de Olympia”, 9 de outubro de 1932.

## CAPÍTULO III - A HISTÓRIA DO NÚCLEO DA A.I.B. DE OLÍMPIA

### 3.1 BREVE HISTÓRIA DO SURGIMENTO DA AÇÃO INTEGRALISTA

*“...o integralismo foi, para vários jovens, mais do que um fanatismo e uma forma de resistência reacionária. Foi um tipo de interesse fecundo pelas coisas brasileiras, uma tentativa de substituir a platibanda liberalóide por algo mais vivo.”*

(CÂNDIDO, Antonio. O significado de Raízes do Brasil, In *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. P. 12)

A Ação Integralista Brasileira foi fundada em 7 de outubro de 1932 pelo jornalista e escritor Plínio Salgado, ex-filiado ao P.R.P. – Partido Republicano Paulista. No dia 24 de fevereiro de 1932, São Paulo havia amanhecido manifestando grande agitação popular e um comício monstro em comemoração da Constituição de 1891, dava um indicativo da revolução constitucionalista que seria deflagrada em 9 de julho daquele ano.

No momento em que a enorme massa popular se comprimia na Praça da Sé, um grupo de intelectuais se reunia na redação do jornal *A Razão* sob a chefia de Plínio Salgado, que era o redator principal do diário. Plínio vinha preparando as idéias que dariam vida ao movimento havia um ano, publicando anonimamente a *Nota Política*, duas colunas diárias que analisavam a situação do país e colocava em evidência os pensadores que iriam influenciar a futura Ação Integralista: Alberto Torres, Farias Brito, Euclides da Cunha, Oliveira Lima, Joaquim Nabuco, Tavares Bastos e rememorava os fatos da monarquia e da república. Os artigos fizeram inúmeros admiradores de Plínio pelo país, como d. Helder Câmara, Jeovah Motta,

51

Olbiano de Melo, J. C. Fairbanks e em Olímpia, Philemon Patrículo Ribeiro da Matta.

No dia 24 de fevereiro de 1932, Plínio organizou a Sociedade de Estudos Políticos (S.E.P.), constituída por José de Almeida Camargo, Mario Graciotti, Ataliba Nogueira, Alpínolo Lopes Casali, Antonio Toledo Piza, Iraci Igaiara, Mota Filho, Sebastião Pagano e vários outros. No dia 23 de maio, ocorreu o violento movimento popular contra o governo Vargas e o jornal *A Razão* foi empastelado, pois se posicionava contra a revolução paulista.

Entre maio e julho, Plínio redigiu o Manifesto que lançaria a A.I.B. em outubro. No entanto, a fundação do movimento foi adiada devido a Revolução Constitucionalista e no dia 7 de outubro foi oficialmente fundada a Ação Integralista Brasileira. A A.I.B. se afirmava uma convicção espiritualista e cristã, criticava as revoluções sem doutrina, sustentava o princípio tradicional da pátria, consubstanciado na expressão “Deus, Pátria e Família” e combatia o cosmopolitismo, o comunismo, o liberalismo, o capitalismo, o judaísmo e o sufrágio universal.

A Ação Integralista propunha a implantação do Estado Integral, baseado na concepção integral do homem, a visão global dos problemas e da realidade, em oposição à consideração unilateral e parcial deformante.<sup>36</sup>

Plínio Salgado reuniu em torno do integralismo os movimentos nacionalistas e de tendência fascista que pipocavam pelo Brasil no início dos anos 30. A A.I.B. chegou a reunir mais de 500 mil militantes (alguns autores falam em mais de um milhão), tornando-se o primeiro partido de massa e nacionalmente organizado. Os mais de três mil núcleos integralistas se espalharam por todo o

---

<sup>36</sup> LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. *O Integralismo – Síntese do Pensamento Político Doutrinário de Plínio Salgado*. P. 51.

Brasil. Em Olímpia, o núcleo municipal foi fundado em 1934 pelo estudante de direito Ruy do Amaral. Antes mesmo da fundação, o jornal “Cidade de Olympia” já publicava notícias e artigos sobre o movimento, especialmente por interferência do médico Philemon Ribeiro de Matta.

Plínio e a A.I.B. carregaram ao longo de sua trajetória o estigma de movimento fascista brasileiro, que os camisas-verdes olímpenses assumiram, não como estigma, mas como doutrina.

### **3.2 FUNDAMENTOS DOUTRINÁRIOS DO INTEGRALISMO**

A doutrina integralista alicerçava-se na concepção espiritualista do universo e do homem e acreditava num Deus pessoal e no destino sobrenatural do homem, tanto que a primeira frase do Manifesto de Outubro de 32 proclamava “Deus dirige os destinos dos povos”.<sup>37</sup> Essa crença derivava da primordialidade e na prevalência do espírito sobre a matéria, ou seja, na superposição dos valores da alma em relação às contingências do corpo, pois o homem não poderia procurar alicerce em si mesmo, porque o seu alicerce único seria Deus. Sendo assim, o integralismo defendia o primado do espiritual sobre o moral, do moral sobre o social, do social sobre o nacional e do nacional sobre o individual.

O materialismo constituiria-se, desta forma, a grande corrente que se oporia à concepção espiritualista do universo e do homem defendida pelo integralismo. O movimento propunha uma frente única espiritualista contra a onda avassaladora do materialismo, proclamando a existência de Deus e da alma do homem e não se imiscuindo no que se referia à disciplina religiosa adotada por este

---

<sup>37</sup> *Manifesto de Outubro de 1932*. P. 3.

ou aquele. O Manifesto de Outubro afirmava que o homem deveria praticar sobre a terra as virtudes que o elevassem e o aperfeiçoassem, pois o homem valeria pelo trabalho, pelo sacrifício em favor da família, da pátria e da sociedade.<sup>38</sup> Segundo o integralismo, os homens e as classes deveriam viver em harmonia, tornando possível ao modesto operário galgar uma elevada posição financeira ou intelectual.<sup>39</sup>

#### a) *Nacionalismo*

A Ação Integralista Brasileira definia que a nação surgiria no momento em que a comunidade pátria se movimentasse no sentido da organicidade nacional, que seria o conjunto de personalidades e de grupos naturais, exprimindo-se politicamente numa personalidade coletiva que sabe de onde veio, onde está e para onde vai. A nação, segundo o pensamento pliniano, seria uma grande sociedade de famílias vivendo em determinado território, sob o mesmo governo, sob a impressão das mesmas tradições históricas e com as mesmas aspirações e finalidades. A partir daí, o integralismo conceituava que o verdadeiro Nacionalismo seria aquele postulado pelas próprias prerrogativas naturais da pessoa humana. Na nação, segue o conceito, os princípios fundamentais da liberdade e da responsabilidade do homem e a sustentação doutrinária da autonomia dos grupos naturais, a começar pela família, deveria aceitar a nação e o nacionalismo como um meio de defesa e garantia de sobrevivência dos direitos individuais e grupais. O nacionalismo, explicava o integralismo, seria um instrumento que o homem usaria segundo as normas do Estado e por intermédio de governos legítimos para entender-se com os seus semelhantes em todas as regiões da terra. Seria uma forma de internacionalismo cristão, que não poderia aceitar o internacionalismo de indivíduos,

---

<sup>38</sup> Idem.

<sup>39</sup> Idem.

da utopia socialista, cujos objetivos passariam por cima das nações. No *Manifesto de Outubro*, artigo 4º, O Nosso Nacionalismo, encontra-se o combate ao cosmopolitismo, compreendido como um “mal de morte” para o nacionalismo integralista. Esse combate, continua o *Manifesto*, não significaria má vontade para com as nações amigas ou para com os filhos de outros países, mas aos costumes que estariam enraizados, principalmente, na burguesia embevecida pelas civilizações europeias e norte-americana. O *Manifesto* conclui afirmando: *O nacionalismo para nós não é apenas o culto da Bandeira e do Hino Nacional; é a profunda consciência das nossas necessidades, do caráter, das tendências, das aspirações da Pátria e do valor de um povo.*<sup>40</sup>

Apesar do forte apelo nacionalista do integralismo, a pesquisa desenvolvida por Hélió Trindade sobre os motivos individuais dominantes de adesão à A.I.B. mostra que menos da metade dos camisas-verdes mencionam o nacionalismo como principal motivação. Ruy do Amaral, fundador do núcleo municipal da A.I.B., confessa que nos anos 30 foi seduzido pelo nacionalismo da Ação Integralista Brasileira. Segundo Trindade, o tema do nacionalismo está sempre presente na ideologia, tanto no plano afetivo como no intelectual, tendo um papel central na radicalização nacionalista dos anos 30.<sup>41</sup> O nacionalismo literário, provocado pelo modernismo da década de 20, continua Trindade, politiza rapidamente e o integralismo tornar-se-á a sua encarnação na extrema direita após a década de 30.<sup>42</sup> No discurso integralista em Olímpia, o nacionalismo surge de forma discreta, sem a mesma vitalidade presente na defesa do fascismo e do anti-semitismo ou do combate ao comunismo.

---

<sup>40</sup> *Manifesto de Outubro de 1932*. P. 8.

<sup>41</sup> TRINDADE, Hélió. *Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. P. 152.

<sup>42</sup> Idem.

Os integralistas nutriam a idéia de que o Brasil deveria cumprir uma missão histórica. O núcleo ideológico deste nacionalismo se organizava em torno do culto ao passado, da afirmação da independência e da fé no futuro da Nação, revela Trindade.<sup>43</sup> A origem deste sentimento, conclui o autor de *Integralismo*, vem de uma atitude de retorno ao passado nacional, cujas raízes se encontram na exaltação do habitante primitivo antes da colonização portuguesa: o índio.<sup>44</sup>

Gustavo Corção atribui à palavra Nacionalismo duas acepções diversas e de origens diferentes. Na primeira, nacionalismo significa exaltação mórbida do sentimento de nacionalidade, ou ainda, uma espécie de egoísmo coletivo. Já na segunda acepção, nacionalismo significa política de socialização dos meios de produção, sendo sinônimo de estatismo e oposto de liberalismo.<sup>45</sup> Segundo Corção, os grandes surtos de nacionalismo tiveram sempre a mesma técnica: a exploração, a exasperação do ressentimento coletivo. O líder nacionalista usa sempre o mesmo invariável recurso: convence as multidões de que seus males vêm de fora, das outras nações, continua Gustavo Corção. Se o país tem gloriosas tradições, como a Itália, o ideal será um novo Império Romano que devolva aos italianos o poder e a riqueza de que foram despojados.<sup>46</sup> Já na Alemanha, o ideal proposto foi também do domínio do mundo, mas a motivação buscava bases na crença de uma superioridade racial. Entre nós, conclui Corção, na falta de grandezas passadas e de uma razoável base de uma teoria de superioridade racial, o ideal proposto, mais ainda pelos integralistas do que pelos autores do Estado Novo, foi o de um

---

<sup>43</sup> Idem. P. 255.

<sup>44</sup> TRINDADE, Héglio. *Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. P. 255.

<sup>45</sup> CORÇÃO, Gustavo. *Patriotismo e Nacionalismo*. P. 25.

<sup>46</sup> Idem. P. 26.

naturismo com laivos de indianismo; nosso nacionalismo sempre foi mais uma atitude de isolacionismo emburrado do que de agressividade bélica.<sup>47</sup>

#### b) *Estado Integral*

Sobre o Estado, o integralismo defendia a existência de valores essenciais e valores acidentais. Os valores essenciais seriam independentes do tempo, do espaço e das formas de governo porque estariam inscritos na própria lei natural, enquanto os valores acidentais existiriam em função das circunstâncias geográficas, históricas, econômicas, políticas e sociais de um povo. O Estado, concluía a A.I.B., poderia variar de formas políticas mas não poderia, em face do direito natural, em face da finalidade que Deus teria designado à criatura humana, variar de essência. Assim, a Ação Integralista defendia o Estado Integral, cuja principal característica seria a visão global dos problemas e da realidade, em oposição à consideração unilateral e parcial deformante. Na concepção integral do homem, seria base fundamental do Estado Integral a intangibilidade da pessoa humana e do livre arbítrio de cada um. A pessoa humana seria o ponto de partida e de chegada de todas as cogitações sociais e políticas, o fundamento dos grupos naturais, a fonte do direito e da independência das nações. O Estado Integral opor-se-ia às ditaduras que sacrificariam o homem ao Estado e aos regimes que imolariam o homem e às oligarquias políticas e financeiras. Entendia o movimento ser o Estado Integral capaz de salvar o homem da ditadura cruel do materialismo finalista e da ditadura sem finalidade da plutocracia democrática e das oligarquias políticas e financeiras. O Estado defenderia o indivíduo contra a sociedade e a sociedade contra o indivíduo.

---

<sup>47</sup> Idem.

O *Manifesto de Outubro de 32*, no seu artigo 10º, estabelecia que o Estado Integralista seria livre de todo e qualquer princípio de divisão: partidos políticos, estadualismos em luta pela hegemonia, lutas de classes, facções locais, caudilhismos, economia desorganizada, antagonismos de militares e civis, antagonismos entre milícias estaduais e o Exército, entre o governo e o povo, entre governo e os intelectuais, entre estes e a massa popular.<sup>48</sup>

### c) *Corporativismo*

O sistema corporativo foi um dos principais fundamentos doutrinários da Ação Integralista e fator de aproximação com o fascismo italiano. O corporativismo é uma doutrina que propugna a organização da coletividade baseada na associação representativa dos interesses e das atividades profissionais (corporações). Propõe, graças à solidariedade orgânica dos interesses concretos e às fórmulas de colaboração que daí podem derivar, a remoção ou neutralização dos elementos de conflito: a concorrência no plano econômico, a luta de classes no plano social, as diferenças ideológicas no plano político.<sup>49</sup>

De forma tênue, o corporativismo integralista aparece primeiramente no *Manifesto de Outubro*: “...a Nação precisa de organizar-se em classes profissionais”.<sup>50</sup> O *Manifesto* segue descrevendo que cada brasileiro deveria inscrever-se na sua classe, que seria responsável pela eleição de seus representantes nas Câmaras Municipais, nos Congressos Provinciais e nos Congressos Gerais. Os eleitos para as Câmaras Municipais elegeriam o seu presidente e o prefeito, os eleitos para os Congressos Provinciais elegeriam o

---

<sup>48</sup> *Manifesto de Outubro de 1932*. p. 16-17.

<sup>49</sup> INCISA, Ludovico. *Corporativismo*. In Dicionário de Política. P. 287.

<sup>50</sup> *Manifesto de Outubro de 1932*. P. 4.

governador e os eleitos para os Congressos Nacionais elegeriam o Chefe da Nação.<sup>51</sup>

O Estado Corporativo ou Integral brasileiro, segundo Gustavo Barroso, seria democrático porque os sindicatos, federações e corporações teriam o direito de eleger, pelo voto, seus representantes no governo, diferentemente do Estado fascista, onde os representantes das corporações eram escolhidos pelo governo.<sup>52</sup> O integralismo compreendia que no organismo social os homens fariam parte integrante de grupos naturais, gozando de prerrogativas humanas, estando estes grupos intimamente entrelaçados entre si constituindo a Nação. A democracia orgânica, portanto, tomaria como base não o homem-cívico isolado da liberal-democracia, mas o homem em função dos grupos naturais, protegendo sua personalidade e assegurando sua autonomia. A A.I.B. definia como grupos naturais a família, a profissão, a propriedade e o município.

### **3.3 CRONOLOGIA DO INTEGRALISMO**

Entre 1922 a 1927 ocorre a formação do grupo “Verde-Amarelo” e do “Grupo da Anta”. Até 1927 se amplia o sentimento nacional, com os valores nacionais, onde o “totem” é o sentimento indígena à tupi, onde se distinguem a “Ação Pátria-novista do Brasil”, de Olbiano de Melo e a “Ação Social Brasileira”, de J. Fabrino; de 1928 a 1932 tornam-se nítidos as primeiras postulações integralistas com os manifestos e obras de Plínio Salgado: “O Estrangeiro”; “Literatura e Política”; “República de 1889, “Favorável e Desfavorável”; “A Cidade e a Província” e “A Quarta Humanidade”; os anos de 1932 a 1934 marcam o surgimento oficial da

---

<sup>51</sup> Idem. P. 4-5.

<sup>52</sup> BARROSO, Gustavo. *O que o integralista deve saber*. P. 202.

A.I.B. - Ação Integralista Brasileira. Primeiro, com a criação da S.E.P. - Sociedade de Estudos Políticos (24/02/1932) e do jornal “A Razão”. Em 07 de outubro de 1932, Plínio Salgado, Alfredo Buzaid, San Thiago Dantas, Rui Arruda, Almeida Sales, Alpinolo Lopes Casali e Angelo Simões Arruda <sup>53</sup> fundam a Ação Integralista, em São Paulo; os anos de 1934 a 1937 são o apogeu do Integralismo, com nítida característica de Estado, quando organiza-se em executivos nacional, regional, órgãos consultivos (Câmara dos 40 e Câmara dos 400) e Núcleos Municipais. Os aspectos jurídicos eram julgados pela S.E.P.. Em 10 de novembro de 1937, Vargas fecha o Congresso, impõe a Carta de 1937, extingue todos os partidos políticos, inclusive a A.I.B.. Esta se rebela e conspira; em 11 de maio de 1938 ataca o Palácio Guanabara, com a intenção de depor Vargas e proclamar o Estado Integralista. Mas a intenção fracassa, os rebeldes são dominados, os chefes são presos e fuzilados. Alguns conseguem escapar se refugiando em embaixadas estrangeiras; Plínio Salgado seria preso em 26 de janeiro de 1939 e exilado inicialmente na Fortaleza de Santa Cruz (Niterói) e depois em Portugal até o fim do governo Vargas, em 1945.

### **3.4 A AÇÃO INTEGRALISTA NO SERTÃO**

*“...E nós, camisas-verdes da Pátria, em comunhão de sentimentos, de pensamento, de fé em Deus, na Pátria e na Família, erguemos nossas almas ao Eterno, pedindo-Lhe que nos ajude, como tem ajudado desde o começo da campanha, e esteja presente em nossas reuniões, em nossos desfiles, em nossas excursões de propaganda, em todos os nossos actos, até ao dia da Victória...”*

---

<sup>53</sup> San Thiago Dantas foi membro do Conselho Jurídico Nacional, Rui Arruda “Attaché” do Gabinete do chefe nacional, Almeida Sales foi membro do Secretariado Nacional, Alpinolo Lopes Casali foi secretário.

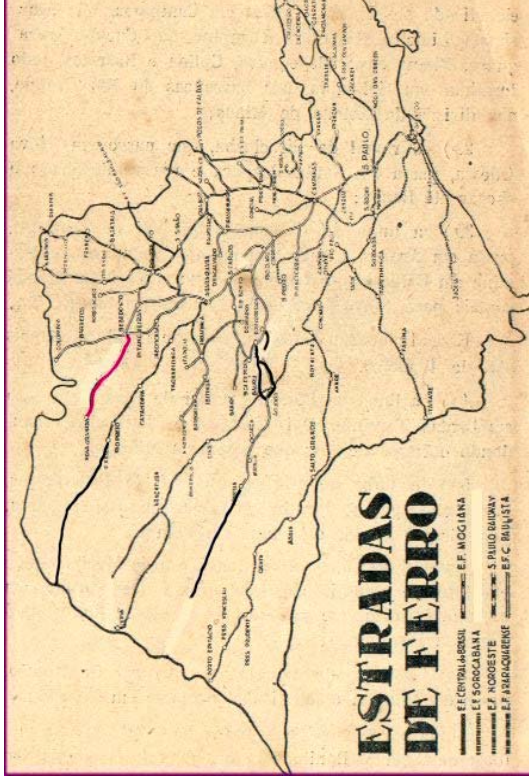
(Trecho da prece em homenagem ao primeiro desfile integralista em 23/04/33 – Jornal “Cidade de Olympia”, 28/04/35)

O município de Olímpia, palco da nossa história integralista, foi fundado no dia 2 de março de 1903 pelo engenheiro escocês Robert John Reid e localiza-se na região noroeste do Estado de São Paulo, distante 448 quilômetros de São Paulo. O município é constituído pela sede e os distritos de Ribeiro dos Santos e Baguaçu, possui atualmente pouco mais de 46 mil habitantes e tem como principal atividade econômica a agricultura (cultivos da laranja e da cana-de-açúcar).

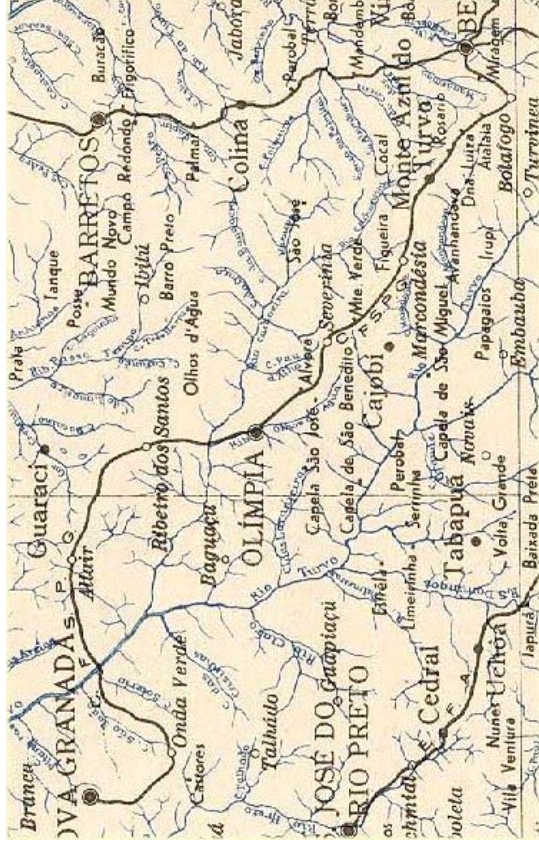
Nas décadas de 20 e 30, Olímpia destacava-se economicamente pelo plantio de café (ultrapassou os 30 milhões de pés), com predomínio das grandes propriedades agrícolas e do trabalho assalariado, sendo um dos maiores produtores do país e em 1924 já ocupava o posto de quarta cidade paulista em movimentação bancária, atrás apenas da Capital, Santos e Campinas.

Segundo a *Revista Agrícola de Olympia*, publicada em 1925, o município, na época formado pela sede, Cajobi, Severínia, Guaraci, Icém e Patos, tinha uma população de 48 mil habitantes, distribuídos por 9.650 quilômetros quadrados, dos quais 7 mil moradores na zona urbana, ocupando mil casas. Havia 519 cafeicultores e 12.868.711 pés de café, sendo que 7% dos cafeeiros pertenciam a estrangeiros, a maioria (203) era italianos. Um relatório organizado pela Prefeitura Municipal referente ao ano de 1929 revelou que a arrecadação da Coletoria Estadual havia sido de 1.216:039\$604. Neste mesmo ano, o município tinha 2.800 eleitores inscritos, a agência dos Correios havia recebido 191.796 cartas, 192.879 jornais e expedido 180.611 cartas e 10.887 jornais, tendo sido vendidos 37:504\$600 em selos.

A presença de imigrantes italianos, espanhóis, portugueses e japoneses no município foi maciça nas referidas décadas. No entanto, não existiu nenhuma relação direta do movimento integralista com a enorme colônia italiana estabelecida em Olímpia.



Mapa das estradas de ferro de São Paulo. No detalhe, em vermelho, o trecho da Estrada de Ferro São Paulo-Goyaz que cortava Olímpia a partir de 1916



Mapa que mostra a região de Olímpia, com destaque para a estrada de ferro entre Nova Granada e Bebedouro



Vista parcial da cidade de Olímpia na década de 1930. A seta mostra a localização do prédio onde funcionou a sede do Núcleo Municipal, no Largo da Matriz

Arquivo Pessoal, 2001

### **3.5 A HISTÓRIA A PARTIR DA MEMÓRIA**

O Núcleo Municipal da Ação Integralista Brasileira foi fundado em 1934 pelo então estudante Ruy do Amaral, que cursava Direito em São Paulo onde se tornou integralista. Amaral era filho do advogado (rábula) José Benedito Nino do Amaral que havia se estabelecido em Olímpia em 1920. A data oficial da fundação não é conhecida, pois não foram preservados os documentos do núcleo. A história pode ser parcialmente reconstruída a partir de depoimentos orais e notícias de jornal. Ainda assim, não há nenhuma notícia no semanário “Cidade de Olympia” que identifique a data exata e nem os detalhes da fundação. No entanto, Ruy do Amaral, na época com 17 anos, conta que decidiu fundar o núcleo da A.I.B. em Olímpia como resultado da sua filiação ao integralismo na Capital paulista: *“De volta a Olímpia comecei a aliciar entre meus amigos, conhecidos, pessoas com quem tinha alguma relação os futuros integralistas, enfim eu fazia uma campanha, propaganda daquelas idéias que eu já tinha adotado como minhas.”*<sup>54</sup> Amaral descreve que constituiu o primeiro grupo de integralistas e que o dirigia porque não havia ninguém na cidade para assumir o posto naquele início de movimento. Apoiado depois por algumas pessoas, Ruy do Amaral organizou uma espécie de diretório, de conselho municipal da Ação Integralista, conseguindo primeiro o apoio de seu pai, Nino do Amaral<sup>55</sup>, indicado para ocupar a chefia municipal provisória. Os primeiros adeptos ao integralismo em Olímpia foram, além de Ruy do Amaral, Nino do Amaral e

---

<sup>54</sup> Ruy do Amaral nasceu em 28 de maio de 1917, em Jacareí, família de São Bento do Sapucaí. Foi advogado, professor do Colégio Dr. Neves e Ginásio do Estado em Olímpia, radialista, escritor de novelas radiofônicas transmitidas pela Rádio São Paulo, animador de programas de auditório de rádio, publicitário, escreveu para a TV Rio, editor, professor universitário no Rio de Janeiro (PUC e UFRJ). Morou em Olímpia de 1920 a 1942 e reside no Rio de Janeiro desde 1952. Concedeu entrevista ao autor em 27 de setembro de 2002, no Rio de Janeiro.

<sup>55</sup> José Benedito Nino do Amaral foi candidato do Partido Socialista Brasileiro à Assembléia Constituinte em 1934, antes de tornar-se integralista, tendo ficado na suplência de deputado federal.

Sebastião Prado<sup>56</sup>. Logo depois da fundação, foi constituído um grupo de camisas-verdes que girava em torno de 30 a 40 militantes, que passou a ter uma atuação um pouco mais destacada na vida política municipal, inclusive apoiando a candidatura a prefeito de Mario Vieira Marcondes, antigo chefe do Partido Municipal Independente. Ruy do Amaral encarregou-se de desenvolver a propaganda do candidato que acabou eleito, sem, no entanto, convidar a A.I.B. para participação direta no seu governo. Na realidade, essa aliança entre os integralistas e o Partido Municipal não teve nenhum ingrediente ideológico, prevaleceram apenas as relações de compadrio, já que Mario Vieira Marcondes era padrinho de Ruy do Amaral. Em relação aos outros partidos existentes na cidade, os camisas-verdes limitavam-se a criticá-los doutrinariamente, sem atingir as pessoas, comenta Amaral.<sup>57</sup>

O único critério estabelecido para ingressar como militante integralista no núcleo municipal era se conciliar com as idéias e manifestar o desejo de se inscrever como camisa-verde, afirma Ítalo Galli.<sup>58</sup> Ruy do Amaral conta que os integralistas se apresentavam uniformizados com a camisa-verde para ajudar a propaganda do movimento no sentido de motivar as pessoas a querer conhecer o que pensavam aqueles indivíduos vestidos de uma forma paramilitar:

*“Os integralistas naturalmente tinham orgulho de se apresentar uniformizados com a camisa-verde, mas era apenas para ajudar a propagando, a idéia, porque as pessoas viam alguém vestido com a camisa, a calça preta, gravata preta, com emblema no antebraço esquerdo, com o emblema do sigma que era o sinal da Ação Integralista, então motivava as pessoas quererem conhecer o que pensavam aqueles indivíduos vestidos de uma forma*

---

<sup>56</sup> Sebastião Prado foi tio de Ruy do Amaral.

<sup>57</sup> Entrevista de Ruy do Amaral.

<sup>58</sup> A informação foi dada por Ítalo Galli, que foi presidente do núcleo municipal.

*paramilitar, que desfilavam não de uma forma militar, porque tão poucos eles eram que não havia nem sequer condições de formar um pelotão.”<sup>59</sup>*

Deonel Rosa lembra que os integralistas andavam sempre uniformizados e faziam questão de serem vistos como integralistas, de serem identificados com a A.I.B. e conclui: “...eles gostavam que nós de fora ficássemos sabendo que eram integralistas, eles adoravam ser integralistas e faziam propaganda, muito embora eles não soubessem falar muito bem, porque não tinham cultura, mas faziam propaganda e faziam pequenos comícios de poucas pessoas, mas insistiam e queriam ser integralistas.”<sup>60</sup>

O fundador do movimento recorda que os integralistas se reuniam no escritório de advocacia de seu pai, no centro da cidade, onde trocavam idéias e estudavam os vários itens do programa da Ação Integralista.<sup>61</sup> Com base nos estudos, os camisas-verdes olimpienses começaram a discutir a possibilidade de ampliar o movimento realizando conferências no Cine Teatro Olímpia<sup>62</sup> e reuniões em casas de outros integralistas.

As conferências<sup>63</sup> foram ao que tudo indica o eixo da propaganda do núcleo da A.I.B., pois eram os eventos que reuniam o maior número de espectadores para ouvir as pregações integralistas. Nas palavras de Luiz Mori Laraia<sup>64</sup>, nesses eventos a mesa era composta de pessoas de alto gabarito cultural e destacavam-se o advogado José Benedito Nino do Amaral, seu filho Ruy do

---

<sup>59</sup> Entrevista ao autor.

<sup>60</sup> Deonel Rosa nasceu em Olímpia em 29 de dezembro de 1921 e morou na zona rural. Concedeu entrevista em 29 de janeiro de 2001.

<sup>61</sup> Entrevista ao autor.

<sup>62</sup> O Cine Teatro Olímpia foi inaugurado no final da década de 20 e tinha capacidade para mais de mil pessoas.

<sup>63</sup> As conferências realizadas no antigo Cine Theatro Olympia também eram chamadas de “eventos culturais”.

<sup>64</sup> Luiz Mori Laraia nasceu em 13 de março de 1924, em Jaboticabal. Foi advogado, professor de História e diretor do jornal “Cidade de Olympia” na década de 1950.

Amaral, o Dr. Ítalo Galli e o cirurgião-dentista Sebastião Prado. Laraia faz questão de frisar que nesses “eventos culturais” feitos para o público olimpiense, participava grande número de pessoas, não só integralistas envergando suas camisas-verdes, como também pessoas simples da população que ouviam as conferências com muita atenção.<sup>65</sup> Leandro Zampieri, simpatizante aos sete anos, chorou ao se lembrar dos eventos integralistas no Cine Teatro Olímpia: “...lembrar o movimento integralista é lembrar uma coisa boa do passado.”<sup>66</sup> A população era convidada a participar das conferências através de panfletagem de pequenos boletins, da propaganda boca a boca e de anúncios no jornal “Cidade de Olympia”. Os eventos no Cine Teatro reuniam em média de 100 a 200 pessoas, a maioria curiosos que apareciam para saber o que era a Ação Integralista, lembra Ruy do Amaral.<sup>67</sup> Contudo, outras pessoas entrevistadas se lembram do local totalmente lotado, como é o caso de Luiz Mori Laraia. É que as informações dadas por Amaral estão relacionadas somente aos primeiros momentos do movimento em Olímpia, logo após a fundação, pois o integralista em seguida foi viver em São Paulo.

Outro evento que dava visibilidade a Ação Integralista na cidade eram as passeatas, geralmente ocorridas após as conferências no Cine Teatro Olímpia. Em muitas delas, havia a participação de camisas-verdes vindos de outros núcleos da região, como de Catanduva e São José do Rio Preto, e dos distritos de Olímpia. Álvaro Sgarbi lembra que as passeatas chegavam a dois ou três quarteirões.<sup>68</sup>

A Ação Integralista Brasileira nunca lançou candidatos oficiais em Olímpia, até porque não chegou a ser registrada em Cartório como partido político. No entanto, o núcleo municipal articulou o lançamento da candidatura de Ítalo Galli a

---

<sup>65</sup> Idem.

<sup>66</sup> Leandro Zampieri nasceu em Olímpia em 1920. É corretor de seguros aposentado.

<sup>67</sup> Entrevista ao autor.

<sup>68</sup> Álvaro Sgarbi nasceu em Olímpia em 1919. É comerciante desde 1946. Concedeu entrevista ao autor em 24 de janeiro de 2001.

deputado estadual, abortada pelo ingresso de Galli na magistratura. Entretanto, alguns integralistas concorreram em eleições municipais filiados a outras legendas, mas defendendo as idéias do integralismo.<sup>69</sup> O camisa-verde José Lapa foi suplente de vereador em 1936 pelo Partido Constitucionalista, mas o chefe provincial da A.I.B., capitão Jehovah Motta, determinou que ele renunciasse caso tivesse que assumir o cargo.<sup>70</sup>

Durante os três anos de atuação do núcleo integralista na cidade não houve incidentes importantes com opositores comunistas ou anarquistas. Os embates doutrinários com os poucos comunistas que existiam na cidade se resumiram a bate-boca no Largo da Matriz sem nenhuma repercussão, disse Ruy do Amaral.<sup>71</sup> Ele lembra que no início do movimento na cidade o caráter anticomunista do integralismo tinha certa repercussão e gerava críticas dos poucos comunistas que existiam em Olímpia, na maioria operários.<sup>72</sup> Já Ítalo Galli disse que nunca houve incidente porque não havia comunistas locais.<sup>73</sup>

### **3.6 AS ATIVIDADES NA SEDE**

O núcleo da A.I.B. funcionou inicialmente no escritório de advocacia de Nino do Amaral situado na Rua Conselheiro Antonio Prado, nº 73, no centro da

---

<sup>69</sup> Ítalo Galli informou que os partidos políticos locais aceitavam que integralistas concorressem defendendo as idéias do movimento.

<sup>70</sup> A resposta da consulta feita pelo núcleo de Olímpia sobre a situação do camisa-verde José Lapa foi publicada no jornal "Cidade de Olympia" de 21 de fevereiro de 1937 e dizia o seguinte: "Ao companheiro Nino do Amaral, Chefe Municipal de Olympia: Anauê! Accusando o recebimento de sua consulta cumpre-me comunicar que o Chefe Provincial determinou que o nosso companheiro, suplente a vereador, deverá renunciar caso seja obrigado a tomar posse do cargo, em virtude de ter sido eleito por outra legenda de partido político. Pelo bem do Brasil, Anauê! a) Waldyr da Silva Prado – Séc. Prov. Corp. S. Els."

<sup>71</sup> Entrevista ao autor.

<sup>72</sup> Idem.

<sup>73</sup> Entrevista ao autor. O mesmo Ítalo Galli informou que o núcleo se tornou regional estendendo-se entre Olímpia e Nova Granada, mas por pouco tempo, pois em seguida veio o Golpe de 37.

cidade. Depois foi transferido para um prédio na esquina do Largo da Matriz, onde era realizada uma sessão por semana aberta ao público em geral, normalmente às quintas-feiras. Neste local o núcleo funcionou como uma espécie de escola onde ensinavam-se obediência, educação moral e cívica e ordem unida, lembra João Ricciardi:

*“A gente marchava, fazia apresentação à bandeira, fazia apresentação das armas, mas era fictícia porque era feita com um pauzinho pequeno, não era para agredir ninguém, era só para fazer o sistema figurado, o gesto que fazia a polícia, o pessoal do Exército com a arma na apresentação à bandeira, na guarda à bandeira. Tinha também os desfiles que a gente participava e tinha as aulas, também os oradores que vinham de fora, que a gente se interessava muito em saber o que estava acontecendo lá fora.”<sup>74</sup>*

Ítalo Galli afirma que a sede abrigava cerca de 100 pessoas e ficava sempre lotada, pois o povo de Olímpia era simpatizante do integralismo.<sup>75</sup> Segundo João Batista Ricciardi, os integralistas eram divididos em crianças, jovens e adultos que participavam de diferentes formas do movimento. As crianças recebiam instrução de obediência e educação moral, que atraía o interesse dos pais.<sup>76</sup> Participavam em média 50 pessoas por faixa etária, inclusive moças. A participação de mulheres no integralismo em Olímpia foi pequena, justificada por Ruy do Amaral pelo fato das mulheres não se interessarem por política e nem ter direito ao voto naquela época: *“...elas apenas apoiavam o movimento quando seus maridos,*

---

<sup>74</sup> As lembranças são de João Batista Ricciardi, que na época morava num palacete vizinho à sede da A.I.B. e participou do movimento aos 9 anos de idade.

<sup>75</sup> Ítalo Galli nasceu no povoado de Marcondésia, município de Monte Azul Paulista, em 20 de agosto de 1913. Foi advogado, desembargador e presidente do Tribunal de Alçada Criminal de São Paulo entre 1972-73. Foi chefe municipal do Núcleo da A.I.B. e chefe regional, quando o núcleo se estendeu de Olímpia a Nova Granada. Concedeu entrevista ao autor em 2 de março de 2001, em São Paulo.

<sup>76</sup> Idem.

*noivos, parentes aderiam e elas por osmose aderiam.*”<sup>77</sup> João Ricciardi recorda que freqüentava a sede todos os dias, entre 13 e 16 horas e as vezes a instrução era marcada para a noite, quando havia a programação de uma conferência. É que os conferencistas sempre chegavam no trem das 17h30m. A sede parecia uma sala de aula, ressalta Ricciardi:

*“Tinha carteira, tinha lousa, não tinha serviço de alto-falante, porque naquela época não usava, mas era uma sala de aula, para aprender mesmo, mas nunca partiu nenhuma ordem assim tipo guerrilha, nenhuma ordem de segundas intenções, partindo para uma violência, nunca se educou separadamente algum núcleo para praticar a violência e nem o integralista se sujeitava a ir atrás do comunista, porque a política era denunciar os comunistas, mas nenhum dos integralistas procurou isto daí, nunca houve um caso de uma pessoa integralista que tivesse denunciado uma pessoa que fosse comunista, isso aí nunca teve.”*<sup>78</sup>

João Ricciardi conta que começou a participar do movimento aos nove anos de idade porque naquela época os estudantes já se interessavam por política. Entretanto, Ricciardi frisou que politicamente não entendia nada sobre o integralismo, mas aprendia a respeitar os mais velhos, a cultura, o ambiente e a posição das pessoas. Ele acredita que os integralistas eram bem vistos pela população e que um moço camisa-verde era alguém muito bem educado, muito bem formado, tinha identidade, era um cidadão.<sup>79</sup> As reuniões eram abertas ao público em geral, nas portas e janelas ficavam os curiosos ouvindo as pregações dos oradores, pois dentro da sede havia um certo número de cadeiras e ninguém ficava

---

<sup>77</sup> Entrevista ao autor.

<sup>78</sup> Entrevista ao autor.

<sup>79</sup> Idem.

em pé nos corredores da sala. Para Ricciardi, o integralismo em Olímpia se destacou por ter sido educativo, competitivo e instrutivo.<sup>80</sup>

Inicialmente o núcleo da Ação Integralista não tinha despesas, funcionava no escritório do advogado Nino do Amaral, onde se reuniam entre 10 e 15 pessoas. Até mesmo os impressos eram feitos utilizando os papéis do escritório:

*“Despesas propriamente não haviam, a sede, como já disse, funcionava no escritório do meu pai, que era advogado e tinha um escritório bastante espaçoso, que dava lugar para reunir ali 10, 15 pessoas para estudar, para trocar idéias, mas no máximo era isso, quando cresceu um pouquinho mais nós partimos para reuniões públicas, mas nós não tínhamos sede e a nossa despesa também, eu aproveitava até os impressos, as resmas de papel almaço que meu pai usava para o exercício da sua profissão e usava para a própria Ação Integralista sem custo para o partido, porque eu apanhava do arquivo do meu pai.”<sup>81</sup>*

Numa segunda fase, quando se transferiu para o endereço do Largo da Matriz, as despesas do núcleo passaram a ser bancadas por contribuições mensais dos integralistas.<sup>82</sup>

A trajetória do núcleo olimpiense foi encerrada do mesmo modo que a Ação Integralista Brasileira: com o Golpe de 37 e a implantação do Estado Novo. No dia seguinte, o núcleo municipal permaneceu fechado com um papel colado na porta, sem que ninguém escondesse ou queimasse a camisa-verde, partisse para a violência ou gritasse mais alto, recorda João Ricciardi.<sup>83</sup> Para Ítalo Galli, o Golpe foi uma surpresa desagradável por ter interrompido um movimento de salvação do país.

---

<sup>80</sup> Idem.

<sup>81</sup> Essas informações são do fundador do núcleo Ruy do Amaral, que participou apenas dos primeiros momentos do movimento em Olímpia.

<sup>82</sup> As informações de Ítalo Galli se referem a uma fase mais atuante do núcleo nos anos de 1936/37.

<sup>83</sup> Entrevista ao autor.

Galli confidenciou que em 1938 quando do Putsch Integralista<sup>84</sup>, no Rio de Janeiro, alguns integralistas olímpenses estavam se armando para aderir ao movimento. Derrotado o Putsch verde, Galli foi chamado à Delegacia de Polícia para depor e negou qualquer movimentação na cidade. As armas haviam sido jogadas no Rio Cachoeirinha, que corta o município.<sup>85</sup> No jornal “Cidade de Olympia” a notícia da “Intentona Integralista” foi assim divulgada:

*“A propósito do golpe integralista verificado na madrugada do dia 11, na Capital Federal, esta folha recebeu do sr. Secretário da Segurança Pública do Estado, por intermédio da delegacia de polícia desta cidade, o seguinte rádio-patrolha: Circular n. 27 pt. – Comunico-vos que houve um golpe de mão integralista na Capital Federal pt As forças armadas estão absolutamente leais ao Governo pt A polícia do Distrito Federal aprisiona no momento grupos esporádicos de integralistas em debandada pt O Dr. Getúlio Vargas vg presidente da República do Palácio da Guanabara vg dirige e orienta todas as autoridades pt O Ministro da Guerra vg o Comandante da 1ª Região e o Chefe de Polícia estão em seus postos pt O Batalhão Naval cerca o edifício Ministério da Marinha que tinha sido ocupado de surpresa vg mantém prisioneiros lá os elementos rebeldes pt Todo país está em perfeita ordem vg aqui absoluta tranquilidade pt DEVEIS DAR AMPLA PUBLICIDADE pt Saúde – DULCIDIO CARDOSO Secretário da Segurança Pública”<sup>86</sup>*

---

<sup>84</sup> O Putsch integralista foi uma tentativa armada de derrubar Getúlio Vargas do poder, em maio de 1938.

<sup>85</sup> Idem.

<sup>86</sup> *Intentona Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 15 de maio de 1938.

### **3.7 A HISTÓRIA DO NÚCLEO ATRAVÉS DO JORNAL**

Sem nunca ter possuído uma publicação específica, o núcleo municipal da Ação Integralista Brasileira serviu-se do jornal “Cidade de Olympia”<sup>87</sup> para divulgar suas notícias e suas idéias à população de Olímpia, pelo menos para a parcela que tinha acesso a leitura do periódico.

Entre maio de 1932 quando foi publicada a primeira notícia sobre a Sociedade de Estudos Políticos e outubro de 1937, data da última notícia da A.I.B., o “Cidade de Olympia” publicou noventa e três notícias e artigos a respeito do movimento integralista. Muitas dessas notícias servem para compor um pouco do mosaico da história da Ação Integralista em Olímpia e das atividades desenvolvidas pelo núcleo local ao longo de sua existência. Este semanário transformou-se numa espécie de órgão oficioso do movimento, mesmo Ruy do Amaral afirmando que o jornal só tenha colaborado com o núcleo por interesse de seus proprietários em dar notícias sobre a cidade e estarem de olho nos anúncios que poderiam surgir e Ítalo Galli garantindo que apenas era feita propaganda por seu intermédio.<sup>88</sup> Entretanto, os comentários feitos pelo órgão após a publicação de notícias sobre a A.I.B. nos permite dizer que, no mínimo, o “Cidade de Olympia” tornou-se simpatizante do movimento. Na edição de 29 de outubro de 1933 o jornal publicou uma nota da Ação Integralista, acompanhada da foto de Plínio Salgado, e finalizou da seguinte forma:

*O “Cidade de Olympia”, acompanhando de perto esses movimentos pela implantação da pátria totalitária, una, indivisível, grande e eterna, tem o prazer de*

---

<sup>87</sup> O “Cidade de Olympia” foi o primeiro jornal a circular em Olímpia no ano de 1918, tendo encerrado suas atividades na década de 1960. O semanário foi fundado por Fidelcino Pinheiro era porta-voz do P.R.P. e posteriormente do Partido Republicano Independente. A partir de 1929 passou a ser um órgão independente. Foi adquirido depois por Luiz Mori Laraia. Grande parte do arquivo perdeu-se e o que resta encontra-se no Museu de História e Folclore de Olímpia e no arquivo pessoal do juiz aposentado Alcy Gigliotti, em Campinas.

<sup>88</sup> Entrevista ao autor.

*honrar suas columnas de hoje estampando o retrato do chefe integralista Plínio Salgado, uma das mais privilegiadas cerebrações do Brasil novo, como pensador, sociólogo, litterato, jornalista e homem de acção e patriotismo insuperável*".<sup>89</sup> Além disso, a maioria dos artigos e matérias sobre o movimento foram publicados na primeira página ocupando um lugar de destaque no jornal.

Antes mesmo da fundação do núcleo, a história do integralismo no município começou a ser escrita por aquele que foi o principal ideólogo do movimento por estas bandas do sertão paulista, o médico Philemon Patrículo Ribeiro da Matta, que clinicava e residia no distrito de Luiz Barreto (atual Severínia). Em maio de 1932, Philemon chegou a ser convidado por Plínio Salgado para tomar parte na Sociedade de Estudos Políticos, que mais tarde viria a ser a A.I.B..<sup>90</sup> O médico não se tornou membro da S.E.P., mas passou a ser o maior propagandista do movimento e a manter estreito contato com a chefia estadual do integralismo. Tanto que Philemon recebia diretamente de São Paulo os mais recentes lançamentos doutrinários, como os exemplares dos *Estudos Integralistas*, editado por um grupo de camisas-verdes.<sup>91</sup> Essas publicações certamente foram imprescindíveis para sustentar o discurso integralista de Philemon da Matta por meio do semanário. Ele foi responsável pela divulgação da A.I.B. através de artigos no jornal "Cidade de Olympia" antes mesmo da fundação do núcleo local, no mesmo ano da fundação do movimento nacional.

Philemon da Matta mantinha contatos constantes com Plínio Salgado, ou participando de suas conferências na região ou através de telegramas, como o que enviou ao chefe nacional em 1934 por ocasião do 1º Congresso Integralista, em Vitória, recebendo a seguinte resposta: "*Dr. Philemon, Luiz Barreto. Insuperável*

---

<sup>89</sup> *Plínio Salgado*. Jornal "Cidade de Olympia", 29 de outubro de 1933.

<sup>90</sup> *A S.E.P.*. Jornal "Cidade de Olympia", 15 de maio de 1932.

<sup>91</sup> *Acção Integralista*. Jornal "Cidade de Olympia", 6 de agosto de 1933.

*entusiasmo Congresso vosso telegramma lido núcleos centraes todos os pontos paiz provocando vibrantes aclamações. Anauê. Plínio Salgado.*<sup>92</sup>

A primeira referência aos integralistas de Olímpia apareceu no jornal em julho de 1934 numa pequena nota de rodapé: *“O Chefe Nacional ordena a todos os integralistas de Olympia e districtos que se qualifiquem eleitores. É de esperar que todos cumpram essa determinação. Breve haverá um desfile de 5.000 camisas verdes em São Paulo.*”<sup>93</sup> E a primeira conferência integralista na cidade que se tem notícia foi realizada no dia 30 de setembro de 1934 no Cine Theatro Olympia com a presença de Alpínolo Lopes Casali<sup>94</sup>, secretário do chefe nacional. O jornal “Cidade de Olympia” anunciou a conferência e previu que o evento atrairia um grande público devido a existência de “muitos soldados deste partido” (A.I.B.) na cidade.<sup>95</sup> Na edição seguinte, o semanário noticiou a realização da conferência, destacando a presença de Alpínolo Lopes Casali, “moço de grande cultura e de profundos conhecimentos de sociologia”.<sup>96</sup> Casali, que na ocasião era candidato à Assembléia Constituinte Estadual, expôs as finalidades do integralismo como o combate às idéias liberais-democráticas e exaltou a figura de Plínio Salgado.<sup>97</sup> O jornal comentou que ao final da conferência o orador foi muito aplaudido pela “enorme assistência que ouvia com interesse e atenção”.<sup>98</sup> Na visita que fez a Olímpia, Alpínolo Casali nomeou Sebastião Prado para coordenar a instalação do núcleo local. No final da matéria, foi lançado um convite a todos os simpatizantes do

---

<sup>92</sup> *Acção Integralista Brasileira*. Jornal “Cidade de Olympia”, 11 de março de 1934.

<sup>93</sup> *Acção Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 29 de julho de 1934.

<sup>94</sup> Alpínolo Casali foi um dos fundadores da S.E.P. e da A.I.B. e sua família residiu na zona rural de Olímpia nos anos 20 e 30.

<sup>95</sup> *Conferência Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 30 de setembro de 1934.

<sup>96</sup> *Conferência Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 7 de outubro de 1934.

<sup>97</sup> Idem.

<sup>98</sup> Idem.

movimento para procurar a sede e se inscrever nas fileiras do integralismo.<sup>99</sup> Tudo indica que neste período o núcleo municipal ainda estava em fase de articulação.

Um artigo de Philemon Ribeiro da Matta apresenta a data entre 30 de setembro e 7 de outubro de 1934 como as mais prováveis da fundação do núcleo olimpiense. No texto, Philemon saudava e parabenizava os camisas-verdes olimpienses pela criação do núcleo, sonho que declarava alimentar havia três anos: *“No coração do município de Olympia, demoram hoje vários camisas verdes; isto é, Olympia hoje possui elementos que, desinteressando-se da política de baixo tomo, olham para bem longe, abrangendo um horizonte largo, inspirados por uma ideologia que vem se impondo no mundo inteiro.”*<sup>100</sup> Philemon havia escrito várias cartas para a sede central da A.I.B. frisando a necessidade de criar um núcleo integralista em Olímpia.<sup>101</sup> O núcleo teria sido organizado a partir da visita de Alpíno Lopes Casali. Para Philemon, a partir daquele momento Olímpia passaria a ter estudiosos que olhariam para o cenário do mundo sabendo interpretar os fenômenos sociais da hora e compreendendo a posição do Brasil entre as nações.<sup>102</sup>

Na edição de 9 de dezembro de 1934 apareceu o primeiro comunicado do recém instalado núcleo da A.I.B., convocando os camisas-verdes a freqüentarem as reuniões às quintas-feiras:

*“Estando passando por uma completa reforma na estruturação do movimento, tem o presente a finalidade de comunicar aos “camisas-verdes” desta cidade que passada a escolha do chefe municipal e seus secretários é necessário que todos os integralistas compareçam às*

---

<sup>99</sup> Idem.

<sup>100</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *Aos Integralistas de Olympia*. Jornal “Cidade de Olympia”, 28 de outubro de 1934.

<sup>101</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *Aos Integralistas de Olympia*. Jornal “Cidade de Olympia”, 28 de outubro de 1934.

<sup>102</sup> Idem.

*quintas-feiras na Sede para estarem sempre ao par das ordens dos superiores e cumpril-as. Isso para que o movimento tenha agora uma fase de expansão, como se processa em todo o paiz. Olympia não pode, com seus moços, permanecer na retaguarda da Mocidade Brasileira. Anauê! Pelo bem do Brasil!”<sup>103</sup>*

No dia 6 de dezembro de 1934 o núcleo realizou a primeira reunião ordinária que definiu a escolha do chefe municipal e dos ocupantes dos demais cargos: Sebastião Prado foi apontado o primeiro chefe municipal (ocupava o posto de coordenador), enquanto o secretariado ficou provisoriamente constituído por Ruy do Amaral, secretário municipal de organização política, Dante Prandini, secretário municipal de finanças, Miguel Pillegi, secretário municipal de propaganda e Jorge Rasan, comandante da milícia municipal.<sup>104</sup> O comunicado publicado no jornal lembrava aos camisas-verdes a obrigatoriedade de comparecer às reuniões nas quintas-feiras às 20 horas.<sup>105</sup>

O núcleo municipal de Olímpia mantinha contato com integralistas de outras cidades da região, em especial os de Catanduva e Barretos, mesmo Ítalo Galli afirmando que não havia o intercâmbio cultural entre eles por serem núcleos recentes.<sup>106</sup> Na segunda conferência proferida por Alpíno Lopes Casali, no dia 30 de dezembro de 1934, o núcleo recebeu a visita do chefe municipal de Catanduva, dr. Ítalo Zacaro, e de vários camisas-verdes que engrossaram a passeata pela cidade após o evento no Cine Teatro Olímpia<sup>107</sup> e durante a reunião ordinária do dia 18 de dezembro de 1937 esteve presente Severino Froner, representando o núcleo

---

<sup>103</sup> *Comunicado da Acção Integralista Brasileira – Núcleo de Olympia.* Jornal “Cidade de Olympia”, 9 de dezembro de 1934.

<sup>104</sup> *Comunicado da Acção Integralista Brasileira – Núcleo de Olympia.* Jornal “Cidade de Olympia”, 16 de dezembro de 1934.

<sup>105</sup> Idem.

<sup>106</sup> Entrevista ao autor.

<sup>107</sup> *Conferência Integralista.* Jornal “Cidade de Olympia”, 6 de janeiro de 1935.

de Barretos, além do advogado Ítalo Galli, nesta época residindo em Bebedouro, que proferiu palestra criticando os sistemas políticos liberais-democráticos e socialistas e fazendo um apanhado geral do que era o Integralismo.<sup>108</sup>

Um fato que chama a atenção sobre o núcleo municipal era o seu constante estado de reestruturação ou reorganização. Já em dezembro de 1934, portanto logo após a fundação, o núcleo teve que ser submetido a uma reforma na sua estrutura<sup>109</sup>, fato que se repetiu em dezembro de 1935 com a renúncia do chefe municipal Sebastião Prado. Em comunicado publicado no semanário, o núcleo informou que o novo chefe municipal seria o advogado Nino do Amaral e completou: *“Entrando na sua nova phase, o integralismo em Olympia sente-se animado a enfrentar todas as dificuldades e vencel-as. Para isso contamos com o apoio firme dos nossos companheiros.”*<sup>110</sup> A questão da reestruturação do núcleo voltou à tona na reunião do dia 25 de dezembro de 1936 com a escolha de novos secretários municipais e o anúncio da mudança de sede. O secretariado do núcleo ficou assim constituído: Sebastião Prado, secretário de organização política, Argemiro Valdrigh, secretário de propaganda, José Lapa e Ângelo Bortolo para outras duas secretarias que não foram especificadas. Os integralistas decidiram realizar festas públicas *“para que todos tivessem conhecimento do avanço integralista”*.<sup>111</sup> A reunião serviu ainda para discutir as eleições presidenciais que estavam marcadas para 1937 e da qual Plínio Salgado seria candidato pela A.I.B.. A nota no jornal *“Cidade de Olympia”* trazia o seguinte comentário sobre as eleições:

*“O Brasil vê com olhos afflictos essa corrida louca pela presidência da República. Nós sabemos que, se os*

---

<sup>108</sup> *Acção Integralista Brasileira*. Jornal *“Cidade de Olympia”*, 21 de fevereiro de 1937.

<sup>109</sup> A notícia do jornal não informa que tipo de reforma estrutural foi feita, mas tudo indica que tenha sido em relação a escolha do primeiro chefe municipal.

<sup>110</sup> *Acção Integralista Brasileira – Comunicam-nos*. Jornal *“Cidade de Olympia”*, 19 de janeiro de 1936.

<sup>111</sup> *Acção Integralista Brasileira*. Jornal *“Cidade de Olympia”*, 3 de janeiro de 1937.

*brasileiros não se prepararem afim de resistir ao turbilhão de paixões que essa luta fará ascender nos corações de todos patricios, teremos o que sempre tivemos: conflictos, subversão da ordem. Onde encontrar ponto de apoio para se fugir ao emaranhado da confusão política da hora presente? No logar em que os homens falem mais em ideologia do que em corridas de ganso... Onde o nome de Deus, Pátria e Família sejam cultuados a todo instante. Onde não se faz apologia do conchavo e do acordo immoral de politicóides sem critério. Onde ouve-se a linguagem angustiosa dos trabalhadores. Onde afirma-se Justiça. E qual é esse logar que há tanta cousa pura? Na modesta sede da Acção Integralista de qualquer cidade...”<sup>112</sup>*

A nota assinada por Ruy do Amaral concluiu: *“Quando o Brasil engrandecido, forte e poderoso, feliz e cheio de progresso, olhar para traz, verá que Olympia também deu o seu quinhão para essa realização. E querem maior prêmio do que esse julgamento da Nação Futura?”<sup>113</sup>*

As eleições presidenciais foram novamente alvo dos integralistas olimpienses numa conferência realizada no dia 29 de agosto de 1937 com as presenças do deputado J.C. Fairbanks e do dr. Paulo Paulista.<sup>114</sup> Entretanto, o semanário não publicou as informações sobre o resultado do evento.

O lançamento do livro *Plínio Salgado* foi manchete de primeira página na edição de 31 de janeiro de 1937. O livro reuniu os mais importantes integralistas para fazer apologia ao chefe nacional, entre eles Gustavo Barroso, Olbiano de Mello, Menotti Del Picchia, Fernando Callage e destaque para Philemon Ribeiro da Matta

---

<sup>112</sup> *Acção Integralista Brasileira*. Jornal “Cidade de Olympia”, 3 de janeiro de 1937.

<sup>113</sup> *Idem*.

<sup>114</sup> *Acção Integralista Brasileira*. Jornal “Cidade de Olympia”, 29 de agosto de 1937.

com o artigo *Como Conheci Plínio Salgado*, que já havia sido publicado no jornal olimpiense em 1934.<sup>115</sup>

A última atividade desenvolvida pelo núcleo municipal da A.I.B. antes do Golpe de Getúlio Vargas, foi uma conferência realizada num bairro de Luiz Barreto conhecido como Baixão, no dia 26 de setembro de 1937. O evento contou com a participação do dr. Ítalo Galli e do Prof. Bove<sup>116</sup>, que teriam falado na presença de um grande número de pessoas, segundo notícia publicada no jornal.<sup>117</sup> A notícia da conferência também foi a última publicada pelo “Cidade de Olympia” sobre o movimento integralista no município e a matéria trouxe o seguinte comentário:

*“Olympia, terra do trabalho, habitada por homens enérgicos e inteligentes, está de atalaia também, escutando a voz dos moços, que é a voz da sinceridade, traduzindo os verdadeiros anseios da pátria, cançado de suffer. Somente o integralismo poderá felicitar o povo e fazer do Brasil uma pátria forte, uma potência de primeira ordem. O Sr. Mangabeira chamou o candidato majoritário de LEON BLUM... Mas não é de Leon Blum, desse disfarçado esquerdista que o Brasil precisa. Somos um povo cathólico, ordeiro, amigo das tradições. E somente uma doutrina que defenda os nossos sentimentos de christão poderá vingar no Brasil.”<sup>118</sup>*

---

<sup>115</sup> *Plínio Salgado*. Jornal “Cidade de Olympia”, 31 de janeiro de 1937.

<sup>116</sup> Não há outras referências sobre este camisa-verde.

<sup>117</sup> *No Baixão – Conferência Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 3 de outubro de 1937.

<sup>118</sup> *Idem*.

Ítalo Galli foi o último chefe municipal do núcleo da Ação Integralista, núcleo que havia se tornado regional se estendendo de Olímpia a Nova Granada, seguindo o caminho da Estrada de Ferro São Paulo - Goiás.<sup>119</sup>

---

<sup>119</sup> Entrevista ao autor.



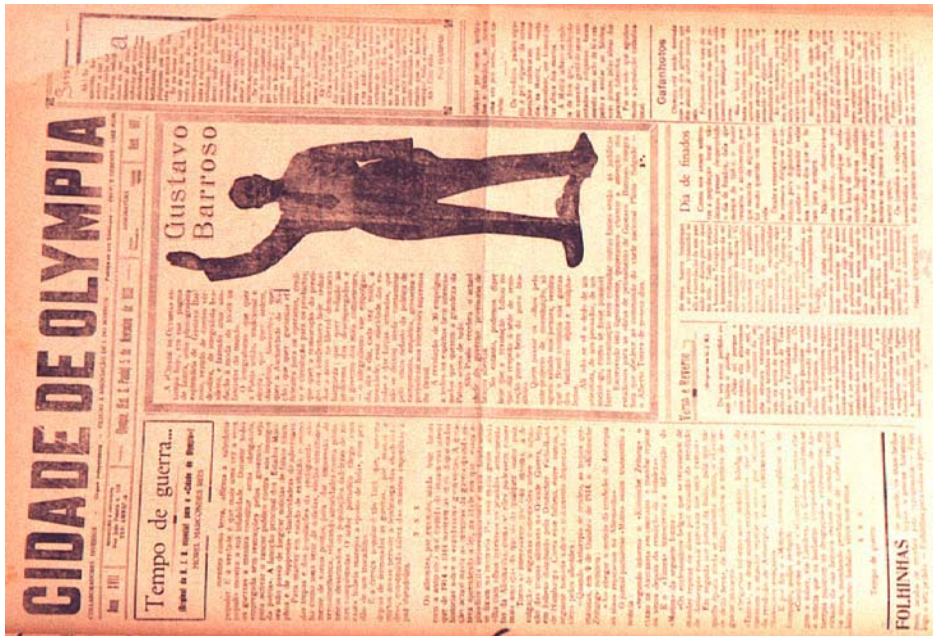


Foto do jornal "Cidade de Olymphia", de 05/11/33, tendo Gustavo Barroso em primeiro plano  
Arquivo Pessoal, 2001



Foto do jornal "Cidade de Olymphia", de 19/11/33, com entrevista de Plínio Salgado  
Arquivo Pessoal, 2001

### **3.8 PHILEMON, AMARAL E GALLI: OS TRÊS PRINCIPAIS CAMISAS-VERDES DO SERTÃO**

O resgate de parte da história do núcleo municipal da Ação Integralista demanda a necessidade de conhecer as trajetórias dos três principais camisas-verdes que militaram no movimento em Olímpia. Philemon Patrículo Ribeiro da Matta foi indiscutivelmente o primeiro integralista olimpiense e o maior ideólogo da A.I.B. no sertão, autor de boa parte dos artigos publicados no jornal “Cidade de Olympia”, além de membro da Câmara dos Quatrocentos<sup>120</sup> da A.I.B., designado em 5 de junho de 1937; Ruy do Amaral foi o responsável pela implantação do integralismo em nível de movimento, o que resultou na fundação do núcleo em 1934 e Ítalo Galli foi o último presidente municipal antes do fechamento da Ação Integralista em 1937. Apesar da importância dos três camisas-verdes para a história do núcleo, o contato entre eles foi praticamente insignificante, não chegando a atuar juntos no movimento. Ruy do Amaral somente conheceu Philemon da Matta numa visita a Severínia, mas garante que não havia influência do médico integralista no movimento em Olímpia e sobre Ítalo Galli tem apenas uma lembrança. Já Ítalo Galli afirma não ter conhecido Philemon e não se recorda de Amaral. A filha de Philemon não soube dizer se seu pai conheceu Amaral e Galli.

O médico Philemon da Matta nasceu no dia 21 de janeiro de 1888 em Campos dos Goytacazes, no Estado do Rio de Janeiro, e morreu vítima de um colapso cardíaco em 28 de agosto de 1968, em São Paulo, onde foi sepultado. Foi casado com Ana de Godoy Ribeiro da Matta, com quem teve seis filhos, sendo dois

---

<sup>120</sup> A Câmara dos Quatrocentos, formada em julho de 1937, era composta de militantes das diversas “províncias integralistas” e poderia se transformar-se na Câmara Corporativa do período transitório, antes da implantação do sistema de corporações.

nascidos no distrito de Severínia. Philemon mudou-se para o Rio de Janeiro aos dezesseis anos, onde formou-se em Farmácia em 1909 e dois anos depois transferiu-se para Lorena onde comprou uma farmácia. No ano de 1923, de volta ao Rio de Janeiro, formou-se em Medicina, tendo sido instruído pelo dr. Miguel Couto. Iniciou a carreira de médico em 1925 na cidade de Borborema, interior de São Paulo, de onde saiu para ser o primeiro médico de Severínia, permanecendo no distrito até 1938, quando mudou-se para São Paulo. Na capital paulista, foi convidado pelo então interventor Adhemar Pereira de Barros, de quem era amigo, para trabalhar como sanitarista do Departamento de Saúde do Estado e ajudar na abertura de postos de saúde pelo interior. Aposentou-se em 1950 como chefe do Posto de Saúde do Brás. A filha de Philemon, dona Maria Thereza de Godoy Ribeiro da Matta, lembra que seu pai deixou a cidade de Lorena para tentar fazer carreira no então sertão paulista em decorrência da alta do café e da fama da riqueza gerada nesta região.<sup>121</sup> Maria Thereza conta que seu pai era, principalmente, uma pessoa muito idealista:

*“Ele não fazia nada por interesse, assim..., pecuniário. Tanto, que quando ele entrou na política em Lorena no tempo do PRP, o Dr. Arnolfo de Azevedo, quis oferecer um cargo de deputado para o papai, o papai disse que não, que ele trabalhava por idealismo e não por interesse. Ele nunca quis nada por interesse, ele fazia tudo por idealismo. Era assim uma pessoa muito romântica, gostava muito de jornalismo, ele foi jornalista no Rio, escrevia poesias, era poeta. Houve uma época em que eu soube que a mamãe tocava piano e ele declamava as poesias do Olavo Bilac,*

---

<sup>121</sup> Maria Thereza de Godoy Ribeiro da Matta nasceu em Lorena, em 29 de março de 1920, formada em Direito pela Faculdade do Largo São Francisco, foi escritora no Fórum de São Paulo. Morou em Severínia entre 1925 e 1938. Concedeu entrevista ao autor em São Paulo no dia 17 de dezembro de 2003.

*“Ouvir Estrelas...” essas coisas toda. Ele era esse tipo de pessoa, muito idealista, muito romântica. Ele era uma pessoa bem da época que ele viveu.”<sup>122</sup>*

Tão idealista, que no consultório de Philemon em Severínia existia uma placa informando os horários em que os pobres eram atendidos gratuitamente: *“Ele não cobrava e quando a pessoa ia e ele via que não tinha condições econômicas, ele dava as amostras e às vezes até o dinheiro para comprar o remédio, porque ele era assim, não fazia nada por interesse em dinheiro.”<sup>123</sup>*

Esse idealismo também figurava na vida política de Philemon, fervoroso adepto do lema integralista “Deus, Pátria e Família”. Philemon “apaixonou-se” por Plínio Salgado e por suas idéias, descreve Maria Thereza. Apesar da pouca idade na época, ela ainda lembra de seu pai vestido com a camisa-verde e do cumprimento Anauê!, ao lado de Cesarino de Oliveira, Dante Prandini e Alpínolo Lopes Casali, em Severínia onde havia um grupo grande de integralistas. Além de seu envolvimento com o integralismo, Philemon também tinha uma atuação destacada na vida política local, chegando a ser ameaçado de morte em Severínia. No jornal “Cidade de Olympia” é possível encontrar artigos do médico sobre os mais diferentes assuntos, desde a campanha presidencial de 1929, passando pela Legião Revolucionária e a A.I.B. até uma apologia a Adhemar de Barros. Philemon também foi jornalista no Rio de Janeiro aos dezesseis anos, onde escrevia para vários jornais. Em Olímpia seus artigos eram assinados ora como Philemon da Matta, ora com as iniciais R.M. e outros com o pseudônimo Don Gil.

Philemon da Matta foi amigo de Plínio Salgado e chegou a ser convidado para compor a Sociedade de Estudos Políticos, fundada em 1932. Era fascista e anti-semita e esses dois temas estiveram sempre presentes em seus

---

<sup>122</sup> Entrevista ao autor.

<sup>123</sup> Idem.

artigos, fato que causou surpresa à sua filha, que afirma jamais ter ouvido Philemon falar a respeito disso. Pouco tempo antes de morrer, Philemon da Matta ainda considerava-se um integralista, conta Maria Thereza.<sup>124</sup> Em artigo publicado no ano de 1937, Philemon concluiu assim seu pensamento sobre a Ação Integralista: “*O Integralismo, saibam os cabeçudos, vae navegando. O povo está cansado de luctas estéreis que nos fizeram colônias de estrangeiros. Quem viver verá, se este foi, ou não, o maior movimento de nossa história...*”<sup>125</sup>

O advogado Ruy do Amaral foi quem implantou o integralismo em Olímpia em nível de movimento e que originou na fundação do núcleo municipal em 1934. Amaral nasceu no dia 28 de maio de 1917 em Jacareí, no interior de São Paulo, mas a família tem sua origem em São Bento do Sapucaí, onde nasceu Plínio Salgado. Formou-se em direito em São Paulo, mas sua trajetória como advogado durou pouco, pois teve como principal atividade a publicidade. Foi professor do Colégio Dr. Neves e do Ginásio do Estado em Olímpia, radialista, autor de novelas radiofônicas transmitidas pela Rádio São Paulo, animador de programas de auditório de rádio, publicitário, atuou na TV Rio e professor universitário no Rio de Janeiro (PUC e Universidade Federal Fluminense). Filho de José Benedito Nino do Amaral, chegou a Olímpia em 1920 com apenas três anos de idade, vindo de Sertãozinho, onde morou até 1942. Desde 1952 reside com a família no Rio de Janeiro.

Apesar de fundador do núcleo municipal, Ruy do Amaral teve uma atuação intermitente no movimento local, pois na época ainda era estudante de direito na capital paulista. Assim mesmo é a partir de suas memórias que podemos entender um pouco mais as engrenagens da Ação Integralista Brasileira no então sertão de São Paulo.

---

<sup>124</sup> Idem.

<sup>125</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *Quem viver, verá*. Jornal “Cidade de Olympia”, 18 de julho de 1937.

Ruy do Amaral teve uma trajetória política relativamente comum e ao mesmo tempo ambivalente nos conturbados anos 30: quando estudante de direito era simpatizante do socialismo; aderiu ao integralismo em virtude de seu sentimento nacionalista e abandonou a A.I.B. para ingressar na chamada Esquerda Democrática. Há exemplos análogos a este na história: Mussolini era socialista antes de criar o fascismo, D. Hélder Câmara foi integralista e acabou perseguido pela ditadura militar acusado de ser comunista e o deputado federal Jeovah Motta deixou o integralismo e passou para a mesma Esquerda Democrática. O próprio Amaral explica as razões de seu ingresso no movimento integralista:

*“Eu devo dizer que a razão principal teria sido meu sentimento nacionalista, de extremo amor ao Brasil e também com relação à vontade que eu tinha de fazer alguma coisa em prol das classes menos favorecidas, vamos dizer, da época seria o socialismo. Mas como havia uma relação entre nacionalismo de direita e nacionalismo de esquerda, assim como um socialismo de direita e um socialismo de esquerda, porque o próprio Hitler denominava o seu partido como Partido Nacional Socialista, daí o nome Nazista. Nesta época eu era estudante de direito, isto por volta de 1933-34, eu estava em São Paulo e tivemos notícia de que havia um comício orientado por sindicalistas de tendências anarquistas, num auditório pertencente a uma sociedade chamada “Circulo Italiano”. Então, nós que tínhamos idéias nacionalistas corremos para lá para desmistificar a pregação anarquista que seria feita naquela ocasião. De certa forma interrompemos a reunião dos anarquistas com apertes, do que eles pensavam de pátria e outras coisas mais. E ouvimos desaforos e reagimos e nessa altura eles nos expulsaram da sala.*”

*Conseqüentemente ficamos em minoria ali fora até que chegou um grupo bem grande para nos apoiar e esse grupo enfrentou também os anarquistas. Um dos líderes deste grupo era um rapaz chamado Loureiro Júnior, que então eu fiquei conhecendo e ele então me disse: você não é integralista? Eu disse não, sou nacionalista e também de certa forma um socialista. Nós somos exatamente isto, nós integralistas. Eu falei o que? É uma instituição, um partido, não chega a ser um partido, mas uma sociedade de brasileiros, que querem implantar no país o regime de ordem e anticomunista.*

*Então me aproximei dele e ele me disse que o Chefe era alguém que se chamava Plínio Salgado. Nessa altura então, eu me identifiquei mais porque eu já conhecia o chefe integralista Plínio Salgado desde menino, quando ele era deputado estadual da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. De maneira então foi mais fácil me identificar com o integralismo e daí a minha adesão a Ação Integralista.”<sup>126</sup>*

O camisa-verde lembra que Plínio Salgado já o conhecia de criança, pois era amigo de seu pai, Nino do Amaral. A partir de seu alistamento na Ação Integralista, Ruy do Amaral passou a receber o apoio de Plínio e em seguida ingressou na juventude integralista.<sup>127</sup> Amaral abandonou o integralismo em 1937, alegando incompatibilidade de idéias com o movimento, a quem acusava de copiar o nacionalismo de fórmulas estrangeiras como o fascismo, o nazismo e o salazarismo e de desejar implantar no Brasil um regime de tirania e de opressão, além de não ser mais o intérprete da revolução que ele imaginava. Em artigo publicado no jornal

---

<sup>126</sup> Entrevista concedida ao autor em 27 de setembro de 2002, no Rio de Janeiro.

<sup>127</sup> Idem.

“Cidade de Olympia”, Ruy do Amaral explicou que quando do seu ingresso na Ação Integralista teve a impressão de que tratava-se de um movimento que encarnava o espírito da revolução brasileira.<sup>128</sup> No entanto, o estudo e a observação o teriam feito modificar seu modo de pensar o integralismo e assegurada certa independência que permitiu seu afastamento do movimento.<sup>129</sup> Afirmando-se democrático, Ruy do Amaral acusou o integralismo de conluio com a classe burguesa e de menosprezar as reivindicações das massas trabalhadoras; criticou o nacionalismo integralista por ele apontado como “água de rosas” e “Geografia Sentimental” de Plínio Salgado, tipo “porque me ufano do meu país”, que, segundo ele, falava em imperialismos do Brasil na América do Sul e que seria sinônimo de opressão; atacou a implantação do corporativismo no Brasil sem que ao menos se entendesse o que era exatamente; condenou a atuação do movimento no sul do Brasil, onde panfletos de propaganda eram escritos em alemão, em Santa Catarina, e onde filhos de italianos vestiriam a camisa-verde como se fora a camisa-preta de Mussolini e filhos de alemães mirariam o sigma sonhando com a suástica.<sup>130</sup> Mesmo diante de tantas críticas, Amaral reconheceu o que chamou de “magnífica experiência integralista no meio indígena”, já que os camisas-verdes trariam consigo, no subconsciente, a carga da revolta contra aquele estado de coisas.<sup>131</sup> O integralista concluiu seu artigo afirmando-se democrata, nacionalista, antifascista e revolucionário.<sup>132</sup>

---

<sup>128</sup> AMARAL, Ruy do. *Razões de uma atitude*. Jornal “Cidade de Olympia”, 13 de junho de 1937.

<sup>129</sup> Idem.

<sup>130</sup> Idem.

<sup>131</sup> Idem.

<sup>132</sup> Sessenta e nove anos depois, Ruy do Amaral lembra com detalhes as razões de seu afastamento do movimento integralista: “*Há uma tendência entre os jovens, normalmente quando interessados em política, em participar ativamente da vida política do país, há entre os jovens, principalmente entre os universitários, uma tendência muito grande em ler os autores de doutrinas políticas que vem desde o socialismo utópico de Fourier até Karl Marx até Lenine, que foi um grande líder soviético e que escreveu inúmeros livros sobre a doutrina marxista, divulgando Marx para as grandes massas, jornalista como ele era. Então essas idéias faziam parte do dia-a-dia dos universitários e nós líamos aquilo e tivemos, inclusive, muitas vezes simpatias por certas idéias socialistas, mas como nós nunca tínhamos lido “O Capital” de Karl Marx e muito menos os livros de Lenine, a não ser um ou outro*”

Por outro lado, Ruy do Amaral esclarece que o rompimento não se deu em nível pessoal com Plínio Salgado, a quem considera autor de romances extraordinários, um grande literato e um escritor que honra nossa literatura. Do integralismo, Amaral guarda apenas memórias muito distantes.<sup>133</sup>

O desembargador Ítalo Galli foi o último presidente do núcleo municipal da Ação Integralista antes de seu fechamento em 1937, chegando até mesmo a ser chefe regional, cuja jurisdição alcançava a cidade de Nova Granada. Galli nasceu no povoado de Marcondésia, município de Monte Azul Paulista, no dia 20 de agosto de 1913, foi advogado, desembargador e presidente do Tribunal de Alçada Criminal de São Paulo entre 1972-73.

Católico fervoroso e membro da Congregação Mariana, Ítalo Galli recorda que seu ingresso na A.I.B. foi influenciado porque a doutrina integralista

---

*artigo que saia publicado nos jornais ou que eventualmente a gente encontrava em livros de tradução espanhola, porque em português acho que até era proibido naquela ocasião, esses livros eram vedados à leitura dos jovens, nós só os obtínhamos através da clandestinidade e então a gente lia obras de Lenine, que eram mais de divulgação dos ideais marxistas, mas sem condições sequer de ler "O Capital", aliás obra de complexidade muito grande, porque trata-se um livro de economia e sociologia, escrito com 5 volumosos livros, que naturalmente exigiriam um curso acadêmico específico dentro de uma universidade para estudar aquela obra gigantesca de Karl Marx e de seu companheiro Friedrich Engels, que era o grande filósofo do marxismo. Assim, nós já tínhamos fermentado dentro de nós um pensamento marxista, que estava de certa forma diluído numa sociedade repressora, que não permitia a menor liberdade para qualquer manifestação neste sentido. Com o surgimento da Revolução de 30 e 32, já agora com expressões maiores de liberdade, então foi possível a nós acadêmicos começarmos a ler alguma coisa a respeito, mas aí mais sobre o prisma do próprio nazismo e do fascismo que faziam sua propaganda, o próprio Jorge Amado num jornal chamado "Meio-Dia", aqui do Rio de Janeiro, escrevia artigos favoráveis a Alemanha nazista e ele era um dos líderes do Partido Comunista, então nós ficamos entre a cruz e a calderinha e aí passamos a ter opiniões divergentes e começamos a questionar dentro do integralismo certos princípios integralistas e com isso fomos nos afastando e constituindo um grupo que acabou se unindo ao único deputado federal eleito pela Ação Integralista, que era o Capitão Jeovah Motta e este deputado federal, que foi eleito sob o signo do ideal integralista, acabou rompendo com a Ação Integralista e quando teve conhecimento que em São Paulo havia um grupo que também pensava a mesma coisa, ele depois de ter renunciado à cadeira de deputado, de uma forma bastante elevada, mostrando grande caráter, ele foi a São Paulo e aí tivemos um entendimento e ele mostrou-se simpatizante das idéias marxistas e nós, de certa forma, também tínhamos alguns pontos de contato com as idéias marxistas. Mas como não chegássemos a nenhum acordo, ele voltou para o Ceará, de onde era deputado, e nós em São Paulo ficamos a deriva, até que surgiu um movimento de esquerda que ainda não se dizia nem sequer marxista, mas apenas de esquerda, que era a chamada Esquerda Democrática, que tinha como grande paladino um deputado chamado Domingos Velasco. Aí então passamos a cultivar essa idéia da esquerda democrática, que depois viria a se transformar no Partido Socialista Brasileiro."*

<sup>133</sup> Entrevista ao autor.

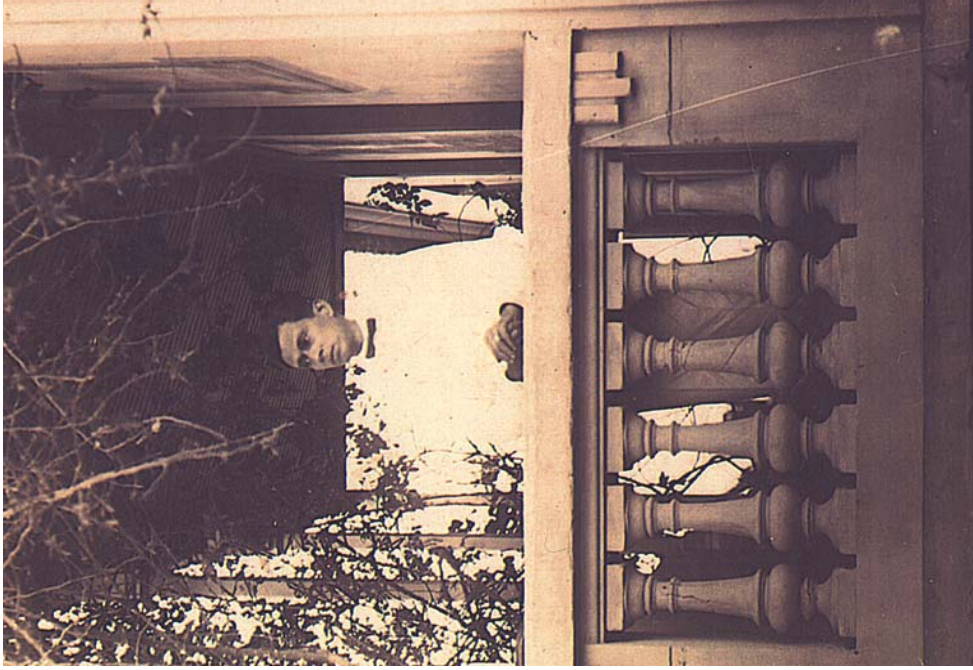
conciliava-se com a doutrina da Igreja Católica, tanto que Plínio Salgado dizia “Deus dirige o destino dos povos”:

*“...de maneira que eu estava certo de que o integralismo seria a salvação do Brasil e tanto isso era verdade que empolgou a mocidade inteira. Os discursos de Plínio Salgado eram fantásticos. Eu me lembro de um discurso que ele fez no Instituto Nacional de Música no Rio de Janeiro: “O Estado Integral é tudo quanto ouvistes da leitura do manifesto-programa e do Manifesto de Outubro, mas para mim eu me compreendo nas horas caladas da noite quando me dirijo a Deus pedindo pela felicidade do meu povo, o Estado inteiro. O Estado Integral é um Estado que vem de Cristo, age por Cristo e dirige-se para Cristo. É o Brasil como uma taça continental que se reverencia e se beija de joelhos”. De maneira que eu tinha formação católica e achei que era a única doutrina que se conciliava com a Igreja e por isso empreendi todos os meus esforços no sentido de difundir essa doutrina. Tive a felicidade de conhecer Plínio Salgado pessoalmente, tanto que ele foi padrinho de meu filho Ivo, que tive o prazer de saúda-lo em Bebedouro quando ele esteve nesta cidade e também quando eu era juiz em São José do Rio Pardo eu o convidei para fazer uma conferência. Pouco antes dele falecer eu fui visitá-lo no hospital e fiz uma pergunta que ele entendeu mal pensando que eu estivesse perguntado se ele tinha medo de morrer: “eu ter medo de morrer! Se eu nasci para servi-lo”. E assim foi a morte dele. Nasceu para servi-lo, foi um dos grandes homens que o Brasil já possuiu.”<sup>134</sup>*

---

<sup>134</sup> Entrevista concedida ao autor em São Paulo no dia 2 de março de 2001.

Ítalo Galli aderiu ao Integralismo quando estudava direito no Rio de Janeiro, mas em Olímpia começou a participar do movimento quando iniciou sua carreira de advogado na cidade, sendo convidado e designado chefe municipal. O encerramento das atividades da Ação Integralista também marcou o fim da carreira política do camisa-verde, que não atuou no P.R.P. – Partido de Representação Popular, fundado por Plínio ao regressar do exílio, por ter ingressado na magistratura. Todavia, Ítalo Galli afirma que continua sendo integralista.



O médico Philemon P. Ribeiro da Matta em sua casa em Severinia, nos anos 30

Arquivo Pessoal, 2002



Ruy do Amaral, fundador do núcleo municipal em 1934

Arquivo Pessoal, 2002



Ítalo Galli, último presidente do núcleo de Olímpia em 1937

Arquivo Pessoal, 2001

## **CAPÍTULO IV - A SOMBRA DO FASCISMO RONDA A A.I.B. EM OLÍMPIA**

*"Antes de transpores esta porta, consulta teu coração: És capaz de renunciar aos prazeres, ambições, interesses, à própria vida, pela grandeza da Pátria? Se ele disser "sim" então entre e encontrarás aqui teus irmãos e tua glória."*

### **4.1 INTEGRALISMO X FASCISMO**

A principal discussão em torno da A.I.B. é sua relação ideológica com o fascismo italiano. Afinal, Plínio Salgado, mentor intelectual do Sigma, era ou não fascista? Até que ponto o fascismo influenciou Plínio na concepção do integralismo? Plínio nunca admitiu ser fascista ou ter sido influenciado por esta ideologia (pelo menos assim propagavam os integralistas), como admitiram outros importantes integralistas, entre eles Miguel Reale e Gustavo Barroso, além daqueles que manifestaram-se através do jornal "Cidade de Olympia".

A maioria dos estudos independentes aponta na direção de considerar o integralismo como um fascismo brasileiro, com destaque para o livro *Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30*, de Hégio Trindade, cuja segunda edição data de 1979. A antítese à teoria da relação entre as duas ideologias parte principalmente do livro *O Integralismo de Plínio Salgado – Forma de Regressividade no Capitalismo Hiper-Tardio*, de José Chasin.

Mesmo não sendo o objeto principal do nosso trabalho, é preciso travar uma breve discussão em torno da relação integralismo-fascismo, até porque a

ideologia integralista aparece irremediavelmente identificada com a italiana nos artigos de camisas-verdes publicados no jornal “Cidade de Olympia”.

No artigo *Repensar o Fascismo*, Ismael Saz Campos demonstra a incessante busca de especialistas na tentativa de desvendar a verdadeira natureza do fenômeno e suas conseqüências radicalmente destrutivas. O fascismo representou o maior desafio à democracia liberal e ao sistema de valores inspirado pela Ilustração, afirma Saz Campos.<sup>135</sup>

É evidente que o integralismo sofreu influências do fascismo, como admitem os próprios integralistas, principalmente as que convencionaram chamar de “exterioridades”. Símbolos, rituais, cerimônias, indumentárias eram meios de fortalecer a presença integralista nos mais distantes pontos do país. Nos anos 30, a propaganda visual era uma maneira de se fazer notar e foi também desta maneira que a Ação Integralista Brasileira conseguiu ser percebida e arregimentar seguidores em lugares como Olímpia, Marcondésia, Monte Azul Paulista, Severínia, Catiguá, no então sertão paulista. Não seria somente a eloqüência de seus intelectuais, que estiveram à frente do movimento em Olímpia como veremos adiante, capaz de cooptar simpatizantes e admiradores, uma vez que a maioria da população vivia na zona rural e, portanto, privada dos mais elementares recursos intelectuais. Ex-integralistas entrevistados por este autor admitem que foram atraídos pelas “exterioridades”. João Batista Ricciardi foi um deles, atraído pela obediência, pela Educação Moral e Cívica, pelos desfiles e pelo “reluzente” uniforme.<sup>136</sup>

As “exterioridades” servem para justificar a comparação ao fascismo, pensa a filha de Plínio Salgado, D. Maria Amélia Salgado Loureiro. Os críticos,

---

<sup>135</sup> CAMPOS, Ismael Saz. *Repensar o Fascismo*. Tradução do Prof. Alberto Aggio.- Perspectivas – Revista de Ciências Sociais. São Paulo, v. 22, 1999.

<sup>136</sup> João Batista Ricciardi nasceu em 23 de junho de 1928 em Olímpia. Foi integralista aos 9 anos, residia numa mansão na esquina da Praça da Matriz, vizinha da sede da A.I.B.. É assistente técnico industrial aposentado. Concedeu entrevista ao autor em 23 de fevereiro de 2001, em Olímpia.

segundo ela, teriam se apegado às exterioridades, o que seria uma faceta secundária. Plínio Salgado nunca teria considerado o Estado fascista como modelo a ser seguido, completa Maria Amélia.<sup>137</sup>

No entanto, Alcir Lenharo afirma que a utilização das imagens (ou “exterioridades” como chamam os integralistas) como dispositivos discursivos de propaganda atendia a finalidades políticas muito claras, que os próprios teóricos do poder não escondiam. Segundo Lenharo, a intenção era espalhar essa carga emotiva e sensorial, de modo a atingir facilmente o público receptor, detonando respostas emotivas que significassem, politicamente, estados de aceitação, contentamento, satisfação, reações passivas e não críticas.<sup>138</sup> Marilena Chauí observou que os integralistas buscavam incessantemente operar com imagens, primeiro porque são um espalhamento ampliado e iluminado da experiência imediata, dotadas da capacidade de unificar aquilo que nesta última aparece fragmentariamente e, segundo, unindo o disperso, a imagem, espelho dos dados imediatos, exclui a reflexão e, simultaneamente, cria a ilusão de conhecimento, graças ao seu aspecto ordenador.<sup>139</sup> Ao estudar o discurso integralista, Chauí conclui que esse procedimento possui também um efeito de cunho psicológico servindo tanto para apaziguar o destinatário pondo em ordem sua experiência, quanto para alarma-lo com a desordem existente no mundo.<sup>140</sup> Portanto, se as “exterioridades” serviram para justificar a comparação do integralismo ao fascismo, como pensava Maria Amélia Salgado, também serviram para propagar os dogmas integralistas: disciplina, ordem, obediência, civismo.

---

<sup>137</sup> Entrevista concedida ao autor no dia 19 de julho de 2001, em São Paulo

<sup>138</sup> LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. P. 16.

<sup>139</sup> CHAUI, Marilena. *Apontamentos para uma Crítica da Ação Integralista Brasileira*. P. 46.

<sup>140</sup> Idem.

A realidade é que a doutrina fascista influenciou os diversos intelectuais do Sigma que abasteciam o jornal “Cidade de Olympia” com artigos integralistas. Vários aspectos deixam evidente essa influência: o anticomunismo, o antiliberalismo, a crítica à plutocracia, ao individualismo, a defesa do totalitarismo, do Estado corporativista, do partido único, o culto ao chefe, o nacionalismo e uma certa idolatria a Mussolini, Hitler e Salazar.

Plínio Salgado durante sua viagem ao Oriente e Europa em 1930, encontrou-se com Benito Mussolini e na carta escrita em 4 de julho ao tabelião de São Bento do Sapucaí, Manoel Pinto, revelou sua admiração pelo que o fascismo fez pela Itália. Plínio revelava na oportunidade que estava estudando muito o fascismo e que não era exatamente o regime que o Brasil precisava, mas coisa semelhante.<sup>141</sup> Em outro trecho da mesma carta, o futuro chefe integralista demonstrava entusiasmo pelo que viu na Itália e afirmava: *“Há outras cousas interessantíssimas aqui. Volto para o Brasil disposto a organizar as forças intellectuaes esparsas, coordena-las, dando-lhes uma direcção, iniciando um apostolado.”*<sup>142</sup> Isso aconteceu em 1932, quando Plínio reuniu algumas forças intelectuais e fundou a S.E.P. – Sociedade de Estudos Políticos, embrião da A.I.B..

No livro *O Integralismo – Síntese do Pensamento Político Doutrinário de Plínio Salgado* o fascismo é considerado inaceitável por ser um regime supressor da liberdade individual e que elimina a representação política.<sup>143</sup> É fundamental dizer que este livro publicado em 1981 tenta ser mais um instrumento que os integralistas usam para dissociar as duas ideologias.

---

<sup>141</sup> Plínio Salgado. 4ª Edição. Edição da Revista Panorama, 1937. P. 18 e 19.

<sup>142</sup> Idem.

<sup>143</sup> LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. *O Integralismo – Síntese do Pensamento Político Doutrinário de Plínio Salgado*. P. 38 – São Paulo. Editora Voz do Oeste, 1981.

Desde a fundação da A.B.I., em 1932, nota-se a preocupação de seus membros com a associação ao Fascismo, já que Plínio Salgado disseminava ser a Ação Integralista um movimento autóctone, livre da influência política européia. A adoção da camisa-verde, por exemplo, é explicada pelo princípio homeopático do “similis similibus curantur”, ou seja, os semelhantes curam-se com os semelhantes: a inoculação de vírus bom no organismo humano combateria o vírus mal, propiciando a cura do paciente infectado.<sup>144</sup> A intenção era combater os movimentos nazi-fascistas que surgiam no sul do país.

Os integralistas afirmavam que o povo não poderia de imediato, compreender as diferenças entre as doutrinas vigentes na época, fascismo, nazismo, comunismo e integralismo, então era necessário chamar a atenção, polarizar o entusiasmo saindo às ruas com uma camisa cor das matas brasileiras e com a saudação extraída dos costumes tupis, Anauê!. A adoção de um uniforme seria o antídoto visando abrasileirar os movimentos alienígenas e impedi-los de formar quistos raciais.<sup>145</sup>

Plínio Salgado procurava demonstrar que ideologicamente integralismo e fascismo se distanciavam, que o movimento brasileiro era uma criação autenticamente nacional, construída para “salvar” o Brasil dentro das suas condições históricas. Entretanto, a adoção de uma simbologia análoga à fascista como meio de combater as ideologias estrangeiras, acabou cooperando ainda mais para a associação entre integralismo e fascismo. Tanto que, se por um lado, essa simbologia ajudou a popularizar o movimento e a atrair militantes, por outro, proporcionou uma crítica mais acirrada dos anti-fascistas.

---

<sup>144</sup> LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. *Plínio Salgado, Meu Pai*. P. 201 – São Paulo. Edições GRD, 2001.

<sup>145</sup> Idem.

Enquanto os integralistas lutavam e ainda lutam para afastar o estigma de fascismo brasileiro, a maioria dos estudos sobre o movimento caminha na direção oposta. É o caso de Héglio Trindade, que transformou sua tese de doutorado num dos mais importantes trabalhos sobre o tema. O clima de paixão política em que sempre estiveram envolvidos os camisas-verdes ou seus adversários explica porque um movimento típico dos anos 30 não fora ainda objeto de uma análise imparcial, argumenta Trindade.<sup>146</sup> Ele afirma em seu estudo que o integralismo aproxima-se muito mais dos fascismos conservadores, o português (Salazarismo), o espanhol (Falange Espanhola) e o belga (Rexismo), em consequência de seu fundamento espiritualista inspirar-se na concepção tradicional da doutrina social católica, em oposição ao espiritualismo vago do fascismo italiano ou do agnosticismo nacional-socialista alemão. Embora afirme ser o integralismo um movimento fascista brasileiro, Héglio Trindade se surpreende pelo fato da ausência de qualquer referência explícita à influência fascista sobre a ideologia brasileira: *a suprema ambição do chefe integralista seria a de construir uma doutrina política original. Além disto, seu nacionalismo chauvinista exaltado seria contraditório com a importação de qualquer dimensão da ideologia fascista.*<sup>147</sup>

Trindade entende que a viagem realizada por Plínio a Europa, em 1930, e seu contato com o fascismo italiano o teriam influenciado na concepção ideológica da A.I.B.. Gumercindo Rocha Dorea lembra que alguns grandes pensadores brasileiros colocavam o fascismo como a solução para o Brasil e que Plínio jamais disse ser o fascismo a solução para o Brasil, podendo somente ter servido de inspiração.<sup>148</sup>

---

<sup>146</sup> TRINDADE, Héglio. *Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. P. 1.

<sup>147</sup> Idem. P. 199.

<sup>148</sup> Gumercindo Rocha Dorea nasceu em Ilhéus (BA) em 04 de agosto de 1924, é editor e proprietário das Edições G.R.D.. Concedeu entrevista ao autor em 19 de julho de 2001, em São Paulo.

O autor de *Integralismo* defende que a simpatia de Plínio pelo fascismo teria influenciado suas idéias e que sua opção em favor da extrema-direita colocou-o numa posição paradoxal, pois ao mesmo tempo em que manifestava uma simpatia mais declarada pelos fascismos, procurava conceber um regime original para o Brasil.<sup>149</sup> Trindade revela que o anticomunismo e a simpatia pelo fascismo europeu foram os principais motivos individuais para a adesão ao integralismo.<sup>150</sup>

Ângelo Trento identifica o nacionalismo chauvinista de Salgado como fator de distanciamento entre as duas ideologias, apesar de também ver identidade entre as doutrinas. Apesar da evidente identidade de matrizes, a diplomacia italiana via no nacionalismo integralista elemento de conflito entre as doutrinas. O autor de *Fascismo Italiano* aponta estreitas relações entre o movimento integralista e o governo fascista italiano, mesmo com a desconfiança inicial do último, que descrevia Plínio como pessoa incompetente politicamente.<sup>151</sup>

Talvez Plínio Salgado tenha deixado para outros integralistas a liberdade de expressar sua simpatia pelo fascismo, casos de Miguel Reale e Gustavo Barroso e a maioria dos que escreveram para o jornal “Cidade de Olympia”, enquanto propagava sua ideologia como autóctone, isenta de qualquer influência estrangeira.

As características entre fascismo e integralismo, no campo das idéias, mais se aproximam do que se distanciam. Os principais fatores de distanciamento foram o imperialismo e o militarismo, extremamente marcantes no fascismo. Todavia, é preciso ressaltar as diferenças históricas, geográficas e econômicas entre os dois países. No Brasil da década de 30 vivendo seu “tempo de lugar”, fora do

---

<sup>149</sup> TRINDADE, Hélijo. *Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. P. 95.

<sup>150</sup> Idem. P. 152.

<sup>151</sup> TRENTO, Ângelo. *Fascismo Italiano*. P. 79.

“tempo do mundo” vivido na Europa, não cabia a defesa do imperialismo e do militarismo.

Ao analisar os artigos de integralistas publicados no jornal “Cidade de Olympia”, nota-se uma indisfarçável simpatia pelo fascismo e uma valorização dos líderes Mussolini, Hitler e Salazar. Na verdade, os integralistas que escreviam para o periódico mais pareciam compor uma espécie de *fascio di combattimento*, tamanha a exaltação aos princípios fascistas e a visão de que o integralismo como um mimetismo fascista representaria a salvação da pátria.

No artigo intitulado *Nós e os Fascistas*, publicado em 1936 na Revista *Panorama*, Miguel Reale definiu as relações existentes entre o integralismo brasileiro e o fascismo europeu: “*Nada de extraordinário, por conseguinte, que sejamos brasileiros, nacionalisticamente brasileiros, e, ao mesmo tempo, apresentemos valores que se encontram também em movimentos fascistas europeus, como o de Mussolini, de Hitler e de Salazar*”.<sup>152</sup>

O integralismo pode ter sido um simulacro do fascismo, uma reprodução propositadamente imperfeita de uma ideologia que se encontrava no auge do debate político da época e que, naquele momento histórico, na esteira do embate com o comunismo, da crise do capitalismo e da democracia e da crítica violenta ao liberalismo, poderia servir aos interesses e à ambição de Plínio em chegar ao poder no Brasil, descontente que estava com os rumos tomados pela Revolução de 30. Mas, por outro lado, uma reprodução adaptada às condições política, econômica, social e geográfica do Brasil e respeitando seu tempo do lugar em relação ao tempo do mundo vivenciado na Europa.

---

<sup>152</sup> REALE, Miguel. *Nós e os Fascistas*. Revista *Panorama*, 1936.

José Chasin representa a antítese à idéia de mimetismo e prefere condenar Plínio e o Integralismo não por aquilo que seus inimigos entenderam ou puderam entender que fossem.<sup>153</sup> O autor de *O Integralismo de Plínio Salgado – Forma de Regressividade no Capitalismo Hiper-Tardio* busca entender o movimento pliniano a partir da análise do discurso ideológico de Salgado como escritor, deputado perrepista e jornalista e acusa outros autores de primarem em desconhecer por completo os argumentos de Plínio afirmando a originalidade de seu pensamento.<sup>154</sup>

Analisando o discurso pliniano, Chasin percebe que o chefe da AIB, quase trinta anos depois do movimento, concluiu que: *A maior parte dos que se enfileiraram no movimento integralista deixaram-se dominar pelas exterioridades, escapando à influência das idéias-fontes, portadoras das energias criadoras e independentes de representações adequadas a determinado momento histórico.*<sup>155</sup> Assim, torna-se evidente que as exterioridades criadas por Plínio, seja para combater os movimentos nazi-fascistas no Brasil, seja para disseminar o seu movimento, acabaram sendo elementos fundamentais na cooptação de militantes, talvez muito mais do que as idéias, nem sempre compreendidas a fundo pelas massas. Enquanto os intelectuais debatiam no campo das idéias, como em Olímpia onde as expunham pelo jornal, a maioria dos seguidores do Sigma era atraída pelo uniforme, pelas passeatas, pelos ritos e símbolos e pelo anticomunismo. Defensor de que os intelectuais deveriam estar no poder e crítico do sufrágio universal, pois acreditava que o voto universal favorecia a vitória dos que dispunham de mais

---

<sup>153</sup> CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado – Forma de Regressividade no Capitalismo Hiper-Tardio*. P. 8.

<sup>154</sup> Idem. P.33.

<sup>155</sup> Idem. P. 78-79.

dinheiro, Plínio talvez não tenha se preocupado com esse fato ou somente o tenha percebido tarde demais.

Chasin observa que são do período em que Salgado escrevia artigos para o jornal *A Razão*, as manifestações mais simpáticas ao fascismo. Porém, elas se efetuam dentro de um quadro pliniano de referência doutrinária, isto é, a leitura e a apreciação do fascismo se dá no itinerário dos parâmetros ideológicos do integralismo, ficando à margem e inobservados os do próprio fascismo.<sup>156</sup> O que o autor procura mostrar é que para o integralismo, o fascismo é mais uma forma de ressaltar que a crise e a recusa ao liberalismo são fenômenos internacionais. O fascismo aparece predominantemente como pano de fundo do teatro mundial e funciona na argumentação pliniana do período como reforço para suas próprias posições, como a desmentir antecipadamente que seu próprio pensamento seja um mero exotismo, como a indicar que seu ideário faça parte do que há de “novo” no mundo.<sup>157</sup>

Plínio compreendia que a humanidade estava ajoelhada diante de três altares: o altar da Máquina (capitalismo e comunismo), o altar da Nação (nacionalismo, social-nacionalismo, fascismo, integralismo, etc.) e finalmente, o altar de Deus. Sendo assim, o chefe nacional colocava fascismo e integralismo lado a lado como doutrinas, não idênticas, mas que buscavam alternativas à crise internacional e ao liberalismo.

Uma visão posterior do integralismo sobre o fascismo pode ser encontrada no livro *O Integralismo – Síntese do Pensamento Político Doutrinário de Plínio Salgado*, publicado em 1981 :

---

<sup>156</sup> Idem. P. 413.

<sup>157</sup> Idem.

*O Integralismo considera o fascismo um regime de circunstância, aparecido na Itália no momento em que o Comunismo avançava assustadoramente, ameaçando a integridade daquela Nação. Não tinha uma doutrina fixa, como o Nazismo. Sua preocupação era o combate ao comunismo. Uma vez no poder organizou o Estado baseado no corporativismo católico, absorvendo o partido cristão de D. Stulzo, no nacionalismo pregado pelo partido desse nome e tradições históricas do povo italiano e seus ancestrais romanos. Tentou debalde dar ao movimento um conteúdo filosófico, por esforço de alguns intelectuais como Giovanni Gentile, mas o sentido político do regime foi pragmático, mais preocupado com as realizações administrativas.*<sup>158</sup>

Ainda de acordo com o livro, o comunismo denomina fascista a quantos lutam contra sua ideologia por ter sido o primeiro movimento pequeno-burguês que se ergueu contra ele. E conclui que a Enciclopédia Soviética define o fascismo como “qualquer ação contrária à revolução do proletariado”.<sup>159</sup> Para o Sigma “moderno”, nazismo e fascismo não são idéias oriundas do século XX. Tanto um como o outro são remanescentes das idéias do século XIX, inadequadas ao nosso tempo. Portanto, o Integralismo, uma doutrina do século XX, pelo seu sentido de síntese e critério de co-relações dos fenômenos econômico-sociais, jamais poderia aceitar o tipo de Estado fascista ou nazista. Além disso, se o Integralismo considera o Estado uma criatura da Nação, não pode aceitar qualquer doutrina que superponha o Estado à Nação, o menor não pode absorver o maior.<sup>160</sup> Estas são

---

<sup>158</sup> LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. *O Integralismo – Síntese do Pensamento Político Doutrinário de Plínio Salgado*. P. 38.

<sup>159</sup> Idem.

<sup>160</sup> Idem.

conclusões extraídas pelo movimento após a derrota do fascismo na Segunda Guerra Mundial e a extinção oficial da A.I.B. pelo Estado Novo.\*

Como observou Renzo de Felice, parece cada vez mais evidente que, se os vários fascismos tiveram vários aspectos em comum, sentiram a necessidade de se apoiar uns aos outros e acabaram por ter a mesma sorte, nasceram, contudo, de situações e exigências muito diferentes, e cada um deles teve e manteve tais particularidades que se torna difícil, do ponto de vista histórico, falar de um fenômeno efetivamente unitário.<sup>161</sup>

#### **4.2 O FASCISMO INTEGRALISTA NO JORNAL “CIDADE DE OLYMPIA”**

Se por um lado os integralistas atualmente tentam dissociar integralismo e fascismo, o mesmo não acontecia com os camisas-verdes que escreviam para o jornal “Cidade de Olympia”. Os artigos deixam transparecer que os seguidores do Sigma no sertão tinham plena consciência de estarem participando de um movimento de tendência fascista e assim manifestavam suas esperanças de que

---

\* Em contato com este autor Héglio Trindade fez uma análise do conteúdo das entrevistas e da tese defendida por José Chasin: *“Essa aparente contradição entre as entrevistas é esperada. Cada dia que passa, com a derrota do nazi-fascismo, a tendência é separar as “exterioridades” do pensamento de Plínio. Como se trata de um autor prolixo não se pode reduzir tudo ao fascismo, especialmente o que escreveu no exílio português (Vida de Jesus, etc.) e a reedição encadernada de seus livros dos anos 1950, onde foram alteradas todas as expressões comprometedoras (tenho uma nota na minha tese sobre o assunto). Isto explica o discurso dos teus entrevistados, aliás, foram discutir comigo os mesmo argumentos por ocasião da inauguração do arquivo de Rio Claro e os enfrentei com sucesso. Mas o mais grave é o Chasin, que vindo da esquerda embarcou numa canoa furada. Primeiro, porque reduziu o integralismo ao Plínio e esqueceu de Reale, Barroso, etc. Segundo, porque leu a reedição de 1950 e caiu no discurso “renovado”, onde o partido único, o sindicato único, o corporativismo evaporaram. Terceiro, fez uma análise dogmático-dedutiva: se o “capitalismo era hiper-tardio” no Brasil, não poderia teoricamente haver fascismo, logo presta um serviço para os integralistas: tudo que pudesse ser confundido com fascismo diz que é “tático” para beneficiar-se do prestígio do fascismo. Só tem uma saída: testar a hipótese de vários ângulos (ideologia, base social, organização, atitudes) e ter a possibilidade de entrevistar os “velhos” que confessavam terem sido realmente fascistas “brasileiros”. Diante dos fatos não há argumento. Foi o que tentei fazer.”*

<sup>161</sup> FELICE, Renzo de. *Explicar o Fascismo*. P. 22.

Plínio Salgado viesse a ser o “nosso Duce, o nosso Führer, o nosso Salazar”. Em quase todos os artigos redigidos por integralistas locais, estaduais e nacionais encontram-se referências ao fascismo, sem existir a preocupação de disseminar o integralismo como uma doutrina autóctone. A “salvação” da Itália, Alemanha e Portugal pelo fascismo pareceu servir de estímulo aos camisas-verdes, que enxergavam na A.I.B. a transposição do movimento “salvacionista” europeu para o Brasil.

Intelectuais como Philemon Patrículo Ribeiro da Matta não dissimulavam sua profunda admiração pelo nazi-fascismo, numa evidente adesão ao integralismo por ser doutrinariamente ligado ao movimento italiano. O próprio jornal “Cidade de Olympia” parecia nutrir simpatia pelo fascismo: primeiro, porque apoiava o integralismo e identificava-o como fascismo brasileiro e, segundo, porque a partir das primeiras notícias sobre o surgimento da Ação Integralista, o periódico deixa de publicar artigos criticando o fascismo, mesmo que seu último diretor, Luiz Mori Laraia, afirme que o jornal não era simpatizante do Integralismo. Entre 1932, ano da fundação da Sociedade de Estudos Políticos e da Ação Integralista Brasileira, e 1937, data do fechamento da A.I.B. pelo Estado Novo, foram publicados 93 artigos e notícias sobre o Sigma, a maioria em primeira página.

Ao contrário dos jornais integralistas, o “Cidade de Olympia” não vinculava as notícias locais ao movimento. O órgão se limitava a abrir espaço às notícias e artigos escritos por camisas-verdes, mas deixando claro em seus comentários a simpatia pela A.I.B.. Na maioria dos artigos, é visível a preocupação dos autores com as principais questões nacionais e internacionais da época, a democracia, o liberalismo, o capitalismo, o comunismo, o fascismo, o anti-semitismo e o sufrágio universal, temas sempre recorrentes em seus artigos.

No livro *Integralismo – Ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*, Rosa Maria Feiteiro Cavalari afirma que a palavra impressa ocupava um lugar de destaque na rede constituída pela A.I.B. e era, principalmente, por seu intermédio que a doutrina integralista chegava até ao militante.<sup>162</sup> Segundo a autora, uma primeira olhada nos jornais produzidos pelo movimento evidencia que o objetivo da imprensa integralista era a doutrinação.<sup>163</sup>

Sem fazer parte da imprensa oficial integralista, o jornal olimpiense tinha as mesmas funções: divulgar a ideologia e doutrinar. Os primeiros artigos publicados no “Cidade de Olympia” divulgavam os princípios do movimento, principalmente, os contidos no *Manifesto de Outubro de 1932*, passando posteriormente a publicar artigos doutrinadores e notícias sobre o Núcleo Municipal de Olímpia.

O estudo de Rosa Cavalari teve como base os jornais integralistas disponíveis no Arquivo Público Municipal de Rio Claro, enquanto este trabalho parte da análise do discurso integralista num jornal não comprometido diretamente com o movimento. Através dele é possível se ter uma visão do que pensavam camisas-verdes do interior sobre a relação fascismo-integralismo.

O ano de 1929 marcou a abertura de espaço pelo jornal “Cidade de Olympia” para a publicação de um artigo escrito pelo futuro chefe nacional da A.I.B., Plínio Salgado. Com o título *Júlio Prestes e a Nação*, publicado na edição de 27 de outubro, Plínio defendia a candidatura do então presidente de São Paulo à presidência da República: “*Júlio Prestes não deve mais ser encarado como um candidato de partido, e sim como um candidato da Nação. Seu nome não representa*

---

<sup>162</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo – Ideologia e Organização de um Partido de Massa no Brasil (1932-1937)*. P. 79 – Bauru. Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2000.

<sup>163</sup> Idem. P. 80.

*uma formula partidária, mas uma solução aos interesses magnos da República.*”<sup>164</sup>

Ainda em 1929 Plínio era filiado ao Partido Republicano Paulista, com quem romperia em 1930 para mais tarde criar seu projeto político. Analisando este artigo, é possível perceber a frustração que teve Plínio Salgado com a Revolução de 1930.

No mesmo ano da Revolução, Plínio já era reconhecido como escritor nacionalista, pois como deputado havia apresentado ao Congresso Estadual um projeto de lei instituindo um concurso anual para escritores de obras literárias infantis, poesias e canções brasileiras. O reconhecimento pelo “gesto de elevado patriotismo” partiu de Manuel Mendes no artigo intitulado *O Brasil de Amanhã*, publicado na edição de 19 de janeiro de 1930.<sup>165</sup>

Antes da fundação do movimento é importante perceber a convergência de idéias daqueles que mais tarde se tornariam integralistas e um bom exemplo é o do médico Philemon Ribeiro da Matta. No artigo *A Nossa Pá de Cal*, Philemon confessava seu desprezo pelos poderosos e manifestava seu nacionalismo ao declarar seu “amor pelo Brasil.”<sup>166</sup> Philemon criticava os governos despóticos de Epitácio Pessoa, Artur Bernardes e Washington Luís e suas “toneladas de mazelas”. Sua crítica estendia-se aos que preferiam o comunismo de Luiz Carlos Prestes: “...soldado de valor que admirávamos, porque nelle pulsava um coração ardente de patriota, mas sobre quem agora depositamos a nossa pá de cal pelas idéias comunistas de seu manifesto”.<sup>167</sup> Duas importantes convergências ideológicas dos futuros camisas-verdes podem ser observadas aí, o nacionalismo e o anti-comunismo.

---

<sup>164</sup> SALGADO, Plínio. *Júlio Prestes e a Nação*. Jornal “Cidade de Olympia”, 27 de outubro de 1929. S/P.

<sup>165</sup> MENDES, Manuel. *O Brasil de Amanhã*. Jornal “Cidade de Olympia”, 19 de janeiro de 1930. S/P.

<sup>166</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *Nossa Pá de Cal*. Jornal “Cidade de Olympia”, 08 de junho de 1930. S/P.

<sup>167</sup> Idem.

Entretanto, também existiam divergências políticas entre Plínio Salgado e Philemon da Matta. Enquanto Plínio defendia a eleição de Júlio Prestes e se decepcionava com a Revolução de 30, Philemon da Matta (que antes havia declarado voto a Prestes) saudava o episódio como uma nova proclamação da República, em artigo publicado no dia 2 de novembro de 1930:

*“As mesmas forças identificadas com as aspirações populares, alijam no chão a ditadura mais indecente do mundo e as oligarchias prenhes de ladrões dos Estados, e conduzem para a prisão o déspota, cheio de cegas paixões, cujo coração não se apiedava com a desgraça da pátria e de seus irmãos, contanto que sua vaidade fosse plenamente satisfeita.”<sup>168</sup>*

Tempos depois, Plínio Salgado e Philemon da Matta tornar-se-iam amigos e defensores das mesmas idéias, mais tarde perseguidas por Getúlio Vargas. Mas se Plínio tentou propagar a autenticidade de seu projeto político, o mesmo não se pode dizer de Philemon, sem dúvida o maior propagandista no sertão da relação entre integralismo e fascismo.

No ano de 1931, o jornal “Cidade Olympia” publicou alguns artigos contrários ao fascismo italiano. O primeiro deles foi uma transcrição feita do jornal “Diário de São Paulo” de um artigo escrito pelo anti-fascista italiano Mario Mariani. Em *Distinções e Responsabilidade*, Mariani fez duras críticas à violência fascista e à arrogância das autoridades italianas no Brasil. A transcrição deste artigo acabou provocando revolta de parte da comunidade italiana de Olímpia, que em represália cancelou a assinatura do jornal “Cidade de Olympia”. Partindo desse fato, um certo João de Olímpia publicou um artigo intitulado *Com o “Fascio”*, censurando a demasiada expansão do fascismo no Brasil e, especialmente, em São Paulo. O texto

---

<sup>168</sup> Idem. *A República*. Jornal “Cidade de Olympia”, 02 de novembro de 1930. P. 1.

atacava a perseguição implacável promovida pelo “deus fascista” contra os antifascistas ou mesmo àqueles que apenas se opunham à doutrina. João de Olímpia manifestava seu temor de que a propaganda fascista “armasse sua tenda nos campos da política brasileira”.<sup>169</sup> O fascismo voltou a ser criticado e julgado como abominável como tudo que suprime de modo completo a liberdade num artigo assinado pelo médico T. Miranda, para quem não haveria lugar algum onde pudesse germinar outro fascismo e surgir outro Mussolini: “...*Em todos os outros países do mundo para onde se ensaiou transplantar o fascismo, a tentativa foi coroada da mais amarga decepção.*”<sup>170</sup> Em carta endereçada ao diretor do semanário, Miranda fazia alusão à intolerância dos fascistas olimpienses, que não aceitavam críticas ao fascismo e ao Duce.

O último artigo criticando o fascismo foi publicado no ano de 1931 e assinado por alguém que identificava-se por “Milagroso”. Nele, os brasileiros foram chamados de imbecis por tolerar as insolências do fascismo no Brasil: “...*imbecis porque levamos a sério o fascismo e os fascistas e não temos tido autoridade bastante para faze-los calar ou então mostrar-lhes o caminho do seio de Mussolini...*”<sup>171</sup> “Milagroso” referia-se a um episódio ocorrido naquele ano envolvendo o embaixador italiano no Brasil durante o embarque de aviadores da Itália, em que autoridades brasileiras foram chamadas de imbecis.

A partir da primeira notícia veiculada pelo jornal sobre o que viria a ser o movimento integralista, a fundação da S.E.P. (Sociedade de Estudos Políticos), nenhum outro artigo anti-fascista apareceu publicado. Na edição do dia 15 de maio de 1932, a notícia destacava Plínio com uma das “maiores celebrações do Brasil Novo” e o ingresso de Philemon da Matta na sociedade a convite de seu fundador.

---

<sup>169</sup> OLÍMPIA, João de. *Com o “Fascio”*.”. Jornal “Cidade de Olympia”, 25 de janeiro de 1931. S/P.

<sup>170</sup> MIRANDA, T.. “*Carta ao Snr. Luiz Mori.*”. Jornal “Cidade de Olympia”, 1º de fevereiro de 1931.

<sup>171</sup> Idem.

<sup>172</sup> A edição seguinte do jornal trouxe o artigo intitulado “*Pelo Brasil*”, escrito por “Zé Pequeno” que saudava a S.E.P. como aquela que havia chegado para combater por todos os meios a politicagem de oportunistas sem idéias e os que se agarravam “às tetas do tesouro” em proveito próprio.<sup>173</sup> Os princípios da Sociedade de Estudos Políticos começaram a ser divulgados a partir do artigo publicado no dia 29 de maio de 1932, cujo autor, identificado apenas pela letra X, anunciava a quem se dirigia aquelas mensagens: “*aos moços de Olympia, aos intellectuaes e estudiosos, a quem, amanhã, serão confiados os destinos de nossa pátria*”.<sup>174</sup> Esse provável militante integralista já havia escrito outro artigo no jornal defendendo a ditadura como único meio de salvar o Brasil.

O principal camisa-verde responsável pela divulgação da doutrina integralista através do jornal “Cidade de Olympia”, foi o médico Philemon Patrículo Ribeiro da Matta, residente no distrito de Severínia. Mesmo vivendo no sertão paulista, distante da Capital e, portanto, com pouco contato com os principais líderes integralistas, Philemon da Matta demonstrava um vasto conhecimento ideológico sobre o movimento, pois em seus textos aparecem críticas e defesas pontuais ao que o Integralismo combatia e defendia. O sufrágio universal era um exemplo desse entrosamento doutrinário de Philemon. Em 1932, ele escreveu para o jornal atacando o sufrágio universal o qual considerava uma mentira num país de 40 milhões de habitantes e onde menos de 2 milhões eram eleitores sem nenhuma noção de civismo, votando pelo cabresto sem ao menos saber se o Brasil era república ou monarquia.<sup>175</sup> A crítica ao sufrágio universal foi uma das bandeiras do

---

<sup>172</sup> A S.E.P.. ”. Jornal “Cidade de Olympia”, 15 de maio de 1932. S/P.

<sup>173</sup> PEQUENO, Zé. *Pelo Brasil*. ”. Jornal “Cidade de Olympia”, 22 de maio de 1932. S/P.

<sup>174</sup> X. A “S.E.P.”. ”. Jornal “Cidade de Olympia”, 29 de maio de 1932. S/P.

<sup>175</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *O Sufrágio Universal é uma Mentira*. ”. Jornal “Cidade de Olympia”, 03 de julho de 1932. P. 1.

integralismo, que pregava o voto profissional como o que melhor e mais fielmente traduziria a defesa dos interesses do povo.

O próprio jornal ao divulgar informações sobre a Ação Integralista mostrava-se harmonizado com a doutrina, como na edição de 29 de outubro de 1933 que exibia uma foto de Plínio e ao final do texto o seguinte comentário:

*A “Cidade de Olympia”, acompanhando de perto esses movimentos pela implantação da pátria totalitária, una, indivisível, grande e eterna, tem o prazer de honrar suas columnas de hoje estampando o retrato do chefe integralista Plínio Salgado, uma das mais privilegiadas cerebrações do Brasil novo, como pensador, sociólogo, litterato, jornalista e homem de acção e patriotismo insuperável. Plínio Salgado (P.)<sup>176</sup>*

Se por um lado o jornal nutria simpatia pelo Sigma, tampouco tinha dúvidas de tratar-se de um movimento fascista. Na edição do dia 5 de novembro de 1933, o “Cidade de Olympia” estampou uma foto de Gustavo Barroso fazendo a saudação Anauê!, enquanto o texto explicava ser à moda de todos os fascistas do mundo.<sup>177</sup> No mesmo ano, ao agradecer uma entrevista de Plínio expondo suas idéias sobre os partidos políticos brasileiros, o jornal referiu-se ao integralismo como o fascismo brasileiro.<sup>178</sup>

Entre 1932 e 1937, o jornal “Cidade de Olympia” publicou um único artigo antiintegralista. Sylvino Costa Moraes chamou os adeptos do integralismo de “fascistas carolas”, que tentavam burlar as massas e os incautos para provarem as vantagens ilusórias do fascismo: “...fazem em seu programma, uma crassa parodia do syndicalismo – isto, porém, para inglez ver e allemão cheirar, ou melhor, em

---

<sup>176</sup> Jornal “Cidade de Olympia”, 29 de outubro de 1933. P. 1.

<sup>177</sup> Jornal “Cidade de Olympia”, 05 de novembro de 1933. P. 1.

<sup>178</sup> *O Novo Verbo do Integralismo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 19 de novembro de 1933. S/P.

*these, porque na prática a dança será outra – pois, os seus graduados são todos grossos e gordíssimos burguezes.*<sup>179</sup> O artigo acusava o Integralismo de tirar a soberania do povo e dos Estados confederados e ironizava que o Brasil precisaria de um segundo Mussolini que os camisas-verdes se encarregariam de criar.<sup>180</sup>

A edição de 19 de fevereiro de 1933 marcou o aparecimento do primeiro artigo escrito por um camisa-verde atando a A.I.B. ao fascismo europeu. O artigo assinado por R.M. (Philemon Ribeiro da Matta), elevava Mussolini à condição de salvador da Itália (“*que tornou-se grande e feliz*”) e anunciava que Salazar estava concertando o “pequenino e formoso Portugal”.<sup>181</sup> A apologia aos regimes fascistas na Itália e em Portugal tinha a finalidade de mostrar que somente um regime análogo no Brasil seria capaz de salvar o país das lutas fratricidas.<sup>182</sup> Numa alusão a Mussolini e Salazar, Philemon concluiu seu pensamento perguntando a Plínio Salgado até quando teríamos de esperar pelo “nosso Duce” assumir o poder no Brasil.

Todavia, não era só Philemon que depositava suas esperanças de salvação no fascismo. Mussolini voltou a ser elogiado e elevado à condição de “sonda do espírito humano”, em artigo publicado em 1933 por Leonardo Posella Segundo: o chefe fascista era o gênio excepcional, um fenômeno oportuno que glorificava a tradicional Itália.<sup>183</sup> No artigo *Fascismo e Comunismo*, Brasilino de Carvalho afirmava que o advento do fascismo na Itália teria revelado ao mundo a figura impressionante de Mussolini, a personificação do mais perfeito estadista da história da civilização. O autor chegou a chamar Mussolini de super homem, de novo

---

<sup>179</sup> MORAES, Sylvino Costa. *Qual Será o Melhor Regime Político-Social de um Povo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 05 de fevereiro de 1933. P. 1.

<sup>180</sup> Idem.

<sup>181</sup> R.M.. *Acção Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 19 de fevereiro de 1933. P. 1.

<sup>182</sup> Idem.

<sup>183</sup> SEGUNDO, Leonardo Posella. *Política de Mérito*. Jornal “Cidade de Olympia”, 25 de junho de 1933. S/P.

“Messias” do cristianismo.<sup>184</sup> Entre fascismo e comunismo, Brasilino enxergava o fascismo como muito mais simpático e racional e a vitória nazista na Alemanha teria sido a própria vitória da civilização ocidental.<sup>185</sup> O próprio título do artigo de Brasilino de Carvalho nos permite dizer que mesmo nas cidades do sertão paulista, havia um debate, ainda que restrito aos intelectuais, sobre a polarização política fascismo/comunismo. Contudo, o conservadorismo rural dessas cidades, especificamente Olímpia, não permitia um embate democrático, onde as duas correntes políticas pudessem se expressar em condições equivalentes. Na década de 30, o jornal “Cidade de Olympia” não publicou um único artigo ou notícia favorável ou isento sobre o comunismo, somente ataques partindo de fascistas e integralistas. A reduzida presença de comunistas na cidade e a perseguição desencadeada pelo governo Vargas podem explicar a inexistência de um contra-ataque comunista. Os poucos comunistas locais, operários em sua maioria, preferiam manter-se num quase anonimato, evitando conflitos com os grupos fascistas, integralistas e com o próprio conservadorismo político local. Ruy do Amaral, fundador do Núcleo da A.I.B., conta que os pouquíssimos comunistas da cidade criticavam o integralismo, mas sem aquele extremismo dos embates nas capitais. As discussões se resumiam a um bate-boca na praça central, sem nenhuma repercussão.<sup>186</sup>

Philemon da Matta era um intelectual integralista plenamente convencido de que o fascismo salvaria o mundo e, conseqüentemente, o integralismo o Brasil, por isso seus discursos sempre objetivavam aproximar as duas doutrinas como instrumento de propaganda. Afinal, antes do início da Segunda Guerra o fascismo era encarado com simpatia por diversos setores da sociedade no

---

<sup>184</sup> CARVALHO, Brasilino de. *Fascismo e Comunismo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 28 de janeiro de 1934. S/P.

<sup>185</sup> Idem.

<sup>186</sup> Entrevista concedida ao autor em 27 de setembro de 2002, no Rio de Janeiro.

Brasil e no mundo. Em seu livro *Memórias – Destinos Cruzados*, Miguel Reale retrata o fascismo como um movimento de caráter universal, o que explicaria a simpatia que a doutrina suscitava na primeira fase de sua atuação.<sup>187</sup> Reale lembra as referências elogiosas de Churchill a Mussolini antes da invasão da Abissínia e de sua participação na Guerra Civil Espanhola. Alceu Amoroso Lima observou que o New Deal, o plano econômico do presidente norte-americano Roosevelt, não era mais que “um fascismo à maneira yankee”.<sup>188</sup> Encontramos referência semelhante no artigo *Fascismo e Comunismo*, de Brasilino de Carvalho: “A imprensa universal, quase unanimemente sympathica à Victoria de Hitler e, conseguintemente ao regimem fascista argumenta que até nos Estados Unidos o presidente Roosevelt colocou em prática medidas já adoptadas pelo fascismo.”<sup>189</sup>

Miguel Reale foi outro importante camisa-verde usado por Philemon para reforçar a identidade entre integralismo e fascismo. Trechos do texto *A Posição do Integralismo*, de Miguel Reale, publicado nos *Estudos Integralistas*, uma espécie de cartilha do Sigma, foram transcritos por Philemon para o jornal de Olímpia. No fragmento transcrito, Reale afirmava: “O Fascismo encontrou o remédio para os males que o socialismo revelou. O Estado precisou recorrer à violência para impor a ordem entre os grupos fortíssimos em lucta. Qualquer que tenha sido a sua origem, hoje o Fascismo é a identificação do Estado com os grupos profissionaes, com a Nação.”<sup>190</sup> Gustavo Barroso em seu livro *O que o Integralista deve saber* faz exatamente a mesma afirmação.<sup>191</sup> Mais tarde, em 1987, Reale tentou justificar sua simpatia ao fascismo, admitindo ter reconhecido a tentativa fascista de superar as

---

<sup>187</sup> REALE, Miguel. *Memórias – Destinos Cruzados*. P. 74.

<sup>188</sup> Idem. P. 93.

<sup>189</sup> CARVALHO, Brasilino de. *Fascismo e Comunismo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 28 de janeiro de 1934. S/P.

<sup>190</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *A Acção Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 30 de julho de 1933. P. 1.

<sup>191</sup> BARROSO, Gustavo. *O que o Integralista deve saber*. P. 102.

duas doutrinas tradicionais da época (liberalismo e socialismo). Todavia, contrapunha-se ao “cesarismo mussoliniano”, que realizava uma ordem política de cima para baixo.<sup>192</sup> Reale advertia que o espírito fascista animava uma estrutura política de absoluta centralização (Estado Totalitário) somente comparável ao governo dos Soviets e acrescentava que se devíamos seguir o exemplo fascista em alguns aspectos deveriam ser ressalvadas as diretrizes peculiares ao meio brasileiro.<sup>193</sup> Philemon dizia que o integralismo não era uma cópia do fascismo, mas que tinha pontos de contato nas idéias gerais.<sup>194</sup> Os *Estudos Integralistas* chegaram às mãos de Philemon enviados pela sede da A.I.B. em São Paulo.

Philemon da Matta foi um incansável defensor do fascismo como solução para os males da nação brasileira e derramava-se em elogios aos principais líderes fascistas: Mussolini era o gênio que concertou a Itália, na Alemanha o fascismo operava milagres e Hitler havia feito o país voltar aos áureos tempos e Salazar tinha salvado a pátria de nossos maiores.<sup>195</sup> O camisa-verde alçava Mussolini (salvador do mundo da barbárie comunista, da negação de Deus e da profanação das famílias<sup>196</sup>), Hitler e Salazar à categoria de figuras de projeção mundial.<sup>197</sup>

A relação integralismo/fascismo ganhou um novo contorno com a publicação de um artigo assinado por Madeira de Freitas, chefe integralista do Distrito Federal e catedrático da Escola de Medicina do Estado do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo em que rechaçava a pecha de “copiadores de Mussolini”, debruçava-se em elogios ao Duce. Madeira de Freitas apontava a camisa-verde como uma

---

<sup>192</sup> REALE, Miguel. *Memórias – Destinos Cruzados*. P. 86.

<sup>193</sup> Idem.

<sup>194</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *A Ação Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 30 de julho de 1933. P. 1.

<sup>195</sup> Idem.

<sup>196</sup> Idem.

<sup>197</sup> Idem. *Integralismo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 1º de outubro de 1933. P. 1.

instituição “garibaldina”, isenta de influências estrangeiras, mas não sentia culpa em imitar as idéias de um “grande homem” (Mussolini): “...não é porventura a vida, em si, uma série de imitações de toda a espécie?”<sup>198</sup> Afinal, liberalismo e comunismo não eram doutrinas originalmente brasileiras, pensava Freitas.<sup>199</sup> A opinião do chefe integralista do Rio de Janeiro é emblemática no sentido em que aponta na direção de um certo consenso entre os camisas-verdes da época sobre a identidade ideológica dos dois movimentos.

A expansão do fascismo pelo mundo foi classificada de “epidemia” que atingia o Brasil através dos “camisas azeitonas do sr. Plínio Salgado”, numa notícia que identificava o integralismo como o movimento fascista mais inofensivo de todos.<sup>200</sup> O texto limitou-se a comentar o fascismo e fazer referências aos camisas negras na Inglaterra e a seu principal líder Oswald Mosley, aos camisas pardas no Canadá, aos fascistas na Grécia, à Guarda de Ferro na Romênia, aos nacional-socialistas na Áustria e aos Jovens Filipinos, nas Filipinas.<sup>201</sup>

O integralista que subscrevia-se Conselheiro Y, afirmou que fascismo e integralismo não poderiam ser considerados formas de governo, mas sistemas doutrinários que se acomodariam a qualquer forma de governo, monarquia ou república.<sup>202</sup> Ele não divisava as duas doutrinas como ditaduras, pois, assim sendo, em última análise todas as formas de governo seriam ditaduras pelo fato de que a coletividade não poderia se afastar da Constituição que a regeia.<sup>203</sup>

A mais contundente exposição fascista de Philemon Ribeiro da Matta apareceu publicada em setembro de 1934 no jornal “Cidade de Olympia”, na qual

---

<sup>198</sup> FREITAS, Madeira de. *O Movimento Integralista no Brasil*. Jornal “Cidade de Olympia”, 18 de março de 1934. S/P.

<sup>199</sup> FREITAS, Madeira de. *O Movimento Integralista no Brasil*. Jornal “Cidade de Olympia”, 18 de março de 1934. S/P.

<sup>200</sup> *A Marcha do Fascismo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 25 de março de 1934.

<sup>201</sup> Idem.

<sup>202</sup> Y. Conselheiro. *Não Confundir*. Jornal “Cidade de Olympia”, 1º de abril de 1934. S/P.

<sup>203</sup> Idem.

revelava um integralista absolutamente ciente de sua participação num movimento de caráter fascista. Em *Como Conheci Plínio Salgado*, Philemon descreveu que passou a admirar Plínio lendo as *Notas Políticas* que o chefe integralista publicava diariamente no jornal *A Razão*, consideradas “um evangelho novo”, “um canto de liberdade”.<sup>204</sup> Informado por Alpínolo Lopes Casali de que Plínio era o autor das *Notas Políticas*, Philemon da Matta confessou: “...E, desde esse dia, Plínio ficou sendo o meu ídolo, o meu Duce, o meu Führer, o meu Guia. Plínio falando é a própria Alma do Brasil dizendo o que sente, contando o caminho que se tem de trilhar”.<sup>205</sup> O mesmo artigo foi publicado no livro *Plínio Salgado*, edição da Revista *Panorama* de 1937, em que importantes integralistas falavam sobre o chefe nacional.

Todavia, a mais importante matéria sobre o integralismo publicada pelo “Cidade de Olympia” foi uma entrevista concedida por Plínio Salgado ao jornal em 1933, após retornar de viagem ao norte do país.<sup>206</sup> A reportagem reveste-se de importância na medida que se antagoniza ao viés mais utilizado pelos integralistas para negar a identidade entre integralismo e fascismo: o de que Plínio nunca admitiu a ligação. Em matéria de primeira página, Plínio discorreu sobre os partidos políticos existentes no Brasil (liberais democráticos, confederacionistas, sociais-democráticos e socialistas, comunistas da direita e da esquerda, anarco-sindicalistas, sindicalistas revolucionários, sindicalismo livre, reacionários com rótulos de fascistas) e a posição contrária do integralismo à existência de todos eles. Entretanto, ao discorrer sobre os partidos reacionários, Plínio Salgado criticou aqueles que se rotulavam de

---

<sup>204</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *Como Conheci Plínio Salgado*. Jornal “Cidade de Olympia”, 23 de setembro de 1934. S/P.

<sup>205</sup> Idem.

<sup>206</sup> Segundo o jornal “Cidade de Olympia”, a entrevista foi intermediada pelo Dr. Philemon da Matta pouco antes de Plínio partir para o Rio de Janeiro, onde se encontraria com o Interventor da Bahia, Juracy Magalhães.

fascistas, falou numa cultura de superioridade do fascismo e admitiu o parentesco com a doutrina italiana:

*“É uma injúria se rotularem de fascistas certas organizações que se anunciaram partidárias da violência, do chicote, da abolição da liberdade. Esses grupos representam interesses de aventureiros, porque, o fascismo não é contra os operários nem contra a liberdade humana. O que esses partidos que se dizem fascistas pretendem é a ditadura cruel, em proveito dos mais favorecidos. Imitando o que o fascismo teve necessidade de fazer numa hora calamitosa de desordem, essas correntes ignoram o que há de cultura, de superioridade no movimento italiano, quanto a nós, integralistas, temos muita afinidade com a doutrina fascista, e nada temos de truculência. É verdade que somos enérgicos, e agiremos sem termos nem piedade contra os inimigos do Povo e da Nação. Mas garantimos a dignidade do Homem, jamais pretendendo seguir os métodos daquelles que dizem constituir a questão social um caso de polícia. Estejam, pois, os integralistas prevenidos contra esses fascismos falsificados, a serviço de ambiciosos políticos.”<sup>207</sup>*

Plínio Salgado deixou transparecer duas preocupações: primeira, a provável concorrência do que considerava “falsos” partidos fascistas que estariam surgindo e, segunda, em disseminar o integralismo como único partido brasileiro autenticamente fascista. Em artigo de sua autoria, publicado em 1935, Plínio repeliu aqueles que acusavam o movimento de receber dinheiro de Hitler e Mussolini e de ser estipendiado pelos capitalistas, pela burguesia e pelo clero.<sup>208</sup>

O anticomunismo de Philemon da Matta não o impediu de colocar lado a lado comunismo e integralismo como duas doutrinas respeitáveis e Rússia e Itália

---

<sup>207</sup> O Novo Verbo do Integralismo. Jornal “Cidade de Olympia”, 19 de novembro de 1933. P. 1.

<sup>208</sup> SALGADO, Plínio. *Soffrei, sonhadores do Bem!*. Jornal “Cidade de Olympia”, 02 de junho de 1935.

como os laboratórios dessas experiências.<sup>209</sup> O fascismo, segundo Philemon, teria feito da Itália fraca e decadente uma nação feliz e poderosa e o comunismo transformado a Rússia desprezada e sem conceito numa nação considerada e forte.<sup>210</sup> O integralista tinha uma visão maniqueísta da polarização ideológica dos anos 30: o fascismo, o pilar do bem, agiria dentro dos princípios cristãos, respeitando Deus, Pátria e Família, enquanto o comunismo, o pilar do mau, inspirado no materialismo histórico e “santificando” Marx e Engels.<sup>211</sup>

Essa polarização maniqueísta esteve presente na maioria dos artigos de camisas-verdes, situando o integralismo, o fascismo e o nazismo como os amigos de Deus, da Pátria e da Família e, do outro lado, os anarquistas, os comunistas e os bolchevistas.<sup>212</sup> Plínio Salgado era sempre saudado como a esperança de salvação da pátria, o “nosso” Salazar, Hitler, Mussolini.<sup>213</sup> Fuad Daud no artigo *Esboço de uma Victoria* posicionava-se de maneira ambígua, pois ao mesmo tempo em que inseria o integralismo numa modalidade de doutrina autóctone, entendia a A.I.B. como inspirada na política fascista.<sup>214</sup>

Os principais acontecimentos mundiais eram elementos de análise no jornal “Cidade de Olympia”, sempre acompanhados de comentários de intelectuais locais, prevalecendo uma visão unilateral do assunto, já que não havia a preocupação do jornal em ouvir opiniões divergentes. Neste aspecto, um artigo escrito pelo fundador do movimento em Olímpia sobre a Guerra Civil Espanhola chamou a atenção. Ruy do Amaral fez um relato do que chamou de “drama

---

<sup>209</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *Aos Integralista de Olympia*. Jornal “Cidade de Olympia”, 28 de outubro de 1934. P. 1.

<sup>210</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *Aos Integralista de Olympia*. Jornal “Cidade de Olympia”, 28 de outubro de 1934. P. 1.

<sup>211</sup> Idem.

<sup>212</sup> Idem. *Dr. Philemon da Matta escreveu para a “Cidade de Olympia”*. Jornal “Cidade de Olympia”, 13 de janeiro de 1935. P. 1.

<sup>213</sup> Idem. *Reparos Integralistas*. Jornal “Cidade de Olympia”, 24 de fevereiro de 1935. P. 1.

<sup>214</sup> DAUD, Fuad. *Esboço de uma Victoria*. Jornal “Cidade de Olympia”, 1º de setembro de 1935. S/P.

espanhol” e defendeu as forças fascistas do General Franco, que lutariam pela tradição, patriotismo, religião e família.<sup>215</sup> Amaral acrescentou que no Brasil “assistíamos ao sucesso da Espanha com notada simpatia pela causa dos rebeldes” (franquistas).<sup>216</sup>

Concluindo, os artigos publicados no jornal “Cidade de Olympia” não permitem margem à dúvida de que os integralistas deste naco do sertão paulista estavam convencidos de sua participação num movimento de tendência fascista. A análise do discurso nos permite afirmar que o parentesco entre integralismo e fascismo foi o principal fator de motivação de adesão de olimpienses à Ação Integralista Brasileira, seguido do anticomunismo, do nacionalismo e do anti-semitismo, características presentes na maioria dos artigos, além de seu caráter religioso (catolicismo).<sup>217</sup> Sobre a simpatia pelo fascismo europeu, Hégio Trindade conclui que quando não havia uma atração pelos regimes fascistas, os camisas-verdes mostravam-se ao menos sensíveis à luta desencadeada pelos movimentos fascistas contra o liberalismo e o comunismo.<sup>218</sup> Os integralistas olimpienses vislumbraram o fascismo como uma doutrina “salvacionista”, uma “panacéia” para o Brasil e tinham uma visão um tanto messiânica dos principais líderes fascistas, Mussolini, Hitler, Salazar (“salvadores na Europa”), e esperavam a vez do “messias tupiniquim” Plínio Salgado.

Entretanto, esses mesmos camisas-verdes (intelectuais) que tiveram na simpatia ao fascismo sua maior motivação de adesão à A.I.B., assumiram e defenderam intransigentemente as idéias fascistas-integralistas, mas sem a

---

<sup>215</sup> AMARAL, Ruy do. *O Drama Hespânico*. Jornal “Cidade de Olympia”, 29 de novembro de 1936. S/P.

<sup>216</sup> Idem.

<sup>217</sup> Hégio Trindade concluiu que as principais motivações de adesão de dirigentes e militantes foram pela ordem: anticomunismo, simpatia pelos fascismos europeus, nacionalismo, oposição ao sistema político da época, valores autoritários, valores espirituais, corporativismo, desenvolvimento do país e anti-semitismo. *Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. P. 153.

<sup>218</sup> TRINDADE, Hégio. *Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. P. 152.

vitalidade de ações de mobilização das massas em torno do projeto político que defendiam, como veremos mais adiante.

### **4.3 O INTEGRALISMO E O FASCISMO NA VISÃO DE SOBREVIVENTES**

Os sobreviventes do movimento integralista desenvolvem as mais diferentes teorias para desvencilhar a A.I.B. da influência fascista. Não existe entre eles um consenso para defender a autenticidade da Ação Integralista Brasileira, como pregava Plínio Salgado. Percebe-se que a preocupação dos integralistas sobreviventes é afastar o movimento brasileiro do italiano, pois o fascismo é utilizado atualmente para designar pessoas ou partidos adeptos da violência pura. Essa preocupação é motivada pelo fato de que a maioria dos entrevistados continua afetivamente e doutrinariamente ligada ao integralismo. Portanto, não querem ser lembrados como adeptos de uma doutrina análoga ao fascismo, que sofre toda sorte de condenação pelo seu passado. Os antigos camisas-verdes recordam-se do movimento sempre impregnados de emoção, alguns quase choram ao falar das idéias que defenderam quando jovens e ainda crêem que a ideologia integralista teria salvado o Brasil daqueles que o integralismo considerava seus grandes inimigos: o comunismo, o liberalismo e a democracia. Muitos ainda levam fé no renascimento do movimento, adaptado à realidade atual, por eles ainda visto como “salvacionista”. Por outro lado, poucos camisas-verdes admitem ter participado de um movimento de tendência fascista. Dos entrevistados, somente Ruy do Amaral e Orlando Suprimaro Palombo<sup>219</sup> admitiram a influência italiana.

---

<sup>219</sup> Orlando Suprimaro Palombo participou do movimento em Barretos.

Hélio Pellegrini entende que a História foi modificada após a implantação do Estado Novo por Getúlio Vargas e é a partir daí que o integralismo passou a ser sinônimo de fascismo:

*“Isso foi dinheiro das esquerdas que surgiu para cá para lá e autores de livros que muitas vezes nem são culpados porque leram errado. A História, depois do sr. Getúlio Vargas ter implantado o Estado Novo, modificou até os dicionários, você lê: Integralismo o mesmo que nazi-fascismo. O Nazi-fascismo desfilava aqui no litoral do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná no tempo do sr. Getúlio Vargas. Em 1936, quem levou as primeiras escolas de alfabetização para o homem da raça negra, que só conhecia a língua germânica, foi o Integralismo. E o governo de Getúlio Vargas, envergonhado disso, deslocou o Batalhão do Exército para ajudar catequizar aquelas pessoas, aonde os nazistas desfilavam com as suas suásticas. Quer mais que Francisco Campos também, que foi autor do fascismo em Minas Gerais. E quem era Francisco Campos? Era ministro da Justiça de Getúlio Vargas. Então essa miscelânea toda, essa confusão toda foi gerada neste país pelo infame Departamento de Imprensa e Propaganda, estipendiada pelo governo da República de Getúlio Vargas, essa que é a verdade.”<sup>220</sup>*

Se Hélio Pellegrini tem uma versão política para o assunto, Ítalo Galli busca no conceito espiritualista do integralismo a razão que separaria as duas doutrinas. Galli reconhece que Benito Mussolini e o fascismo salvaram a Itália do socialismo tornando-a um país forte, mas que o Duce se perdeu porque era contra a religião, achava que não precisava dela e de Deus. O distanciamento entre as duas doutrinas residiria no fato do integralismo ter uma visão espiritualista do mundo:

---

<sup>220</sup> Hélio Pellegrini nasceu em Ribeirão Preto em 18 de abril de 1920. Foi Técnico da Profilaxia do Tracoma, do Instituto do Tracoma e Higiene Visual do Estado de São Paulo. Concedeu entrevista ao autor em 29 de maio de 2001, em São José do Rio Preto.

*“Mussolini não era católico, mas ele compreendeu que o fascio, que era a reunião de todas as forças da Nação representava a necessidade para o engrandecimento do país, a Itália tornou-se um país importante, mas no fim ele se perdeu porque disse que não precisava mais de Deus. O que perdeu Mussolini foi essa frase que foi transcrita por vários órgãos de imprensa, ele dizia: “nossa batalha é mais ingrata, porém mais bela, porque nos obriga a contar somente com as nossas forças. Estraçalhamos todas as verdades reveladas, cuspiamos sobre todos os dogmas, repelimos todos os paraísos, zombamos de todos os charlatões brancos, pretos,vermelhos que põe a venda as drogas milagrosas destinadas a dar a felicidade a gênero humano. Não acreditamos nos programas, nos esquemas, nos santos, nos apóstolos, não acreditamos, principalmente na felicidade, na salvação, na terra prometida, não acreditamos numa salvação única, quer econômica, quer política, quer moral. Numa solução linear dos problemas da vida porque oh! ilustres cantores de sacristia a vida não é linear e não conseguireis encerra-la num setor fechado entre as necessidades primordiais”. Agora, quem quer governar sem Deus fica sem a sua proteção e foi o que aconteceu com o fascismo.”<sup>221</sup>*

Genésio Cândido Pereira Filho, sobrinho de Plínio, assegura que as pessoas esquecem que naquela época as relações com o Estado fascista eram universais, que todos os países mantinham embaixadores e representantes:

---

<sup>221</sup> Ítalo Galli nasceu no povoado de Marcondésia, município de Monte Azul Paulista, em 20 de agosto de 1913. Foi advogado, desembargador e presidente do Tribunal de Alçada Criminal de São Paulo entre 1972-73. Foi chefe municipal do Núcleo da A.I.B. e chefe regional, quando o núcleo se estendeu de Olímpia a Nova Granada. Concedeu entrevista ao autor em 2 de março de 2001, em São Paulo.

*“A Itália fascista tinha embaixador no Brasil, a Alemanha nazista tinha, agora porque se condena o integralismo, qual é o único caminho paralelo do integralismo com esses movimentos é o anticomunismo, quer dizer, então quer dizer, o contato integralista com o fascismo não é nada, não é uma gota d’água, a não ser coincidências como os meus pensamentos podem coincidir com alguns pensamentos seus, pode divergir em outros, mas você é uma pessoa independente, autônomo, eu sou outra pessoa independente, autônomo, nós somos duas pessoas humanas diferentes. E naquele tempo havia Estados que tinham caminhos paralelos, mas cada Estado era um Estado, o Estado brasileiro era o brasileiro, o nazista era nazista, o fascista era a Itália, mas você não podia confundir um com outro porque mantinha embaixadores entre si.”<sup>222</sup>*

O único caminho paralelo entre o Integralismo e o fascismo, argumenta Genésio Cândido Pereira Filho, seria o anticomunismo, pois o contato integralista com o fascismo não teria sido nada, a não ser coincidência: *“Se você estivesse lutando numa trincheira contra o comunismo em que outros movimentos também lutavam, mas não quer dizer que você seja igual aquele outro que está a seu lado transitoriamente, então o governo brasileiro deveria ser mais condenado, porque mantinha relações diplomáticas com a Alemanha nazista, tinha embaixador. A Igreja Católica não fez tratados com a Itália fascista, o Tratado de Latrão. Plínio Salgado*

---

<sup>222</sup>Genésio Cândido Pereira Filho nasceu em São Bento do Sapucaí em 25 de agosto de 1920, é advogado e sobrinho de Plínio Salgado. Concedeu entrevista ao autor em 19 de julho de 2001, em São Paulo.

*nunca fez apologia do fascismo, apenas restrições.*<sup>223</sup> Gumercindo Rocha Dorea aponta as semelhanças entre o que chama de “exterioridades” como motivo para a associação:

*“A camisa-verde, o símbolo do sigma, a saudação, agora é cópia, é inspiração, é diferente. A criação de momentos como a Noite dos Tambores Silenciosos, esses rituais todos, eu acho isso ótimo, é a mística, são rituais que levantam o espírito, sobretudo da juventude e para os adultos impõe disciplina, impõe hierarquia e é isso que está faltando a este país, é disciplina, é hierarquia, é respeito às normas, agora no mundo todo, os ingleses tinham a camisa negra do Moslei, a Alemanha tinha dos nazistas, a Itália dos fascistas, na Bélgica o rexismo, nos países marxistas africanos, todos com seus uniformes. Aquilo serviu para combater os desfiles nazistas e fascistas que aconteciam no sul do país, ora atacar uma doutrina por causa disso, o motivo era outro e eles conseguiram a destruição, não pelos comunistas, mas por Getúlio Vargas, homem sem dúvida inteligente, deu uma rasteira, elogiado por alguns sociólogos, em Plínio Salgado e destruiu esta obra extraordinária. Ataque fundamentalmente à indumentária, à saudação, então, integralismo é fascismo, não tem nada disso.”<sup>224</sup>*

O argumento de Gumercindo é respaldado pela filha de Plínio, d. Maria Amélia Salgado Loureiro, que acreditava que os inimigos do integralismo se apegaram às exterioridades, uma faceta mínima e secundária para estabelecer a comparação com o fascismo.<sup>225</sup>

---

<sup>223</sup> Genésio Cândido Pereira Filho concedeu entrevista ao autor em 19 de julho de 2001, em São Paulo.

<sup>224</sup> Gumercindo Rocha Dorea nasceu em Ilhéus (BA) em 04 de agosto de 1924, é editor e proprietário das Edições G.R.D..Concedeu entrevista a este autor em São Paulo, no dia 19 de julho de 2001.

<sup>225</sup> Maria Amélia Salgado Loureiro nasceu em São Bento do Sapucaí em 06 de julho de 1919, foi professora do antigo Normal, escritora e filha de Plínio Salgado, tendo sido casada com Loureiro Júnior. Faleceu no dia 2 de julho de 2003. Concedeu entrevista ao autor em 19 de julho de 2001.

Fundador do Núcleo da A.I.B. em Olímpia, Ruy do Amaral nunca deixou explícito em seus artigos publicados no jornal “Cidade de Olympia” que entendia o integralismo como uma cópia fascista. Contudo, Amaral admite atualmente que num certo sentido compreendia que a Ação Integralista tinha relação doutrinária com o fascismo, não só no seu programa, inspirado nos princípios corporativistas da ideologia italiana, mas também nas exterioridades, o uniforme, o símbolo, a saudação.<sup>226</sup> Para ele, o fascismo não inspirava mais do que uma simpatia um pouco distante, pois nunca havia assimilado totalmente o ideal corporativista: “...de certa forma a Carta Del Lavoro, feita pelo Partido Nacional Fascista, foi copiada no programa do Partido Integralista”.<sup>227</sup> Havia também a influência mais distante do nazismo, mas Ruy do Amaral não soube precisar exatamente quais seriam essas influências.

Passados sessenta e nove anos desde a fundação do núcleo municipal de Olímpia, Ruy do Amaral considera que embora a maioria da população local fosse formada por não letrados, em geral ela acreditava que o integralismo tinha alguma relação com o fascismo, não uma relação direta, mas que tratava-se de uma paráfrase do fascismo, ou seja, uma adaptação do fascismo à nossa civilização tropical, à civilização brasileira, bem diferente daquela que se encontrava na Itália, que tinha outros problemas.

É difícil vislumbrar numa população formada basicamente por trabalhadores do campo aptidão para uma interpretação desse nível. Essa população poderia sim, perfeitamente, relacionar integralismo e fascismo, não do

---

<sup>226</sup> Ruy do Amaral nasceu em 28 de maio de 1917, em Jacareí, família de São Bento do Sapucaí. Foi advogado, professor do Colégio Dr. Neves e Ginásio do Estado em Olímpia, radialista, escritor de novelas radiofônicas transmitidas pela Rádio São Paulo, animador de programas de auditório de rádio, publicitário, escreveu para a TV Rio, editor, professor universitário no Rio de Janeiro (PUC e UFRJ). Morou em Olímpia de 1920 a 1942 e reside no Rio de Janeiro desde 1952. Concedeu entrevista ao autor em 27 de setembro de 2002, no Rio de Janeiro.

<sup>227</sup> Idem.

ponto de vista ideológico, mas tendo como premissa à própria propaganda desencadeada pelos camisas-verdes locais, que, como vimos, faziam do parentesco uma forma de divulgar o movimento e atrair a simpatia do público, alardeando o fascismo, tão em evidência, como salvador de nações em “eminente perigo vermelho e judeu”. Leandro Zampieri, simpatizante da A.I.B. aos 14 anos, não via relação entre as duas doutrinas.<sup>228</sup> Também João Batista Ricciardi (participou do movimento em Olímpia aos 9 anos) apenas entendia a A.I.B. como anticomunista, defensora da propriedade individual e de Deus, da Pátria e da Família.<sup>229</sup> Orlando Suprimaro Palombo, integralista em Barretos, não tinha dúvidas em participar de um movimento fascista.<sup>230</sup> Enfim, são poucos os camisas-verdes sobreviventes que admitem ter participado de um movimento influenciado pelo fascismo, talvez por medo do estigma que acompanha a doutrina italiana nos dias atuais, diferentemente dos anos pré-Segunda Guerra, quando o fascismo era abertamente defendido como “o triunfo da civilização cristã”.

A posição atual dos integralistas pode ser explicada pela derrota tanto do fascismo quanto do integralismo e, conseqüentemente, a associação do fascismo a uma ideologia representativa do que existe de mais sórdido politicamente, hoje quase universalmente repudiado.

---

<sup>228</sup> Leandro Zampieri nasceu em Olímpia em 20 de junho de 1920. É corretor de seguros aposentado.

<sup>229</sup> João Batista Ricciardi nasceu em 23 de junho de 1928 em Olímpia. Foi integralista aos 9 anos, residia numa mansão na esquina da Praça da Matriz, vizinha a sede da A.I.B.. É assistente técnico industrial aposentado.

<sup>230</sup> Orlando Suprimaro Palombo nasceu em Barretos em 21 de abril de 1914. Foi comerciante. Concedeu entrevista a este autor em Barretos em 9 de março de 2001.

## **CAPÍTULO V - O ANTI-SEMITISMO NO DISCURSO INTEGRALISTA NO SERTÃO DE SÃO PAULO: OS DISCÍPULOS DE BARROSO**

*“Eu grito, clamo, choro e desespero!  
Ninguém me attende.  
O mundo é surdo à voz  
Do meu destino negro, eterno, atroz  
Acérrimo, titânico e severo!  
Eu sou o Ahasvero, o tal lendário Ahasvero,  
Esse judeu extremamente algoz...  
Esse judeu errante mais feroz,  
Mais bruto, mais sanhudo, que Cerbero!  
Eu sou o Ahasvero o monstro humano e velho  
Das citações divinas do EVANGELHO...  
Eu sou o Ahasvero, o ser excomungado!  
Eu sou o Ahasvero horrendo, vil, maldito,  
O ser de atrocidades infinito  
Que fez NOSSO SENHOR tão desgraçado!...”  
 (“Ahasvero”<sup>\*</sup> – Benedicto Franco – jornal “Cidade de Olympia” – 08/06/30)*

### **5.1 O INTEGRALISMO E O ANTI-SEMITISMO**

A principal discussão em torno da Ação Integralista Brasileira sempre foi sua relação ideológica com o fascismo italiano. Plínio Salgado, afirmam os integralistas, nunca admitiu a influência fascista no movimento que considerava autóctone. No entanto, integralistas que publicaram na década de 1930 seus artigos no principal jornal de Olímpia, no interior de São Paulo, o “Cidade de Olympia”, fizeram desse parentesco ideológico uma de suas principais motivações de adesão à A.I.B. e, ao mesmo tempo, uma arma de propaganda no então sertão de São Paulo. Mas uma outra motivação foi capital para arrebatá-los: o anti-semitismo.

---

<sup>\*</sup> Ahasvero ou Ahasverus, figura de judeu lendário. Exigia, aos gritos, a condenação de Cristo. Na caminhada para a crucificação, Cristo quis usar a porta da casa de Ahasvero para descansar, no que foi impedido pelo mesmo. Respondeu-lhe Cristo: “Eu vou descansar parado, mas tu vais caminhar eternamente...”

A existência de uma corrente racista dentro da Ação Integralista Brasileira é outra importante discussão acerca do movimento liderado por Plínio Salgado, pois o anti-semitismo foi abertamente inserido e defendido nos discursos de alguns dos principais integralistas, como Tenório D’Albuquerque, Madeira de Freitas, Ulyses Paranhos, em especial Gustavo Barroso e da maioria dos camisas-verdes que viveram neste naco do sertão chamado Olímpia e que revelaram suas facetas racista escrevendo artigos para o jornal “Cidade de Olympia”. O semanário serviu como uma espécie de porta-voz não oficial do núcleo municipal da Ação Integralista Brasileira, inserindo inúmeros artigos anti-semitas de autoria de integralistas entre 1933 e 1937.

Todavia, os documentos oficiais da Ação Integralista Brasileira não fazem referências ao anti-semitismo. No Artigo 4º (O Nosso Nacionalismo) do Manifesto de Outubro de 1932, nota-se que a A.I.B. procurava exprimir somente sua crítica à burguesia brasileira por deixar-se influenciar pelos costumes estrangeiros:

*O cosmopolitismo, isto é, a influência estrangeira, é um mal de morte para o nosso nacionalismo. Combatê-lo é o nosso dever. E isso não quer dizer má vontade para com as Nações amigas, para com os filhos de outros países, que aqui também trabalham objetivando o engrandecimento da Nação Brasileira e cujos descendentes estão integrados em nossa própria vida de povo. Referimo-nos aos costumes, que estão enraizados, principalmente em nossa burguesia, embevecida por essa civilização que está periclitando na Europa e nos Estados Unidos.*<sup>231</sup>

O Integralismo foi buscar no livro de Alberto Torres, *O Problema Nacional Brasileiro*, uma justificativa para uma conduta contrária ao racismo. Nele,

---

<sup>231</sup> *Manifesto de Outubro de 1932*. P. 6 – São Paulo. Editora Voz do Oeste, 1982.

Alberto Torres afirmava: *“No Brasil muitos intelectuais aceitavam as idéias racistas dos povos que nos queriam dominar, sob pretexto de nossa inferioridade racial”*.<sup>232</sup> A Ação Integralista julgava grotesco o racismo num país que era o resultado de um conjunto de raças e sendo o integralismo cristão, não poderia aceita-lo, já que Cristo pregou a confraternização de todos os povos e raças.<sup>233</sup> No entanto, o Sigma admitia que alguns integralistas poderiam ter sido atraídos pelo racismo, mas estariam fora da doutrina, agindo por conta própria, como aconteceria também em outras correntes políticas. O maior expoente desse grupo racista foi o chefe das milícias Gustavo Barroso, que conquistou a companhia de camisas-verdes olímpicas. Na maioria dos artigos integralistas publicados no semanário, encontram-se referências ao anti-semitismo, como se os judeus fossem um espectro que ameaçava a nação e o cristianismo.

Afirmar que o integralismo foi um movimento amplamente anti-semita seria, no mínimo, leviano, pois essa faceta ainda depende de mais estudos aprofundados. Porém, é indiscutível a existência de uma forte corrente racista dentro do movimento influenciada por Gustavo Barroso. Hélgio Trindade, autor de uma das mais importantes obras sobre o Integralismo, concorda com esse argumento:

*“O anti-semitismo não era consensual, mas afirmado claramente por Gustavo Barroso e por seus seguidores. Plínio é menos explícito. O fascismo italiano também não tinha no anti-semitismo seu traço mais importante. Tenho provas nas minhas entrevistas de que muitos foram anti-semitas.”*<sup>234</sup>

---

<sup>232</sup>TORRES, Alberto. In. LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. *O Integralismo – Síntese do Pensamento Político Doutrinário de Plínio Salgado*. P. 39 - São Paulo. Editora Voz do Oeste, 1981.

<sup>233</sup> Idem.

<sup>234</sup> Idem.

<sup>234</sup> Entrevista concedida a este autor, no dia 11 de novembro de 2001.

## **5.2 O ANTI-SEMITISMO COMO ARMA DO TOTALITARISMO**

Mas, enfim, porque o mundo cristão e islâmico odiou tanto os judeus ao longo da História, criando imaginários e desenvolvendo ações que serviram para justificar golpes, massacres, ascensão de ideologias de extrema direita, disseminação de propaganda político-partidária e regimes de terror? O anti-semitismo parece uma doença crônica que desafia o tempo e a razão, que vive ciclos intensos e períodos de arrefecimento, cujo paroxismo foi a década de 1930, especialmente após a ascensão do nazismo. A propaganda antijudaica se propagou até mesmo pelas cidades do interior do Brasil, como em Olímpia onde intelectuais integralistas desencadearam uma campanha anti-semita via jornal “Cidade de Olympia”.

Duas formas de anti-semitismo, o religioso e o racial, desenvolveram-se ao longo do tempo. Hannah Arendt entende que entre o anti-semitismo como ideologia leiga do século XIX e o anti-semitismo como ódio religioso aos judeus, há profunda diferença; até o século XIX, o anti-semitismo como ideologia leiga era desconhecida de nome, mas não de conteúdo.<sup>235</sup>

O anti-semitismo até antes da década de 1870 podia ser entendido como o antagonismo de duas crenças em conflito. No entanto, pode-se discutir até que ponto esse antagonismo religioso influenciou a versão racial do ódio aos judeus, continua Arendt.<sup>236</sup> Percebe-se nitidamente nos discursos antijudaicos em Olímpia uma certa simbiose entre as formas religiosa e racial. Esses discursos sempre concebiam o judaísmo como um perigo ao cristianismo e nocivo aos interesses nacionais.

---

<sup>235</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. P. 17.

<sup>236</sup> Idem.

Segundo a autora de *Origens do Totalitarismo*, enquanto historiógrafos judeus detectavam da história cristã as ocorrências caracterizadas pelo ódio aos judeus, os anti-semitas de modo intelectualmente idêntico, faziam o mesmo, atribuindo às autoridades judaicas o início da tradição do antagonismo judaico contra os cristãos.<sup>237</sup> Todavia, o anti-semitismo tomou características raciais a partir do instante em que a discriminação transformou-se em argumento político, emergindo como a única questão capaz de unir a opinião pública. Arendt esclarece que cada classe social que entrava em conflito com o Estado virava anti-semita, porque o único grupo que parecia representar o Estado, identificando-se com ele servilmente, eram os judeus.

O sentimento antijudaico adquire relevância política somente quando pode ser combinado com uma questão política importante, ou quando os interesses grupais dos judeus entram em conflito aberto com os de uma classe dirigente ou aspirante ao poder, conclui Arendt.<sup>238</sup> Pelo menos parte do Integralismo divisava os judeus mancomunados com capitalistas e comunistas num hipotético plano de dominação do mundo e do Brasil: primeiro, transformando o país numa colônia de banqueiros judeus e, depois, instituindo um ensino leigo, desprezando os princípios cristãos do Brasil, o que contrariava os interesses do movimento verde, aspirante ao poder. Assim, no que concernia aos integralistas, anti-semitismo religioso e racial caminhavam juntos.

Nos conturbados anos 30, ideologicamente marcados pela disputa entre fascismo e comunismo, o anti-semitismo se constituiu num dos alicerces em que se sustentava a extrema direita na Europa e no Brasil. O judaísmo e a raça semita apareciam nos discursos da extrema direita como um inimigo a ser

---

<sup>237</sup> Idem. P. 18-19.

<sup>238</sup> Idem. P. 45-49.

combatido, assim como o capitalismo, o liberalismo e o comunismo. Mesmo porque, a lógica dessa extrema direita era associar o judaísmo a essas ideologias.

O anti-semitismo foi um componente da estratégia de diferentes forças sociais em direção a uma sociedade totalitária. O discurso anti-semita, mostrando os judeus como um povo sem pátria, sem alma e sem coração, formado por usurários capazes de acabar com a soberania das nações e destruir o cristianismo, inseria-se num conjunto de imagens que tinha como finalidade contribuir para a construção de um regime totalitário de direita. Era necessário definir os inimigos da pátria, do cristianismo e da família, como meio de cooptar as forças necessárias para estabelecer o totalitarismo. Afinal, os judeus representavam a antítese daquilo que embasava um Estado totalitário: a ordem, a pátria, a autoridade e a obediência.

Em *Minha Luta*, Adolf Hitler afirmava que os maiores conhecedores das possibilidades do emprego da mentira e da calúnia em todos os tempos eram os judeus, pois, começaria entre eles, a mentira por tentarem provar ao mundo que a questão judaica é um problema de raça.<sup>239</sup> Hitler via no domínio de parte da imprensa pelos judeus um fator de envenenamento do povo alemão e acusava o governo de covardia diante do perigo.<sup>240</sup> Integralistas antijudaicos que escreviam para o jornal olímpense pensavam da mesma maneira.

Dentro do imaginário hitlerista, o judeu nunca tinha sido nômade e sim um parasita incorporado ao organismo de outros povos e o fato dele continuar a se espalhar pelo mundo seria um fenômeno próprio a todo parasita. Crente na veracidade dos *Protocolos dos Sábios do Sião*, Hitler denunciava que os judeus dispunham de um plano para dominar a Alemanha e o mundo, o mesmo pensamento nutrido pelos camisas-verdes de Olímpia em relação ao Brasil.

---

<sup>239</sup> HITLER, Adolf. *Minha Luta*. P. 213.

<sup>240</sup> Idem. P. 223.

Muitas das idéias de Hitler acerca dos judeus, podem ser detectadas nos artigos de integralistas publicados no jornal “Cidade de Olympia”. A aproximação judaica dos operários para angariar sua confiança, o suposto domínio da Maçonaria e o envolvimento dos judeus com o comunismo são alguns exemplos. A ideologia hitlerista contida no livro *Minha Luta* parece ter influenciado o imaginário dos anti-semitas em Olímpia.

O anti-semitismo tornou-se para a extrema direita um dos pilares formadores de pares antitéticos, do tipo, bem/mal, civilização/barbárie, patriota/traidor, sacrifício/egoísmo, verdade/mentira, união/dissolução e virtude/vício, partindo da teoria de Eliana Dutra. Ainda na linha de pensamento de Dutra, os judeus representavam a idéia do inimigo estrangeiro, do invasor, daquele que pilhava as riquezas da nação e ameaçava a existência da civilização cristã: “*A figura do inimigo é essencial. Ela serve para fornecer ao povo a consciência de sua unidade e, ao poder que conduz o combate, a legitimidade*”.<sup>241</sup>

O inimigo semita era encarado como um vírus, fortalecendo sua imagem de agressor externo, uma doença capaz de corroer as finanças, açambarcar os tesouros nacionais, corromper a imprensa. O judeu era visto como quem contaminava as nações, aquele que inoculava o vírus da maçonaria e do comunismo, com o propósito de desestabilizar os governos e completar seu plano de domínio universal.<sup>242</sup>

Outro imaginário, que teve sua origem na Idade Média, foi a ligação do judaísmo ao demônio, pois os judeus, na concepção anti-semita, representavam o anticristo, a encarnação do mal, como tentava mostrar o artigo escrito pelo integralista identificado por Conselheiro Y ao denunciar um suposto plano judaico-

---

<sup>241</sup> DUTRA, Eliana. *O Ardil Totalitário*. P. 42.

<sup>242</sup> Idem.

maçônico com o fim de destruir a religião católica e implantar um governo ateu.<sup>243</sup> Para muitos integralistas, o combate ao judaísmo se justificava como forma de preservar a civilização cristã, alvo principal da imaginada conspiração judaica. Os camisas-verdes criaram a imagem da eterna luta do espírito das trevas contra o espírito da luz.

A presença do maligno torna-se mais evidente na medida em que o judaísmo vem associado a dois outros “males” que reforçam o ódio anti-semita: a maçonaria e o comunismo. Nota-se comumente em livros e artigos anti-semitas um cordão umbilical unindo judaísmo, maçonaria e comunismo, que formariam um arcabouço com a pretensão de dominar o mundo e eliminar a civilização cristã.

A luta contra o inimigo semita reforçava as idéias nacionalistas dos anos 30, pois proporcionava um elemento a mais para agregar o povo em torno da defesa dos interesses da nação e, conseqüentemente, atrair adeptos às ideologias nacionalistas de direita, como o nazismo e o integralismo. A existência de um inimigo “quase invisível”, que seria responsável pelas mazelas da economia e da sociedade brasileira, como o endividamento externo do país, foi muito bem explorado pelo nacionalismo de Gustavo Barroso em seu livro *Brasil – Colônia de Banqueiros*. A figura do inimigo estrangeiro nas manifestações nacionalistas servia para excitar a fé patriótica do povo e, ao mesmo tempo, fortalecia o movimento integralista, na medida em que este preconizava-se uma ideologia autóctone, voltada aos interesses nacionais e avessa à influência de doutrinas forasteiras.

Desta forma, o nacionalismo de direita estabelecia os inimigos a serem combatidos: o comunismo, o liberalismo, a maçonaria, o capitalismo e em particular o judaísmo, que estaria por trás dessas ideologias “nefastas” aos interesses da

---

<sup>243</sup> CONSELHEIRO Y. *Plano Occulto*. Jornal “Cidade de Olympia”, 08 de abril de 1934.

pátria. A eliminação desses inimigos significaria a cura para as várias doenças que prostravam o organismo brasileiro e a única panacéia era a Ação Integralista Brasileira. A concepção da A.I.B. como remédio para os “males” que afetavam o Brasil na década de 30, encontra respaldo no que defendia Gustavo Barroso, que só via a cura na prescrição da Revolução Integralista, a única com o poder de promover as mudanças de pensamento, de instituições e de rumo, repelir o liberalismo, o comunismo e o judaísmo capitalista e salvar a pátria espiritual e materialmente.<sup>244</sup> Barroso buscava transmitir uma imagem fundamentalista de que para os camisas-verdes lutar até a morte pela salvação do Brasil seria um ato de heroísmo. O discurso “barrosiano” tentava alardear o integralismo como o antibiótico eficaz para curar as infecções causadas pelos invasores externos, como os judeus, ou, quem sabe, uma espécie de elixir, aquela confeitão farmacêutica de xaropes com alcoolatos, que teria efeito mágico ou miraculoso. O elixir era um remédio muito usado para o combate a diversas moléstias na década de 30 e com farto anúncio no jornal “Cidade de Olympia” (Tayuya, Grindelia, Nogueira, 914).

### **5.3 A COLÔNIA DE BANQUEIROS E OS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO: O EMBASAMENTO TEÓRICO**

Dois instrumentos foram largamente utilizados para alimentar o imaginário e o sentimento anti-semita no Brasil: *Brasil – Colônia de Banqueiros* e os *Protocolos dos Sábios de Sião*, ambos de Gustavo Barroso, autor do primeiro e tradutor do segundo. Esses dois livros serviram de inspiração para muitos dos que escreveram artigos com conteúdo racista no jornal “Cidade de Olympia”. No livro

---

<sup>244</sup> BARROSO, Gustavo. *Brasil – Colônia de Banqueiros*. P. 194.

*Brasil – Colônia de Banqueiros*, Barroso descreve com detalhes a história dos empréstimos contraídos pelo país de 1824 a 1934 e aproveita para denunciar o suposto envolvimento de judeus num esquema de domínio do Brasil e do mundo, a exemplo do que fez Hitler na Alemanha. Segundo o integralista, o Brasil ficou livre de Portugal em 1822, mas foi transformado em colônia da casa bancária judaica Rotschild, do supercapitalismo internacional, que não teria pátria e como que obedecesse a leis secretas de aniquilamento de todos os povos.<sup>245</sup>

Ao mesmo tempo em que desenvolveu um trabalho baseado em números sobre o endividamento brasileiro, Gustavo Barroso aproveitou para lançar um libelo anti-semita. Ele procurou mostrar o envolvimento do judaísmo na dívida externa do país, inserindo uma série de trechos de documentos que comprovariam sua tese.

Gustavo Barroso recorreu ao sagrado para justificar sua denúncia contra os judeus, escrevendo que Israel estava cumprindo a risca a promessa das Escrituras: *“Tu devorarás todos os povos que o Senhor teu Deus te entregará”*.<sup>246</sup> E continua utilizando-se da Bíblia para atacar a prática da usura pelos judeus, proibida entre eles, mas autorizada para os estrangeiros, citando Deuteronômio, XV, 1 etc., o Êxodo, XXIII, 20 21 e Gênesis, XXII, 22 23: *“Não fareis mal algum à viúva nem ao órfão. Se vós os ofenderdes eles gritarão por mil e eu ouvirei os seus clamores!”*<sup>247</sup>.

Em outro trecho do livro, Barroso cita o argumento do pensador Schopenhauer para fortalecer seu anti-semitismo: *“Os judeus são o povo escolhido de Deus. É possível. Mas, como os gostos diferem, eu não os escolheria... Em nenhum caso, se deviam dar direitos políticos a gente que nunca está em sua pátria,*

---

<sup>245</sup> Idem. P. 14-15.

<sup>246</sup> Idem. P. 32.

<sup>247</sup> BARROSO, Gustavo. *Brasil – Colônia de Banqueiros*. P. 32.

cuja única pátria são os outros judeus do universo...”<sup>248</sup> Ao se referir a Schopenhauer, o camisa-verde procurava mostrar que o anti-semitismo também era alvo da preocupação de diversos intelectuais, que, segundo ele, não concordariam com as idéias e práticas dos judeus.

*Brasil – Colônia de Banqueiros* constituiu-se nos anos 30 uma espécie de cartilha econômica anti-semita e serviu para alimentar o discurso e o imaginário antijudaico contidos nos escritos de integralistas e publicados pelo jornal de Olímpia.

Outro instrumento empregado pelos seguidores do anti-semitismo no Brasil e no mundo para legitimar o ódio e o combate aos judeus foi *Os Protocolos dos Sábios do Sião*, suposto plano judaico para conquistar o mundo e estabelecer seu governo universal. *Os Protocolos* teriam surgido em 1897 durante um congresso de associações sionistas realizado em Basileia, na Suíça. Nele, teriam sido assentadas as bases de um programa de conquistas, cuja amplitude os êxitos precedentemente obtidos justificavam, no dizer de Roger Lambelin<sup>249</sup>. O autor ou autores dos *Protocolos* é desconhecido. De acordo com Roger Lambelin, esse programa não indicava somente os objetivos sucessivos a conseguir: preconizava também os métodos a seguir e as regras táticas a observar. As várias secções do Congresso, explica Lambelin, redigiriam as atas de suas sessões, denominadas protocolos, destinadas a serem comunicadas a certos iniciados e a conservar as resoluções dos conciliábulos secretos.<sup>250</sup> *Os Protocolos dos Sábios de Sião* teriam sido publicados pela primeira vez em 1902, na Rússia, pelo professor Sérgio Nilus e edições desse documento foram sucessivamente publicadas em várias línguas. No

---

<sup>248</sup> Idem. P. 69.

<sup>249</sup> No livro *Os Protocolos dos Sábios de Sião* publicado no Brasil, Roger Lambelin é responsável por uma de suas partes. No entanto, não há informações sobre quem é Roger Lambelin. BARROSO, Gustavo. *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. P. 27.

<sup>250</sup> Idem.

Brasil, a primeira edição foi lançada em 16 de setembro de 1936, com tradução de Gustavo Barroso.

A autenticidade desse documento sempre foi contestada pelos judeus, alegando ser os *Protocolos* um plágio grosseiro de um livro escrito pelo francês Maurício Joly, em 1865, sob o título *Diálogos no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu*, onde o autor critica o reinado de Napoleão III, na França. Partindo do texto de Joly, os *Protocolos* teriam sido forjados por três policiais russos da Ochrana czarista, com o objetivo de influenciar os meios conservadores da Corte imperial da Rússia, propagando por toda a parte a suspeita da existência de vasta conspiração judaica (W. Creutz).<sup>251</sup>

A edição brasileira dos *Protocolos dos Sábios de Sião* está dividida em quatro partes: a primeira, *O Perigo Judaico*, por Roger Lambelin; a segunda, *Autenticidade dos Protocolos dos Sábios de Sião*, por W. Creutz<sup>252</sup>; a terceira, *O Grande Processo de Berna sobre a Autenticidade dos Protocolos*, provas documentais por Gustavo Barroso; quarta, *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, texto original completo em vinte e quatro capítulos.<sup>253</sup>

Todavia, os anti-semitas apresentaram vários argumentos tentando contradizer a afirmação de falsificação, como o trecho de uma suposta carta enviada por um judeu chamado Baruch Levy a Karl Marx, revelando que o verdadeiro fim de uma sociedade secreta fundada em 1847, na Inglaterra, seria estabelecer o poder mundial de Israel. A carta desvendaria uma conspiração judaica para estabelecer uma República Universal, na qual os filhos de Israel seriam os elementos predominantes e possuidores das chaves de todo tesouro do mundo, graças à vitória

---

<sup>251</sup> CREUTZ, W.. In. *Brasil – Colônia de Banqueiros*. P. 43-44.

<sup>252</sup> A exemplo de Roger Lambelin, também não há informações sobre W. Creutz.

<sup>253</sup> Outro detalhe importante é a ausência em muitas partes do texto de informações essenciais para uma melhor compreensão, tais como datas, uma descrição minuciosa dos nomes citados e uma redação mais clara.

do proletariado.<sup>254</sup> Para muitos integralistas anti-semitas, documentos como este reforçaram ainda mais a imagem de que comunismo e judaísmo caminhavam juntos e que, portanto, deveriam ser combatidos.

Na segunda parte do livro editado no Brasil, W. Creutz usa o que seria um pronunciamento de um rabino, Reichhorn, feito em 1869, para provar a veracidade dos *Protocolos*:

*“Durante séculos os Filhos de Israel, desprezados e perseguidos, trabalharam para abrir o caminho do poder. Chegam à meta. Controlam a vida econômica dos malditos cristãos e sua influência é preponderante sobre a política e os costumes. Na hora que quiserem, de antemão fixada, desencadearão a revolução que, arruinando todas as classes da cristandade, escravizará definitivamente os cristãos. Assim se cumprirá a promessa de Deus feita a seu povo”*.<sup>255</sup>

Creutz achava que a promessa havia se concretizado na “pobre” Rússia. O uso político por trás das referências religiosas, mostra a simbiose entre o anti-semitismo religioso e racial. Roger Lambelin ao resumir os *Protocolos* vislumbrava o fim do que chamou de liberalismo cristão:

*“Os povos cristãos serão um dia levados a tal desespero que reclamarão um supergoverno universal emanado dos judeus... A autocracia judaica substituirá o liberalismo dos estados cristãos. Todas as religiões serão abolidas, salvo a de Moisés. Para mostrar seu poder, os judeus esmagarão e escravizarão pelo assassinio e o terrorismo um dos povos da Europa...”*<sup>256</sup>

---

<sup>254</sup> BARROSO, Gustavo. *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. P. 47.

<sup>255</sup> Idem. P. 48.

<sup>256</sup> BARROSO, Gustavo. *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. P. 29.

Procurando ratificar a autenticidade dos supostos planos judaicos de domínio universal, Gustavo Barroso considerava que muitas profecias haviam se realizado: “*O comunismo, que decorre deles e é o coroamento da obra judaica, ameaçou subverter o mundo. A civilização cristã*”, antes de Mussolini e de Hitler, quase levou a breca. Tudo isso advertiu o mundo do perigo judaico. E o antijudaísmo abrolhou por toda parte como uma reação defensiva natural e necessária”.<sup>257</sup>

Barroso alimentou ainda mais o imaginário em torno da veracidade dos *Protocolos*, alegando que o resumo dos supostos plano judeus estaria contido no livro do profeta conhecido pelos exegetas como Segundo Isaías, Deutero-Isaías:

*“Os judeus governarão as nações; chamarão a si os povos que nem mesmo conheçam, os quais correrão para eles... . O Povo Eleito beberá o leite das nações e sugará o seio dos reis, devotará a fortuna das nações e se cobrirá de esplendor”.*<sup>258</sup>

Os *Protocolos dos Sábios de Sião* tornaram-se o maior panfleto anti-semita de todos os tempos, uma poderosa arma ideológica capaz de embalar o imaginário de fascistas, nazistas e integralistas e servir para explicar desastres, como a derrota alemã na Primeira Guerra. Ao cita-los em *Minha Luta*, Hitler afirmou: “*O que muitos judeus podem fazer inconscientemente está aqui conscientemente exposto*”.

259

#### **5.4 O ANTI-SEMITISMO NA IMPRENSA DE OLÍMPIA: OS DISCÍPULOS DE BARROSO**

---

<sup>257</sup> Idem. P. 63.

<sup>258</sup> Idem. P. 72.

<sup>259</sup> HITLER, Adolf. *Minha Luta*. P. 281.

Na década de 30, os intelectuais integralistas dispuseram de amplo espaço no jornal “Cidade de Olympia” para revelar aos habitantes do sertão suas idéias, seus desejos, suas angústias, seus preconceitos e disseminar a “solução verde” como única apta a salvar o Brasil das garras do comunismo, do liberalismo, do capitalismo e do judaísmo. O semanário constituiu-se no principal instrumento semeador do imaginário anti-semita e do ódio aos judeus disseminado pelos camisas-verdes. Pelas páginas do periódico, integralistas desfilaram seu repertório de acusações contra o judaísmo. Os livros panfletários *Brasil – Colônia de Banqueiros* e *Os Protocolos dos Sábios de Sião* serviram de embasamento teórico aos camisas-verdes anti-semitas do sertão paulista, verdadeiros discípulos de Gustavo Barroso. Às vésperas do Natal de 1934, Alpínolo Lopes Casali fez conferência em Olímpia e abordou a situação da dívida externa brasileira utilizando-se do livro de Gustavo Barroso, *Brasil – Colônia de Banqueiros*, que acabara de ser lançado.<sup>260</sup>

A primeira referência anti-semita apareceu no jornal “Cidade de Olympia” em março de 1933 por ocasião da publicação do artigo *Do Comunismo e do Integralismo*, de Philemon Ribeiro da Matta, que traçava um paralelo entre o que pretendiam as duas doutrinas. Unindo o judaísmo ao comunismo, Matta advertia que o comunismo ansiava acabar com as pátrias, transformando-as em colônias sob o domínio dos judeus.<sup>261</sup> Os exércitos não teriam outro serviço a não ser garantir os judeus no poder, concluiu o camisa-verde.<sup>262</sup> Philemon foi responsável por outro artigo em que os judeus apareciam mancomunados ao movimento bolchevista. Ele

---

<sup>260</sup> *Conferência Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 6 de janeiro de 1935.

<sup>261</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *Do Comunismo e do Integralismo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 19 de março de 1933.

<sup>262</sup> *Idem*.

denunciava que os judeus mandavam seus emissários espalharem as idéias bolchevistas e a imprensa “mercenária” pregar o internacionalismo.<sup>263</sup>

A suposta ameaça que o judaísmo representaria para a civilização cristã apareceu no artigo publicado em 1934 pelo integralista identificado por Conselheiro Y. Ao criticar a adoção do ensino público laico no Brasil e outros países, denunciava um suposto plano oculto perpetrado pelos judeus e pela maçonaria para destruir a civilização cristã. O Conselheiro Y apontava a laicidade do nosso ensino público como obra do que chamou de “judeu-maçonaria”, mas que felizmente poucos teriam sido os países que aceitaram tal “monstruosidade”.<sup>264</sup> Em outro trecho do artigo, o integralista justificou sua denuncia afirmando que o objetivo da judeu-maçonaria seria a formação de um povo ateu, facilitando a derrota da religião católica.<sup>265</sup> Mesmo se auto-afirmando uma ideologia cristã, sem vínculo com nenhuma religião, a maioria dos integralistas era declaradamente católica e apesar de legitimar seu anti-semitismo na luta pela preservação do cristianismo, percebe-se que para muitos camisas-verdes a luta resumia-se entre católicos e judeus.

Nos *Protocolos*, encontram-se alguns trechos que colaboram com o pensamento expresso pelo Conselheiro Y. W. Creutz ao resumir em vinte e dois itens o que premeditaram os Sábios de Sião, citou em primeiro lugar: *corromper a mocidade pelo ensino subversivo*.<sup>266</sup> E em nota de rodapé, Gustavo Barroso afirmava: “...todo o sistema de educação é hoje conduzido no sentido prescrito nos *Protocolos*. Os olhos, os ouvidos e as mãos aprendem maquinalmente, anulando-se pouco a pouco o trabalho do cérebro”.<sup>267</sup> No mesmo artigo, o Conselheiro integralista recomendava a educação como forma de combater o que classificou de

---

<sup>263</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *Integralismo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 1º de outubro de 1933.

<sup>264</sup> CONSELHEIRO Y. *Plano Occulto*. Jornal “Cidade de Olympia”, 8 de abril de 1934.

<sup>265</sup> Idem.

<sup>266</sup> BARROSO, Gustavo. *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. P. 54.

<sup>267</sup> Idem. P. 152.

“poderes sinistros que trabalham pela ruína da ordem vigente no mundo”.<sup>268</sup> A educação de jovens dentro da ideologia, baseada no tripé Deus, Pátria e Família, sempre foi um dos pilares doutrinários do movimento integralista.

A ligação entre judaísmo e comunismo apareceu em diversos artigos de autoria de camisas-verdes, recrudescendo o ódio anti-semita, uma vez que o Integralismo tinha como um de seus principais inimigos os comunistas. Dentro do conceito estabelecido por Eliana Dutra, integralismo/comunismo faziam parte dos pilares que sustentavam o arcabouço do edifício totalitário.<sup>269</sup> O integralismo criou um imaginário colocando lado a lado dois inimigos que supostamente continham o mesmo perfil ideológico, as mesmas pretensões futuras, ou seja, o domínio universal e o aniquilamento da civilização cristã. Portanto, ambos tinham que ser destruídos em nome de Deus, da Pátria e da Família.

Alimentando esse imaginário, podemos recorrer aos *Protocolos* no seu capítulo III:

*...Nós apareceremos ao operário como libertadores desse jugo, quando lhe propusermos entrar nas fileiras do exército de socialistas, anarquistas e comunistas que sempre sustentamos sob o pretexto de solidariedade entre os membros de nossa franco-maçonaria social.*<sup>270</sup>

Nos artigos do “Cidade de Olympia” os integralistas referiam-se aos judeus e aos comunistas como algo aterrorizante, o anticristo, aqueles predestinados a aniquilar o espírito da ordem e da cristandade para estabelecer o caos:

*“Os judeus, os communistas, os arrivistas que, todos os dias, aportam às nossas plagas golpeiam com o machado*

---

<sup>268</sup> CONSELHEIRO Y. *Plano Occulto*. Jornal “Cidade de Olympia”, 8 de abril de 1934.

<sup>269</sup> DUTRA, Eliana. *O Ardil Totalitário*. P. 19.

<sup>270</sup> BARROSO, Gustavo. *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. P. 96.

*soviético a cruz que plantastes<sup>271</sup>, como padrão da nossa crença e de nossa nacionalidade, nos nossos valles fecundos, nas nossas praias, e no dorso de velludo verde de nossas collinas e de nossas serras.<sup>272</sup>*

Dentro desta lógica, o integralista olimpiense Ruy do Amaral foi mais longe ao revelar uma aliança secreta entre o capitalismo e o comunismo judaicos.<sup>273</sup> O que Amaral fez, na realidade, foi sustentar sua revelação no conceito integralista de que capitalismo e comunismo seriam frutos do liberalismo, adicionando o ingrediente judaico, ausente dos manuais do Integralismo.

O artigo de Ruy do Amaral encontra paralelo no que escreveu Gustavo Barroso em *Brasil – Colônia de Banqueiros*:

*“...o comunismo é a outra face do capitalismo. Ambos formam o deus Janus do materialismo moderno, pois se enraízam no movimento anti-indivíduo-lógico naturalista iniciado pelo socialismo utópico dos sensimonistas... Tanto o capitalismo científico como o comunismo científico saem do liberalismo econômico, são seus filhos gêmeos..”<sup>274</sup>*

O mais contundente anti-semita que escreveu para o semanário foi o médico Philemon Patrículo Ribeiro da Mata, discípulo de Barroso e crente nas profecias dos *Protocolos*, como podemos perceber neste trecho do artigo sobre a Rússia: *“...a Rússia sahiu do seio da humanidade, tirou as vestes de humanos, para vestir as de urso, o animal traiçoeiro que todos sabem. É hoje o centro do judaísmo. É a terra dos judeus, isso é, a terra onde se faz força para destruir a civilização christã. Quase todos os revolucionários que implantaram o comunismo na Rússia*

---

<sup>271</sup> O autor refere-se ao Padre Anchieta.

<sup>272</sup> PARANHOS, Ulyses. *Oração a Anchieta*. Jornal “Cidade de Olympia”, 15 de abril de 1934.

<sup>273</sup> AMARAL, Ruy do. *A Lei de Segurança*. Jornal “Cidade de Olympia”, 7 de abril de 1935.

<sup>274</sup> BARROSO, Gustavo. *Brasil – Colônia de Banqueiros*. P. 115-116.

*eram judeus*”.<sup>275</sup> Artigos como este ajudaram os integralistas a criar um imaginário fértil e aguçar o ódio contra seus principais inimigos, como forma de atrair um número maior de militantes.

Outro foco dos ataques integralistas foi a imprensa, supostamente controlada pelo capital judaico com o propósito de manipular a opinião pública. Gustavo Barroso já chamava a atenção para esse fato em *Brasil – Colônia de Banqueiros*, onde criticava a imprensa brasileira por abrir espaço para os judeus e não oferecer sequer uma coluna para o Integralismo: “...o povo escolhido concita as agremiações judaicas a auxiliarem a imprensa para ela servir de pára-choque inicial a qualquer luta”.<sup>276</sup>

No capítulo II dos *Protocolos dos Sábios de Sião* encontramos referências ao suposto domínio da imprensa pelo judaísmo:

*Os Estados modernos possuem uma grande força criadora: a imprensa. O papel da imprensa consiste em indicar as reclamações que se dizem indispensáveis, dando a conhecer as reclamações do povo, criando descontentes e sendo seu órgão.*

*A imprensa encarna a liberdade da palavra. Mas os Estados não souberam utilizar essa força e ela caiu em nossas mãos.*<sup>277</sup>

Se por um lado o Integralismo criticava a imprensa, por outro utilizava-se dela, até mesmo em cidades do interior, para propagar suas idéias racistas (o próprio jornal “Cidade de Olympia” foi um exemplo disso).

Neste sentido, vários artigos integralistas criticavam a imprensa e pregavam seu controle pelo Estado como meio dela servir aos interesses da nação e

---

<sup>275</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *Rússia*. Jornal “Cidade de Olympia”, 19 de janeiro de 1936.

<sup>276</sup> BARROSO, Gustavo. *Brasil – Colônia de Banqueiros*. P. 251-252.

<sup>277</sup> Idem. *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. P. 93.

não dos judeus, de tal modo que defendiam: *A fiscalização directa do Estado sobre o cinema, o teatro, a imprensa, o rádio e todos os vehiculos do pensamento que estão hoje attentando contra a liberdade, forçando o povo a submeter-se aos caprichos de capitalistas judeus, de burguezes sórdidos, de espírito anarchico de agentes de Moscow.*<sup>278</sup> A referida citação fazia parte das *Diretrizes Integralistas*, mas sua publicação nos livros *O Integralismo Brasileiro Perante a Nação*, de Plínio Salgado, edição de 1946, e *O que o Integralista deve saber*, de Gustavo Barroso, edição de 1937, não fazem alusão aos capitalistas judeus e sim, capitalistas internacionais. O mesmo texto procurava mostrar um integralismo preocupado com o controle da economia nacional como medida para “impedir nossa escravização econômica aos judeus de Londres e Nova York”.<sup>279</sup>

Menotti Del Picchia num pequeno artigo publicado no “Cidade de Olympia” tentou cavar uma trincheira contra o que chamou de “Guerra ao Monstro! Guerra ao Trust judeu do papel!”. Del Picchia enumerou os males que o “polvo judaico do trust do papel” causava à cultura brasileira, entre eles, a privação das populações do grande veículo de socialização do pensamento que é a imprensa amplamente difundida.<sup>280</sup> Ruy do Amaral também apontou a imprensa brasileira como conluída aos judeus. Num artigo subjacente, o fundador do núcleo municipal da A.I.B. acusou implicitamente Assis Chateaubriand de ligação com o capitalismo judaico internacional, que teria por intermédio dos Diários Associados desencadeado uma campanha de difamação do movimento integralista.<sup>281</sup>

---

<sup>278</sup> *Ação Integralista Brasileira – Ao Povo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 30 de setembro de 1934.

<sup>279</sup> Idem.

<sup>280</sup> PICCHIA, Menotti Del. *Polvo Judaico*. Jornal “Cidade de Olympia”, 2 de junho de 1935.

<sup>281</sup> AMARAL, Ruy do. *Norma Política*. Jornal “Cidade de Olympia”, 15 de novembro de 1936.

A crença nos *Protocolos* referente à imprensa, pode ser identificada neste trecho de um texto de Philemon Ribeiro da Matta, comparando os jornais integralistas e os jornais “democráticos”:

*“Consola o facto de se saber que, no Brasil, já existe uma imprensa honesta, que fere os nossos problemas mais vitais, por amor ao Brasil, sem fazer a menor chantage. Não é a imprensa que tem, como chefe supremo, o melífluo judeu Moses, a defender perante as autoridades do paiz, todos os comparsas, mesmo os mais venenosos e trahidores...”*<sup>282</sup>

Os ataques desencadeados pelos camisas-verdes buscavam criar a imagem de uma imprensa comprometida com os inimigos da nação e do cristianismo, no caso os judeus, e elevar a imprensa integralista ou a comprometida com o movimento à condição de porta-voz da única força capaz de derrotá-los.

Os banqueiros judeus evidentemente foram outro alvo privilegiado da aversão dos anti-semitas estimulada por Gustavo Barroso e isto aparecia em textos de integralistas elaborados em harmonia com o pensamento “barrosiano”. O chefe das milícias integralistas ao descrever a história de nossa dívida externa e do que chamou de nossa escravização ao capitalismo internacional, imputava toda a culpa aos banqueiros judeus, fartamente mencionados em sua obra (Rotschild, Dillon Read & Cy., Baring Brothers e Schroeder, Lazard Brothers e outros).

Confrontando um trecho do livro de Gustavo Barroso a um artigo integralista, fica explícita a sua influência no pensamento de muitos militantes de Olímpia. Barroso criticava o Estado liberal-democrático, por ele apontado como facilitador da expansão da força dominadora (banqueiros judeus), que atentaria

---

<sup>282</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *Jornaes Integralistas versus Jornaes da Democracia*. Jornal “Cidade de Olympia”, 28 de março de 1937.

contra os princípios fundamentais da civilização cristã.<sup>283</sup> Antonio Daud expressou pensamento análogo ao de Barroso, de que a Liberal democracia arrastava o Brasil à deplorável contingência de bater às portas dos banqueiros judeus.<sup>284</sup> No artigo, Daud corroborava com o próprio título do livro de Barroso:

*“Os mais fervorosos adeptos do Liberalismo, são os que pretendem destruir a Pátria, entregando-a aos banqueiros judeus que fazem do nosso Brasil um paiz de recreio e uma ingênua colônia, onde elles possam, mais livremente, agrupar o seu ouro, para que mais tarde se tornem senhores absolutos deste mesmo recanto.”<sup>285</sup>*

O operariado, por sua vez, apareceu relacionado ao tema do anti-semitismo integralista em apenas um artigo subscrito pelo camisa-verde identificado pelas iniciais S.P. (provavelmente Sylviano Pinto), que alertava os operários sobre as principais causas das misérias humanas, entre elas, “o capitalismo desenfreado, que escraviza e rouba o que lhe é mais sagrado, o trabalho”.<sup>286</sup> Os judeus, concluiu o integralista, seriam os responsáveis por esta situação: “...Esta exploração cruel é operada desgraçadamente pelos agiotas, pelos burguezes sem coração, pelos judeus sem pátria, que endeusaram o dinheiro e só se estabelece onde ele rende mais lucros”.<sup>287</sup> O artigo mostrava o imaginário anti-semita inserido na estratégia da extrema direita, neste caso o Integralismo, para justificar um regime totalitário:

*“...o que é essencial para a realização da verdadeira justiça social é a existência de um Estado-forte. E nós somos partidários d'elle; somos partidários de um Estado-forte, que não receba injunção de partidos conservadores ou trabalhistas; que não dependa de empréstimos de judeus;*

---

<sup>283</sup> BARROSO, Gustavo. *Brasil – Colônia de Banqueiros*. P. 17.

<sup>284</sup> DAUD, Antonio. *Porque me tornei Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 28 de abril de 1935.

<sup>285</sup> Idem.

<sup>286</sup> S.P.. *O operariado em face do Integralismo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 2 de junho de 1935.

<sup>287</sup> Idem.

*que não seja ridículo a ponto de não poder conceder um “habeas-corpus”, porque não o quer o partido situacionista. Não. Nós queremos um Estado-forte, que seja mais forte que os partidos dos judeus, não depender deles para distribuir justiça.”<sup>288</sup>*

O texto apresentava os judeus como formadores do pluripartidarismo, enquanto os integralistas, criadores de imaginários, articulavam-se em torno do que Eliana Dutra chama de pares antitéticos: o Integralismo = o bem, a cura; o judaísmo, o comunismo, o capitalismo, o liberalismo e a maçonaria = o mal, a doença. A mesma estratégia apareceu em outro artigo escrito por Philemon da Matta, ao analisar o momento econômico-financeiro que atravessava o Brasil nos anos 30: “...o mal é da liberal democracia, que vem permitindo o desenvolvimento do *COMMUNISMO DE MOSCOW*, dos inimigos de Deus, da Pátria e da Família. E só os integralistas poderão salvar o Brasil do judaísmo internacionalista, que, na sombra, procura apunhalar os que batem pelas idéas mais puras e sagradas”.<sup>289</sup>

O discurso dos integralistas no semanário enquadrava o anti-semitismo como parte efetiva da doutrina do Sigma a ser seguida e defendida. Imaginavam os judeus como seus legítimos inimigos, tanto quanto os comunistas, e como cristãos teriam o dever de combatê-los em nome da salvação da civilização cristã, pelo bem do Brasil, de Deus e da Família. Neste cenário, podemos afirmar que pelo menos havia um desejo em desencadear uma agitação anti-semita, que somente não teria sucedido devido à inexistência de um ambiente que permitisse tal movimento em Olímpia. Sendo assim, o anti-semitismo limitou-se ao discurso panfletário no jornal “Cidade de Olympia” como instrumento de propaganda. É importante ressaltar que

---

<sup>288</sup> S.P.. *O operariado em face do Integralismo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 2 de junho de 1935.

<sup>289</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *Acção Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 14 de outubro de 1934.

entre os anos de 1920 e 1930 viveram em Olímpia somente sete famílias judias, originárias da Bessarábia, Romênia, Rússia e Polônia, em sua maioria comerciantes. O historiador José Maria de Jesus Marangoni revela em seu livro *Olímpia – Cidade Menina-Moça (1857-1945)*, que as famílias judias eram formadas por “gente boa, sem antecedentes criminais, ordeira e trabalhadora, excelentes chefes de família”.<sup>290</sup>

Concluindo, a pretensão deste texto não foi e nem poderia ser o de responder à pergunta porque o mundo cristão e islâmico odiou tanto os judeus, pois o anti-semitismo é um fenômeno que desafia o tempo e a razão, mas provocar uma discussão sobre como o anti-semitismo foi usado pela extrema direita (Ação Integralista) no Brasil e mais detidamente em Olímpia, não só para tentar cooptar adeptos, como também para criar um imaginário onde o integralismo fosse visto como a encarnação do bem, a cura, a salvação nacional, o espírito da luz, em contraposição aos judeus, a encarnação do mal, a doença, o infortúnio nacional, o espírito das trevas, e como se processou uma militância anti-semita numa cidade do então sertão paulista.

Como explicar uma forte campanha anti-semita num lugar como Olímpia, cidade sem a presença maciça de judeus e distante dos grandes centros capitalistas? O anti-semitismo quem sabe tenha se constituído numa idéia fora de lugar, emergindo em Olímpia porque os integralistas acreditavam no antijudaísmo como um mandamento da ideologia do sigma. Outra hipótese é o seu caráter fantasmagórico: o anti-semitismo na cidade pode ter servido como instrumento de propaganda integralista para atrair a simpatia da população. Os discursos dos camisas-verdes tentavam inocular o terror na população do sertão, diante da ameaça que o judeu representaria para a civilização cristã. Em tom quase profético,

---

<sup>290</sup> MARANGONI, José Maria de Jesus. *Olímpia – Cidade Menina-Moça (1857-1945)*. P. 62-63.

os integralistas proclamavam: ou o Integralismo vence, ou os judeus dominam o Brasil.

Pierre Sorlin, que estudou o anti-semitismo alemão, afirma que não chega a ser necessária a presença de um núcleo israelita para alimentar o fenômeno<sup>291</sup>, caso característico de Olímpia.

O anti-semitismo pode ter contado com uma série de fatores cujas engrenagens, como pequenas peças de máquinas, devem funcionar no momento adequado, argumenta Maria Luiza Tucci Carneiro.<sup>292</sup> No caso de Olímpia, algumas dessas engrenagens podem ter funcionado como motivação para o discurso anti-semita contido no integralismo: intelectuais capazes de sustentar uma teoria racial, uma exposição racional e organizada das idéias, fundamentadas e argumentadas utilizando-se de uma doutrina e uma forte tradição católica (quase todos os camisas-verdes do sertão eram católicos).

A influência do catolicismo no sentimento antijudaico torna-se evidente nas declarações do integralista Ítalo Galli, quando o assunto é se a religiosidade justificaria o anti-semitismo: *“Não seria anti-semitismo, seria um esclarecimento do que é o semitismo. Um esclarecimento das finalidades desse semitismo. A igreja apenas esclarece, o papa tem a obrigação de esclarecer o mundo. Ele esclarece mais ninguém obedece.”*<sup>293</sup>

A existência de um discurso anti-semita por parte de integralistas em Olímpia seria apenas a “exorbitância”, uma expressão pessoal sobre o tema, que não era condizente com a doutrina do Sigma, uma doutrina católica, sem ódios

---

<sup>291</sup> CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O Anti-Semitismo na Era Vargas (1930-1945)*. P. 44.

<sup>292</sup> Idem. P. 44-45.

<sup>293</sup> Entrevista concedida ao autor em São Paulo, em 17 de dezembro de 2002.

contra ninguém, apenas com prevenção e proteção em relação aos judeus, afirma Ítalo Galli.<sup>294</sup>

Sessenta e nove anos depois de publicar o primeiro artigo com menção anti-semita, Ruy do Amaral acredita que o discurso antiisraelita em Olímpia tenha existido porque alguns integralistas influenciados por Gustavo Barroso adotavam a posição racista. Entretanto, prossegue Amaral, esses camisas-verdes não eram estimulados, mas contidos, pois não haveria necessidade daquela atividade numa cidade que não tinha os problemas que havia na Alemanha nazista, onde os judeus tinham uma comunidade muito grande e eram detentores do poder econômico:

*“Na realidade, o integralismo através do líder Gustavo Barroso adotando uma linha anti-semita, tinha por objetivo, principalmente, atrair os religiosos, as pessoas religiosas para a doutrina integralista com o fantasma do comunismo e o perigo que a civilização cristã estaria passando com uma eventual vitória de um comunismo ateu, de um comunismo anticristão. Daí para angariar a simpatia dos cristãos e no caso do Brasil dos católicos, havia a idéia de identificar o comunismo como o ateísmo anticristão e com o ateísmo cruel, vingativo, perseguidor dos cristãos como se estivéssemos vivendo na Idade Média.”<sup>295</sup>*

A campanha anti-semita desfechada através do jornal “Cidade de Olympia” evidencia as influências do pensamento do chefe das milícias Gustavo Barroso sobre os camisas-verdes que assinavam os artigos. Podemos encontrar vários pontos convergentes na abordagem do tema. Barroso em seus livros procurava evidenciar a escravização do Brasil aos banqueiros judeus internacionais, a associação do judaísmo ao comunismo e ao capitalismo, as ameaças judia a

---

<sup>294</sup> Idem.

<sup>295</sup> Entrevista concedida a este autor no dia 17 de setembro de 2002, no Rio de Janeiro.

família, a pátria e ao cristianismo, o controle da imprensa, o envolvimento dos judeus com a Revolução Russa de 1917, exatamente o que tentavam os integralistas em seus artigos publicados no periódico olimpiense.

## **5.5 O ANTI-SEMITISMO NA MEMÓRIA DE INTEGRALISTAS**

Assim como no caso da associação do integralismo ao fascismo, poucos integralistas atualmente admitem ter existido uma corrente anti-semita no seio da Ação Integralista Brasileira. A maioria prefere descrever a existência pontual de camisas-verdes que nutriram simpatia pelo anti-semitismo, arrastados pelas idéias de Gustavo Barroso e suas obras panfletárias.

O professor José Baptista de Carvalho é um exemplo da influência de Barroso e acredita que o anti-semitismo empolgou um grande número de integralistas, estimulado pelos movimentos antiliberais e anticomunistas europeus, que trariam em seu bojo o anti-semitismo.<sup>296</sup> José Baptista admite ter sido um seguidor do pensamento racista desenvolvido por Gustavo Barroso nos anos 30:

*“O integralismo foi um movimento muito amplo, um movimento que admitiu desde as classes sociais até os movimentos religiosos, nunca discriminou nenhum movimento religioso, mas evidentemente alguns ou muitos dos integralistas acabaram entrando nesta onda do anti-semitismo. Um dos grandes responsáveis por isso, indiscutivelmente, foi o historiador Gustavo Barroso, que apanhou esse veio crítico e desenvolveu uma série de trabalhos em cima deste tema. Eu acho que essa linha anti-*

---

<sup>296</sup> José Baptista de Carvalho nasceu em 07 de junho de 1929, em Itajobi, interior de São Paulo. Foi integralista e membro do Partido de Representação Popular. É professor universitário aposentado e presidente da Casa Plínio Salgado, em São Paulo. Concedeu entrevista ao autor em 17 de outubro de 2002.

*semita do Gustavo Barroso e do Integralismo foi mais uma questão de época. Plínio Salgado nunca embarcou nessa de radicalizar, ele também tinha uma visão crítica a respeito do capitalismo e também uma visão crítica a respeito da participação dos judeus neste esquema de capitalismo internacional.*<sup>297</sup>

Hélio Pellegrini considera que todo anti-semita não passa de uma pessoa radical e como cristão não poderia deixar de amar todas as raças: *“Todos nós somos irmãos de Jesus e o mestre era filho de judeus. O Integralismo como doutrina defende a trilogia Deus, Pátria e Família e sendo essa uma doutrina espiritualista, defendemos todas as raças e o amor fraternal entre os povos”*.<sup>298</sup> Camisas-verdes como Gumercindo Rocha Dorea fazem questão de avaliar a inexistência de qualquer referência que pudesse confirmar que o movimento integralista era anti-semita. Não havia essa possibilidade, afirma Gumercindo, afinal de contas o Brasil é um país de mistura de raças.<sup>299</sup> A posição de Gustavo Barroso no tocante ao judeu, explica o integralista, não era um problema racista e sim um problema de economia política do capitalismo. Não obstante, Gumercindo também pensa que os principais líderes da Revolução Russa de 1917 eram judeus e que o capitalismo internacional estava e continua nas mãos dos judeus e, portanto, a posição de Barroso não era racista, era contra esse capitalismo, que por acaso ou não, estava nas mãos dos judeus.<sup>300</sup>

---

<sup>297</sup> Idem.

<sup>298</sup> Hélio Pellegrini nasceu em Ribeirão Preto em 18 de abril de 1920. Foi integralista e membro do Partido de Representação Popular. Foi também Técnico da Profilaxia do Tracoma, do Instituto do Tracoma e Higiene Visual do Estado de São Paulo. Concedeu entrevista ao autor em 29 de maio de 2001, em São José do Rio Preto.

<sup>299</sup> Gumercindo Rocha Dorea nasceu em Ilhéus (BA) em 04 de agosto de 1924, é editor e proprietário das Edições G.R.D.. Foi integralista e membro do Partido de Representação Popular. Concedeu entrevista a este autor em São Paulo, no dia 19 de julho de 2001.

<sup>300</sup> Idem.

Entretanto, o caso mais emblemático entre os sobreviventes da A.I.B. é o do desembargador Ítalo Galli. Ao mesmo tempo em que recusa o rótulo de anti-semita não consegue ocultar sua aversão aos judeus. Seu anti-semitismo aparece impregnado de religiosidade:

*“O movimento integralista não tinha uma objeção ao judaísmo, ele apenas mostrava o que todos sabem, eles repelem Jesus Cristo, como nós vamos aceitá-los, mas nós não tínhamos isto como um objetivo específico de combate, nós não tínhamos um empenho de combate-los por isso. Nós achávamos que eles não conheceram, não aceitaram, não receberam Cristo, foram castigados e continuam sendo castigados até que no fim do mundo eles vão voltar para Deus outra vez e o último papa será judeu.”<sup>301</sup>*

O castigo a que se refere Galli teria sido perpetrado por Adolf Hitler, numa Alemanha onde os judeus tomavam conta de tudo, das cátedras, cobrando juro escorchantes e provocando o ódio do povo alemão.<sup>302</sup> O camisa-verde defende pontos de vista no mínimo estranhos em relação ao holocausto judeu durante a Segunda Guerra Mundial:

*“Não houve essa devastação de judeus. Hitler não matou tantos judeus como se apregoa. Naturalmente não havia 15 milhões de judeus em toda a Europa, nem havia 5 milhões na Alemanha. De maneira que foi por castigo, agora como Hitler se excedeu no castigo também foi castigado. Assim que Deus manobra a humanidade*

---

<sup>301</sup> Ítalo Galli nasceu no povoado de Marcondésia, município de Monte Azul Paulista, em 20 de agosto de 1913. Foi advogado, desembargador e presidente do Tribunal de Alçada Criminal de São Paulo entre 1972-73. Foi chefe municipal do Núcleo da A.I.B. e chefe regional, quando o núcleo se estendeu de Olímpia a Nova Granada. Concedeu entrevista ao autor em 2 de março de 2001, em São Paulo.

<sup>302</sup> Idem.

(risos). *Está na Bíblia, conforme acentua o apóstolo São Paulo na Epístola aos Romanos, pelo pecado dos judeus veio a salvação aos gentios para os incitar a emulação. Ora, se o seu delito foi a riqueza do mundo e a sua redução, a riqueza dos gentios quanto mais a sua plenitude, quer dizer Deus permitiu o castigo dos judeus perseguindo os cristãos para trazer uma inimizade do povo contra os judeus e essa inimizade favoreceu ao cristianismo. Agora no final do mundo Deus vai perdoar por causa da sua infinita bondade. Eles são muito queridos por causa dos seus pais. E Deus no final do mundo vai perdoar tanto judeus como cristãos por seus respectivos pecados.*<sup>303</sup>

Por outro lado, Ítalo Galli garante que a Ação Integralista não era um movimento que tinha no anti-semitismo uma de suas características. Plínio Salgado era católico, comenta Galli, a divisa dele era Deus dirige os destinos dos povos e sendo assim não poderia dirigir ódio contra ninguém, somente esclarecer o povo que os judeus estavam errados.<sup>304</sup> O cristianismo não é contra o judaísmo, o judaísmo que é contra o cristianismo, mas no fim do mundo os judeus irão se reconciliar com Deus, prevê o integralista. Na sua opinião, Plínio falou muito pouco sobre os judeus, enquanto Barroso foi mais enérgico e teria mostrado que essa “turma” estava errada, sem, contudo, ter existido perseguição integralista aos judeus.<sup>305</sup>

Usando termos como “essa turma” em alusão aos judeus, Galli conta que como chefe municipal do núcleo e governador distrital da A.I.B. em Olímpia nunca introduziu o anti-semitismo em seus discursos semanais, na década de 30. O camisa-verde admite crer na veracidade dos *Protocolos dos Sábios do Sião*, obra

---

<sup>303</sup> Idem.

<sup>304</sup> Idem.

<sup>305</sup> Idem.

traduzida no Brasil por Gustavo Barroso: *“Mas é claro que eu acredito, porque, tem dúvida quanto a isso? Não é forjado não, é autêntico. Os “Protocolos...” são autênticos. Mas os judeus são isso mesmo, eles fazem tudo errado.”*<sup>306</sup> Sobre a propaganda antijudaica no “Cidade de Olympia”, Ítalo Galli atribui ao fato de que alguns teriam ficado irritado e extravasado seu pensamento.

Fundador do núcleo municipal da Ação Integralista em Olímpia no ano de 1934, Ruy do Amaral descreve que na época não estava convencido doutrinariamente do acerto em participar de uma militância anti-semita. Por sua formação cristã, Amaral entende que se afastaria do anti-semitismo, mas admite a existência de uma corrente racista dentro do integralismo influenciada pelos livros panfletários de Barroso.<sup>307</sup> No entanto, Ruy do Amaral procura minimizar a impacto dos artigos anti-semitas publicados no jornal “Cidade de Olympia” ao afirmar que nas reuniões do núcleo local da A.I.B., a discussão sobre o tema ocupava um lugar secundário. Não havia, segundo ele, interesse em criar uma militância ativa contra os judeus, já que os camisas-verdes do sertão não estavam convencidos doutrinariamente a respeito do anti-semitismo. Isto justificaria-se pela inexistência de um grupo expressivo de judeus na cidade, fator que teria contribuído para o arrefecimento do sentimento anti-semita, conclui Amaral.<sup>308</sup>

Porém, o camisa-verde não consegue convencer plenamente de que não havia, no mínimo, a intencionalidade de irromper um movimento anti-semita na cidade:

---

<sup>306</sup> Idem.

<sup>307</sup> Ruy do Amaral nasceu em 28 de maio de 1917, em Jacareí, família de São Bento do Sapucaí. Foi advogado, professor do Colégio Dr. Neves e Ginásio do Estado em Olímpia, radialista, escritor de novelas radiofônicas transmitidas pela Rádio São Paulo, animador de programas de auditório de rádio, publicitário, escreveu para a TV Rio, editor, professor universitário no Rio de Janeiro (PUC e UFFRJ). Morou em Olímpia de 1920 a 1942, onde fundou o movimento integralista, e reside no Rio de Janeiro desde 1952. Concedeu entrevista ao autor em 27 de setembro de 2002, no Rio de Janeiro.

<sup>308</sup> Idem.

*“Nós não poderíamos falar em movimento de massa em Olímpia porque eram muito poucos os integralistas na cidade, no máximo 100, 200, não havia como promover uma ação de massa contra os judeus, no sentido racista, então como eu disse os judeus eram tão poucos em Olímpia, alguns comerciantes, que não tinham militância política nenhuma, não se interessavam nem sequer por política. Então a Ação Integralista não tinha nem como fazer movimento racista, porque não havia na cidade uma população judaica numerosa.”<sup>309</sup>*

Alguns integralistas em Olímpia adotavam a posição anti-semita, mas não eram estimulados e sim contidos, porque não havia necessidade dessa atividade numa cidade que não tinha os problemas que havia na Alemanha nazista, completa Ruy do Amaral.

---

<sup>309</sup> Idem.

## **CAPÍTULO VI - O ELITISMO INTEGRALISTA EM OLÍMPIA: UM “FASCIO DE INTELLECTUAIS”**

*“Os homens nada valem, quando não encontram idéas que têm de ser vencedoras... Serão todos levados, de roldão, pela fatalidade dos acontecimentos históricos, quando essas idéas ficarem completamente maduras no sub-consciente das massas... e no consciente das elites.”*

(Philemon da Matta, *A Acção Integralista*.  
Jornal “Cidade de Olympia”, 30/07/33)

### **6.1 FASCISMO, INTEGRALISMO E ELITISMO**

Vimos que o discurso integralista em Olímpia era notadamente fascista e que os camisas-verdes que escreviam para o jornal “Cidade de Olympia” exploravam o parentesco entre as duas doutrinas como arma de propaganda. Nos conturbados anos 30, comunismo e fascismo dividiam o cenário político-ideológico mundial como as únicas doutrinas capazes de salvar as nações da “derrocada liberal”.

Enquanto os inimigos do comunismo o disseminavam como uma ameaça à civilização cristã, o integralismo-fascismo apresentava-se como a única alternativa viável (“ou eles ou nós”) capaz, por exemplo, de garantir a sobrevivência dessa civilização cristã. A solução integralista-fascista seria eficaz para conter o avanço comunista no Brasil e salvar o país do fracasso representado pela Revolução de 30, avaliada como mais uma ação liberal desastrada.

A característica do integralismo-fascismo em Olímpia foi a fuga da realidade local e o refúgio num discurso emocional e mistificador que criava ou reproduzia imagens com o propósito de cooptar adeptos, mas que estava distante da realidade de uma cidade encravada no sertão paulista, marcada não por disputas políticas ideológicas, mas por embates localistas, de cunho clientelista e oligárquico, ao qual se opunha o integralismo. O texto do integralista Oswaldo Chateabriand ilustra essa posição: “...O integralismo é antes de tudo um grito da mocidade. Quem viu os camisas-verdes hontem, estandartes da pátria nova, superior aos regionalismos, às contendadas inter-estaduaes...”<sup>310</sup> As disputas localistas eram, sem dúvida, um dos aspectos combatidos pela doutrina integralista, que via nelas a divisão das famílias criando ódios inextinguíveis, dizia o camisa-verde Guarany.<sup>311</sup> O integralismo, segundo o mesmo Guarany, considerava que essas disputas enfraqueciam o município, célula da família, causavam discórdia e desunião e os que venciam nem sempre respeitavam o adversário e quase sempre os oprimiam.<sup>312</sup> Isto encontra paralelo no *Manifesto de Outubro de 1932*, onde se lê “o município é uma reunião de famílias”: *O homem e a mulher, como profissionais, como agentes de produção e de progresso, devem inscrever-se nas classes respectivas, afim de que sejam por estas amparados, nas ocasiões de enfermidades e desemprego.*<sup>313</sup> Com isso, o integralismo ambicionava exibir-se como combatente de uma situação que era típica no sertão paulista: o clientelismo/coronelismo. Atribuía ao agrupamento de classes o meio de garantir aos que trabalhavam e produziam não

---

<sup>310</sup> CHATEUABRIAND, Oswaldo. *Camisas-verdes*. Jornal “Cidade de Olympia”, 1º de julho de 1934. O autor se refere a uma manifestação integralista ocorrida em São Paulo em 1934.

<sup>311</sup> GUARANY. *A mentira do sufrágio universal*. Jornal “Cidade de Olympia”, 5 de março de 1936.

<sup>312</sup> Idem.

<sup>313</sup> *Manifesto de Outubro de 1932*. P. 15.

dependerem de favores de chefes políticos, de caudilhos, de diretórios locais, de cabos eleitorais e como única maneira de se tornar o voto livre e consciente.<sup>314</sup>

Nas contendas políticas em Olímpia da década de 30, não havia lugar para questões doutrinárias e nem mesmo a política local se vinculava com a estadual ou nacional. As eleições, portanto, não eram balizadas por disputas ideológicas. Não eram as idéias que definiam os adversários, mas simplesmente sua filiação a outro partido, pouco importando se ao Partido Constitucionalista, ao Partido Municipal Independente, ao Partido Republicano Paulista, ao Partido Socialista Brasileiro, oficialmente existentes na cidade, e ao integralismo.<sup>315</sup>

A realidade é que na Olímpia dos anos 1930 ainda predominava o poder dos coronéis, ou seja, a influência do poder privado no poder público, representado na pele dos grandes cafeicultores do município, como Jeremias Lunardelli, Henrique Storto, Natal Breda, Gabriel Said Aydar, Emílio Gottardi e tantos outros.

Victor Nunes Leal afirma que o coronelismo teve seu habitat nos municípios do interior, o que equivale dizer nos municípios rurais, ou predominantemente rurais<sup>316</sup>, caso específico de Olímpia. O autor de *Coronelismo, Enxada e Voto* entende que a vitalidade do coronelismo é inversamente proporcional ao desenvolvimento das atividades urbanas e o isolamento é fator importante na formação e manutenção do fenômeno.<sup>317</sup> Podemos dizer que o município de Olímpia nos anos 30 encontrava-se numa situação de relativo isolamento, já que geograficamente estava situado na penúltima fronteira do sertão paulista, distante mais de 450 quilômetros da capital e com baixo índice de ocupação urbana.

---

<sup>314</sup> Idem.

<sup>315</sup> A Ação Integralista Brasileira nunca foi registrada em Cartório em Olímpia.

<sup>316</sup> LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto*. P. 275.

<sup>317</sup> Idem.

Em seu primeiro romance, *O Estrangeiro*, Plínio Salgado fez alusão ao coronelismo no sertão paulista (o livro foi inspirado pela viagem de Plínio a Monte Aprazível e contém a síntese do pensamento pliniano). Um dos personagens, o boticário Matoso, trava o seguinte diálogo com o Major Feliciano: “*Oposição é para levar na cabeça, major. Quem quiser viver tranqüilo precisa prestigiar o diretório reconhecido.*”<sup>318</sup> No romance, Plínio descreveu que os oposicionistas de Mandaguari viviam aos pontapés do governo, como cães escorraçados e teimosos.<sup>319</sup> No mesmo livro, o futuro chefe da Ação Integralista aproveitou a reflexão do mestre-escola Juvêncio para censurar o coronelismo. Juvêncio comparava Mandaguari a uma célula em cuja enfermidade surpreendia a doença de um organismo.<sup>320</sup> Tudo se acomodava aos interesses de cada qual, apreendia Juvêncio<sup>321</sup>, e os cidadãos submetiam-se servilmente às injunções do diretório e este aos caprichos dos chefes regionais. Juvêncio foi mais além: o Estado era dividido em feudos, com senhores barões mandantes de assassínios. Juvêncio compreendia que a justiça correspondia à soma dos títulos eleitorais e apesar de que ferviam revoltas inconfessáveis, ninguém tinha a coragem de abrir a boca.<sup>322</sup>

A liderança do coronel saltava aos olhos na política olimpiense, mesmo que na maioria das vezes ele mesmo não ocupasse diretamente cargos públicos (exceção feita ao principal coronel que habitou o município, Jeremias Lunardelli<sup>323</sup>, prefeito de Olímpia entre 1920-22, foi considerado um grande benfeitor, tendo construído o primeiro prédio da prefeitura com seu próprio dinheiro). No entanto, a maioria dos chefes políticos municipais que ocupou cargos era constituída de

---

<sup>318</sup> SALGADO, Plínio. *O Estrangeiro*. P. 75.

<sup>319</sup> Idem.

<sup>320</sup> Idem. P. 131.

<sup>321</sup> Entre todos os personagens do livro, Plínio Salgado identificava-se com Juvêncio. Portanto, consideramos aqui que o pensamento pliniano impregnava o discurso de Juvêncio, levando a uma simbiose.

<sup>322</sup> Idem.

<sup>323</sup> Jeremias Lunardelli chegou a ter 15 milhões de pés de café na região de Olímpia.

peessoas que estavam presas à esfera de influência política do coronelato. Era como se fossem uma espécie de “agregados políticos”, encarregados de administrar o município dentro da perspectiva política dos coronéis, enquanto estes tocavam suas propriedades e preparavam, no terreno fértil das colônias, os eleitores para o voto de cabresto. Afinal, a maioria das pessoas vivia na zona rural, vitimada pelo analfabetismo ou quase, o impaludismo (endêmico em Olímpia na época), a febre amarela e na mais completa dependência do capital gerado pelo café e concentrado nas mãos dos coronéis, que acabavam sendo identificados como benfeitores pelos próprios colonos e a população em geral, pois custeavam consultas médicas, a compra de medicamentos, sino para a igreja, construção de hospital, etc., e a quem, portanto, deviam-se favores políticos. Eram esses mesmos fazendeiros que custeavam as despesas eleitorais, pois o trabalhador rural, em geral, não tinha interesse direto e não fazia o menor sacrifício no sentido de votar, afirma Victor Nunes Leal. Sendo assim, os integralistas olimpienses, que também tinham nos coronéis seus “benfeitores” (eram eles, enfim, os responsáveis pela lotação de seus consultórios e escritórios), não tinham a menor chance eleitoral, mesmo apresentando o que era considerado como o “novo” e, muito menos, o desejo de combater essa prática eleitoral através de ações. O combate ficou restrito ao campo das idéias. E devemos considerar que o coronelismo deveria ter sido um dos principais alvos do movimento integralista, uma vez que a figura do coronel representava o que a A.I.B. difundia como mais sórdido politicamente: clientelismo, partidarismo, regionalismo e falta de ideal político. O integralismo não se inseria nessa realidade política, social e cultural de Olímpia dos anos 30, pois a propaganda integralista vinha impregnada de conteúdo ideológico, contrário às práticas típicas do coronelismo. Talvez isto explique o fato do integralismo local não ter sido um

movimento de maior abrangência social, não ter ido além de uma espécie de “clube de letrados” ou um “fascio de intelectuais”, que gozava do privilégio de ter acesso a livros, jornais de grande circulação, viagens à capital e, portanto, inseridos numa outra realidade e nos debates ideológicos da época.

Os intelectuais, explica Horácio Gonzalez, eram portadores de uma percepção histórica que lhes permitia estar em contato com todos os pontos de vista, deles tirando as grandes sínteses culturais possíveis, eram um “estado-maior da cultura” e estavam “acima” das classes.<sup>324</sup> Mas no sertão de Olímpia, os integralistas mostraram-se ineptos para expressar essas sínteses culturais, sentindo-se na posse de uma proposta que os separava das camadas populares e das rotinas comuns. Antonio Cândido, no prefácio do livro de José Chasin, pode contribuir para entendermos melhor o posicionamento desses intelectuais camisas-verdes: “*O fascismo e o integralismo são formas de falso anti-capitalismo, mas na verdade funcionaram como defesa deste, seja ele pleno, “tardio” ou “hiper-tardio”. O fato de ambos insistirem nos direitos dos operários e na iniquidade da burguesia mas, ao mesmo tempo, preconizarem todas as medidas necessárias para o domínio desta e oferecerem àqueles uma espécie de miragem de aburguesamento. Com efeito, assim como os nazistas e fascistas, os integralistas pregavam a substituição da luta de classes pela ascensão dos “melhores”, para renovar as camadas dirigentes gastas e continuar estrutural e funcionalmente o seu papel na sociedade*”.<sup>325</sup>

Enquanto isso, o contato da maioria da população sertaneja com os grandes temas da época resumia-se às conversas de rua, a eventuais acessos ao jornal e ao rádio ou mesmo às próprias conferências integralistas, que chamavam mais a atenção por serem proferidas por intelectuais eloquentes, produzindo na

---

<sup>324</sup> GONZALEZ, Horácio. *O que são intelectuais*. P. 32-39.

<sup>325</sup> CÂNDIDO, Antonio. In: CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado – Forma de Regressividade no Capitalismo Hiper-Tardio*. P. 17.

platéia uma sensação (e não mais do que isso) de prazer por estar presenciando a oratória de um intelectual, do que pelo conteúdo doutrinário. É comum ouvir pessoas que assistiram às conferências reportarem-se apenas à capacidade de expressão dos camisas-verdes e nunca à capacidade de transmitir com clareza as idéias integralistas, tornando-as compreensivas para o público comum. Luiz Mori Laraia lembra que o Cine Theatro Olympia (palco das conferências, chamadas por ele de “eventos culturais”) ficava literalmente tomado, pois a população gostava de ouvir grandes oradores.<sup>326</sup> A maior parte da platéia era constituída pela classe média urbana, profissionais liberais, pequenos comerciantes, comerciários. Todos os oradores integralistas eram de primeira linha e se empolgavam em inflamados discursos, recorda João Batista Ricciardi.<sup>327</sup> Álvaro Sgarbi lembra particularmente da capacidade oratória de Ítalo Galli, que foi chefe municipal, e de não haver muitos simpatizantes.<sup>328</sup> O professor Vítório Sgorlon só se lembra da participação de médicos, advogados e professores no movimento.<sup>329</sup>

O intelectual apresentava-se diante da população do sertão como a “alma integralista” e o “elixir”<sup>330</sup> que curaria todos os males da Nação brasileira. Era portador de uma visão maniqueísta, o integralismo representaria o pilar do bem, a luz, a sabedoria, a cura, enquanto o pilar do mau, das trevas, da ignorância, do vírus seria sustentado pelo comunismo, liberalismo, judaísmo.

---

<sup>326</sup> Luiz Mori Laraia nasceu em 13 de março de 1924, em Jaboticabal. Foi advogado, professor de História e diretor do jornal “Cidade de Olympia” na década de 1950. Concedeu entrevista ao autor em 12 de outubro de 2000.

<sup>327</sup> Entrevista em 23 de fevereiro de 2001.

<sup>328</sup> Álvaro Sgabri nasceu em Olímpia em 1919. É comerciante desde 1946. Concedeu entrevista ao autor em 24 de janeiro de 2001.

<sup>329</sup> Vítório Sgorlon nasceu em Olímpia em 1922. Foi simpatizante da A.I.B..

<sup>330</sup> Confeição farmacêutica de xaropes com alcoolatos; Bebida deliciosa, balsâmica ou confortadora; Aquilo que tem efeito mágico ou miraculoso; filtro (Dicionário Aurélio). O elixir era um remédio muito usado para o combate a diversas moléstias na década de 30 e com farto anúncio no jornal “Cidade de Olympia”: Tayuya, Grindelia, Nogueira, 914.

Em duas passagens do romance *O Estrangeiro*, Plínio Salgado fez referências aos intelectuais de uma maneira condenatória. Num diálogo travado entre o mestre-escola Juvêncio (de alma nacionalista) e o russo Ivã (personagem central da trama), Plínio deixou transparente sua opinião de que faltava ao intelectual brasileiro o dom divinatório, que seria a projeção cíclica dos gênios.<sup>331</sup> Ao que parece, Plínio entendia-se como esse intelectual de dom divinatório e que mais tarde seria o “gênio” criador da Ação Integralista Brasileira, apreendida por ele mesmo e pelos intelectuais que a compunham neste naco do sertão paulista como a “salvação da lavoura”. Outro trecho do romance revelou a preocupação pliniana com a intelectualidade. Em carta-resposta para Ivã, Juvêncio escreveu o seguinte: *“Penso que estamos entre duas espadas, que nos apontam o caminho da decadência: o materialismo utilitário dos inconscientes e o ceticismo desnorteante dos intelectuais, como você. Hei de levantar a legião luminosa, de espírito virgem como nas florestas. Novas Bandeiras, que fixarão os limites morais do país...”*<sup>332</sup> É perceptível que Plínio pensava num projeto para o Brasil que partisse de intelectuais crédulos, como ele, e aptos a desencadear um movimento de salvação da nacionalidade.

Gustavo Barroso afirmava que os trabalhadores intelectuais eram aqueles que concorriam pela inteligência, pelo estudo, pela cultura, pelo gênio, na marcha do progresso material, mental e espiritual.<sup>333</sup> Para o integralismo, seriam operários da Pátria tanto o químico que consome seus dias nos laboratórios, como o astrônomo, o poeta, o pintor, pois todos exprimiriam o gênio da raça e o esforço espiritual da nacionalidade.<sup>334</sup> Os artigos publicados no jornal “Cidade de Olympia”

---

<sup>331</sup> SALGADO, Plínio. *O Estrangeiro*. P. 255.

<sup>332</sup> Idem. P. 331.

<sup>333</sup> BARROSO, Gustavo. *O que o Integralista deve saber*. P. 49.

<sup>334</sup> Idem. P. 50.

evidenciam a fidelidade dos intelectuais olímpenses ao conjunto político do movimento, sem, todavia, qualquer forma de contestação ou mesmo adaptação ao cenário político local.

Horácio Gonzáles, em seu livro *O que são Intelectuais*, classifica de “intelectual maldito” aquele que é testemunha de um tempo de desordem e que consegue perceber apenas o que está convulso, não dando normas a ninguém, nem detendo coisa nenhuma.<sup>335</sup> A definição que se segue de “intelectual maldito” relaciona-se com aquilo que os camisas-verdes representaram politicamente em Olímpia: como testemunha, pede que todos acreditem não porque possua uma chave da realidade, mas porque sua verdade apresentará a realidade alterada. Para acreditar há que descrever de outra coisa. Por isso, trazer a verdade para um lugar inesperado é a especialidade do intelectual maldito. Assim, não é testemunha dos tempos, mas do que está desencaixado nas realidades históricas. Até aí, nada deveria incomodar-nos. Mas o intelectual maldito oferece a principal habilidade de seu ofício, ao passar ele mesmo a ser esse elemento desencaixado do real.”<sup>336</sup>

Num tempo de desordem (pelo menos assim definia o Integralismo), os intelectuais integralistas de Olímpia não fizeram outra coisa a não ser denunciar a suposta convulsão provocada pelo liberalismo, pelo comunismo, pelo semitismo, etc., e tentar imprimir uma verdade, a verdade na qual acreditavam, num lugar inesperado, porque ali os ideais defendidos pelo movimento não encontraram eco, pois o sertão estava naquele momento desencaixado das “realidades históricas” dos grandes centros brasileiros, da vida urbana, onde os temas recorrentes ao integralismo eram rotineiramente discutidos e levados à ação.

---

<sup>335</sup> GONZALES, Horácio. *O que são Intelectuais*. P. 10.

<sup>336</sup> Idem.

A realidade no sertão era outra, as preocupações nacionais refletiam-se em Olímpia, mas não com a mesma luminosidade, havia preocupações, digamos, mais próximas e mais prementes. Os próprios camisas-verdes levavam uma rotina de vida fora da realidade na qual estavam inseridos, possuíam uma visão de mundo mais ampla, pois tinham acesso a meios que a maioria das pessoas simples vivendo no sertão não possuíam. O intelectual maldito de Gonzalez e os intelectuais integralistas de Olímpia tinham outro ponto de convergência: sem saber transmitir conteúdos, eles especializaram-se em imprecisos contornos; pela imprecisão, pelo incompleto, pelo misterioso e pelo submerso, convence e comove.<sup>337</sup> No sertão, comovia, arrastava o público para deliciar-se com as conferências no cine teatro, mas não convencia, até porque não partiu para as ações de mobilização em torno daquilo que comovia: a defesa da Nação, o anticomunismo, o antiliberalismo, o anti-semitismo. O discurso do Sigma no sertão soava como misterioso, impreciso para a maioria (ou será ininteligível?), estrondoso, comovente, sem, no entanto, convencer o povo, que pouco ou nada entendia daquele discurso que fugia à sua realidade sertaneja. Existe o que chamamos de uma suposta inabilidade dos intelectuais em atingir maciçamente a população e a experiência integralista em Olímpia é um exemplo disso.

Marilena Chauí chama a atenção para o problema no seu importante trabalho *Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira*. Nele, Chauí afirma que o discurso integralista tinha a peculiaridade de operar com imagens em lugar de trabalhar com conceitos e essa operação dava aos textos, mesmo quando tinha pretensões teóricas, um tom bombástico que, em princípio, parecia incompatível com a afirmação de Plínio de que o movimento integralista brasileiro

---

<sup>337</sup> GONZALEZ, Horácio. *O que são intelectuais*. P. 11.  
172

era um movimento de cultura que abrangia: a) uma revisão geral das filosofias dominantes até o começo do século XX e, conseqüentemente, as ciências sociais, econômicas e políticas e b) a criação de um pensamento novo, baseado na síntese dos conhecimentos que nos legou, parcialmente, o século XIX.<sup>338</sup>

Os textos integralistas no jornal “Cidade de Olympia” tentavam inocular esse tom bombástico (“o comunismo pretende acabar com as Pátrias”, “será o domínio dos judeus”, “o integralismo é uma garantia para a sociedade”, “typos ignaros da velha Europa já tentaram perturbar a paz”) e o intuito de se criar um conjunto de imagens dificilmente compreensíveis para a população do sertão, mas que fosse capaz de alçar a A.I.B. à condição de salvadora da pátria, do cristianismo e da moralidade.

A consciência teórica da intelligentsia integralista não esteve apta a encontrar seu objeto: os trabalhadores do campo (incapacitados para quebrar “de dentro” a ideologia burguesa que banhava a sociedade), para que estes recebessem do “exterior” (da A.I.B.) de sua prática cotidiana os conhecimentos próprios de um outro universo teórico, efetivamente preparado para compreender as contradições existentes na realidade social e assim superar a cisão entre prática e teoria, entre intelectuais e operários.<sup>339</sup> O movimento de caráter intelectual que representou o integralismo no município não demonstrou vontade em cindir teoria e prática, ou seja, partir para ações que permitissem promover uma aproximação com os trabalhadores e uma ruptura na tradicionalíssima política local. Na teoria, a crítica à burguesia, aos regionalismos, ao partidarismo, ao clientelismo, ao coronelismo, mas na prática a impossibilidade de esquecer sua filiação pequeno-burguesa (médicos, advogados, dentistas, comerciantes) e sua dependência desta mesma burguesia

---

<sup>338</sup> CHAUI, Marilena. *Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira*. P. 40.

<sup>339</sup> GONZALEZ, Horácio. *O que são Intelectuais*. P. 48.

(cafeeira/coronéis) e deste mesmo clientelismo (não dispensavam a proteção financeira dos coronéis). Com isso, mantinha-se no sertão a fórmula que parece ter se consagrado nos anos de existência do núcleo da A.I.B.: tradicional = mandonismo = coronelismo = clientelismo; moderno = integralismo, mas apenas no discurso.

Neste contexto, é importante lembrar a análise feita por Marilena Chauí sobre a participação das classes médias no movimento e a cegueira integralista em relação aos operários. Para Chauí, o integralismo, moldado sobre o fascismo, com adaptações nacionais, expandiu-se em nível nacional colhendo a herança abandonada da direita nacionalista da década de 20 e a organização do Brasil nos moldes profissionais restauraria a autoridade e afastaria o cosmopolitismo.<sup>340</sup> É aí que os intelectuais se aproximaram e o movimento passou a ter simpatias da hierarquia católica e das classes armadas. Era a oportunidade, segundo Chauí, de um governo estamental, de comando de cima para baixo, coerente às aspirações de universitários cultivados para o exercício do poder sem a disputa plebéia. A classe média, sem papel político na sociedade e desdenhada pelas camadas dominantes, sentiu no credo verde a oportunidade de ajustar-se ao Estado.<sup>341</sup> A incapacidade dos camisas-verdes de cindir teoria e prática, partir do discurso para a ação, e promover uma aproximação com os trabalhadores, a qual aludimos acima, é corroborada por Marilena Chauí. Ela esclarece que o integralismo pode ter tido como fenômeno político-ideológico local, prenúncio de um populismo falhado, diverso do de Vargas, e que não se ocuparia com o “povo operário”, mas com o “povo-classe média”.<sup>342</sup> Portanto, essa é a mesma impressão deixada pelo movimento verde no município de Olímpia, o direcionamento de seu discurso tão somente à classe média, eleitora e apta a entendê-lo, mas marginalizada da vida política naquele

---

<sup>340</sup> CHAUI, Marilena. *Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira*. P. 65.

<sup>341</sup> Idem.

<sup>342</sup> Idem. P. 112.

momento histórico e a procura de algo que representasse o “novo” (antiliberal, anticomunista). Sob este prisma, Chauí afirma ser possível supor que o fracasso da A.I.B. tenha algo a ver com o sucesso de Vargas, que não permaneceu cego à prática operária, enquanto o Sigma, estabelecendo uma cisão entre o “monstro comunista” e o “miserável obreiro”, aprisionou-se nas imagens pequeno-burguesas do social e político, permanecendo apenas à altura do destinatário de seu discurso.<sup>343</sup>

A análise do discurso integralista em Olímpia apresenta os intelectuais somente como enaltecidos das supostas qualidades “salvacionistas” da A.I.B., da sua generosidade, da sua defecção a outros movimentos políticos e da sua capacidade de falar em nome do povo oprimido e passivo do sertão paulista. Partindo da idéia de Eliana Dutra, os integralistas concebiam a sociedade como infantil e amorfa à espera de que a organizassem e ajudassem a crescer com identidade.<sup>344</sup>

A atividade intelectual é uma atividade política, explica Horácio Gonzalez, e isto é relativamente óbvio para todas aquelas concepções que colocam o momento mais nobre da vida intelectual como um momento político, ou, se se quiser, o momento mais nobre da vida política como um momento intelectual.<sup>345</sup> A ação do intelectual, afirma Gonzalez, é a mais frágil que se desenvolve na sociedade, precisamente porque não pode evitar transmitir suas contradições. Ele desvenda a culpa de um afastamento das crenças comuns, o desejo de abolir as fontes de coerção, enquanto diz deter os instrumentos conceituais para pensar um mundo novo.<sup>346</sup> Horácio Gonzalez revela que os intelectuais ocupam um leque de situações que vão desde querer redimir a todos, com algo de profetas (“só o

---

<sup>343</sup> Idem.

<sup>344</sup> DUTRA, Eliana. *O Ardil Totalitário*. P. 25.

<sup>345</sup> GONZALES, Horácio. *O que são Intelectuais*. P. 102.

<sup>346</sup> Idem. P. 107.

integralismo é a solução para todos os males que afligem a Nação”), a querer mudar as injustiças (“os judeus açambarcaram o tesouro nacional”), com propostas revolucionárias (corporativismo, Estado Integral), ou a rejeitar sua própria condição com uma obra aniquiladora de seu próprio eu (limitação ao discurso, sem ações que o viabilizassem).<sup>347</sup>

Para que o integralismo não fosse acusado de ser uma “idéia fora do lugar”, explica Marilena Chauí, bastaria mostrar que o liberalismo era superfetação de intelectuais de formação européia, enquanto o integralista era o único conhecedor da crise nacional e de sua solução; para que a opção fascista não parecesse descabida, bastaria mostrar que o desejo de ordem e disciplina estavam “na índole do povo”; para que o comunismo não fosse negligenciado como inimigo, bastaria identificar marxismo e liberalismo; para que a crise nos dissesse respeito, bastaria reduzi-la a uma crise do liberalismo; para que o Integralismo fosse a salvação nacional como criador da própria Nação, bastaria dar ao Estado a tarefa de construtor da nacionalidade.<sup>348</sup> Todavia, eram os intelectuais da classe média urbana que estavam proferindo esse discurso e oferecendo-se para colocá-lo em prática e, segundo Chauí, para que a tarefa política fosse primeiro uma tarefa intelectual, cumpriria demonstrar por que caberia à intelectualidade o papel de vanguarda.<sup>349</sup> E conclui: trataria de mostrar a crise fundamental, a crise de civilização.<sup>350</sup>

Examinando o discurso dos integralistas em Olímpia, percebe-se nitidamente a presença dos traços descritos por Chauí. Os artigos estavam abarrotados de ataques ao liberalismo, de supervalorização dos camisas-verdes

---

<sup>347</sup> Idem. P. 109-110.

<sup>348</sup> CHAUI, Marilena. *Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira*. P. 143-144.

<sup>349</sup> Idem.

<sup>350</sup> Idem.

como os únicos conhecedores dos problemas e das soluções nacionais e o elogio ao fascismo tinha na ordem e na disciplina impostos na Itália, Alemanha e Portugal um referencial. O portador desse discurso era a classe média urbana, que sonhava com um Estado dirigido pela elite intelectual na qual os camisas-verdes do sertão se achavam inseridos.

Enquanto isso, a platéia que freqüentava as conferências, ou eventos culturais, promovidos no Cine Theatro Olympia pelo Núcleo Municipal da A.I.B. era movida pela curiosidade em torno do novo que representava o movimento integralista e via nestes eventos a oportunidade de ouvir as palavras de alguém culto. Os intelectuais integralistas tornaram-se uma espécie de Boitatá<sup>351</sup>, que com o fogo da sabedoria iluminavam o sertão. No entanto, o “fogo da sabedoria” desses homens de letras não era ajustado para iluminar as trevas da ignorância política da maioria do povo olimpiense. A passeata que se seguia pelas ruas também era motivo para atrair os incautos olimpienses, muito mais preocupados com quem seria o próximo prefeito do que com o avanço do comunismo, o fracasso do liberalismo ou as vitórias fascistas. O discurso integralista em Olímpia não foi moldado para atingir as massas incultas, para criar nelas a capacidade de compreender que os problemas macros do país influenciavam sua pacata vida rural e que o integralismo representaria a “solução” para todos os males que a liberal-democracia causava ao Brasil e, conseqüentemente, ao sertão em que viviam.

O integralismo em Olímpia não se constituiu num movimento de massa, como foi em outras partes do Brasil ou como foi o fascismo na Itália. Existiu uma lacuna que separou o discurso e a prática integralista no município. Se por um

---

<sup>351</sup> Boitatá: serpente de fogo, que reside na água. Cobra grande que mata os animais, comendo-lhe os olhos; por isso fica cheia de luz de todos esses olhos.

lado o discurso era fascista, por outro não existiram ações de mobilização da massa ou mesmo dos trabalhadores do campo, característica do fascismo.

A população total do município (Olímpia, Cajobi, Severínia, Guaraci, Icém e Patos) nos anos 30 ultrapassava os 60 mil habitantes e desse total apenas cerca de 10 mil viviam na zona urbana de Olímpia, enquanto a maioria absoluta da população morava na zona rural, espalhada pelos 9.650 quilômetros quadrados do município. Com o predomínio da economia rural, era comum a existência de grandes colônias<sup>352</sup> nas fazendas, sendo que os colonos pouco se deslocavam para a cidade, salvo uma vez por mês para compras e em ocasiões especiais. Portanto, é inegável que a geografia foi um fator complicador na tarefa mobilizatória dos “roceiros” pelo Integralismo. Todavia, independente disso não houve por parte do núcleo municipal vontade política de aglutinar os trabalhadores rurais, mesmo que dispersa, em torno de suas idéias, como veremos mais adiante. Afinal, a mobilização permanente de seguidores e a conquista de espaços de influência cada vez mais amplos dentro da sociedade civil na tentativa de aumentar o espaço e a intensidade da adesão ao seu projeto de gestão da sociedade<sup>353</sup> eram, ou pelo menos deveria ter sido, o objetivo de um partido de massa como a Ação Integralista Brasileira, mesmo em sua variante sertaneja.

Antes de seguir adiante, optamos por travar uma discussão a respeito de massas a partir da obra de Sigmund Freud, *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. Nela, Freud explica que em determinadas circunstâncias nascidas da incorporação a uma multidão humana, que adquiriu o caráter de “massa psicológica”, o mesmo indivíduo que conseguiu tornar inteligível, passa a sentir,

---

<sup>352</sup> Alguns exemplos de colônias no município: Fazenda Gemma, 72 famílias; Fazenda Recreio, 52 famílias; Fazenda Alto Alegre, 31 casas para colonos; Fazenda Bella Vista, 9 casas para colonos. Fonte: *Revista Agrícola de Olympia*, 1925.

<sup>353</sup> OPPO, Anna. *Partidos Políticos*. In *Dicionário de Política*. P. 901.

pensar e agir de modo absolutamente inesperado.<sup>354</sup> Então fica a pergunta: que é uma massa? Por que um indivíduo adquire a faculdade de exercer tão decisiva influência sobre a vida anímica individual? E em que consiste a modificação psíquica que impõe ao indivíduo?

Gustave Le Bon esclarece que o mais singular dos fenômenos apresentados por uma massa psicológica é a seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem e por diversos ou semelhantes que possam ser seus gêneros de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o fato exclusivo de se acharem transformados numa multidão, torna-os possuidores de uma espécie de alma coletiva.<sup>355</sup> Esta alma, continua Le Bon, fá-los sentir, pensar e agir de uma maneira inteiramente diferente de como sentiria, pensaria e agiria cada um deles isoladamente.<sup>356</sup> Certas idéias e certos sentimentos só surgem e se transformam em atos nos indivíduos constituídos em multidão. A massa psicológica é um ser provisório composto de elementos heterogêneos, ligados durante um instante, exatamente como as células de um corpo vivo formam, por sua reunião, um novo ser, que apresenta caracteres muito diferentes dos que possui cada uma das citadas células, define Le Bon.<sup>357</sup>

Dessa forma, interfere Freud, se os indivíduos que fazem parte de uma multidão se acham fundidos em uma unidade, deve existir algo que os ligue uns aos outros e este algo poderia muito bem ser aquilo que caracteriza a massa.<sup>358</sup> Partindo dessa premissa, parece-nos que o credo verde não conseguiu (ou não teve a intenção) encontrar um ingrediente que pudesse agrupar a massa olimpiense em torno de seu projeto político. O sertanejo talvez não tenha conseguido enxergar nas

---

<sup>354</sup> FREUD, Sigmund. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. P. 11.

<sup>355</sup> LE BON, Gustave. In *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. P. 12.

<sup>356</sup> Idem.

<sup>357</sup> Ibidem.

<sup>358</sup> FREUD, Sigmund. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. P. 12.

propostas integralistas algo que lhe fosse familiar e comum a todos e que lhe estivesse diretamente relacionado. Le Bon relata que para que os membros de um grupo humano, acidentalmente reunidos, cheguem a formar algo semelhante a uma massa, no sentido psicológico do termo, é condição indispensável que entre os indivíduos exista algo de comum, que um mesmo interesse os ligue a um mesmo objetivo, que experimentem os mesmos sentimentos em presença de uma dada situação e que possuam, em certa medida, a faculdade de influírem uns sobre os outros.<sup>359</sup> Sendo assim, podemos concluir que o “algo de comum” proposto pela Ação Integralista só conseguiu “ligar” os intelectuais.

Convenhamos que para quem vivia no sertão paulista, era complicado se aglutinar em torno de idéias desconhecidas ou quase como antiliberalismo, anticomunismo, anti-semitismo, fascismo, corporativismo, nacionalismo, Estado Integral, etc. e se caracterizar assim como massa. Hégio Trindade mostra que as principais motivações de adesão à A.I.B. dos dirigentes e militantes de base foram: anticomunismo, simpatia pelos fascismos europeus, nacionalismo, oposição ao sistema político da época, valores autoritários, valores espirituais, corporativismo, desenvolvimento do país e anti-semitismo.<sup>360</sup> Exatamente estes temas eram explorados e exaltados pela propaganda integralista em Olímpia. É necessário dizer também, que outra dificuldade para mobilizar a massa no município foi a completa ausência de movimentos fortes e antagônicos ao integralismo, como o comunismo. Não existiu o embate ideológico e mesmo físico que pudesse servir de parâmetro para as pessoas tomar partido e se aglomerar em torno de uma ou outra idéia. Mac Dougall acredita que uma das condições principais para o estabelecimento de uma multidão é que ela se encontre em relação com outras formações coletivas

---

<sup>359</sup> LE BON, Gustave. In *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. P. 27-28.

<sup>360</sup> TRINDADE, Hégio. *Integralismo – O fascismo brasileiro na década de 30*. P. 153.

análogas, mas diferentes, entretanto, em diversos aspectos, inclusive que rivalizem com ela.<sup>361</sup>

Seguindo o pensamento de Le Bon, numa multidão as aquisições individuais se apagam, desaparecendo assim a personalidade de cada um dos que a integram, o inconsciente social surge em primeiro termo e o heterogêneo funde-se no homogêneo e a superestrutura psíquica, tão diversamente desenvolvida em cada indivíduo, fica destruída, aparecendo nua a base inconsciente uniforme, comum a todos.<sup>362</sup> Le Bon segue explicando que o primeiro caractere peculiar do indivíduo integrado numa multidão é a aquisição, pelo único fator do número, de um sentimento de potência invencível, graças ao qual pode se permitir ceder a instintos que antes, como indivíduo isolado, teria forçosamente refreado.<sup>363</sup> Sendo a multidão anônima e irresponsável, desaparecerá no indivíduo o sentimento da responsabilidade, poderoso e constante freio dos impulsos individuais.<sup>364</sup> O segundo caractere apresentado por Le Bon faz lembrar a incapacidade dos camisas-verdes em contagiar a população com suas idéias. O contágio mental intervém igualmente para determinar nas multidões a manifestação de caracteres especiais e, ao mesmo tempo, sua orientação, diz Gustave Le Bon. O contágio é um fenômeno facilmente verificável embora ainda inexplicado e que deverá ser ligado aos fenômenos de ordem hipnótica.<sup>365</sup> Dentro de uma multidão, todo sentimento e todo ato são contagiosos, até o ponto do indivíduo sacrificar facilmente seu interesse pessoal ao interesse coletivo, aptidão contrária a sua natureza e da qual o homem só se torna suscetível quando faz parte de uma multidão.<sup>366</sup> Transportando a questão para

---

<sup>361</sup> DOUGALL, Mac. In. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. P. 31.

<sup>362</sup> LE BON, Gustave. In *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. P. 13.

<sup>363</sup> Idem. P. 14.

<sup>364</sup> Ibidem.

<sup>365</sup> Idem. P. 15.

<sup>366</sup> Ibidem.

Olímpia, os intelectuais integralistas não obtiveram êxito em contagiar ou hipnotizar a população com suas idéias, não só pela dificuldade em torna-las compreensíveis como também por não haver adequado a propaganda à realidade local. Os discursos inflamados dos cultos camisas-verdes até encantavam, fascinavam, mas soavam como retórica, ficando longe de magnetizar, de atrair a população do sertão, muito mais preocupada com seus problemas domésticos, e muito menos reuniu forças para promover uma mobilização da massa, fazer com que esta perdesse sua personalidade consciente, obedecesse às sugestões integralistas e praticasse atos contrários a seu caráter e seus costumes sertanejos.

A multidão só reage a estímulos muito intensos e para influir sobre ela é inútil argumentar logicamente, pois essa reação só poderá ser atingida apresentando imagens de cores vivas e repetindo uma e outra vez as mesmas coisas, afirma Le Bon. O discurso integralista em Olímpia seguiu a norma da argumentação lógica, limitando-se a mostrar o que e quem estaria errado e o que e quem teria a solução de tudo. Os artigos publicados no jornal “Cidade de Olympia” não pintaram com cores vivas as imagens que poderiam estimular a população a aderir ao projeto político integralista, como fizeram os fascistas na Itália e os nazistas alemães. Eram artigos extremamente doutrinários, abstratos e empregavam contornos que a massa poderia considerar enfadonha e mesmo não compreender.

No livro *Nazismo – Triunfo da Vontade*, Alcir Lenharo afirma que Adolf Hitler teceu inúmeras considerações em *Mein Kampf* sobre o tema da propaganda de massas.<sup>367</sup> Hitler tinha uma visão sobre o que veicular, levando em conta o que ele pensava sobre as condições médias do receptor a ser atingido e à técnica mesmo, que chegou a níveis impressionantes de aproveitamento, tanto na etapa de

---

<sup>367</sup> LENHARO, Alcir. *Nazismo – O Triunfo da Vontade*. P. 47.

preparação para o poder, quanto após sua conquista.<sup>368</sup> Hitler, segundo Lenharo, considerava que a propaganda sempre deveria ser popular, dirigida às massas, desenvolvida de modo a levar em conta um nível de compreensão dos mais baixos. O autor de *Mein Kampf* dizia que “as grandes massas têm uma capacidade de recepção muito limitada, uma inteligência modesta, uma memória fraca” e por isso mesmo a propaganda deveria restringir-se a pouquíssimos pontos, repetidos incessantemente.<sup>369</sup> Se os inimigos eram muitos (no caso do Integralismo: liberalismo, comunismo, socialismo, judeus, partidos, sufrágio universal), para não dispersar o ódio das massas, seria preciso mostrar que eles pertenciam à mesma categoria, sem individualizar o adversário.<sup>370</sup> Lenharo afirma que o essencial da propaganda nazista visava atingir o coração das grandes massas, compreender seu mundo maniqueísta, representar seus sentimentos. A massa, continua Lenharo, seria como as mulheres, cuja sensibilidade não captaria os argumentos de natureza abstrata, mas seria tocada por uma “vaga e sentimental nostalgia por algo forte que as completasse”.<sup>371</sup> Para Hitler, tudo interessava no jogo da propaganda: mentiras, calúnias e para mentir, que fosse grande a mentira, pois não passaria pela cabeça das pessoas ser possível arquitetar tão profunda falsificação da verdade.<sup>372</sup>

O líder nazista concebia que “a propaganda devia preceder a organização, conquistando o material humano necessário a esta”. Hitler afirmava que um grande teórico raramente seria um grande organizador, pois o valor do teórico consistiria, em primeiro lugar, na noção de definição de leis abstratamente exatas, enquanto o organizador deveria ser em primeiro lugar um conhecedor da

---

<sup>368</sup> Idem.

<sup>369</sup> Ibidem.

<sup>370</sup> Idem. P. 48.

<sup>371</sup> Ibidem.

<sup>372</sup> Ibidem.

psicologia popular, devendo ver os homens como eles são na realidade.<sup>373</sup> O movimento integralista no sertão limitou-se a ter em seus quadros apenas teóricos, não conseguindo formar o que Hitler chamou de “agitador capaz de comunicar uma idéia à grande massa, um conhecedor da psicologia do povo, mesmo que fosse um demagogo”.<sup>374</sup>

Para ser chefe, dizia Hitler, era preciso ter a capacidade de movimentar massas e a capacidade intelectual nada tinha a ver com a capacidade de comando e a mais bela doutrina não teria nem finalidade nem eficiência se o líder não conseguisse empolgar as massas.<sup>375</sup> No capítulo destinado à Propaganda e Organização, Hitler escreveu o seguinte: “em cada grande movimento destinado a revolucionar o mundo, a propaganda primeiramente terá de divulgar a idéia do mesmo. Incessantemente terá de esclarecer as massas sobre as novas idéias, atraí-las para as suas fileiras ou, pelo menos, abalar as crenças em voga”.<sup>376</sup>

Na Itália, Benito Mussolini empregava sempre o mesmo princípio como propaganda: o exagero, a ameaça, a injeção do medo nas massas e a deflagração de êxtase, de delírios nas multidões.<sup>377</sup> Em todos os seus discursos, Mussolini, como Hitler, recorria a ameaças e tinha sempre cuidado de marcar suas palavras pela evocação de ações brutais e de penas corporais em termos francos. Falava sempre em punhais, fuzis, canhões e seu método de violência específico, de que era o inventor incontestável, marcava todo o ridículo e o charlatanesco de sua figura de opereta, o óleo de rícino, lembra Serge Tchakhotine.<sup>378</sup> Mussolini era caracterizado por suas bravatas, lançadas ao vento, sem se dar conta do efeito ridículo que

---

<sup>373</sup> HITLER, Adolf. *Minha Luta*. P. 263.

<sup>374</sup> Idem. P. 264.

<sup>375</sup> Ibidem.

<sup>376</sup> Idem. P. 266.

<sup>377</sup> TCHAKHOTINE, Serge. *A Mistificação das Massas pela Propaganda Política*. P. 375.

<sup>378</sup> Idem.

provocavam no exterior.<sup>379</sup> Segundo Tchakhotine, Mussolini tinha também um culto ilimitado da violência, não tinha escrúpulos e não hesitava, servindo aos interesses capitalistas, em iludir as massas com falsas imitações dos ideais socialistas. Muitos diziam, explica Tchakhotine, que Mussolini e o fascismo eram, apesar de tudo, um fenômeno de soerguimento, de revolta das classes médias, que representavam um acontecimento lógico da evolução materialista da nossa história. Sobre o uso da violência, Gustave Le Bon explica que a multidão é tão autoritária como intolerante, respeita a força e não vê na bondade mais que uma espécie de debilidade que a impressiona muito pouco e o que a multidão exige de seus heróis é a força e a violência, quer ser dominada, subjugada e temer seu amo.<sup>380</sup>

A respeito dos dirigentes das multidões é também interessante recorrer à exposição de Le Bon. Segundo ele, quando certo número de seres vivos se reúne, quer se trate de um rebanho ou de uma multidão humana, os elementos individuais se colocam instintivamente sob a autoridade de um chefe. A multidão é um rebanho dócil, incapaz de viver sem amo, possuindo tal sede de obediência que se submete instintivamente àquele que se erige como chefe.<sup>381</sup> O chefe, continua Le Bon, precisa possuir certas aptidões pessoais, deverá se achar empolgado por uma fé intensa (numa idéia), para poder criar a mesma fé na multidão, ao mesmo tempo possuir uma vontade potente e imperiosa, suscetível de animar a multidão, carente, por si mesma, de vontade.<sup>382</sup>

A fé e a empolgação dos camisas-verdes ficavam restritas aos encontros na sede, às conferências no teatro e aos artigos no jornal. Enquanto a maior parte da população que habitava a Olímpia dos anos 30 poderia ser rotulada de dócil

---

<sup>379</sup> Idem.

<sup>380</sup> LE BON, Gustave. In *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. P. 19.

<sup>381</sup> Idem. P. 22.

<sup>382</sup> Ibidem.

pelas próprias características da vida no sertão paulista, alheia, como já dissemos, à maioria dos grandes problemas nacionais, vivendo o ruralismo, com um cotidiano corriqueiro limitado ao trabalho na roça e ao repouso de suas casas, com raríssimas idas à cidade. Essa gente esparsa pelas fazendas, sem nenhuma empolgação numa fé ou idéia universal, possuía um chefe, ou melhor, uma multiplicidade de chefes representados na figura dos coronéis cafeicultores.

Le Bon atribui aos dirigentes de multidão um poder misterioso e irresistível, ao qual dá o nome de “prestígio”, classificando como uma espécie de fascinação que um indivíduo, uma obra ou uma idéia exercem sobre o espírito. É esta fascinação que paralisa todas as nossas faculdades críticas e enche nossa alma de assombro e respeito, diz Le Bon.<sup>383</sup> Existem, prossegue Le Bon, o prestígio adquirido ou artificial e o prestígio pessoal, sendo o primeiro conferido às pessoas por seu nome, sua riqueza ou sua honorabilidade.<sup>384</sup> Era exatamente esse o tipo de prestígio de que gozavam os integralistas locais: competentes profissionais liberais, homens de reputação ilibada, considerados intelectuais de primeira linha, grandes oradores, benfeitores da sociedade e, portanto, pessoas de enorme prestígio social. Entretanto, faltou aos camisas-verdes o que Le Bon chama de prestígio pessoal, adorno de que muitos poucos gozam, mas estes poucos se impõem pelo mesmo fato de possuí-lo, como chefes, e se fazem obedecer como se possuíssem um talismã mágico.<sup>385</sup>

O Núcleo Municipal da A.I.B. só possuiu chefe enquanto dirigente, diretor, aquele encarregado de coordenar os trabalhos desenvolvidos em Olímpia, sem nunca ter se constituído naquele indivíduo capaz de magnetizar o povo e mobilizá-lo em torno de idéias, compondo desta maneira uma massa homogênea.

---

<sup>383</sup> LE BON, Gustave. In *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. P. 22.

<sup>384</sup> Idem. P. 22-23.

<sup>385</sup> LE BON, Gustave. In *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. P. 23.

Povo que, aliás, parecia não passar de uma mera designação social, uma realidade subalterna e disgregada, fundamentalmente excluído de participação pelos integralistas do sertão.<sup>386</sup>

Emilio Gentile observa que o fascismo italiano foi um fenômeno novo surgido, como outros movimentos da história contemporânea, dos conflitos inerentes à moderna sociedade de massas, que se atormenta na busca de uma solução para o problema das massas e do Estado, em uma época de rápidas transformações.<sup>387</sup> Para Renzo de Felice, o fascismo italiano sempre teve tendência a criar nas massas a sensação de estarem permanentemente mobilizadas, de terem uma relação direta com o chefe (porque este é capaz de se fazer o intérprete ativo das suas aspirações).<sup>388</sup> O fascismo se afirmou através de um regime político de massa (no sentido de uma mobilização contínua das massas e de uma relação direta e sem intermediários chefe-massa) baseado no sistema do partido único e da milícia do partido e imposto através de um regime policial e de um controle de todas as fontes de informação e propaganda, completa Renzo de Felice.<sup>389</sup> Já Walter Benjamin chama a atenção para a importância das massas na história presente e para a dificuldade que o fascismo encontrava em atender seus anseios básicos. O fascismo, escreve Benjamin, queria organizar as massas, sem mexer no regime da propriedade, o qual, todavia, elas tendem a rejeitar. Ele pensava solucionar o problema, permitindo às massas, não certamente fazer valer seus direitos, mas exprimi-los.<sup>390</sup> No texto *A Obra de Arte na Época de suas Técnicas de Reprodução*, Walter Benjamin afirma que no fascismo as massas têm o direito de exigir uma

---

<sup>386</sup> COLLIVA, Paolo. *Povo*. In Dicionário de Política. P. 987.

<sup>387</sup> GENTILE, Emilio, FELICE, Renzo de. *A Itália de Mussolini e a Origem do Fascismo*. P. 10.

<sup>388</sup> FELICE, Renzo de. *Explicar o Fascismo*. P. 286.

<sup>389</sup> Idem. P. 25.

<sup>390</sup> BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na Época de suas Técnicas de Reprodução*. In: *Os Pensadores*. P. 27.

transformação do regime de propriedade; o fascismo quer permiti-lhes que se expressem, porém conservando o regime. O resultado, conclui Benjamin, é que ele tende naturalmente a uma estetização da vida política e a essa violência que se faz às massas, quando se lhes impõe o culto de um chefe, corresponde a violência sofrida por uma aparelhagem, quando a colocam a serviço dessa religião.<sup>391</sup> O historiador Eric Hobsbawm afirma que a grande diferença entre a direita fascista e a não fascista era que o fascismo existia mobilizando massas de baixo para cima. O fascismo, continua Hobsbawm, rejubilava-se na mobilização das massas e mantinha-a simbolicamente na forma de teatro público.<sup>392</sup>

O integralismo-fascismo em Olímpia em momento algum conseguiu mobilizar os camponeses em torno de suas idéias-chaves. Se, por um lado, o integralismo contava em Olímpia com um tipo de ambiente onde um movimento de tendência fascista poderia prosperar: predominância de uma economia agrário-latifundiária (Olímpia destacava-se na produção de café, grãos e pecuária e possuía grandes propriedades rurais) e onde havia a possibilidade de criar uma nova classe dirigente arregimentada junto à pequena e média burguesia local (a política municipal estava nas mãos da velha oligarquia), por outro, esbarrou, principalmente, na ausência de uma acentuada crise econômica e na inexistência de embates sociais e políticos, como incidiu na Itália. Não havia no sertão nem mesmo uma moderna sociedade de massas<sup>393</sup> e seus conflitos inerentes, como na Itália do pós-

---

<sup>391</sup> Idem.

<sup>392</sup> HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos*. P. 121.

<sup>393</sup> Uma sociedade de massa pode ser definida como uma sociedade em que a grande maioria da população se acha envolvida, seguindo modelos de comportamento generalizados, na produção em larga escala, na distribuição e consumo dos bens e serviços, tomando igualmente parte na vida política, mediante padrões generalizados de participação, e na vida cultural, através do uso dos meios de comunicação de massa. Essa sociedade de massa surge num estágio avançado do processo de modernização: quer quanto ao desenvolvimento econômico, com a concentração da indústria na produção de bens de massa e o emergir de um setor terciário cada vez mais imponente; quer quanto à urbanização, com a concentração da maior parte da população e das instituições e

guerra. A Olímpia da década de 30 tinha como principal atividade econômica a produção de café, a maioria da população tinha baixo índice de consumo de bens e serviços (as grandes propriedades eram quase auto-suficientes), a participação na vida política era restrita (predominava o poder oligárquico, aqui entendido como Platão: os ricos governam, enquanto o pobre não pode partilhar o poder), sem inserção nos meios de comunicação de massa, fraco processo de modernização (poucas indústrias e serviços) e grande concentração de habitantes na zona rural. A sociedade olimpiense era “tradicional”, seguia os padrões da década de 30 nesse pedaço do sertão, ou seja, caracterizada por uma baixa acessibilidade das elites (aristocracias fechadas) e por uma fraca plasmabilidade das massas, cuja vida era regida por normas tradicionais.

Nunca é demais insistir que os intelectuais integralistas tinham um discurso fascista, pertenciam à pequena burguesia e não eram políticos da velha estirpe, mas que se abstiveram de ações de mobilização dos trabalhadores do campo e mesmo da cidade e que fracassaram na tentativa de criar uma nova camada dirigente local. A própria participação da A.I.B. nas eleições municipais foi insignificante, resumindo-se a fazer um suplente de vereador em 1936<sup>394</sup> e ao apoio a um candidato a prefeito.<sup>395</sup> A Ação Integralista Brasileira em Olímpia nem chegou a ser registrada em Cartório. Segundo Ítalo Galli, os integralistas disputavam as eleições filiados a outros partidos políticos da cidade, mas defendendo as idéias do Sigma, como fez José Lapa.

---

atividades sociais mais importantes nas grandes cidades e nas megalópoles. ORTEGATI, Cassio. In. *Sociedade de Massa*. Dicionário de Política. P. 1.212.

<sup>394</sup> José Lapa disputou a eleição filiado ao P.C. (Partido Constitucionalista) e foi orientado pela chefia provincial a renunciar caso tivesse que assumir a cadeira de vereador, enquanto Sebastião Prado disputou a vereança pela Ação Integralista Brasileira e foi derrotado.

<sup>395</sup> Mario Vieira Marcondes foi eleito em 1933, mas não contou com a participação de integralistas em seu governo.

Uma hipótese para esse fracasso do integralismo local foi a existência de uma relação de “compadrio” entre os principais camisas-verdes e a classe dominante, constituída basicamente por proprietários rurais. Os mesmos médicos, dentistas e advogados integralistas tinham como seus principais clientes e mantenedores os latifundiários, que por sua vez, mantinham sob sua tutela os trabalhadores que o Sigma poderia ou deveria tentar mobilizar. Por isso, havia pouca ou nenhuma propensão em criar conflitos que pudessem prejudicar os “negócios” desses profissionais liberais. Afinal, a mentalidade oligárquica e localista dos latifundiários, no máximo preocupados com a variação do preço internacional do café, contrariava o pensamento integralista de luta contra os regionalismos que “ensangüentavam e dividiam a Nação”. Essa elite agrária de Olímpia representava a velha elite (perrepista em sua maioria) que tanto “enojava” o movimento integralista. Uma elite que se pensava apenas local, sem espírito nacionalista, com seus partidos tradicionais bem parecidos com o que definiu Max Weber: partido pessoal, aquele destinado a obter benefícios, poder e, conseqüentemente, glória para os chefes e sequazes.<sup>396</sup> Assim, a luta da A.I.B. em Olímpia teria que se direcionar contra essa elite e pela mobilização dos trabalhadores a ela subjugadas. Contudo, travar uma luta contra a elite local poderia representar o fim da clientela nos consultórios e escritórios. Sendo assim, essa elite econômica do município não militou na A.I.B., mantendo-se fiel aos velhos partidos políticos, e nem foi incomodada pelas elites dirigentes que se tentava forjar no seio do integralismo.

Os camisas-verdes locais fracassaram ao tentar constituir uma nova elite política, que seria formada preferencialmente por intelectuais, já que para isso teriam que destituir do poder político a velha burguesia cafeeira; só que falaram mais

---

<sup>396</sup> WEBER, Max. In. *Partidos Políticos*. Dicionário de Política. P. 898.

alto os interesses pessoais; seria derrubar do poder político os mesmos indivíduos que contribuíam decisivamente para manter seu padrão de vida. Portanto, o discurso integralista em Olímpia era contido e restrito ao espectro intelectual, sem pretensões de mobilizar as massas ou desbancar do poder político a elite dirigente. O movimento integralista mais parecia um encontro de academicistas. Enquanto na Itália o fascismo foi um fenômeno de participação política, onde as Casas de Fascio<sup>397</sup> nas pequenas cidades era um lugar de encontro e de convivência de camponeses e de funcionários públicos, o núcleo local da A.I.B., cujo discurso exaltava o fascismo, adotava uma posição distinta de exclusão das camadas populares. O núcleo parece ter constituído-se num lugar de encontro e sociabilidade exclusivamente de intelectuais, uma espécie de “fascio” circunscrito a estes.

Em Olímpia, fica evidente que a Ação Integralista restringiu-se a um grupo de homens cultos, a uma elite intelectual que nem mesmo procurou moldar seu discurso para atingir o povo, na sua maioria trabalhadores do campo. Os próprios textos publicados no jornal “Cidade de Olympia” não objetivavam atingir as pessoas comuns. Eram textos eruditos, de difícil compreensão para a maior parte da população. Portanto, a intenção dos artigos era tocar somente a elite intelectual do município que tinha acesso ao jornal (médicos, advogados, dentistas, etc.). Os conteúdos dos artigos versavam sobre temas que estavam distantes da realidade de um município agrário do sertão paulista: anti-semitismo, liberalismo, comunismo, Marx, Bertrand, Comte, positivismo, Olbiano de Mello, Alberto Torres, fascismo, Oliveira Viana, Tristão de Athayde, salazarismo, nacionalismo. Os habitantes do sertão estavam preocupados mesmo era com as condições das estradas rurais, a

---

<sup>397</sup> No século XIX, o termo fascio foi adotado por uniões ou organizações populares, formadas na luta em defesa dos interesses de determinadas comunidades. Na Sicília, de 1891 a 1894, constituíram-se, por exemplo, vários fasci de camponeses, em geral liderados por socialistas, para reivindicar melhores contratos agrários. Quando se iniciou a 1ª Guerra Mundial, em 1914, formaram-se em vários lugares da Itália fasci patrióticos, preconizando a entrada do país no conflito.

falta de assistência médica, a carestia, a colheita das lavouras, a secagem do café, o amarelão, o impaludismo, a febre amarela, a luz elétrica, a pavimentação das ruas, o namoro no Largo da Matriz, a eleição municipal, a Estrada de Ferro São Paulo-Goyaz.

O artigo *Acção Integralista* foi revelador desse elitismo integralista no seguinte trecho: *“Hoje, neste próspero rincão de São Paulo, que é Olympia, graças à divulgação que temos feito, já não há pessoa culta que não conheça as idéas mestras da Acção Integralista...”*<sup>398</sup> No mesmo texto, Philemon da Matta elogiou a elite brasileira, a qual considerava igual às das mais velhas civilizações.<sup>399</sup> O próprio Philemon era denominado “homem de letras”. Sua filha, d. Maria Thereza de Godoy Ribeiro da Matta, comenta que seu pai era um homem voltado para a intelectualidade e era capaz de se empolgar com uma discussão em torno de um simples problema de gramática.<sup>400</sup>

Passemos então à análise de alguns artigos que mostram a elitização do movimento integralista e seu conseqüente distanciamento das camadas populares locais. No artigo intitulado *A “S.E.P”*, o jornal “Cidade de Olympia” revelou a quem se destinavam as informações sobre essa sociedade recém-criada por Plínio Salgado: *“...aos moços de Olympia, aos estudiosos e intellectuaes, a quem, amanhã, serão confiados os destinos da nossa pátria.”*<sup>401</sup> O autor (não identificado, mas provavelmente Philemon) completou que gostaria de ver no movimento figuras como Luiz Cruz Martins, os doutores Bianor de Medeiros, Custódio de Carvalho e Edison

---

<sup>398</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *Acção Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 19 de fevereiro de 1933.

<sup>399</sup> Idem.

<sup>400</sup> A filha do Dr. Philemon Patrículo Ribeiro da Matta, nasceu em Lorena, em 29 de março de 1920, formada em Direito pela Faculdade do Largo São Francisco, foi escritã no Fórum de São Paulo. Morou em Severínia entre 1925 e 1938. Concedeu entrevista ao autor em 17 de dezembro de 2002, em São Paulo.

<sup>401</sup> *A “S.E.P.”*. Jornal “Cidade de Olympia”, 29 de maio de 1932.

de Mello, todos membros da pequena burguesia e da elite intelectual da cidade.<sup>402</sup> Na divulgação do Manifesto de Outubro, que criou a A.I.B., Philemon da Matta comentou que a publicação das idéias de Plínio estavam provocando o maior interesse dos intelectuais do país<sup>403</sup> e que as palavras do chefe nacional eram dirigidas a “todos os homens de cultura e pensamento”.<sup>404</sup> Não há referências nos textos de Philemon da Matta às massas desvalidas que viviam no sertão daquela época. Fica evidente que Philemon enxergava a Ação Integralista como um movimento de intelectuais e aos quais deveriam ser entregues os destinos da Nação. A impressão é de que Matta dividia a sociedade em duas castas: uma, a intelectual, que seria responsável pela administração do país (de preferência, a intelectualidade integralista) e outra, a massa, responsável pela produção manual. Isto nos remete ao pensamento desenvolvido por Nicos Poulantzas sobre a imagem do trabalho intelectual (saber-poder) materializada em aparelhos de Estado, face ao trabalho manual tendencialmente polarizado em massas populares separadas e excluídas das funções organizacionais.<sup>405</sup> Poulantzas afirma que o Estado encarna no conjunto de seus aparelhos, isto é, não apenas em seus aparelhos ideológicos mas igualmente em seus aparelhos repressivos e econômicos, o trabalho intelectual enquanto afastado do trabalho manual. É no Estado capitalista que a relação orgânica entre trabalho intelectual e dominação política, entre saber e poder, se efetua de maneira mais acabada. Esse Estado, completa Poulantzas, afastado das relações de produção, situa-se precisamente ao lado do trabalho intelectual ele mesmo separado do trabalho manual.<sup>406</sup> O pensamento de Philemon da Matta

---

<sup>402</sup> Idem.

<sup>403</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *Acção Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 4 de dezembro de 1932.

<sup>404</sup> Idem. *Acção Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 11 de dezembro de 1932.

<sup>405</sup> POULANTZAS, Nicos. *O Estado, O Poder, O Socialismo*. P. 63.

<sup>406</sup> Idem. P. 62.

parece seguir na direção do paradigma do saber-poder, julgando o trabalhador manual inepto à participação política e, conseqüentemente, às funções organizacionais, devendo permanecer estático na sua missão de produzir, enquanto o trabalhador intelectual se incumbiria da política e administração do Estado. Seria o que Poulantzas chamou de monopolização permanente do saber por parte do Estado-sábio-locutor, por parte de seus aparelhos e de seus agentes, que determina igualmente as funções de organização e de direção do Estado, funções centralizadas em sua separação específica das massas.<sup>407</sup>

No Natal de 1932, Philemon afirmou que não haveria “espírito culto” que não tivesse se interessado pelas idéias do Sigma, até mesmo na zona onde se localizava Olímpia.<sup>408</sup> Uma espécie de antítese a esse pensamento surgiu no artigo de Sylvino Costa Moraes, publicado em 1933 sobre integralismo e parlamentarismo. Nele, o antiintegralista Sylvino insinuou que somente um povo inculto aceitaria o integralismo, aquele que usurparia a soberania do povo e dos Estados.<sup>409</sup> Ele entendia que os integralistas pretendiam burlar as massas e os incautos. Mais adiante, o autor comentou que se integralismo e parlamentarismo<sup>410</sup>, por ele classificado como “grupos burgueses”, ainda encontravam adeptos era porque “a nossa instrução e a nossa educação político-social ainda estariam medíocres e as massas não poderiam discernir o bom do mau, o competente do incompetente”.<sup>411</sup> Sylvino Moraes acreditava que o único regime político-social bom para o Brasil seria aquele que com o reformismo socialista espalhasse instrução e educação por todas

---

<sup>407</sup> Idem. P. 63.

<sup>408</sup> Idem. *Ação Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 25 de dezembro de 1932.

<sup>409</sup> MORAES, Sylvino Costa. *Qual será o melhor regimen político-social de um povo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 5 de fevereiro de 1933.

<sup>410</sup> Sylvino Costa Moraes dizia que os filiados à velha e decaída escola parlamentarista tentavam provar suas vantagens salvacionistas e que o mal do Brasil era o presidencialismo.

<sup>411</sup> Idem.

as camadas.<sup>412</sup> Mas, num certo sentido, as idéias do autor do artigo e dos camisas-verdes convergiam, pois ambos defendiam a instrução, com a diferença de que Sylvino pretendia a instrução para todas as camadas, o que parecia não ser a preocupação dos intelectuais integralistas.

Se por um lado Philemon da Matta havia elogiado as elites brasileiras, comparando-as às das mais velhas civilizações, no artigo em que comentou a realização de um congresso de sociologia, chamou até os intelectuais brasileiros de cáfila de ignorantes:

*“Enquanto lá fora, as raças cultivam a saúde e a força, enquanto embellezam e enriquecem o espírito, com as artes, com as sciencias, bem assimiladas por que bem ministradas; nós, brasileiros, vivemos a vida torva de todas as endemias, endemias phisicas, o amarellão, o impaludismo, a falta até de comer trigo; endemias moraes e intellectuaes, porque somos, mesmo os lettrados, uma cáfila de ignorantes. E foi a ignorância que catastrophou a velha república, que não quis comprehender a hora do século.”<sup>413</sup>*

O integralismo surgia aos olhos do dr. Philemon como um movimento de intelectuais (uma plêiade brilhante de intelectuais), que estariam prontos para tornar o Brasil “grande, formoso e feliz”. Ao que parece, o camisa-verde não divisava a A.I.B. como um movimento de massa e, por isso, não tenha ao menos dirigido seus escritos para essa massa, elitizando seu discurso. Ele sempre propunha em seus artigos que os “moços cultos e patriotas” meditassem sobre as idéias integralistas. Referência às massas só aparece em dois artigos de Philemon. No primeiro, ele pedia ao governo provisório a anistia aos presos políticos e anunciava que “o gigante (Brasil) havia se levantado para exigir, entre outras coisas, que não

---

<sup>412</sup> Idem.

<sup>413</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *Um Congresso de Sociologia*. Jornal “Cidade de Olympia”, 26 de março de 1933.

queria o proletariado oprimido, vivendo como cães ao desamparo”<sup>414</sup> e, no segundo, procurava demonstrar que a democracia iludia os que produziam, os que trabalhavam, os proletários das cidades e do campo.<sup>415</sup> O texto é emblemático na medida em que confirma o elitismo de Philemon e sua idéia de que apenas os intelectuais deveriam governar para as massas e não com as massas: “*A Democracia é o reino da incompetência. Ponham-se aqui estas verdades de João Ameal: “Para se adquirir uma competência determinada, foi preciso seguir um curso, realizar certos estudos, trabalhar durante longos annos. E, quando se chega ao fim, apparece o voto anonymo e leviano dos incompetentes – e é esse que decide”.*<sup>416</sup> E concluiu: “*Em toda parte do mundo a maioria foi sempre de incompetentes. E, como é a maioria que escolhe, que governa – segue-se que é o maior número de incompetentes, que teem de escolher as competências. No nosso Congresso, podemos citar, a dedo, os que tinham real valor, como homens de sólido saber. E deve o Brasil continuar sob o reino da incompetência?*”<sup>417</sup> Tudo conduz a pensar que Philemon responderia não, pois “o integralismo e seus homens cultos estariam prontos para salvar o país da incompetência”.

A Ação Integralista Brasileira condenava o sufrágio universal por achar que o voto universal favoreceria a vitória dos que dispusessem de mais dinheiro, deturpando a verdadeira expressão da vontade popular. O integralismo defendia a democracia orgânica, que tomaria por base não o homem-cívico isolado da liberal-democracia, mas o homem em função dos grupos naturais, que protegeriam sua personalidade e assegurariam sua autonomia. Mas em Olímpia não houve

---

<sup>414</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *A Amnistia*. Jornal “Cidade de Olympia”, 15 de outubro de 1933.

<sup>415</sup> Idem. *Democracia*. Jornal “Cidade de Olympia”, 4 de março de 1934.

<sup>416</sup> Idem.

<sup>417</sup> Idem.

preocupação em mobilizar nem mesmo o principal grupo natural local, os trabalhadores do campo.

Somente dois artigos publicados no semanário “Cidade de Olympia” remetiam à mobilização das massas. Sem identificar o autor, o texto de 1934 revelava as pretensões do movimento no sentido de levantar as populações brasileiras, lançar as bases de um sistema educacional, insuflar a energia aos moços e movimentar as massas populares numa grande afirmação de rejuvenescimento.<sup>418</sup> Em 1935, o artigo assinado por S.P. (provavelmente Sylviano Pinto, militante do Sigma) atacava “o capitalismo desenfreado, provocador dos alaridos de greve e de fome que roubava do proletariado o trabalho”. O autor proclamava que a doutrina integralista defenderia os direitos dos proletários e tornaria suas vidas dignas.<sup>419</sup> S.P. tentava mostrar um integralismo compreensivo com o fato do proletariado militar nas hostes comunistas e socialistas: “...é porque em face do pauperrismo que ameaçou a sua casa, elle pretende apenas melhorar de vida, é porque notou que os grandes capitalistas não estendem um olhar para a sua habitação cheia de tristeza e desprovida de recursos.”<sup>420</sup> Parece-nos que em Olímpia os letrados camisas-verdes também não lançaram seu olhar para as habitações das colônias rurais, cheias de tristeza e desprovidas de recursos. Este foi o único artigo integralista dirigido diretamente ao operariado. É importante ressaltar que um artigo dirigido ao operariado em Olímpia só poderia ser considerado relevante, em termos mobilizatórios, se estendêssemos a designação de “operários” aos trabalhadores do campo, explorado pelo capitalismo agrário. Havia um reduzido número de trabalhadores urbanos distribuídos pelo comércio, serviços e pequenas indústrias, especialmente máquinas de beneficiamento de grãos.

---

<sup>418</sup> *O que pretende o Integralismo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 23 de dezembro de 1934.

<sup>419</sup> S.P.. *O operariado em face do Integralismo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 2 de junho de 1935.

<sup>420</sup> Idem.

O discurso integralista em Olímpia mostrava o proletário sempre como um infeliz, um ignorante, um instrumento inconsciente que serviria aos apetites do comunismo, enquanto o integralismo era elevado à condição de único competente para resolver todos os problemas que o afligia. Fuad Daud mostra isso claramente quando apelou aos proletários para que refletissem entre comunismo e integralismo: *“Attentae bem! Raciocine um pouco! Buscae luz no cérebro embora frágeis de cultura! Compare! Analysae os factos! Meditae como se aproveitam da vossa ignorância, como se fartam della!”*<sup>421</sup> O camisa-verde olimpiense buscou comparar o espiritualismo integralista e o materialismo comunista: *“Perguntae a si próprios porque a primeira coisa que vos offerece o communismo é em grau superlativo! Satisfazer o estomago, exclusivamente o estomago! Promettem fortuna, poder!! E no entanto, prestae atenção, nem siquer tocam nas necessidades do espírito; esquecem se de propósito de aclarar a vossa intelligencia!”*<sup>422</sup> O autor do artigo explicou que os comunistas desejavam “seus soldados” sem cultura, sem talento e sabedoria, pois precisariam agir com uma tropa ignorante para que os lucros da vitória não fossem discutidos, divididos ou cobiçados. Para Daud, o comunismo representaria a mentira, a desordem, a violência e a ignorância, enquanto o integralismo seria a sinceridade, a paz, o equilíbrio, a cultura, o progresso, a ventura e a estabilidade social com remuneração justa das classes.

Originado de um grupo de intelectuais chefiado por Plínio Salgado, a Ação Integralista insurgia-se contra o “desprezo” que a liberal-democracia burguesa teria perpetrado contra os intelectuais. Neste sentido, os militantes da A.I.B. de Olímpia pareciam muito mais preocupados em resgatar a importância dos intelectuais, conseqüentemente, a sua própria importância, pois julgavam-se os

---

<sup>421</sup> DAUD, Fuad. *Esboço de uma Vitória*. Jornal “Cidade de Olympia”, 1º de setembro de 1935.

<sup>422</sup> Idem.

únicos aptos a salvar o Brasil, do que em desencadear um movimento de massas no município. No fundo, os camisas-verdes locais parecem ter elevado ao paroxismo a exaltação aos intelectuais e se esqueceram que para chegar ao poder, fosse local, estadual ou nacional teriam que contar com o apoio das massas.

O fundador do núcleo local da A.I.B., Ruy do Amaral, admite atualmente que a assimilação das idéias integralistas pela população do sertão era relativamente pequena, pois o integralismo sendo uma doutrina que implicava conceitos filosóficos, políticos e sociológicos era muito difícil de ser transmitido para a massa.<sup>423</sup> Sendo assim, os estudos ficavam restritos à própria Ação Integralista e a propaganda limitava-se à defesa da pátria, dos princípios maiores da civilização, consubstanciada na trilogia Deus, Pátria e Família.<sup>424</sup>

Ruy do Amaral observa que o movimento integralista em Olímpia nunca chegou a atingir um número grande de adeptos, no máximo entre 100 e 200 membros: *“Praticamente foi um movimento, não digo de intelectuais, mas um movimento assim que se circunscreveu a um núcleo que tinha uma certa elite, que não era a grande massa, que não estava preparada para os ensinamentos que a gente queria proporcionar.”*<sup>425</sup> Amaral entende que a A.I.B. provocava uma forte atração entre os intelectuais e a elite pensante do país, especialmente sobre os que nutriam simpatia pelo movimento filosófico de origem direitista originado na Europa (nazismo e fascismo) e de certa forma o integralismo.<sup>426</sup>

A Ação Integralista Brasileira tornou-se na década de 30 o primeiro partido de massa do Brasil, mas sem abandonar um discurso elitista, de caráter intelectualista de que os destinos do país deveriam ser conduzidos pela elite

---

<sup>423</sup> Entrevista concedida ao autor.

<sup>424</sup> Idem.

<sup>425</sup> Idem.

<sup>426</sup> Idem.

intelectual. Tanto que duas das principais obras de Plínio Salgado sobre o movimento foram endereçadas a platéias distintas. O livro *O que é o Integralismo* destinava-se às massas populares com o propósito de esclarecer aos operários das cidades e aos trabalhadores do campo, ao soldado e ao marinheiro, ao estudante que ainda não havia atingido os cursos superiores, aos pequenos proprietários e comerciantes<sup>427</sup> o que pretendia o movimento. Plínio combatia o sufrágio universal acusando o sistema de ser um “engodo das turbas”, pois facilitaria a formação de sindicatos políticos, que explorariam com o ouro internacional a matéria-prima do voto.<sup>428</sup> Na verdade, o chefe nacional considerava a maioria da população brasileira inepta para votar e isso justificaria estabelecer o domínio de uma elite intelectual. Já no livro *Psicologia da Revolução*, destinado aos intelectuais, Plínio falava de uma democracia bárbara que existia no Brasil desde os primórdios da colonização, pois a geografia do país permitia aos colonos desfrutarem uma ampla liberdade.<sup>429</sup> Plínio fazia uma crítica às elites cultas do Rio de Janeiro e do litoral, que para ele viviam uma vida francesa e inglesa.<sup>430</sup>

Sobre a massa, Plínio Salgado afirmava no livro *Espírito da Burguesia* que a massa era aquela que seguia ao “ritmo unissoante” dos hábitos gerais e dos comuns desejos e onde o ente humano perdia seus traços peculiares. Dessa forma, na massa já não existiria o que chamamos de povo, isto é, a associação de pessoas distintas, cada qual conservando o seu próprio caráter, explicava Plínio.<sup>431</sup> O chefe nacional dizia que na massa tudo seria “descategorizado” e que o sistema de seus movimentos estaria baseado no “feroz individualismo”, fazendo tábua rasa dos

---

<sup>427</sup> SALGADO, Plínio. *O que é o Integralismo*. P. 17.

<sup>428</sup> Idem.

<sup>429</sup> SALGADO, Plínio. *Psicologia da Revolução*. P.134-135.

<sup>430</sup> Idem.

<sup>431</sup> SALGADO, Plínio. *Espírito da Burguesia*. In: *Obras Completas*. P. 87.

deveres de cada ser humano em relação aos grupos originados.<sup>432</sup> A massa, continuava Plínio, mover-se-ia sem consciência, sem destino, sem auto-direção, submetendo-se a determinações externas por ser incapaz de gerar, por si mesma, qualquer movimento. Inteligência e vontade seriam dois termos que não poderiam existir na massa, porque seriam incompatíveis com ela, esclarecia Plínio.<sup>433</sup>

A maioria dos integralistas que participavam do movimento em Olímpia, mesmo vivendo no “hinterland”, levava uma vida à “moda francesa e inglesa”, tendo acesso a um cabedal de cultura que poucos conseguiam vivendo no sertão. Possuíam curso superior ou estavam cursando (medicina, direito, odontologia), liam os últimos lançamentos literários, viajavam constantemente à Capital, recebiam jornais da capital, enfim, forjavam-se intelectuais dentro do que havia de mais sofisticado. O médico Philemon Ribeiro da Matta recebia regularmente publicações da A.I.B. enviadas pela sede paulistana. O advogado Ruy do Amaral conta que seu pai, José Benedito Nino do Amaral (outro integralista), possuía um grande acervo e formava a maior biblioteca particular da cidade.

Por outro lado, o aspecto da composição social do integralismo em Olímpia assemelhava-se ao fascismo<sup>434</sup>. A maioria dos militantes da A.I.B. local era oriunda da pequena burguesia, constituída basicamente por profissionais liberais. Philemon Ribeiro da Matta era médico, Nino do Amaral, Ruy do Amaral, Sylviano Pinto e Ítalo Galli eram advogados, Sebastião Prato era dentista e Leonardo Posella Segundo era engenheiro, apenas para citar os mais importantes. Os militantes sem

---

<sup>432</sup> Idem.

<sup>433</sup> Idem. P. 88.

<sup>434</sup> Sobre a composição social do fascismo, Leandro Konder escreveu o seguinte: Qual era a classe social decisiva no desencadeamento do movimento fascista? Não era difícil encontrar uma resposta segura para esta pergunta. Mais fácil era responder a uma outra questão: qual era a classe social que proporcionava o contingente mais amplo no apoio de massas com que o fascismo contava? Um exame da composição de tais massas levava à conclusão de que nelas o proletariado industrial estava sub-representado e a hegemonia cabia, sem dúvida, à pequena burguesia. KONDER, Leandro. *Introdução ao Fascismo*. P. 36.

curso superior ocupavam uma posição secundária na hierarquia do núcleo. Entretanto, essa pequena burguesia intelectual que compunha o movimento, como vimos, foi incapaz de promover a mobilização da massa local, como fez o fascismo na Itália.

A composição social do núcleo de Olímpia seguia o padrão da maioria dos núcleos da Ação Integralista. A base de comparação é a pesquisa feita por Hégio Trindade a respeito da estrutura social dos dirigentes e militantes locais. Segundo o autor de *Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30*, o grupo majoritário que compunha os dirigentes e militantes locais era a pequena burguesia formada pelos burocratas dos setores público e privado, que representava cerca de 40% do conjunto dos dirigentes e militantes locais, ainda que as camadas populares (operários de indústrias, trabalhadores agrícolas e independentes) constituíam quase um quarto da base do movimento.<sup>435</sup> A diferença é que em Olímpia o predomínio foi da pequena burguesia intelectual, diferença importante, pois remete ao ambiente social do interior onde as idéias até circulavam, mas onde quem não era profissional liberal estava atado à rede de sociabilidade e de práticas definidas pela hegemonia dos proprietários. Também a composição etária dos camisas-verdes do município se aproximava do que foi pesquisado por Trindade. A repartição dos integralistas, segundo a idade, revela que, em 1933, a maioria dos dirigentes/militantes locais tinha menos de 25 anos.<sup>436</sup> Em Olímpia a faixa etária da maioria dos dirigentes/militantes era de menos de 25 anos. Em 1934, ano da fundação do núcleo local, Ítalo Galli tinha 21 anos e Ruy do Amaral apenas 17; Philemon da Matta fugia a regra com 46 anos. Como no fascismo, esses jovens

---

<sup>435</sup> TRINDADE, Hégio. *Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. p. 135.

<sup>436</sup> Idem. P. 144.

integralistas da pequena burguesia intelectual sonhavam com uma escalada ao poder, ainda que apenas a nível local.

Concluindo, a ideologia integralista em Olímpia apresentou uma ruptura entre o discurso fascista e a inexistência de práticas de mobilização da massa, características no fascismo. O núcleo da A.I.B. teve características urbanas, mesmo atuando num município agrário, e esteve mais comprometido com a civilização que se forjara no litoral do que com a do “hinterland” brasileiro. Plínio Salgado falava na coexistência de duas classes no país: uma minoria letrada e uma pesada multidão de analfabetos ou semi-analfabetos. A dificuldade dos meios de comunicação havia isolado as regiões, do mesmo modo como o contraste da cultura litorânea com a realidade psicológica das populações interiores havia partido a nação em duas.<sup>437</sup> Para o chefe nacional, a compreensão do povo brasileiro só seria possível separando preliminarmente as duas nações que coexistiam no país e que eram resultado de uma revolução distinta.<sup>438</sup> O Brasil letrado, dos literatos, dos juristas, dos cientistas, dos grandes industriais e comerciantes, dos políticos e diretores de partidos, esse Brasil procederia do século XIX, constitucionalista, liberal, democrático, cientista, romântico e retórico. O outro Brasil seria o dos aglomerados municipais, das populações disseminadas pelo imenso território, das massas proletarizadas, dos bandos sertanejos, que procederia do século XVI, individualista, aventureiro, feiticista por índole, acomodaticio às injunções patriarcais ou imperativos caudilhescos.<sup>439</sup> Alcir Lenharo analisa que no pensamento totalitário brasileiro o sertão é tomado como a “reserva de brasilidade”, o “fácies típico inconfundivelmente brasileiro”. É no sertão pobre e esquecido, continua Lenharo, que encontra-se a “reserva moral do país”, enquanto o litoral (as cidades)

---

<sup>437</sup> SALGADO, Plínio. *Psicologia da Revolução*. P. 157.

<sup>438</sup> Idem.

<sup>439</sup> Idem. P. 157 – 158.

apresentam-se estandarizadas, padronizadas arquitetonicamente e moralmente, mancomunadas com o capitalismo internacional e submetidas à sua influência dissolvente.<sup>440</sup> Lenharo chamou de “dualidade esquizofrênica” esse modo do pensamento totalitário entender a relação campo/cidade, cuja dimensão se explicita na dicotomia puro/impuro, espiritual/material. A nação ideal estaria no sertão, pois seu isolamento, sua pobreza e seu “atraso” lhe garantiriam a pureza original; a cidade seria o domínio da matéria, da intoxicação capitalista, completa Lenharo.<sup>441</sup>

A elite intelectual do integralismo olimpiense estava muito mais ajustada a esse Brasil litorâneo, letrado, do que com o Brasil dos bandos sertanejos, com o qual Olímpia aproximava-se socialmente na década de 30. Essa elite letrada parecia viver num mundo à parte, fora da dimensão da realidade local, disseminando idéias esdrúxulas para o lugar, transformando o núcleo municipal numa espécie de “Clube das Letras”. A elite integralista local assumiu as idéias sem a sua vitalidade, que era a de empolgar, de mobilizar. O tom político do fascismo foi na base do grito, da exaltação, da empolgação e da organização, políticas extremamente ativas, virulentas na ação, que exaltavam a força e levavam a agir. Os integralistas locais só divulgaram as idéias até certo ponto, sem o estilo que juntamente fazia parte da marca fascista. Benito Mussolini insistia sobre a necessidade dos fascistas aproveitarem toda oportunidade de afirmação para o partido, sem qualquer preocupação doutrinária: *“Nós, fascistas, não temos doutrinas preestabelecidas, nossa doutrina é o fato... Devemos nos afirmar onde quer que formos.”*<sup>442</sup> Ao integralismo de Olímpia sobrou o discurso doutrinário e faltou a virulência que poderia significar a mobilização da massa em torno das idéias. Destarte, o movimento integralista não despertou mais que um sentimento de curiosidade diante

---

<sup>440</sup> LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. P. 72.

<sup>441</sup> Idem.

<sup>442</sup> PARIS, Robert. *As Origens do Fascismo*. P. 68.

do novo que representavam aqueles homens vestidos com camisas-verdes, organização paramilitar e palavras de ordem até então desconhecidas naquele sertão paulista.

Para o fascismo, a essência da política consistia em reconhecer e apreender as exigências do momento. Os programas não eram tão importantes como a submissão incondicional ao chefe. A história não seria feita pelas massas, nem pelas idéias ou forças “silenciosamente ativas”, mas pelas elites que dominam, cada uma por sua vez.<sup>443</sup> Se no fascismo as ações precederam as idéias, no integralismo elas surgiram primeiro e deveriam ser respaldadas pelas massas<sup>444</sup> mobilizadas. No rincão denominado Olímpia, o integralismo permaneceu fiel à doutrina, mas alheio às massas, defendendo suas idéias respaldadas tão somente na suposta superioridade da elite intelectual a qual pertenciam os camisas-verdes. A Ação Integralista Brasileira, se partirmos do que aconteceu em Olímpia, pretendia estabelecer um governo de intelectuais, plasmando as massas com os mitos, ritos e símbolos, imprimindo o caráter integralista até a sua completa submissão ao chefe e ao poder da nova elite intelectual que os camisas-verdes representariam. A massa, dizia Plínio, é sem consciência e sem destino, onde o homem perdeu o conhecimento da sua origem humana e nacional, onde o homem retornou à condição de argila anterior à intervenção divina, que plasmou um dia e fez solidificar

---

<sup>443</sup> FELICE, Renzo de. *Explicar o Fascismo*. P. 143.

<sup>444</sup> O integralismo via da seguinte forma a diferença entre massa e povo: Povo e multidão amorfa, ou como se diz “massa”, são dois conceitos diferentes. O Povo vive e se move por vida própria. A “massa” é inerte e não pode ser movida senão por agentes externos. O Povo vive na plenitude da vida dos homens que a compõem, cada um na sua categoria e modo de ser, uma pessoa que compreende a sua própria responsabilidade, as suas próprias convicções. A “massa”, ao contrário, espera o impulso de fora, dominada pelos que lhe exploram os instintos e impressões, pronta a seguir hoje uma bandeira, amanhã outra. Da exuberância de vida de um verdadeiro povo, uma vitalidade abundante e rica se infunde no Estado e em todos os seus órgãos, com vigor incessantemente renovado. (Extraído do livro “O Integralismo – Síntese do Pensamento Político Doutrinário de Plínio Salgado”, de Maria Amélia Salgado Loureiro)

os traços firmes da personalidade.<sup>445</sup> É no mínimo instigante lembrar o que Ruy do Amaral escreveu sobre o Integralismo ao se desligar do movimento em 1937:

*“Profundamente democrático, causava-me mesmo repugnância o fato do integralismo preconizar para o Brasil um regime de força, que só poderia sufocar as liberdades populares. Encastelando-se na classe burguesa da sociedade, ele pretendia com a mentalidade dessa mesma classe social, conseguir a harmonia dos interesses sociais. Hoje os nomes mais em evidência dos açambarcadores das economias populares, quando não filiados, estão prestigiando o movimento integralista... No Integralismo não se encontra o menor eco as reivindicações, as gritas das massas trabalhadoras. Um movimento assim que se constitui em milícias de caráter policial, poderá ser um movimento que se afirme revolucionário? Todo o movimento sindical feito dentro desse partido é tido como desnecessário, pois que ali se julga que os trabalhadores não tem o direito de exigir alguma coisa que é seu. Tem, pelo contrário, que ficar sujeitos ao “chefe falou” da hierarquia rolha. Há mais de quatro anos no Integralismo, foi todo o meu desejo conseguir com os que propunham a realização dessas reformas, modificar essa orientação que sempre julguei errada.”<sup>446</sup>*

*“Indignos todos os seres que falam como os papagaios, sem pôr nas palavras a força e o calor da Terra! Indignos todos os homens que falam com os lábios e acabam transformando-se na insensibilidade dos fonógrafos!”*

(Plínio Salgado, *O Estrangeiro*)

---

<sup>445</sup> SALGADO, Plínio. *Espírito da Burguesia*. In: *Obras Completas*. P. 93.

<sup>446</sup> AMARAL, Ruy do. *Razões de uma atitude*. Jornal “Cidade de Olympia”, 13 de junho de 1937.

## **CAPÍTULO VII - O “FASCIO DE INTELLECTUAIS” E O ASPECTO RURAL DE OLÍMPIA**

*“A vida da roça é ingrata, sim; mas, tem mais encantos, mais alegrias, mais abundância e mais...sim, mais honradez.*

*As cidades oferecem conforto e diversões, mas lá há tantas chagas sociaes, misérias, tanta falta de socego!”*

*(Extraído da “Revista Agrícola de Olympia”, 1925)*

### **7.1 O MEIO RURAL DO MUNICÍPIO**

O município de Olímpia está localizado a 450 quilômetros da Capital paulista e na década de 1930 situava-se no que se convencionou chamar de sertão paulista. Mas o que seria o sertão? O dicionário Aurélio fala em terreno coberto de mato, longe do litoral ou ainda, interior pouco povoado.<sup>447</sup> Entretanto, para o caso específico da zona de Olímpia, sertão foi a penúltima fronteira a ser desbravada e povoada no Estado de São Paulo<sup>448</sup>. O desbravamento e o povoamento partiram do litoral em direção ao interior, seguindo a trilha aberta pelo café, especialmente a partir do final do século XIX. Eram, portanto, chamadas de sertão as zonas ainda pouco habitadas, de economia agrária, distantes da Capital e que começavam a se desenvolver com a chegada das estradas de ferro e que em pouco tempo

---

<sup>447</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. P. 1.577.

<sup>448</sup> A última fronteira do sertão desbravada foi a de Jales, Fernandópolis, Santa Fé do Sul e Votuporanga.

demonstravam pujança econômica e despertavam o sonho de enriquecimento em muita gente.

A zona de Olímpia, constituída por municípios como São José do Rio Preto, Bebedouro, Catanduva e Barretos, só teve seu progresso alavancado a partir dos anos de 1920, quando a riqueza produzida pelo café começou a despertar o interesse de migrantes e imigrantes. Nos anos 20 e 30 tinham enorme importância as colônias de italianos, espanhóis, portugueses e japoneses em Olímpia. Tanto que em 1925, 56,7% dos cafeeiros existentes no município pertenciam a estrangeiros, principalmente italianos.

O café fez a riqueza de Olímpia e em 1925 já era a quarta cidade do Estado em movimentação bancária, ficando atrás apenas de São Paulo, Santos e Campinas. E foi essa riqueza a fonte de atração de muitos profissionais liberais que migraram para esse sertão, carente de mão-de-obra especializada, em busca de sucesso. São os casos, por exemplo, do médico Philemon Patrículo Ribeiro da Matta, nascido em Campos dos Goytacazes (RJ) e da família do advogado Ruy do Amaral, cuja origem está no Vale do Paraíba, em São Paulo, e que mais tarde se tornaram expoentes do integralismo local.

O município de Olímpia, constituído por Cajobi, Severínia ou Luiz Barreto, Guaraci, Altair, Icém e Patos, chegou a possuir 9.650 quilômetros quadrados, sendo o segundo maior do Estado. A penetração desse rincão paulista começou em meados do século XIX, com elementos mineiros e tropeiros, que descendo o Rio Grande entraram na região pelo atual município de Guaraci. As terras, que margeiam o rio Grande, foram as primeiras a ser ocupadas por esses aventureiros, muitos foragidos da polícia. As primeiras famílias viviam isoladas pela distância e por uma muralha de florestas dos centros urbanos mais próximos

(Jaboticabal, Araraquara ou Barretos), constituindo-se em vastas sociedades patriarcais, verdadeiras autarquias que produziam tudo para seu próprio consumo. Já em fins do século XIX, depois que estes pioneiros haviam traçado algumas pistas ligando-os às cidades mais próximas para o fornecimento de mercadorias indispensáveis, como o sal ou tecidos, o povoamento se estabeleceu mais para o sul, agora com elementos vindos do nordeste do Estado de São Paulo (Ribeirão Preto, Sertãozinho) e de regiões fronteiriças com Minas Gerais. A nova ocupação se fez toda sob o sistema de patrimônios: os proprietários de terras doavam um terreno em favor de um santo, em honra do qual se levantava logo uma capela; em torno dela, não tardaram a surgir as pequenas vendas e casas de moradia, que se adensavam à medida que chegavam novos elementos de fora, atraídos pela facilidade de aquisição das terras e perspectivas de riqueza, próprias em toda zona pioneira. Esta segunda fase do povoamento fundava-se na criação do gado e numa agricultura melhor organizada, mas ainda sem o plantio do café, que esteve proibido até 1910. Parte dos novos elementos tornou-se logo proprietária de lotes de terra comprados em ótimas condições e extremamente valorizados mais tarde.

A terceira e última fase de povoamento se deu com a estrada de ferro São Paulo – Goiás, partindo de Bebedouro em 1909, foi semeando povoados e incentivando vilas já existentes até Nova Granada, num pequeno percurso de 120 quilômetros, mas que foi fundamental para a valorização dessa parte do sertão.

Juntamente com a via férrea, chegou o imigrante italiano e espanhol, que logo deixou sinais característicos de sua presença na região. O elemento indígena que habitava a região não estava mais presente nesta fase de povoamento. Em 1925, o município contava com cerca de 48 mil habitantes, sendo apenas 7 mil na chamada zona urbana.

## **7.2 A ZONA RURAL DO MUNICÍPIO**

A fazenda era o centro de uma pequena aglomeração constituída pelas casas dos colonos, que se alinhavam uma ao lado da outra, geminadas ou separadas, e mais retiradas apareciam a casa do administrador e a sede da fazenda.

As propriedades eram classificadas de acordo com sua área: de 1 a 3 alqueires, eram chácaras, geralmente próximas às aglomerações, quer urbana, quer semi-rurais; os sítios eram as propriedades que possuíam de 3 a 10 alqueires e as fazendas eram as propriedades com mais de 10 alqueires.

Os sítios e fazendas confundiam-se quanto à sua distribuição e quanto aos produtos cultivados. A diferença estava no sistema de trabalho, do qual resultava a ocupação do solo diferente pelo homem. Enquanto nos sítios era o proprietário ou o arrendatário e sua família que lavravam o chão, só eventualmente possuindo trabalhadores pagos, nas fazendas todo serviço era feito com homens assalariados, sendo que o proprietário muitas vezes residia na cidade.

A sede das propriedades era um prédio bem cuidado, de aspecto moderno, nada que lembrasse os casarões das fazendas do Vale do Paraíba, e muitas até possuíam telefone. A colônia, muito comum nas fazendas, localizava-se longe ou perto da sede e da casa do administrador.

A habitação rural naquela época não apresentava profundas diferenças em qualquer fazenda. Tanto o italiano como o espanhol, o português ou o brasileiro, construía suas casas de tijolos, com telhados em duas ou quatro águas, cobrindo poucos cômodos, de linhas simples, sem qualquer enfeite no acabamento ou traços arquitetônicos trazidos de suas terras, podendo ser assoalhadas ou simplesmente

de chão batido. Uma das maiores preocupações dessas populações rurais ainda era o mosquito transmissor da maleita.<sup>449</sup> A cidade não passava de um pequeno núcleo para onde convergiam proprietários e colonos visando saciar as necessidades que o campo não dispunha.

É nesse ambiente de predomínio rural, que surgiu em 1934 o núcleo municipal da Ação Integralista Brasileira, com seu proselitismo intelectual e seu discurso fascista e anti-semita.

### **7.3 O INTEGRALISMO E O MEIO RURAL**

O discurso integralista tinha como alvo a defesa do homem do campo, considerado por Plínio Salgado a verdadeira encarnação do homem brasileiro, simbolizado na figura de Jeca Tatu. Apesar disso, o integralismo permaneceu fundamentalmente um movimento urbano, sem o apoio significativo do Brasil rural, e Olímpia foi um exemplo disso, diferentemente do nazi-fascismo europeu representado e organizado entre os agricultores, particularmente na Alemanha.

Na Itália, mesmo após a vitória, o Partido Fascista foi mal-sucedido na conquista de um suporte no setor rural da península, onde a política de clientelismo era dominante.<sup>450</sup> Ângelo Trento afirma que a ação do fascismo no mundo rural baseou-se constantemente em imponentes campanhas publicitárias e propagandísticas. Uma das mais importantes, continua Trento, foi a da ruralização, que tinha o objetivo de desencorajar as migrações do campo para a cidade, mas que por motivos políticos atraiu o interesse de Mussolini, principalmente a partir de

---

<sup>449</sup> Dados extraídos da *Revista Agrícola de Olympia*, 1925, e *Alguns Aspectos da Paisagem Rural do Município de Olímpia*, de Ely Goulart Pereira de Araújo, 1950.

<sup>450</sup> TRINDADE, Hégio. *Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. Prefácio à 2ª edição. P. XIII e XIV.

1930.<sup>451</sup> Menor concentração urbana era efetivamente desejável, porque faria diminuir o descontentamento das famílias sem habitação e além disso, era preferível o excesso demográfico no campo e não nas cidades, onde o desemprego era mais visível e onde mais facilmente as massas populares poderiam perturbar a ordem pública.<sup>452</sup> Também parte da literatura nazista ocupou-se com o tema da volta a terra e da glorificação do modo de vida do camponês. Alcir Lenharo comenta que a temática no nazismo era mais envolvente, abarcava um tom romântico anticapitalista que se mostrava avesso à industrialização e à vida nas cidades, com o fim de exaltar a pureza dos costumes rurais.<sup>453</sup> Os camponeses eram glorificados como a reserva moral da Alemanha, o elemento sadio e regenerador, responsáveis pela manutenção da tradição, da pureza da raça e dos costumes, graças ao contato permanente com a terra e ao fato de terem vivido alheios às influências estrangeiras.<sup>454</sup>

A característica urbana do movimento brasileiro ficou evidente em Olímpia, onde havia um discurso fascista, mas sem a contrapartida de ações de mobilização das massas e sem a participação ativa de produtores e trabalhadores rurais, que poderia dar ao integralismo local um caráter não só de partido de base popular como também de valorização do homem do campo.

A intelectualidade brasileira, da qual Plínio fazia parte, se reconciliou simbolicamente com a realidade do país com a publicação, em 1902, de “Os Sertões”, de Euclides da Cunha. É a partir desse momento que as elites intelectuais

---

<sup>451</sup> TRENTO, Ângelo. *Fascismo Italiano*. P. 43.

<sup>452</sup> Idem. P. 43-44.

<sup>453</sup> LENHARO, Alcir. *Nazismo – O Triunfo da Vontade*. P. 67.

<sup>454</sup> Idem.

tomam consciência de sua alienação com relação à situação de abandono das populações das regiões centrais do país.<sup>455</sup>

Plínio Salgado descrevia o homem real para o qual destinava sua mensagem, era inspirado na figura de Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, a quem definia como “o espírito nacional”, “o homem perdido no imenso meio físico”.

No livro *Psicologia da Revolução*, Plínio abordava a temática do homem do campo, para ele esquecido e proscrito dos debates, sem voz que o fizesse ouvir na discussão dos destinos da pátria.<sup>456</sup> O chefe nacional denunciava que as elites políticas e as elites literárias, de que deveriam ser expoentes os autores indianistas, o nacionalismo e o liberalismo eram copiados, um dos políticos, outro, dos poetas franceses; existia, ao mesmo tempo, um sentido da terra e um instinto político que eram profundamente brasileiros.<sup>457</sup>

A terra plasmava o homem, dizia Plínio, em cujo sangue corriam os sangues de três raças e em cuja alma vibrava o sentimento católico, que entrava na formação da nacionalidade: o caboclo de lineamentos próprios, esse tipo moreno e forte, que arrostava com todas as angústias da conquista do sertão e lançava as bases da agricultura na vasta área do território brasileiro.<sup>458</sup>

Para Plínio, o elemento caboclo não teve nenhuma influência na formação do Império e da República e o integralismo surgia para alçar esse caboclo ao seu lugar de destaque na sociedade. O camisa-verde perguntava o que era o Brasil? Acaso eram as diminutas elites cultas? Acaso eram as populações mescladas de estrangeiros e de negros, que enxameavam as ruas estreitas das cidades do litoral? E o próprio Plínio respondia que o Brasil eram as populações

---

<sup>455</sup> TRINDADE, Hélijo. *Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. P. 20.

<sup>456</sup> SALGADO, Plínio. *Psicologia da Revolução*. P. 128.

<sup>457</sup> Idem.

<sup>458</sup> Ibidem.

interiores, os numerosos núcleos de agricultores e de pastores, de pequenos comerciantes, de tropeiros, que se ligavam por estradas penosas, fazendo circular as primeiras produções, lendas, canções, costumes, linguajar da terra e todo um acervo acumulado durante o período colonial e que constituiria a verdadeira nacionalidade brasileira.<sup>459</sup> O isolamento de cada célula social, a preocupação viva de fundar e de desenvolver a agricultura, afastava as populações da Europa romântica do século XIX em que viviam os centros cultos do país, prendendo-se à Europa aventureira e individualista dos séculos XVII e XVIII, explicava Plínio. Mas foi esse mesmo caboclo, que Plínio tanto exaltava, esquecido pelo núcleo da A.I.B. em Olímpia.

Plínio Salgado falava na coexistência de duas classes no país – uma minoria letrada e uma pesada multidão de analfabetos ou semi-analfabetos. Essa divisão teria precipitado a destruição das ligações que aglutinavam a sociedade brasileira.<sup>460</sup> A nação teria sido dividida em duas em decorrência da dificuldade dos meios de comunicação, que teria isolado as regiões, e do contraste da cultura litorânea com a realidade psicológica das populações interiores.<sup>461</sup> As duas nações que Plínio imaginava seriam resultado de uma revolução distinta. O Brasil letrado, dos literatos, dos juristas, dos cientistas, dos grandes industriais e comerciantes, dos políticos e diretores de partido, seria procedente do século XIX, constitucionalista, liberal, democrático, cientista, romântico e retórico, e a expressão da idéia revolucionária oriunda do fato revolucionário europeu. O outro Brasil, dos aglomerados municipais, das populações disseminadas pelo imenso território, das massas proletarizadas, dos bandos sertanejos, seria procedente do século XVI, individualista, aventureiro, feiticista por índole, acomodaticio às injunções patriarcais

---

<sup>459</sup> SALGADO, Plínio. *Psicologia da Revolução*. P. 131.

<sup>460</sup> Idem. P. 157.

<sup>461</sup> Idem.

ou aos imperativos caudilhescos, e à expressão da idéia revolucionária nascente no século XVI.<sup>462</sup> Enquanto os intelectuais integralistas do sertão olimpiense estavam atados a esse Brasil letrado, a maioria da população local estava inserida no outro Brasil descrito por Plínio, mesmo que boa parte dela fosse oriunda da Europa (na década de 30, boa parte da população de Olímpia era composta por estrangeiros italianos, espanhóis, portugueses e japoneses). Portanto, Olímpia nos anos 30 tinha uma composição social diferente daquela que Plínio imaginou para esse rincão paulista no seu romance *O Estrangeiro*, o predomínio do elemento nacional: baianos, mineiros, cearenses, “as bandeiras em marcha no rumo incerto do sertão”.<sup>463</sup>

Gustavo Barroso entendia esse litoral como corrupto e o sertão como a alma brasileira. O chefe das milícias integralistas falava na “revolução integralista”, uma revolução das idéias: “...a Voz do Oeste sopra sobre o litoral corrupto do velho e puro Brasil esquecido nos quaes, nos araxás e nas caatingas do vasto sertão que adormece ao som das violas sob o brilho do seu altar de estrelas.”<sup>464</sup> Alcir Lenharo, em seu livro *Sacralização da Política*, chama de dualidade esquizofrênica o modo do pensamento totalitário entender essa relação litoral/sertão.<sup>465</sup> Aqui o sertão é tomado como a “reserva de brasilidade”, o “fácies típico inconfundivelmente brasileiro”. No sertão pobre e esquecido encontra-se a “reserva moral do país”, enquanto no litoral (as cidades) apresentam-se estandardizadas, padronizadas arquitetônica e moralmente, mancomunadas com o capitalismo internacional e

---

<sup>462</sup> Idem. P. 158.

<sup>463</sup> SALGADO, Plínio. *O Estrangeiro*. P. 204. Em carta a Ivã escrita de Cedral, Juvêncio descreve a descoberta do Brasil: “Encontrei o Zé Candinho, como um centauro, corcovando na besta pinhão, pelas ruas do povoado. Em todo município de Rio Preto, predomina o elemento nacional: baianos, mineiros, cearenses, bandeiras em marcha no rumo incerto do sertão. Boiadas canalizadas pelo Tabuado, estradas de poeira de Tanabi e Monte Aprázível. Aldeias-acampamento, cheirando a pólvora. Achei, enfim, o Brasil.”

<sup>464</sup> BARROSO, Gustavo. *A Voz do Oeste*. Jornal “Cidade de Olympia”, 15 de julho de 1934. Neste artigo, Gustavo Barroso comentava o lançamento do livro de Plínio Salgado “A Voz do Oeste”.

<sup>465</sup> LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. P. 72.

submetidas à sua influência dissolvente.<sup>466</sup> Para Lenharo, a dimensão esquizofrênica se explicita na dicotomia puro/impuro, espiritual/material. A Nação ideal estaria no sertão; seu isolamento, sua pobreza, seu “atraso” lhe garantiriam a pureza original, já a cidade seria o domínio da matéria, da intoxicação capitalista, mas materialmente também Nação.<sup>467</sup>

Plínio Salgado também era detentor dessa visão, pois havia sido contagiado pela “natureza das coisas do sertão” quando de sua viagem ao norte do Estado de São Paulo em 1923, acompanhando o Secretário da Educação, Alarico Silveira, que serviu de inspiração para o livro *O Estrangeiro*. No romance, o futuro chefe integralista descrevia o sertão como autêntico portador da nacionalidade brasileira: *“A terra é ingênua; e os que a procuram, com sinceridade, sofrem a sua atração deliciosa. Transformam-se ao seu contato. Não há estrangeiros nestas brenhas porque ninguém traz às costas o cadáver do Passado. Todos se entendem, falando um só idioma de aspirações.”*<sup>468</sup> E continua: *“É aqui que está a Voz-que-chama; o imã do sertão, que irmana todo o país na unidade política e que o definirá na unidade futura de uma raça forte.”*<sup>469</sup>

O discurso de Plínio era destinado ao homem do campo, ao Jeca Tatu<sup>470</sup> que existia no “hinterland” brasileiro, sujeito ao amarelão, à febre amarela, ao impaludismo, à exploração dos latifundiários, ao analfabetismo, a condições de vida precárias, enfim, a toda a sorte de desventuras que o tornava uma presa fácil à politicagem liberal, que primava por manter o status quo social e a manipulação das massas. No romance *O Estrangeiro*, o chefe integralista já exaltava a figura do

---

<sup>466</sup> Idem.

<sup>467</sup> Ibidem.

<sup>468</sup> SALGADO, Plínio. *O Estrangeiro*. P. 275.

<sup>469</sup> Idem. P. 276.

<sup>470</sup> No romance *O Estrangeiro*, Plínio Salgado escreveu: *“Não éramos o Jeca-tatu acorrido e banzeiro? Pobre caboclo! Que culpa lhe cabe, se lhe acenaram com um idealismo que ele não compreende? Se os diretores da nacionalidade não souberam integrar o homem à onda exata do seu destino?”*. P. 327.

caboclo como forte, a vitalidade da raça, livre das contaminações dos grandes centros.<sup>471</sup> Ele descrevia que o urbanismo seria a morte da nacionalidade, a morte do homem transformado em títere cosmopolita.<sup>472</sup>

O chefe integralista também manifestou sua preocupação com o caboclo ao escrever o Manifesto da Legião Revolucionária<sup>473</sup> de São Paulo, em 1931: “...Quer que sua voz (da Legião Revolucionária) chegue aos recessos do sertão, onde o caboclo calumniado, sofre e luta herculeamente. Quer que seu appello vá ecoar até onde palpita o coração de um brasileiro, um coração generoso que queira actuar revolucionariamente no sentido de salvar o Brasil.”<sup>474</sup> Em 1934, Plínio Salgado mostrou-se novamente preocupado com o caboclo diante da “ameaça” que representaria a elaboração de uma falsa Constituição, feita por políticos para políticos contra o Brasil. Ele descrevia o tipo de Constituição que temia para o país, aquela que obrigasse o caboclo a uma participação na vida pública para o qual não estaria preparado:

*“Uma Constituição que permita que o caboclo do Brasil seja violentado, forçado a se pronunciar sobre assumptos de direito público, de economia e finança, de administração e de política, que elle não entende, situação essa a que o leva a escolha de presidentes da República, mediante a comparação dos programmas e plataformas.”*<sup>475</sup>

---

<sup>471</sup> Idem. P. 325.

<sup>472</sup> Idem. P. 326.

<sup>473</sup> Organizações políticas, também chamadas legiões de outubro, articuladas pelos "tenentes" logo após a vitória da Revolução de 1930 com o objetivo de dar conteúdo, organização e unidade aos princípios revolucionários. Contando com apoio do governo e tendo como centro de irradiação do Distrito Federal, teve núcleos em diferentes estados. As mais importantes foram as legiões mineira e paulista. Em Olímpia também constitui-se um núcleo da Legião Revolucionária, em 1931.

<sup>474</sup> O Manifesto da Legião Revolucionária de S. Paulo. Jornal “Cidade de Olympia”, 15 de março de 1931.

<sup>475</sup> SALGADO, Plínio. *Brasil dos Brasileiros, Não dos Políticos*. Jornal “Cidade de Olympia”, 25 de março de 1934.

A proposta integralista era revitalizar as massas camponesas, dando a elas as condições necessárias de crescer e se desenvolver. O integralismo surgia no cenário político brasileiro propondo ser aquele remédio que o doutor receitou ao Jeca Tatu<sup>476</sup> para acabar com o amarelão e revigorar o caboclo, que, curado, se revelaria um homem cheio de coragem e trabalhador incansável. A Ação Integralista Brasileira se apresentava como o remédio que curaria o Brasil dos *ancilóstomos* (os velhos políticos liberais, os comunistas, os judeus, a democracia, o capitalismo, os privilégios do litoral), que “impregnavam o organismo da pátria impedindo-a de se tornar forte, rija e rica”. A A.I.B. promovia-se ao estilo de um remédio propagado no jornal “Cidade de Olympia” nas décadas de 20 e 30, o *Vinho Creosotado*, do farmacêutico e químico João da Silva Silveira: “um poderoso tônico e fortificante, empregado com grande sucesso na fraqueza geral”, a fraqueza do povo, do país, por Deus, pela Pátria e pela Família.

O trecho de um artigo de Philemon Ribeiro da Matta ilustra essa disposição do integralismo em ser visto como um remédio para os males que infectavam o Brasil: *“A Acção Integralista com a sua doutrina, que não é um castello de cartas, mas sim o resultado de estudos profundos e muito sérios de sociologia applicados ao nosso meio; com a analyse dos factos que têm concorrido para o nosso mau estar, no Império e na 1ª República, poz de manifesto o remédio, o único capaz de solucionar o nosso drama; que tantas vezes tem tomado o carácter de*

---

<sup>476</sup> “Um dia um doutor portou lá por causa da chuva e espantou-se de tanta miséria. Vendo o caboclo tão amarelo e chucro, resolveu examina-lo.

- Amigo Jeca, o que você tem é doença.
- Pode ser. Sinto uma canseira sem fim, e dor de cabeça, e uma pontada aqui no peito que responde na cacunda.
- Isso mesmo. Você sofre de ancilostomíase.
- Anci... o quê?
- Sofre de amarelão, entende? Uma doença que muitos confundem com a maleita...

O doutor receitou-lhe o remédio adequado; depois disse: “E trate de comprar um par de botinas e nunca mais ande descalço nem beba pinga, ouviu?” (Trecho do *Jeca Tatu*, de Monteiro Lobato)

*tragédia*".<sup>477</sup> Mas o discurso voltado para o campo não passou de uma doutrina?, de um desejo?, de uma ilusão ?, pois a A.I.B. revelou-se um movimento de características urbanas, até mesmo em lugares como Olímpia, rural e sertaneja, mais preocupada com o impudismo e o amarelão reais, subjugada pelos donos de terras, vitimada pelo analfabetismo e pelos políticos clientelistas.

Tanto que somente dois artigos integralistas publicados no jornal "Cidade de Olympia" fizeram referência ao campo. No primeiro, o intelectual Philemon Ribeiro da Matta escrevia em 1933 que os camisas-verdes esperavam pelo "nosso Duce", pelo "nosso Salazar", que seria capaz de alterar o quadro tétrico da população rural do país: *"...carcomida de todas as endemias, e afogada nas trevas diante do mais absoluto analfabetismo!?"*.<sup>478</sup> O texto apresentava um integralismo conhecedor dos problemas do campo (comuns também no município), mas que via como solução o surgimento de uma espécie de "salvador", um "super homem", como teria ocorrido na Itália e em Portugal, e não na mobilização da população rural em torno do projeto político do movimento. O segundo artigo abordava uma conferência realizada em Olímpia por Alpínolo Lopes Casali<sup>479</sup>, que defendeu a idéia de Plínio: o Brasil era dividido em duas nações, o litoral e o "hinterland". Casali falou na ocasião "de um completo esquecimento que as capitais mantinham do interior" e da necessidade da perfeita identificação do litoral com o interior.<sup>480</sup>

Nunca houve por parte do núcleo local um projeto específico para levar as idéias integralistas aos camponeses. Ítalo Galli recorda que juntamente com seu

---

<sup>477</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *Acção Integralista*. Jornal "Cidade de Olympia", 19 de fevereiro de 1933.

<sup>478</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *Acção Integralista*. Jornal "Cidade de Olympia", 19 de fevereiro de 1933.

<sup>479</sup> Alpínolo Lopes Casali foi um dos fundadores da Sociedade de Estudos Políticos e da A.I.B. e seus pais residiram durante alguns anos no município de Olímpia.

<sup>480</sup> *Conferência Integralista*. Jornal "Cidade de Olympia", 6 de janeiro de 1935. A conferência de Alpínolo Lopes Casali aconteceu no dia 30 de dezembro de 1934, no Cine Theatro Olympia.

tio, Luiz Galli, visitava as fazendas para fazer o que chamava de “proselitismo integralista” e que os habitantes da zona rural os recebiam bem. Entretanto, Galli confirma a inexistência de uma programação específica para o campo.<sup>481</sup> A esse respeito, Deonel Rosa, que na década de 30 residia na zona rural, lembra que os camisas-verdes faziam “grupinhos” nos sítios e fazendas para discutir as idéias integralistas e eram recebidos “cordialmente”; não havia rejeição.<sup>482</sup>

Ruy do Amaral também confirma a inexistência de uma política específica para o campo. Existia, segundo ele, apenas a tentativa de despertar, tanto no camponês como no trabalhador urbano, um sentimento nacionalista.<sup>483</sup> Plínio Salgado falava muito em síntese, afirma Amaral, tanto que até o emblema da Ação Integralista era o Sigma, que significa a concepção integral da História e, conseqüentemente, os integralistas entendiam que o país deveria ser considerado um bloco monolítico, fosse no campo ou na cidade e, assim, o campo não poderia ficar de fora.<sup>484</sup> O fundador do núcleo local revela que havia de uma certa forma o interesse em conquistar esses moradores do campo, que não eram os fazendeiros, mas os trabalhadores, os roceiros, os colonos, sem existir, no entanto, um projeto específico para isso. Contudo, Ruy do Amaral vê este homem do campo como portador de pouca cultura e, portanto, incapaz de fazer apreciações da ordem em que a Ação Integralista enfocava os problemas brasileiros, de maneira que não havia necessidade, nem objetivo para procurar no campo membros que viessem integrar o movimento.<sup>485</sup> As palavras de Ruy do Amaral vêm ao encontro da posição elitista adotada pelo núcleo municipal. Os integralistas discutiam as

---

<sup>481</sup> Entrevista concedida ao autor em 2 de março de 2001, em São Paulo.

<sup>482</sup> Deonel Rosa nasceu em Olímpia em 29 de dezembro de 1921. Era aposentado da área de telefonia. Concedeu entrevista ao autor em 29 de janeiro de 2001.

<sup>483</sup> Entrevista concedida ao autor em 27 de setembro de 2002, no Rio de Janeiro.

<sup>484</sup> Idem.

<sup>485</sup> Entrevista concedida ao autor em 27 de setembro de 2002, no Rio de Janeiro.

questões num patamar que não ecoava o cotidiano dos trabalhadores rurais. A visão integralista do homem do campo parece-nos estar próxima do estereótipo descrito por Monteiro Lobato no livro *Urupês*: *“Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças. À medida que o progresso vem chegando com a via férrea, o italiano, o arado, a valorização da propriedade, vai ele refugindo em silêncio, com seu cachorro, o seu pilão, a pica-pau e o isqueiro, de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna. Encoscorado numa rotina de pedra, recua para não adaptar-se”*.<sup>486</sup> O caboclo olimpiense vivia margeado por duas fronteiras: uma, a penúltima do sertão paulista e a outra com Minas Gerais; muitos eram italianos e o progresso chegou com a via férrea em 1916.

Tanto Ítalo Galli como Ruy do Amaral confirmam a tendência do núcleo de seguir as orientações da doutrina nacional. Galli parte de uma explicação superficial e afirma que os objetivos eram os mesmos: divulgar a doutrina “sadia” do integralismo<sup>487</sup>. Enquanto isso, Amaral tenta ir mais fundo na questão:

*“De modo geral, nós estudávamos o integralismo na sua conceituação mais ampla, então nós éramos integralistas e a doutrina integralista tinha um programa, que nós estudávamos naturalmente, inicialmente, do ponto de vista nacional porque era um apelo para a unidade da pátria que estava ameaçada, principalmente depois da Revolução de 32, que ocasionou forte sentimento separatista na população paulista, que nós integralistas não queríamos para o Estado, então nós nos batíamos pela unidade do país, o nosso lema de certa forma era por uma São Paulo forte dentro do Brasil unido e com isso nós participamos dos ideais nacionais da Ação Integralista que era liderada pelo Plínio Salgado. E na cidade o nosso pequeno partido, que ainda era muito*

---

<sup>486</sup> LOBATO, Monteiro. *Urupês*. P. 161.

<sup>487</sup> Entrevista ao autor.

*pouco expressivo numericamente tinha uma influência muito pequena, apenas a nossa curiosidade, o nosso dinamismo é que dava alguma força por causa dos comícios que participávamos e assim procurávamos combater aquelas idéias que nos parecia funestas para a cidade, ou seja, partido sem ideologia sem nada...”*<sup>488</sup>

Autor de *Fascismo e Ditadura*, Nicos Poulantzas afirma que em primeiro lugar é preciso insistir no fato de que o fascismo é um fenômeno essencialmente urbano, mesmo contra a opinião da quase totalidade dos ideólogos do totalitarismo que, baseando-se numa vaga concepção das relações entre fascismo e “valores tradicionais”, vêem no fascismo um fenômeno essencialmente “camponês”.<sup>489</sup> Por fenômeno essencialmente urbano, continua Poulantzas, entende-se que as origens de classe, e a “ala em marcha” do fascismo mergulham essencialmente as suas raízes nas cidades. É importante ressaltar que mesmo nos locais onde o fascismo adquiriu, acima de um simples apoio eleitoral, um apoio ativo, o impacto do campesinato no seio do partido fascista e nacional-socialista foi sempre absolutamente secundário. No sertão olímpense, os integralistas portadores de um discurso fascista, mantiveram suas raízes mergulhadas na zona urbana do município.

---

<sup>488</sup> Entrevista ao autor.

<sup>489</sup> POULANTZAS, Nicos. *Fascismo e Ditadura*. P. 298.

## CONCLUSÃO

*“No fundo do sertão, nas crises da maleita, Juvêncio ardia e delirava. E sonhava uma Pátria grande e boa, sobretudo, uma Pátria que soubesse sonhar.”*

(Plínio Salgado, *O Estrangeiro*)

Mesmo inserido num meio rural, o núcleo municipal da A.I.B. não atuava ajustado ao pensamento pliniano no que concernia a exaltação do homem do campo. O discurso integralista na cidade era intransigentemente fascista, sem, no entanto, possuir as correspondentes ações mobilizadoras dos trabalhadores em torno do projeto político do Sigma. O próprio movimento integralista enxergava as massas no Brasil como ignaras. Enquanto isso, os políticos locais da velha estirpe desejavam manter as camadas mais atrasadas estagnadas. A política local sempre foi restrita a dois ou mais grupos saídos da elite econômica, que viam nas classes menos abastadas apenas depositários de votos, não alguém que deveria ser mobilizado para participar conscientemente da vida política.

Na política tradicional do município não havia espaço para debates doutrinários, os partidos políticos eram apenas siglas com as quais as pessoas lançavam suas candidaturas. Os principais políticos de Olímpia nas décadas de 20 e 30 nunca são associados aos seus partidos políticos, mas somente lembrados pelo cargo que ocuparam. Dificilmente alguém se lembrará a qual partido pertenceram políticos importantes, como Mário Vieira Marcondes, Nestor Cunha, Jeremias Lunardelli e tantos outros. As raras discussões partidárias se restringiam aos principais dirigentes dos partidos em questão. Em 1934, havia em Olímpia quatro partidos registrados em Cartório: Partido Constitucionalista, Partido Municipal

Independente, Partido Republicano Paulista e Partido Socialista Brasileiro. A Ação Integralista Brasileira nunca foi registrada localmente como partido.

No lugar de uma política divergente da tradicional, que fosse voltada para os camponeses, a Ação Integralista preferiu elitizar seu discurso local, ignorar ações de mobilização dos assalariados rurais e propagar-se como o “remédio” intelectual para curar o organismo da pátria, infectado pelo liberalismo, comunismo, judaísmo, capitalismo, utilizando um discurso diferente para a época e para a região, mas, por outro lado, aproximando-se dos antigos partidos no que concerne ao distanciamento das camadas iletradas, que continuariam a cumprir o mero papel de expectadoras. Assim, a A.I.B. que pretendia ser o novo, combatendo a política tradicional de exclusão das massas, acabou inserindo-se no mesmo parâmetro.

Portador de um discurso fascista, que não poupava elogios aos regimes da Itália, Alemanha e Portugal, o movimento integralista no sertão ignorou o fato de atuar numa região de vida rural, uma vez que sua inserção no campo foi insignificante. Na década de 30, predominava no município a grande propriedade rural capitalista, produtora de café em sua maior parte, e nela predominavam os operários agrícolas que vendiam sua força de trabalho e viviam nas colônias, atrelados ao poder dos coronéis.

Se por um lado, o movimento integralista no sertão não contou com a adesão de proprietários de terra, tampouco recebeu sua oposição. O fato é que os camisas-verdes moderaram seu discurso, abandonaram qualquer ataque virulento à grande propriedade, ao domínio dos coronéis, ao clientelismo, ao partidarismo, à exploração no campo, a própria exaltação do homem do campo e omitiram qualquer ação violenta aos moldes do fascismo no sentido de mobilizar os trabalhadores e, desta forma, foi possível manter uma relação de absoluta cordialidade com o poder

dominante do município. Em troca, além da manutenção dos negócios entre os proprietários de terras e os profissionais liberais integralistas, os coronéis não reagiram àquelas idéias novas que a Ação Integralista representava, mesmo sendo estas antagônicas a antiga e tradicional política do coronelismo em voga no sertão. Até porque, em momento algum a Ação Integralista colocou a questão agrária em discussão.

A quase ausência de artigos dirigidos aos camponeses é uma evidência da indisposição do movimento em mobilizá-los e da disposição em apenas disseminar a Ação Integralista Brasileira como o “remédio” para as doenças que corroíam o campo, mas sem diagnosticar suas causas para não entrar em choque com os donos das terras. Os intelectuais camisas-verdes deixavam transparecer sua crença de que o trabalhador rural deveria ser mantido alheio às discussões políticas e econômicas, pois, além de não entendê-las, não fariam parte da sua vivência. O homem do campo deveria se preocupar com a produção, abandonando essas questões para os intelectuais integralistas, portadores da cura para todas as mazelas do campo e da nação.

Não existiram por parte do núcleo municipal ações específicas para a zona rural, o que reforça a idéia de que se tratava de um movimento de características meramente urbanas, mesmo vivenciando uma realidade agrária. As ações da A.I.B. para o campo limitaram-se a escassas reuniões na própria zona rural, nada que fizesse lembrar um movimento de mobilização das massas camponesas em torno de uma idéia. A ausência dessas ações, quem sabe, deva-se ao fato da quase inexistência no município do principal inimigo integralista: os comunistas, que nunca constituíram um movimento organizado e viviam em sua maioria na cidade, diferentemente do que houve na Itália.

Em escala nacional, o número de militantes mostra, sem dúvida, que a A.I.B. constituiu-se num movimento de massas, conseguindo reunir centenas de milhares de militantes espalhados pelos inúmeros núcleos em todo país, numa época de predomínio dos partidos regionais. Mas em Olímpia o integralismo foi elitista, academicista, relativizando a importância das classes populares, especialmente do campo, na vida política do país. Para esses integralistas, o Brasil deveria ser entregue aos intelectuais. Os inúmeros artigos de camisas-verdes no jornal olimpiense atestam o elitismo que tomou conta do movimento a nível municipal. No *Manifesto de Outubro de 1932*, essa questão aparece implícita no artigo 6º, que fala na “organização e representação legítima das classes”, especialmente na “participação direta dos intelectuais no governo da República”<sup>490</sup>, que no sertão foi elevado ao paroxismo.

Mesmo ideologicamente preso ao movimento nacional, com os mesmos objetivos, faltou ao núcleo da A.I.B. em Olímpia o ingrediente fascista da violência como forma de apresentação ideológica e de cooptação de militantes em torno de seu projeto político. Ele transmitia as idéias sem a seiva mobilizatória, intrínseca ao integralismo. Os integralistas locais discutiam a nação, apresentavam a ideologia como salvadora, mas não tinham minimamente meios e muito menos vontade de efetivar a integração dos trabalhadores ao movimento. Não estavam dispostos localmente a mobilizar os camponeses, pois isto significaria um confronto direto com os proprietários de terras, além do que o clima social no município era calmo, parecia inexistir a luta de classes, portanto, nada que justificasse uma ação mais violenta da A.I.B.. Assim, os integralistas locais limitaram-se a pensar as mudanças concebidas por Plínio Salgado, sem a contrapartida de ações

---

<sup>490</sup> *Manifesto de Outubro de 1932*. São Paulo, 1982.

mobilizatórias em torno das idéias. Os camisas-verdes olímpenses não tiveram condição ou não desejaram ser fascistas no sentido próprio da palavra, preferindo permanecer fiéis tão somente ao seu ideário.

## **FONTES**

Carta de Plínio Salgado ao Tabelião de São Bento do Sapucahy (1930). In “Plínio Salgado”, 4ª Edição. São Paulo. Edição da Revista Panorama, 1937. P. 18 – 21.

Carta Escrita a Fernando Callage, em 7 de julho de 1930.

*Depoimento de Eurico Dutra sobre o Protesto Integralista.*

<http://sites.uol.com.br/cliohistoria>, 2000.

Diretrizes Integralistas (1933). CEDI - Centro de Estudos e Debates Integralistas.

*Doze Princípios da Doutrina Integralista.* “A Marcha”, 1959.

Entrevistas com Integralistas: Vitório Sgorlon (26/01/2001), João Ricciardi (06/02/2001), Abílio Corteletti (09/02/2001), Leandro Zampieri (28/02/2001), Ítalo Galli (02/03/2001 e 17/12/2002), Irineu Froner (07/03/2001), Orlando Suprimaro Palombo (09/03/2001), Hélio Pellegrini (29/05/2001), Maria Amélia Salgado Loureiro (19/07/2001), Genésio Cândido Pereira Filho (19/07/2001), Gumercindo Rocha Dorea (19/07/2001 e 17/10/2002), Emanuel Pedro Tauyr (21/07/2001), Marcelo Santos Mendez (17/09/2001), Ruy do Amaral (27/09/2002) e José Baptista de Carvalho (17/10/2002).

Entrevistas com não-integralistas: Luiz Mori Laraia (12/09/2000), Álvaro Sgarbi (24/01/2001), Deonel Rosa (29/01/2001), Alexandre Facincani (29/01/2001), Maria Tereza de Godoy Ribeiro da Matta (17/12/2002) e Márcio Antonio Mastrocola (14/08/2003).

*Manifesto de Outubro de 1932.* São Paulo. Editora Voz do Oeste, 1982.

Manifesto (Doutrina Integralista) Ao Povo Brasileiro. CEDI - Centro de Estudos e Debates Integralistas.

*Manifesto-programa da Ação Integralista Brasileira às Eleições Presidenciais (1937).*

<http://sites.uol.com.br/cliohistoria>, 2000.

Operário Brasileiro Escolhe. CEDI - Centro de Estudos e Debates Integralistas.

*Os Dez Mandamentos Communistas*. Revista “Anauê”, 1936.

Preliminares do “Manifesto-Programa” da “Acção Integralista Brasileira”. In “O Integralismo Brasileiro Perante a Nação”. São Paulo. Editora das Américas, 1946. P. 53 – 55.

*Questão Social como a considera a Ação Integralista*, In Manifesto de Outubro, 1932, da Ação Integralista Brasileira. <http://sites.uol.com.br/cliohistoria>

Reportagens e Artigos sobre o Integralismo e o Fascismo, In *Jornal Cidade de Olympia*. Olímpia, 1931 - 1938.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALVIM, Ruy Pereira, *Plínio Salgado e a Revolução do Espírito*. São Paulo. EditorAção, 1993.

AMARAL, Azevedo, *Em Torno do Estado Corporativo*. CEDI - Centro de Estudos e Debates Integralistas.

ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo. Companhia das Letras, 1998. P. 11 – 143.

BARROSO, Gustavo, *O Papagaio do Ganges*. In “Espírito do Século XX”. Editora Civilização Brasileira, 1936. P. 289 – 290.

\_\_\_\_\_, *Carta à Mocidade Brasileira*. CEDI - Centro de Estudos e Debates Integralistas.

\_\_\_\_\_. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira S/A-Editora, 1937.

\_\_\_\_\_. *Brasil – Colônia de Banqueiros*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira S/A, 1936.

\_\_\_\_\_. *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. Porto Alegre. Revisão Editora, 1991.

\_\_\_\_\_. *O que o Integralista deve saber*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira S/A, 1937.

BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na Época de suas Técnicas de Reprodução*. In: *Os Pensadores*. São Paulo. Abril Cultural, 1980.

BERTONHA, João Fábio. *Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo Italiano, o Integralismo e o Problema dos Descendentes de Italianos no Brasil*. São Paulo. Revista Brasileira de História, vol. 20, nº 40, 2000.

BORIS, Fausto. *História do Brasil*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. *A Revolução de 1930*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1991.

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *Integralismo e Política Regional – A ação Integralista no Maranhão (1933 – 1937)*. São Paulo. Annablume, 1999.

CAMPOS, Ismael Saz. *Repensar o Fascismo*. Tradução do Prof. Alberto Aggio. Publicado originalmente em catalão como “*Repensar el feixisme*”, em *Afers – fulls de recerca i pensament*, n. 25, 1966, P. 443-471. *Perspectivas – Revista de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 22, 1999.

CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo. Editora 34, 1997.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O Anti-Semitismo na Era Vargas (1930-1945)*. São Paulo. Editora Brasiliense, 2ª edição, 1995.

CARONE, Edgard. *A República Velha*. São Paulo. Difel Difusão Editorial S.A., 1983.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932 – 1937)*. São Paulo. Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2000.

CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado – Forma de Regressividade no Capitalismo Hiper-Tardio*. Belo Horizonte. UNA Editora, São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, 1999.

CHAUÍ, Marilena. *Plínio Salgado*. “Inteligência Brasileira”, São Paulo. Editora Brasiliense. P. 27 – 42.

CHAUÍ, Marilena, FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e Mobilização Popular*.

Rio de Janeiro e São Paulo. Editora Paz e Terra, 1985.

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. *Galinha Verde ou Fênix? Simbologia e Intelectualidade Integralista num Projeto de Celebração: o Caso da Enciclopédia do Integralismo (1957 – 1964)*. Assis, 2001.

CORÇÃO, Gustavo. *Patriotismo e Nacionalismo*. Rio de Janeiro. Editora Nacional de Direito Ltda., 1957.

CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. Rio de Janeiro e São Paulo. Editora Record, 1998.

DUTRA, Eliana R. de Freitas. *Entre a melancolia e a exaltação: povo e nação na obra de Plínio Salgado*. In Revista Brasileira de História, vol. 19, nº 37. São Paulo, 1999. <http://sites.uol.com.br/cliohistoria>

\_\_\_\_\_. *O Ardil Totalitário-Imaginário Político no Brasil dos Anos 30*. Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Editora UFRJ e Editora UFMG, 1997.

\_\_\_\_\_. *Enciclopédia do Integralismo, volumes III, IV e VI*. Rio de Janeiro. Livraria Clássica Brasileira, 1958.

FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder*, vol. 2. Porto Alegre e Rio de Janeiro. Editora Globo, 1973.

FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira - O Brasil Republicano - Sociedade e Política (1930 – 1964)*. Helgio Trindade, “Integralismo: Teoria e Práxis Política nos Anos 30”. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil, 1997. P. 297 – 335.

\_\_\_\_\_. *O Pensamento Nacionalista Autoritário*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2001.

\_\_\_\_\_. *A Revolução de 1930*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1991.

FELICE, Renzo de. *Explicar o Fascismo*. Lisboa. Edições 70, 1978.

FILHO, Genésio Pereira. *Ser Integralista Não Ser Integralista*. Rio de Janeiro. Edição Renovação Nacional, 1975.

FONTETTE, François. *História do Anti-Semitismo*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1989.

FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. Vavy Pacheco Borges. Anos Trinta e Política: História e Historiografia. São Paulo. Editora Contexto, 1998. P. 159-182.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. IX. Rio de Janeiro. Editora Delta S.A..

GALLI, Ítalo. *Os Direitos da Moral*. São Paulo, 1992.

\_\_\_\_\_. *Discurso de Despedida da Magistratura*. São Paulo.

GENTILE, Emilio, FELICE, Renzo de. *A Itália de Mussolini e a Origem do Fascismo*. São Paulo. Ícone Editora, 1988.

GOFF, Jacques Le. *A História Nova*. São Paulo. Martins Fontes Editora Ltda., 1990.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos – O breve século XX – 1914-1991*. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. São Paulo. Editora Paz e Terra, 1998.

HITLER, Adolf. *Minha Luta*.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

KONDER, Leandro. *Introdução ao Fascismo*. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1991.

LAMOUNIER, Bolívar. *Formação de um Pensamento Político Autoritário na Primeira República. Uma Interpretação*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1997. P. 343-374.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto*. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 1997.

LENHARO, Alcir. *Nazismo – O triunfo da vontade*. São Paulo. Editora Ática, 2002.

\_\_\_\_\_. *Sacralização da Política*. Campinas. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989.

LOBATO, Monteiro. *Jeca Tatu – A Ressurreição*. In Mr. Stang e o Brasil e Problema Vital e Mundo da Lua e Miscelânea. Obras Completas. São Paulo. Editora Brasiliense, 1969.

\_\_\_\_\_. *Urupês*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1997.

LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. *Plínio Salgado, Meu Pai*. São Paulo. Edições GRD, 2001.

\_\_\_\_\_. *O Integralismo – Síntese do Pensamento Político Doutrinário de Plínio Salgado*. São Paulo. Editora Voz do Oeste, 1981.

LUTHER, Martin. *Dos Judeus e suas Mentiras*. Porto Alegre. Revisão Editora Ltda., 1993.

MARANGONI, José Maria de Jesus. *Olímpia, Cidade Menina-Moça (1857-1941)*. Vol. 1. Olímpia, 2001.

MATTA, Philemon Ribeiro da. *Como Conheci Plínio Salgado*. São Paulo. In “Plínio Salgado”, 4ª Edição. Edição da Revista Panorama, 1937.

MEDEIROS, Jarbas. *Ideologia Autoritária no Brasil – 1930-1945*. Rio de Janeiro. Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1978.

MUSSOLINI, Benito, *O Estado Corporativo*. [www.uol.com.br/cultivox](http://www.uol.com.br/cultivox)

*Plínio Salgado – In Memoriam*. São Paulo. Editora Voz do Oeste/Casa de Plínio Salgado, 1986.

PAIVA, Marcelo Whately. *Hitler Por Ele Mesmo*. São Paulo. Editora Martin Claret.

OMEGNA, Nelson. *Diabolização dos Judeus – Martírio e Presença dos Sefardins no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro e São Paulo. Distribuidora Record, 1969.

ORICO, Osvaldo. *Pio XII e o Massacre dos Judeus*. Rio de Janeiro. Reper, 1966.

POSSAS, Lídia Maria Vianna. *O Trágico Três de Outubro*. Bauru. Universidade do Sagrado Coração, 1993.

POULANTZAS, Nicos. *O Chamado Fenômeno Totalitário*. In: Ciências Sociais – Coletânea de Textos. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. São Paulo, 1986.

\_\_\_\_\_. *O Estado, O Poder, O Socialismo*. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1990.

\_\_\_\_\_. *Fascismo e Ditadura*. São Paulo. Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1978.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro e São Paulo. Editora Record, 2001.

REALE, Miguel. *Memórias – Destinos Cruzados*. São Paulo. Editora Saraiva, 1987.

REGO, José Lins do. *Fogo Morto*. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 1984.

*Revista Agrícola de Olympia – 1925 e 1926*. Olímpia, 1925 – 1926.

REZENDE, Aurélio, *O Integralismo Brasileiro de Plínio Salgado*. CEDI - Centro de Estudos e Debates Integralistas, 1983.

RIBEIRO, Ivair Augusto. *O Anti-Semitismo no Discurso Integralista no Sertão de São Paulo*. São Paulo. Revista Histórica, nº 10, 2003.

SACCOMANI, Edda, *Fascismo*. Dicionário de Política, vol. 01, 3ª Edição. Brasília. Editora Universidade do Brasil, 1991.

SCHWARZ, Roberto. *As Idéias Fora do Lugar*. [www.antivalor.cjb.net](http://www.antivalor.cjb.net)

SALGADO, Plínio. *O Integralismo Brasileiro Perante a Nação*. São Paulo. Editora das Américas, 1946.

\_\_\_\_\_. *A Essência do Manifesto de Outubro de 1932*. Rio de Janeiro. Boletim nº 1.

\_\_\_\_\_. *O Estrangeiro*. Obras Completas, Vol. 11. São Paulo. Editora das Américas.

\_\_\_\_\_. *A Tomada da Bastilha*. Revista “Anauê”, 1937.

\_\_\_\_\_. *Carta de Plínio Salgado a Getúlio Vargas (Apoio ao Regime e Fechamento da AIB)*. . <http://sites.uol.com.br/cliohistoria>. 2000.

\_\_\_\_\_. *Integralismo – Estado Totalitário e Estado Integral*. In “*Madrugada do Espírito*”, 3ª Edição. São Paulo. Editora das Américas, 1955. P. 443 – 449.

\_\_\_\_\_. *O Dono do Mundo*. São Paulo. Editora GRD, 1999.

\_\_\_\_\_. *O Poema da Fortaleza de Santa Cruz*. São Paulo. Guanumby, 1991.

\_\_\_\_\_. *O que é o Integralismo*. São Paulo. Editora das Américas, 1955.

\_\_\_\_\_. *O Sentido Cristão do Estado Integral*. 1937.

\_\_\_\_\_. *Palavra Nova dos Tempos Novos*. São Paulo. Editora das Américas, 1946.

\_\_\_\_\_. *Projeto de Emenda Constitucional nº 609*. São Paulo. Editora Voz do Oeste.

\_\_\_\_\_. *Psicologia da Revolução*. São Paulo. Editora das Américas, 1955.

\_\_\_\_\_. *Espírito da Burguesia*. In: Obras Completas, vol. 15º. São Paulo. Editora das Américas, 1956.

SARTRE, Jean-Paul. *Reflexões sobre o Racismo*. São Paulo. Difusão Européia do Livro, 1968.

SILVA, César Augusto Machado da. *Deus, Pátria e Família*. Rio de Janeiro. CEDI - Centro de Estudos e Debates Integralistas, 2000.

SKIDMORE, Thomas, *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1996. P. 32 – 42.

TCHAKHOTINE, Serge. *A Mistificação das Massas pela Propaganda Política*. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira S.A., 1967.

TRENTO, Ângelo. *Fascismo Italiano*. São Paulo. Editoro Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. *Relações entre Fascismo e Integralismo: o Ponto-de-Vista do Ministério dos Negócios Estrangeiros Italiano*. Revista Ciência e Cultura (SBPC), nº 12, vol. 34, 1982.

TRINDADE, Hélgio. *Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. São Paulo e Rio de Janeiro. Editora Difel, 1979.

\_\_\_\_\_. *Interpretações do Fascismo na América Latina: Contribuição para o Estudo do Fascismo Extra-Europeu*. Porto Alegre, 2001.

VASCONCELLOS, Gilberto. *Ideologia Curupira – Análise do Discurso Integralista*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1979.

VEYNE, Paul. *Como se Escreve a História*. Lisboa. Edições 70, 1971.

VIANA, Oliveira. *Instituições Políticas Brasileiras*. Brasília. [www.uol.com.br/cultivox](http://www.uol.com.br/cultivox), 1999.

# ANEXOS

## ANEXO 01

### Entrevista com o integralista Ítalo Galli

Nasceu no povoado de Marcondésia, município de Monte Azul Paulista, em 20 de agosto de 1913. Foi advogado, desembargador e presidente do Tribunal de Alçada Criminal de São Paulo entre 1972-73. Foi chefe municipal do Núcleo da A.I.B. e chefe regional em 1937, quando o núcleo se estendeu de Olímpia a Nova Granada. Concedeu esta entrevista ao autor em 2 de março de 2001 e 17 de dezembro de 2002, em São Paulo.

**I.A.R.** - Como o senhor tornou-se integralista?

**Galli** – Eu ingressei no integralismo no Rio de Janeiro, quando fazia direito, e verifiquei que a doutrina do integralismo se conciliava com a doutrina da Igreja Católica, tanto que o Plínio diz, ele tem uma frase “Deus dirige o destino dos povos”, de maneira que eu estava certo de que o integralismo seria a salvação do Brasil e tanto isso era verdade que empolgou a mocidade inteira. Os discursos de Plínio Salgado eram fantásticos. Eu me lembro de um discurso que ele fez no Instituto Nacional de Música no Rio de Janeiro: “O Estado Integral é tudo quanto ouvistes da leitura do manifesto-programa e do Manifesto de Outubro, mas para mim eu me compreendo nas horas caladas da noite quando me dirijo a Deus pedindo pela felicidade do meu povo, o Estado inteiro. O Estado Integral é um Estado que vem de Cristo, age por Cristo e dirige-se para Cristo. É o Brasil como uma taça continental que se reverencia e se beija de joelhos”. De maneira que eu tinha formação católica e achei que era a única doutrina que se conciliava com a Igreja e por isso empreendi todos os meus esforços no sentido de difundir essa doutrina. Plínio Salgado teve a

felicidade de conhece-lo pessoalmente, tanto que ele foi padrinho de meu filho Ivo, que tive o prazer de saúda-lo em Bebedouro quando ele esteve nesta cidade e também quando eu era juiz em São José do Rio Pardo eu o convidei para fazer uma conferência. Pouco antes dele falecer eu fui visitá-lo no hospital e fiz uma pergunta que ele entendeu mal pensando que eu estivesse perguntado se ele tinha medo de morrer: “eu ter medo de morrer! Se eu nasci para servi-lo”. E assim foi a morte dele. Nasceu para servi-lo, foi um dos grandes homens que o Brasil já possuiu.

**I.A.R.** Como que o senhor iniciou o movimento integralista em Olímpia?

R – Quando eu fui a Olímpia me convidaram para participar do movimento e me designaram como chefe municipal, depois eu fui chefe regional de Olímpia a Nova Granada, mas aí eu interrompi minha carreira política para ingressar na magistratura.

**I.A.R.** Quais eram as principais atividades desenvolvidas pelo Núcleo?

R – Nós tínhamos uma sessão por semana em que nós fazíamos propaganda do integralismo. Essas sessões eram muito concorridas pela mocidade e pessoas gradadas de Olímpia.

**I.A.R.** Era através dessas sessões que vocês tentavam levar as idéias integralistas à população?

R – Sim, eu e meu tio Luiz Galli íamos até as fazendas fazer proselitismo integralista.

**I.A.R.** O núcleo de Olímpia tornou-se importante a ponto de tornar-se regional?

R – Tornou-se regional por pouco tempo, que depois houve o golpe e atrapalhou a vida integralista.

**I.A.R.** Os objetivos do núcleo de Olímpia eram os mesmos do movimento nacional?

R – Claro, estávamos divulgando a doutrina sadia do integralismo.

**I.A.R.** Que tipo de relação havia com os núcleos da região e os estadual e nacional?

R – Não tínhamos propriamente intercâmbio entre núcleos. Eu, por exemplo, o Plínio foi convidado para fazer um discurso em Bebedouro e eu já era juiz de São José do Rio Pardo e fui convidado para saúda-lo e eu assim fiz, fui salda-lo em Bebedouro. Mas nós não tínhamos este intercâmbio cultural integralista entre as cidades da vizinhança, porque nossos núcleos eram jovens ainda.

**I.A.R.** O senhor tem idéia do número de participantes do núcleo local, da média de pessoas que assistiam aos eventos?

R – Era uma sala que abrigava umas 100 pessoas e que ficava sempre cheia, e o povo de Olímpia era simpatizante do integralismo.

**I.A.R.** As idéias eram bem aceitas pela população?

R – Claro, quem não aceitava se era a salvação do país. Veja como lá em Santa Catarina, por exemplo, os rapazes eram assediados pelo nazismo e depois tornaram-se todos integralistas.

**I.A.R.** O senhor poderia dizer que se o movimento não tivesse sido interrompido pelo golpe de 1937, o integralismo em Olímpia teria alcançado grandes proporções?

R – É natural, as proporções correspondentes a importância da cidade.

**I.A.R.** Havia alguma relação do núcleo com a colônia italiana?

R – Não havia nada.

**I.A.R.** E com o jornal “Cidade de Olympia”?

R – Também não, nós fazíamos propaganda.

**I.A.R.** As propagandas eram os discursos e de boca-em-boca?

R – Sim e na zona rural o convencimento pessoal e todos nos recebia muito bem.

**I.A.R.** Nunca houve nenhum incidente envolvendo, por exemplo, comunistas?

R – Não, não havia comunistas em Olímpia.

**I.A.R.** Qual era a relação do núcleo com a Igreja Católica, partidos políticos, com o poder constituído?

R – O nosso núcleo não tinha uma representação tão importante, de maneira que nós vivíamos bem com todos, eu era católico a cidade toda era católica, eu era congregado mariano e não havia problema nenhum.

**I.A.R.** O senhor disse que o núcleo de Olímpia nunca lançou candidato, mas chegou a pensar nisso?

R – Chegou-se a pensar, mas não houve oportunidade para lançamento.

**I.A.R.** Esse candidato seria o senhor?

R – Eles falavam no meu nome, mas depois eu entrei para a magistratura. Seria candidato a deputado.

**I.A.R.** Como era bancado financeiramente o núcleo?

R – Contribuições mensais de cada integralista.

**I.A.R.** Existia algum critério para se tornar integralista?

R – Se conciliar com as idéias, manifestar o desejo de se inscrever como integralista.

**I.A.R.** Como o senhor, particularmente, recebeu o golpe de 37?

R – Foi uma surpresa desagradável, porque a salvação do país estava aí, foi interrompida e daí para frente sabemos o que está acontecendo.

**I.A.R.** Não houve reação ao golpe por parte do integralismo?

R – Não e nem houve o golpe integralista. Plínio Salgado esclareceu muito bem que era uma manifestação de todos os partidos, não era só do integralismo contra o Getúlio. (Em dezembro de 2002, Ítalo Galli confessou que em Olímpia alguns integralistas estavam se armando para aderir ao Putsch Integralista. Ao ser abordado pelo delegado de polícia negou qualquer provável ação, mas as armas foram jogadas no Rio Cachoeirinha).

**I.A.R.** Após o golpe, o integralismo continuou mantendo alguma atividade?

V

R – Nós continuamos sendo integralistas, até hoje. Hoje eu sou aposentado, mas continuo sendo integralista.

**I.A.R.** O que o senhor pensa sobre a relação do integralismo com o fascismo italiano?

R – O fascismo salvou a Itália daquela situação de inferioridade que existia em relação a todo o mundo, porque Mussolini era socialista, mas ele verificou que não era racional governar um país em função de um partido só, seria o Partido Operário, então inventou o fascio, que quer dizer o feixe, que é o feixe de todos os partidos e com isso ele engrandeceu a Itália, que era um país sem expressão no cenário internacional, tornou-se um país importante, mas depois Mussolini se perdeu, ele era contra a religião, contra tudo, achava que ele não precisava de religião, de Deus, de nada e, no fim, aconteceu o que todos nós sabemos. Mas a Itália se tornou um país forte pelo fascismo, depois é que com a guerra ela sofreu um retrocesso.

**I.A.R.** A própria crença do integralismo na religião católica não permitiria relacionar a A.I.B. com o fascismo italiano?

R – Não poderia, porque o fascismo italiano, como eu disse Mussolini não era católico, mas ele compreendeu que o fascio, que era a reunião de todas as forças da Nação representava a necessidade para o engrandecimento do país, a Itália tornou-se um país importante, mas no fim ele se perdeu porque disse que não precisava mais de Deus. O que perdeu Mussolini foi essa frase que foi transcrita por vários órgãos de imprensa, ele dizia: “nossa batalha é mais ingrata, porém mais bela, porque nos obriga a contar somente com as nossas forças. Estraçalhamos todas as verdades reveladas, cuspiamos sobre todos os dogmas, repelimos todos os paraísos,

zombamos de todos os charlatões brancos, pretos,vermelhos que põe a venda as drogas milagrosas destinadas a dar a felicidade a gênero humano. Não acreditamos nos programas, nos esquemas, nos santos, nos apóstolos, não acreditamos, principalmente na felicidade, na salvação, na terra prometida, não acreditamos numa salvação única, quer econômica, quer política, quer moral. Numa solução linear dos problemas da vida porque oh! ilustres cantores de sacristia a vida não é linear e não conseguireis encerra-la num setor fechado entre as necessidades primordiais”. Agora, quem quer governar sem Deus fica sem a sua proteção e foi o que aconteceu com o fascismo.

**I.A.R.** Já no Brasil o integralismo tinha uma relação bastante amistosa com a Igreja Católica?

R – Claro, como diz o Integralismo “Deus dirige o destino dos povos”, disse o Plínio Salgado no seu programa de governo e dirige tudo mesmo, o evangelho diz que não cai um fio de cabelo sem que Deus o permite, porque essa desgraça no mundo inteiro, senão porque não se cuida de Deus, não se pede a Deus.

**I.A.R.** A Igreja Católica chegou a apoiar de alguma forma o Integralismo?

R – Chegou, muitos até sacerdotes foram entusiastas do integralismo. O D. Hélder Câmara foi integralista, Alceu de Amoroso Lima disse que todo estudante que tivesse vocação política deveria ingressar no integralismo, ele era líder católico, de maneira que a Igreja apoiava o Integralismo.

**I.A.R.** Como a questão do anti-semitismo foi tratada pelo movimento integralista?

R – O movimento integralista não tinha uma objeção ao judaísmo, ele apenas mostrava o que todos sabem, eles repelem Jesus Cristo como nós vamos aceita-lo, mas nós não tínhamos isto como um objetivo específico de combate, nós não tínhamos um empenho de combater-los por isso. Nós achávamos que eles não conheceram, não aceitaram, não receberam Cristo foram castigados e continuam sendo castigados até que no fim do mundo eles vão voltar para Deus outra vez e o último papa será judeu.

**I.A.R.** De que forma os judeus foram castigados?

R – Do jeito que estão sendo. Com Hitler o que aconteceu, impôs castigo para os judeus porque os judeus na Alemanha tomavam conta de tudo, das cátedras, juroscorchantes, trouxe a antipatia do povo para eles e o Hitler o que fez, incentivou esse ódio contra eles e deu no que deu. Mas não houve essa devastação de judeus, não matou tantos judeus como se apregoa. Naturalmente não havia 15 milhões de judeus em toda a Europa, nem havia 5 milhões na Alemanha. De maneira que foi por castigo, agora como Hitler se excedeu no castigo ele também foi castigado. Assim que Deus manobra a humanidade (risos). Está na Bíblia, conforme acentua o apóstolo São Paulo na Epístola aos Romanos, pelo pecado dos judeus veio a salvação aos gentios para os incitar a emulação. Ora, se o seu delito foi a riqueza do mundo e a sua redução, a riqueza dos gentios quanto mais a sua plenitude, quer dizer Deus permitiu o castigo dos judeus perseguindo os cristãos para trazer uma inimizade do povo contra os judeus e essa inimizade favoreceu ao cristianismo. Agora no final do mundo Deus vai perdoar por causa da sua infinita bondade. Eles são muito queridos por causa dos seus pais. E Deus no final do mundo vai perdoar tanto judeus como cristãos por seus respectivos pecados.

**I.A.R.** Não havia dentro do movimento integralista o que poderíamos chamar de uma facção que via o anti-semitismo como parte da doutrina, seguidores de Gustavo Barroso?

R – Não, o Plínio Salgado era católico, a divisa dele era essa Deus dirige os destinos dos povos, agora se Deus dirige os destinos dos povos não dirige com ódio contra ninguém, apenas esclarece o povo que os judeus estavam errados. O cristianismo não é contra o judaísmo, o judaísmo que é contra o cristianismo, agora no fim do mundo eles vão se conciliar com Deus novamente. Não havia nenhuma prevenção contra os judeus, o Plínio Salgado falou muito pouco sobre os judeus, o Barroso que era o mais enérgico e mostrou que essa turma estava errada, mas não havia perseguição integralista contra judeu. Eu fui chefe municipal e depois governador de região, nunca toquei nos discursos que fazia como chefe toda semana em Olímpia sobre os judeus, porque não era nosso objetivo, apenas tinha que ressaltar, eles estão errados porque sacrificaram, esse ódio dos judeus contra os cristãos é que fez a grandeza da igreja, o povo se voltou contra eles e entrou na Igreja Católica e foi a vitória do cristianismo, que na Idade Média ela superintendia os destinos dos povos. Foi a maior grandeza da religião foi durante a Idade Média, agora depois nos séculos XVI e XVII é que os intelectuais acharam que eram muito inteligentes, muito sabidos, poderiam dispensar Cristo e veio o que está acontecendo.

**I.A.R.** O senhor chegou a ler os livros do Gustavo Barroso “Brasil – Colônia de Banqueiros” e a tradução dos “Protocolos dos Sábios do Sião”?

R – Li os dois. Os “Protocolos...” é uma seita. Eles acham que os judeus é que deviam mandar no mundo, o absurdo dos judeus é esse. Eles se achavam que o

mundo deveria ser dirigido por um judeu. Eles estavam esperando um Messias e depois veio o Messias que foi Cristo e eles não aceitaram, queriam que fosse judeu e se revoltaram contra Jesus, aí está o erro deles. Aí no fim do mundo eles vão se convencer de que Cristo é o Messias que eles esperavam e vão se converter ao catolicismo.

**I.A.R.** O senhor acredita na veracidade dos “Protocolos...”?

R – Mas é claro que eu acredito, porque tem dúvida quanto a isso? Não é forjado não, é autêntico. Os “Protocolos...” são autênticos. Mas os judeus são isso mesmo, eles fazem tudo errado (risos).

**I.A.R.** Poderíamos dizer então que se os “Protocolos...” são autênticos justificaria o anti-semitismo?

R – Não é anti-semitismo, justificaria uma explicação contrária a essas pretensões, a essa orientação. Seria a superioridade dos judeus, dominar o mundo. Deus é que manda no mundo, que mandou o filho, sacrificou o filho, o filho morreu, ficou três dias morto, ressuscitou, foi elevado para o céu na presença de 5 mil pessoas, o último sorriso dele foi para a mãe e ninguém acredita nisso. Então o mundo está pagando seus pecados. Essas intempéries, esses tornados, esses desastres tudo castigo de Deus, sem dúvida nenhuma.

**I.A.R.** No jornal “Cidade de Olympia”, publicado nos anos 30, nós encontramos diversos artigos de integralistas que tem uma clara conotação anti-semita.

R – Cada um pensa como quiser, alguns ficam irritado e extravasam, nós não podemos odiar. Deus não odeia, em consideração aos primeiros profetas, que eram

amigos de Deus, ele ainda tem esse sentimento de cordialidade para com os judeus. Por isso que Ele vai permitir que depois de pagar seus pecados, Ele vai perdoar e eles vão entrar no seio da Igreja e o último papa será judeu.

**I.A.R.** Então esses integralistas anti-semitas estavam colocando sua posição pessoal?

R – Exorbitando sobre um assunto que não dizia com a nossa doutrina. Nossa doutrina é Católica, nós não temos ódio nenhuma contra ninguém, nós temos prevenção e nos protegemos, nós não temos ódio. Não podemos ter ódio dos judeus, porque os primeiros patriarcas eram todos judeus, os outros é que prevaricaram, mas no fim eles vão se converter e voltam para o seio da Igreja.

**I.A.R.** Judaísmo, maçonaria, comunismo e capitalismo formariam um arcabouço anti-cristão?

R – Não, a maçonaria é uma seita condenada pela igreja, todos os papas condenaram. Agora, é a que criou a Revolução Francesa, que matou muita gente, foi uma desgraça.

**I.A.R.** Esses quatro estariam combinados para destruir o cristianismo?

R – Claro, a maçonaria é a maior inimiga da igreja, condenada por todos os papas. A maçonaria está unida ao judaísmo, a maçonaria é uma instituição judaica. Os judeus é que criaram a maçonaria. Muita gente boa pensa que é bem, eles aparecem como beneficentes, mas alguns conhecem as verdadeiras intenções da maçonaria. Todas as encíclicas papais condenaram a maçonaria. Muita gente boa está pensando que

a maçonaria é uma instituição de benemerência social, é nada é para atrair as pessoas.

**I.A.R.** Um anti-semitismo só se justificaria se fosse religioso?

R – Não seria anti-semitismo, seria um esclarecimento do que é o semitismo. Um esclarecimento das finalidades desse semitismo. A igreja apenas esclarece, o papa tem a obrigação de esclarecer o mundo. Ele esclarece mais ninguém obedece mais parece.

## ANEXO 02

### Entrevista com o integralista Ruy do Amaral

Nasceu em 28 de maio de 1917, em Jacareí. Foi advogado, professor do Colégio Dr. Neves e Ginásio do Estado em Olímpia, radialista, escritor de novelas radiofônicas transmitidas pela Rádio São Paulo, animador de programas de auditório de rádio, publicitário, escreveu para a TV Rio, editor e professor universitário no Rio de Janeiro (PUC e UFFRJ). Morou em Olímpia de 1920 a 1942, tendo fundado o núcleo municipal da Ação Integralista em 1934. Reside no Rio de Janeiro desde 1952. Concedeu entrevista ao autor em 27 de setembro de 2002, no Rio de Janeiro.

**I.A.R.** Por quê o senhor tornou-se integralista?

**Amaral** – Normalmente, eu devo dizer que a razão principal teria sido meu sentimento nacionalista, de extremo amor ao Brasil e também com relação a vontade que eu tinha de fazer alguma coisa em prol das classes menos favorecidas, vamos dizer, da época seria o socialismo. Mas como havia uma relação entre nacionalismo de direita e nacionalismo de esquerda, assim como um socialismo de direita e um socialismo de esquerda, porque o próprio Hitler denominava o seu partido como Partido Nacional Socialista, daí o nome Nazista. Nesta época eu era estudante de direito, isto por volta de 1933-34, eu estava em São Paulo e tivemos notícia de que havia um comício orientado por sindicalistas de tendências anarquistas, num auditório pertencente a uma sociedade chamada “Circulo Italiano”. Então, nós que tínhamos idéias nacionalistas corremos para lá para dissimular a pregação anarquista que seria feita naquela ocasião. De certa forma interrompemos a reunião dos anarquistas com apartes, do que eles pensavam de pátria e outras

coisas mais. E ouvimos desaforos e reagimos e nessa altura eles nos expulsaram da sala. Conseqüentemente ficamos em minoria ali fora até que chegou um grupo bem grande para nos apoiar e esse grupo enfrentou também os anarquistas. Um dos líderes deste grupo era um rapaz chamado Loureiro Júnior , que então eu fiquei conhecendo e ele então me disse: “você não é integralista? Eu disse não, sou nacionalista e também de certa forma um socialista. Nós somos exatamente isto, nós integralistas. Eu falei o que? É uma instituição, um partido, não chega a ser um partido, mas uma sociedade de brasileiros, que querem implantar no país o regime de ordem e anticomunista.

Então me aproximei dele e ele me disse que o Chefe era alguém que se chamava Plínio Salgado. Nessa altura então, eu me identifiquei mais porque eu já conhecia o chefe integralista Plínio Salgado desde menino, quando ele era deputado estadual da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. De maneira que daí então foi mais fácil me identificar com o integralismo e daí a minha adesão a Ação Integralista.

**I.A.R.** Conhecendo já o Plínio Salgado, como chegou a ser a sua relação com ele agora como integralista?

R – O Plínio Salgado quando eu tive o primeiro contato pessoal já para me alistar na Ação Integralista, naturalmente o Integralismo era ainda muito pequeno e foi fácil o Plínio logo me identificar como aquela pessoa que era filho de um amigo dele e ele próprio sabia que me conhecia desde menino, aí me deu um grande apoio e eu dali para frente passei logo em seguida a constituir a juventude integralista.

**I.A.R.** Como se iniciou o movimento integralista em Olímpia, da qual o senhor participou da fundação do núcleo?

R – Resultado da minha filiação na A.I.B. na Capital, que era a sede da Ação no Brasil, na Av. Brig. Luiz Antonio, então eu era acadêmico e de volta a minha cidade, Olímpia, onde eu morava e meus pais, eu achei que devia fundar em Olímpia um núcleo da Ação Integralista e comecei a aliciar entre os meus amigos, entre os meus conhecidos, pessoas com quem tinha alguma relação, no sentido de se filiarem na Ação Integralista, enfim, eu fazia uma campanha, propaganda daquelas idéias que eu já tinha adotado como minhas. Daí então constitui primeiro o núcleo e naturalmente que estava a testa do movimento era eu próprio, porque não tinha ninguém na cidade para assumir aquele cargo. Apoiado depois por algumas pessoas, eu fui organizando uma espécie de diretório, de conselho municipal da Ação. Aí consegui inclusive a adesão de meu pai (Nino do Amaral). Meu pai acabou aderindo a Ação Integralista e então eu o indiquei a chefia superior para ser o chefe municipal na cidade de Olímpia, que foi aceito e ele foi nomeado para tal.

**I.A.R.** Além do senhor, quais as outras pessoas que aderiram ao movimento em Olímpia quando ele foi fundado em 1934?

R – Os nomes das pessoas ainda me lembro, o tempo distanciou muito desde lá, estamos em 2002. Desta forma eu consegui a adesão, primeiro daquelas pessoas mais ligadas a mim, que foi meu pai e um tio meu casado com uma irmã de meu pai, o Sebastião Batista Prado. Esse tio também passou a ter uma expressão bastante acentuada na direção do movimento. Depois tivemos o contador do Banco Comércio e Indústria de São Paulo, agora não me lembro o nome dele. Enfim, tivemos ali a adesão, inclusive de pessoas mais humildes, como, é difícil lembrar o nome das pessoas, e constituiu-se aquele pequeno grupo, que depois cresceu relativamente. Eu não sei quantos chegamos a ser naquela ocasião, mas deviam ser

uns 30 ou 40 no máximo. Ai então passamos a ter uma atuação um pouco mais destacada na vida política local e quando houve uma eleição municipal para a escolha do prefeito da cidade, eu tomei a deliberação junto com meu pai e os outros membros da direção do partido de apoiar o nome de Mário Vieira Marcondes, que era então chefe do Partido Municipal Independente, que se candidatava então a prefeito e para cuja eleição eu contribui fazendo a propaganda e conseguindo afinal que ele viesse a ser eleito prefeito.

**I.A.R.** Como era organizado o movimento em Olímpia e quais eram as principais atividades que o núcleo desenvolvia no período que o senhor esteve a frente do núcleo em Olímpia?

R – Como éramos relativamente poucos os membros da Ação Integralista, nós nos reuníamos em minha casa, no escritório do meu pai, que era advogado, e ali então a gente trocava idéias e procurava estudar os vários itens do programa da Ação Integralista, que como todos sabem originou-se de uma Sociedade de Estudos Políticos, fundada por Plínio Salgado. Então com base naqueles estudos nós começamos a discutir e naturalmente havia um grande interesse em desenvolver essas idéias através de reuniões mais amplas. Aí fizemos reuniões no Cine Teatro Olímpia, fizemos reuniões em casas de outros integralistas e assim fomos tentando expandir o movimento.

**I.A.R.** As mulheres participavam também?

R – Muito pouco, as mulheres como em geral naquela época não tinham sequer o direito de voto, não se interessavam por política, apenas apoiavam o movimento quando seus maridos, noivos, parentes aderiam e elas por osmose aderiam.

**I.A.R.** Os objetivos do núcleo de Olímpia eram os mesmos do movimento a nível nacional, ou seja, os integralistas olimpienses seguiam os manuais da Ação Integralista Brasileira?

R – De modo geral nós estudávamos o integralismo na sua conceituação mais ampla, então nós éramos integralistas e a doutrina integralista tinha um programa, que nós estudávamos naturalmente, inicialmente, do ponto de vista nacional porque era um apelo para a unidade da pátria que estava ameaçada, principalmente depois da Revolução de 32, que ocasionou forte sentimento separatista na população paulista, que nós integralistas não queríamos para o Estado, então nós nos batíamos pela unidade país, o nosso lema de certa forma era por uma São Paulo forte dentro do Brasil unido e com isso nós participamos dos ideais nacionais da Ação Integralista que era liderada pelo Plínio Salgado. E na cidade o nosso pequeno partido, que ainda era muito pouco expressivo numericamente tinha uma influência muito pequena, apenas a nossa curiosidade, o nosso dinamismo é que dava alguma força por causa dos comícios que participávamos e assim procurávamos combater aquelas idéias que nos parecia funestas para a cidade, ou seja, partido sem ideologia sem nada, tínhamos a idéia que eram de tal forma, ai passamos a integrar o partido, no caso o Partido Municipal, que foi vitorioso nas eleições, então recebemos o apoio do prefeito, não no sentido partidário porque o nosso partido não tinha expressão era muito pequeno, mas com relação a certas facilidades para a expansão da nossa doutrina, para nossa pregação partidária.

**I.A.R.** Existia uma política específica para a zona rural, tendo em vista que o próprio Plínio Salgado valorizava muito o homem do campo, já que um dos símbolos para a A.I.B. era o Jeca Tatu?

R – Não pretendia dessa forma, o Plínio Salgado falava muito em síntese, tanto que até o emblema da Ação Integralista é o Sigma, que é uma letra grega (Σ) e que significava a concepção integral da história e, conseqüentemente, a gente entendia que o país deveria ser considerado um bloco monolítico, seja no campo ou na cidade, então a gente entendia que o campo não poderia ficar fora, mas não havia propriamente uma política agrária ou mesmo no sentido reformista. Era apenas o despertar, tanto no camponês, trabalhador do campo, como da cidade, enfim a população geral do Brasil o sentimento nacionalista.

**I.A.R.** O núcleo de Olímpia desenvolvia alguma atividade especial visando levar as idéias integralistas para os moradores da zona rural, já que Olímpia na década de 30 era um município essencialmente agrícola, onde a maioria da população vivia na zona rural? Existia algum programa do núcleo local para atingir, levar essas idéias até a zona rural?

R – Programa propriamente dito não havia, o que havia de uma certa forma era o sentido de conquistar esses moradores do campo, que naturalmente não são os fazendeiros, mas digamos os trabalhadores, os roceiros, os colonos como também se chamavam naquela época, mas estes tinham pouca cultura, seu nível cultural ainda muito pequeno, então não dava para fazer apreciações da ordem em que a Ação Integralista enfocava os problemas brasileiros, de maneira que não havia necessidade, nem objetivo de procurar no campo membros que viessem integrar a Ação Integralista, não havia esse propósito:

**I.A.R.** O senhor já falou que a média de pessoas que participavam mais ativamente da A.I.B. em Olímpia era por volta de 30 pessoas. E nos eventos integralistas, como o senhor falou no Cine Teatro Olímpia, a presença da população era grande?

R- Em alguns casos era relativamente grande, porque nós fazíamos a propaganda panfletando através de pequenos boletins que distribuíamos na cidade e a propagando boca a boca, conseguíamos reunir até umas 100, 200 pessoas talvez no teatro, mas muitos curiosos ficavam também sabendo que haveria uma reunião integralista iam lá para ficar sabendo do que se tratava. Com isso nós tínhamos uma assistência relativamente grande, mas não era constituída de membros da Ação Integralista, mas apenas de alguns membros, no máximo uns 30, 40, e o restante eram curiosos que iam procurar saber afinal do que se tratava aquele novo partido que estava surgindo.

**I.A.R.** E como essa população em geral recebia as idéias integralistas? Ela assimilava, entendia a proposta?

R – A assimilação das idéias integralistas por parte das pessoas que estavam curiosamente interessadas era relativamente pequena, porque o integralismo sendo uma doutrina que implicava em conceitos filosóficos, políticos e sociológicos era muito difícil de ser transmitido a uma massa de pessoas maior, então os estudos eram restritos à própria Ação Integralista, no mais a propagando era no sentido mais genérico, ou seja, a defesa da pátria, dos princípios maiores da nossa civilização, da nossa história, enfim, consubstanciava-se numa trilogia que se dizia que o integralismo era uma luta por Deus, pela Pátria e pela Família, que sintetiza com este dístico a nossa pregação.

**I.A.R.** Então o movimento em Olímpia não chegou a ser de massa?

R – Não, em momento nenhum o movimento chegou a atingir um número grande de pessoas, de adeptos na cidade, no máximo, até o tempo que renunciei e me afastei do Integralismo, que foi em 1937, eu tive ocasião de, entre os adeptos daquela ocasião, talvez um número assim de uns 100, 200 membros da Ação Integralista, no máximo.

**I.A.R.** Foi mais um movimento de intelectuais em Olímpia?

R – Praticamente foi um movimento, não digo de intelectuais, mas um movimento assim que se circunscreveu a um núcleo que tinha uma certa elite, que não era a grande massa, que não estava preparada para os ensinamentos que a gente queria proporcionar.

**I.A.R.** O senhor diria que a A.I.B. em geral de massa ou foi mais um movimento de intelectuais?

R – Basicamente, como eu disse, a Ação Integralista originou-se de uma Sociedade de Estudos Políticos, então geralmente ela atraía muito mais os intelectuais e a elite pensante do país. E, principalmente, aqueles que já tinham simpatia pelo movimento filosófico que já grassava na Europa de origem direitista, como era o nazismo, na Alemanha, e o fascismo, na Itália, então de certa forma como o integralismo, principalmente copiando os aspectos exteriores dessas duas facções internacionais, no nosso integralismo nós tínhamos a camisa também identificando a formação paramilitar, que era adotada então, e emblemas como o sigma, bandeiras e o gesto, que em vez de ser a continência das tropas normais do Exército e das Forças

Armadas, nós usávamos uma saudação que era estender o braço para cima à moda do fascismo e dizendo a palavra Anauê!, que queria dizer salve. Então era o cumprimento entre os integralistas quando se encontrava.

**I.A.R.** E a população de Olímpia identificava o Integralismo como um movimento fascista?

R – Em grande parte acreditava-se que o integralismo tinha algum, não uma relação direta com o fascismo, mas que era uma paráfrase do fascismo, ou seja, uma adaptação do fascismo à nossa civilização tropical, a civilização brasileira, bem diferente daquela que se encontrava na Itália, que tinha outros problemas.

**I.A.R.** Qual foi a relação do integralismo com o jornal “Cidade de Olympia” e esse periódico por publicar artigos e notícias dos integralistas passou a ser o principal meio de divulgação das idéias integralistas na cidade?

R – Eu não acredito que o “Cidade de Olympia” tenha se tornado assim um órgão, não digo oficial, mas oficioso do integralismo. Não, os interesses dos proprietários de então eram dar notícias sobre a cidade, sobre o desenvolvimento e até mais provavelmente estavam com olho nos anúncios que eles conseguiam publicar, que era a renda evidentemente do jornal, era o que mais interessava a eles.

**I.A.R.** O núcleo mantinha alguma publicação específica?

R – Não, o integralismo nunca teve publicação especificamente doutrinária permanente na cidade.

**I.A.R.** Como a A.I.B. em Olímpia convivia com outros movimentos, houve algum incidente neste período com comunistas, anarquistas, algum outro movimento opositor?

R – Ao tempo do integralismo, no seu início, havia uma certa repercussão dos acontecimentos havidos na capital do Estado, até no próprio Rio de Janeiro, capital da República, no sentido de que o integralismo era uma força anticomunista, então aqueles pouquíssimos também adeptos da doutrina comunista que havia em Olímpia, que eram alguns operários, eram pouco numerosos, eles então criticavam o integralismo, mas aquele extremismo que havia nos embates nas capitais que chegou até a haver troca de tiros em São Paulo. Só que em Olímpia não, lá era tudo apenas, no máximo, um bate-boca na praça, mas sem nenhuma repercussão.

**I.A.R.** Como era a relação do integralismo em Olímpia com a Igreja Católica, Polícia, partidos políticos, vereadores, prefeitos?

R – Como eu já disse houve alguns contatos com esse Partido Municipal Independente, dadas as afinidades que havia entre o integralismo que havia sido fundado por mim e que tinha meu pai como chefe e meu padrinho Mario Vieira Marcondes, o presidente do Partido Municipal Independente, daí haver uma certa aliança entre nós, mas nunca a ponto de nós participarmos do governo municipal, nem sequer qualquer tipo de cargo, indicação nada, nós ficávamos sempre de fora, não éramos nem lembrados pelo partido vitorioso. E com relação aos demais partidos nos limitávamos apenas a critica-los doutrinariamente, sem atingir as pessoas.

**I.A.R.** A A.I.B. em Olímpia chegou a lançar algum candidato ou eleger alguém?

R - Não, nunca houve oportunidade de eleger sequer um vereador, muito menos deputado, sequer prefeito. Nunca houve lançamento de candidaturas, nós não tínhamos, éramos muito pouco numerosos, nós éramos ali, como se dizia, meia dúzia de gatos pingados.

**I.A.R.** Como que o núcleo era bancado financeiramente?

R – Despesas propriamente não haviam, a sede, como já disse, funcionava no escritório do meu pai, que era advogado e tinha um escritório bastante espaçoso, que dava lugar para reunir ali 10, 15 pessoas para estudar, para trocar idéias, mas no máximo era isso, quando cresceu um pouquinho mais nós partimos para reuniões públicas, mas nós não tínhamos sede e a nossa despesa também, eu aproveitava até os impressos, as resmas de papel almaço que meu pai usava para o exercício da sua profissão e usava para a própria Ação Integralista sem custo para o partido, porque eu apanhava do arquivo do meu pai.

**I.A.R.** Existia algum critério para se tornar camisa-verde em Olímpia?

R – Os integralistas naturalmente tinham orgulho de se apresentar uniformizados com a camisa-verde, mas era apenas para ajudar a propagando, a idéia, porque as pessoas viam alguém vestido com a camisa, a calça preta, gravata preta, com emblema no ante-braço esquerdo, com o emblema do sigma que era o sinal da Ação Integralista, então motivava as pessoas quererem conhecer o que pensavam aqueles indivíduos vestidos de uma forma paramilitar, que desfilavam não de uma forma militar, porque tão poucos eles eram que não havia nem sequer condições de formar um pelotão.

**I.A.R.** O senhor conheceu o Dr. Philemon da Matta?

R – Eu conheci ligeiramente numa visita que fiz a cidade de Severínia, ou Luiz Barreto, como também era conhecida, e conheci como um médico que era integralista, mas que não tinha influência nenhuma no integralismo da cidade sede do município, que era Olímpia.

**I.A.R.** Como o senhor recebeu o Golpe de 37 e qual foi sua atuação política após, já que o senhor não era mais integralista?

R – Exatamente, quando houve o golpe integralista, que eu chamaria como uma espécie de Putsch, que foi uma reação de alguns exaltados da Ação Integralista, que não se conformaram com a extinção da Ação Integralista por parte do chefe do governo Getúlio Vargas, tendo ele dissolvido todos os partidos políticos do país, ele incluiu inclusive a Ação Integralista e proibiu o uso de uniforme, paradas militares da Ação Integralista. Como reação a isso alguns integralistas como Raimundo Padilha e outros tentaram um Putsch para ver se derrubavam o chefe do governo, mas fracassaram na intenção e nessa ocasião então Plínio Salgado, que havia até sido cogitado para um possível ministro da Educação de Vargas no Golpe de 37, já agora em trincheiras opostas ele foi exilado para Portugal.

**I.A.R.** Nos artigos publicados no jornal “Cidade de Olympia” escritos tanto por integralistas de Olímpia como por camisas-verdes de maneira geral, nota-se claramente que os integralistas, especialmente os olimpienses, não nutriam a menor dúvida de que o integralismo era um movimento de tendência fascista, isto fica bem claro na maioria dos artigos. O senhor também entendia a A.I.B. como um movimento de tendência fascista?

R – Num certo sentido eu entendia que a Ação Integralista tinha relação doutrinária com o fascismo, não só no seu programa, que era inspirado nos principais corporativistas do fascismo italiano e as suas exterioridades eram muito semelhantes no que diz respeito a constituição do movimento, pois os integralistas à maneira dos fascistas também usavam uma camisa, enquanto a camisa dos fascistas era preta a do integralismo era verde e o símbolo do fascismo era o fascio de combattimento e o sinal dos integralistas era o sigma, mas a saudação também era a mesma: os fascistas levantavam o braço direito e se saudavam com o apelo ao chefe do governo italiano que era Il Duce e a resposta do seu interlocutor sempre era “Anoi”. Daí a expressão passou a ter até uma certa similitude com a saudação fascista, pois o integralista também levantava o braço e saudava seu companheiro com a palavra “Anauê”, que era também respondido com a mesma palavra “Anauê”, que significava salve na língua indígena.

**I.A.R.** O que o senhor pensava na época sobre o fascismo?

R – O fascismo tal como eu conhecia não inspirava mais do que uma simpatia um pouco distante porque nunca eu havia assimilado totalmente o ideal do chamado corporativismo, que estava definido e explicado e demonstrado como uma doutrina própria para a organização do país, que havia na Itália que era a chamada Carta Del Lavoro, essa carta feita pelo Partido Nacional Fascista da Itália foi de certa forma copiada no programa do Partido Integralista Brasileiro. Agora também havia a influência do nazismo, mas essa era uma influência mais distante, porque o próprio Hitler foi quem procurou assimilar as idéias de Mussolini, muita gente pensa que o fascismo copiou o nazismo, não ao contrário, o nazismo é que copiou o fascismo. Hitler foi um adepto do fascismo e ele então organizou na Alemanha o partido em

1933 com o nome de Partido Nacional Socialista do Operário Alemão, que era uma paráfrase do Partido Nacional Fascista.

**I.A.R.** Durante as reuniões em Olímpia fazia-se alusão ao fascismo e ao anti-semitismo, isto fazia parte das discussões?

R – O Plínio Salgado, como chefe nacional, ele nunca foi racista, muito menos anti-semita, ele não tinha nenhuma razão para incluir isso no seu programa, mas com a adesão de um grande escritor brasileiro Gustavo Barroso, que quando entrou para a Ação Integralista ele trouxe o vírus do racismo. Gustavo Barroso era realmente anti-semita, antijudeu.

**I.A.R.** Mas durante as reuniões em Olímpia isso não era discutido?

R – Não, nas nossas reuniões nós passávamos por alto essa discussão, que não tínhamos menor interesse em criar uma militância ativa contra os judeus, não só porque não estávamos convencidos doutrinariamente do seu acerto, como também pela inexistência em Olímpia de qualquer grupo judeu ou hebraico de alguma expressão, a não ser algum ou outro comerciante que era judeu, mas não tínhamos em Olímpia nenhuma colônia judaica numerosa.

**I.A.R.** O discurso da maioria dos camisas-verdes em Olímpia era francamente anti-semita. Houve algum movimento entre a população neste sentido?

R – Nós não poderíamos falar em movimento de massa em Olímpia porque eram muito poucos os integralistas na cidade, no máximo 100, 200, não havia como promover uma ação de massa contra os judeus, no sentido racista, então como eu disse os judeus eram tão poucos em Olímpia, alguns comerciantes, que não tinham

militância política nenhuma, não se interessavam nem sequer por política. Então a Ação Integralista não tinha nem como fazer movimento racista, porque não havia na cidade uma população judaica numerosa.

**I.A.R.** No artigo “A Lei de Segurança”, de 07 de abril de 1935, o senhor fala de uma aliança secreta entre o capitalismo e o comunismo ambos judaicos. O senhor era anti-semita ou qual sua relação com o anti-semitismo?

R – Não, nenhuma. Eu nunca tive sentimentos anti-semitas, nem por formação, que era cristã, fui educado até em Colégio católico, mas sabia que dentro do integralismo havia uma corrente racista, mas que em Olímpia não tinha nenhuma repercussão porque lá não havia judeus, não havia sequer razão para levantar essa bandeira. Agora, se eventualmente em relação a Lei de Segurança, que foi decretada por um governo ditatorial, autocrático, então havia aquele sentimento que era uma formação que poderia beneficiar, de certa forma, aquelas correntes que teriam aderido a uma idéia racista, anti-semita, mas não. Como eu disse, não havia razão para a gente se preocupar com este aspecto, dada a inexistência sequer de uma colônia judaica numerosa.

**I.A.R.** Como o senhor falou não havia uma colônia judaica numerosa e também levando-se em consideração que em Olímpia não havia um contato muito grande com o capitalismo, então como explicar a intensa propaganda anti-semita através do jornal? Seria talvez por que muitos dos companheiros do senhor entendiam que ser integralista era também ser anti-semita, até por influência de Gustavo Barroso?

R – Alguns integralistas por influência do Gustavo Barroso adotavam a posição anti-semita, mas não eram estimulados, eles eram contidos, porque não havia

necessidade daquela atividade numa cidade que não tinha os problemas que havia na Alemanha nazista, onde os judeus tinham uma comunidade muito grande e eram detentores, inclusive, do poder econômico, sem contar, naturalmente, a perseguição indiscriminada dos judeus, atingindo mesmo aqueles mais pobres, como eram os pequenos comerciantes, que eram considerados tão perigosos como os grandes banqueiros judeus internacionais.

**I.A.R.** Talvez esse anti-semitismo não teria sido uma estratégia para cooptar militantes, criando a imagem de um inimigo externo capaz de destruir as finanças e o cristianismo, já que nos próprios artigos publicados no jornal “Cidade de Olympia”, o anti-semitismo aparece como algo que estaria disposto a destruir não só as finanças do país como o cristianismo também?

R – Na realidade, o integralismo através do líder Gustavo Barroso adotando uma linha anti-semita, ele tinha por objetivo, principalmente, era atrair os religiosos, as pessoas religiosas para a doutrina integralista com o fantasma do comunismo e o perigo de uma civilização cristã estaria passando com uma eventual vitória de um comunismo ateu, de um comunismo anti-cristão. Daí para angariar a simpatia dos cristãos e no caso do Brasil dos católicos, havia a idéia de identificar o comunismo como o ateísmo anti-cristão e com o ateísmo cruel, vingativo, perseguidor dos cristãos como se estivéssemos vivendo na Idade Média.

**I.A.R.** Em 1937, o senhor desligou-se da A.I.B. por incompatibilidade de idéias. No artigo “Razões de uma Atitude”, o senhor condena o nacionalismo integralista por copiar formulas estrangeiras, como o fascismo, o nazismo e o salazarismo e afirma

que se vencedor, o sigma será um regime da tirania, da ditadura, da opressão. O que fez o senhor mudar de idéia em relação ao integralismo?

R – Há uma tendência entre os jovens, normalmente quando interessados em política, em participar ativamente da vida política do país, há entre os jovens, principalmente entre os universitários, uma tendência muito grande em ler os autores de doutrinas políticas que vem desde o socialismo utópico de Fourier até Karl Marx até Lenine, que foi um grande líder soviético e que escreveu inúmeros livros sobre a doutrina marxista, divulgando Marx para as grandes massas, jornalista como ele era. Então essas idéias faziam parte do dia-a-dia dos universitários e nós líamos aquilo e tivemos, inclusive, muitas vezes simpatias por certas idéias socialistas, mas como nós nunca tínhamos lido “O Capital” de Karl Marx e muito menos os livros de Lenine, a não ser um ou outro artigo que saia publicado nos jornais ou que eventualmente a gente encontrava em livros de tradução espanhola, porque em português acho que até era proibido naquela ocasião, esses livros eram vedados à leitura dos jovens, nós só os obtínhamos através da clandestinidade e então a gente lia obras de Lenine, que eram mais de divulgação dos ideais marxistas, mas sem condições sequer de ler “O Capital”, aliás obra de complexidade muito grande, porque trata-se um livro de economia e sociologia, escrito com 5 volumosos livros, que naturalmente exigiriam um curso acadêmico específico dentro de uma universidade para estudar aquela obra gigantesca de Karl Marx e de seu companheiro Friedrich Engels, que era o grande filósofo do marxismo. Assim, nós já tínhamos fermentado dentro de nós um pensamento marxista, que estava de certa forma diluído numa sociedade repressora, que não permitia a menor liberdade para qualquer manifestação neste sentido. Com o surgimento da Revolução de 30 e 32, já agora com expressões maiores de liberdade, então foi possível a nós acadêmicos começarmos a ler alguma

coisa a respeito, mas aí mais sobre o prisma do próprio nazismo e do fascismo que faziam sua propaganda, o próprio Jorge Amado num jornal chamado “Meio-Dia”, aqui do Rio de Janeiro, escrevia artigos favoráveis a Alemanha nazista e ele era uma dos líderes do Partido Comunista, então nós ficamos entre a cruz e a calderinha e aí passamos a ter opiniões divergentes e aí começamos a questionar dentro do integralismo certos princípios integralistas e com isso fomos nos afastando e constituindo um grupo que acabou se unindo ao único deputado federal eleito pela Ação Integralista, que era o Capitão Jeovah Motta e este deputado federal, que foi eleito sob o signo do ideal integralista, ele acabou rompendo com a Ação Integralista e quando teve conhecimento que em São Paulo havia um grupo que também pensava a mesma coisa, ele depois de ter renunciado a cadeira de deputado, de uma forma bastante elevada, mostrando grande caráter, ele foi a São Paulo e aí tivemos um entendimento com ele e ele mostrou-se simpatizante das idéias marxistas e nós, de certa forma, também tínhamos alguns pontos de contato com as idéias marxistas. Mas como não chegássemos a nenhum acordo, ele voltou para o Ceará, de onde ele era deputado, e nós em São Paulo ficamos a deriva, até que surgiu um movimento de esquerda que ainda não se dizia nem sequer marxista, mas apenas de esquerda, que era a chamada Esquerda Democrática, que tinha como grande paladino um deputado chamado Domingos Velasco. Aí então passamos a cultivar essa idéia da esquerda democrática, que depois viria a se transformar no Partido Socialista Brasileiro.

**I.A.R.** Esse rompimento se deu também com Plínio Salgado?

R – Em hipótese nenhuma, eu sempre mantinha com Plínio Salgado uma grande, não digo relação pessoal porque já estávamos afastados há muitos anos, desde que

ele tinha se mudado para o Rio, e acabou sendo exilado para Portugal, onde ele passou muitos anos de sua vida, mas nunca perdi de vista aquele Plínio Salgado autor de romances extraordinários, um grande literato, um grande escritor que honra a nossa literatura, apesar de não ser tão citado, mas romances como o “Estrangeiro” por exemplo, é uma obra-prima da nossa literatura e obras até que hoje eu não cito porque são livros doutrinários, como a teoria do integralismo, enfim, que hoje eu não aceito mais, mas não impede que eu reconheça em Plínio Salgado um dos intelectuais de boa cepa que o Brasil produziu.

**I.A.R.** O que o senhor guarda do Integralismo hoje?

R – No momento são apenas memórias muito distantes, porque entre 1937 e 2002 são muitas décadas e com isso eu já evolui muito, nunca cheguei a participar de nenhum movimento político porque na ditadura Vargas eu fiquei excluído como todos os brasileiros e na ditadura militar também houve a exclusão da maioria dos brasileiros e quando surgiu a possibilidade de uma nova democracia no Brasil, eu já estava bastante velho para me aventurar a uma carreira política.